



**Jansen Racco Botelho de Melo**

**Por uma santidade integral  
A problemática do Dualismo no Pentecostalismo  
brasileiro e as contribuições de Karl Barth**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Luís Corrêa Lima

Rio de Janeiro  
Agosto de 2018



**Jansen Racco Botelho de Melo**

**Por uma santidade integral: a problemática do Dualismo no Pentecostalismo brasileiro e as contribuições de Karl Barth**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Luís Corrêa Lima**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Lúcia Pedrosa de Pádua**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Joel Portella Amado**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Gedeon Freire de Alencar**

Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos

**Prof. Manoel Bernardino de Santana Filho**

**Prof<sup>a</sup>. Monah Winograd**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

**Jansen Racco Botelho de Melo**

Graduou-se em Teologia pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo) em 2010. Cursou o Mestrado em Teologia pela PUC-Rio, tendo concluído o mesmo em 2014. Possui dois livros publicados além, de artigos e capítulos de livros.

Ficha Catalográfica

Melo, Jansen Racco Botelho de

Por uma santidade integral : a problemática do dualismo no pentecostalismo brasileiro e as contribuições de Karl Barth / Jansen Racco Botelho de Melo ; orientador: Luís Corrêa Lima. – 2018.

324f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Pentecostalismo. 3. Dualismo. 4. Integralidade. 5. Espiritualidade. 6. Santidade. I. Lima, Luís Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para Ana Carla,  
Eterno amor da minha vida e minha inspiração!

## Agradecimentos

À minha querida esposa, Ana Carla, pela dedicação e o apoio que me inspiram a viver;

À minha mãe, Maria Linja e, meu tio Antônio Anjo pelo carinho e presença desde sempre;

Ao meu orientador, Dr. Luís Corrêa Lima, pelo estímulo e critério na orientação deste trabalho;

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais esta pesquisa não poderia ter sido realizada;

Ao Departamento de Teologia da PUC-Rio bem como a todos os professores e professoras pelas aulas inspiradoras e o convívio saudável destes anos;

Ao amigo, Dr. Manoel Bernardino de Santana Filho pela ajuda inestimável ao longo desta pesquisa e por compartilhar de sua experiência em Karl Barth;

Ao amigo, Dr. Alessandro Rodrigues Rocha que tem sido alguém muito importante em minha caminhada teológica;

Ao amigo, Me. Marcio Simão de Vasconcellos pela amizade e parceria destes seis anos de pós-graduação.

## Resumo

Melo, Jansen Racco Botelho de; Lima, Luís Corrêa. **Por uma santidade integral: a problemática do Dualismo no Pentecostalismo brasileiro e as contribuições de Karl Barth**. Rio de Janeiro, 2018. 324p. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Movimento Pentecostal é o ramo mais representativo do protestantismo brasileiro atual. É um Movimento que, historicamente, tem se comunicado com as classes menos favorecidas da sociedade brasileira e tem sido um Movimento Pneumatológico e Eclesial importante no cenário religioso hodierno. No Pentecostalismo, assim como no cristianismo ocidental em geral, a presença do dualismo tem sido um fator de distanciamento da proposta de Jesus e de distorções acerca da espiritualidade. O pensamento do teólogo suíço Karl Barth é um sistema de reflexão que trabalha com pontos muito parecidos com os do Pentecostalismo brasileiro, como a Pneumatologia, a Eclesiologia, a Espiritualidade, etc, porém, no pensamento barthiano percebemos os mesmos elementos sendo compreendidos de modo integral, num caminho de superação das distorções e aproximação da santidade proposta por Jesus de Nazaré.

## Palavras-chave

Pentecostalismo; dualismo; integralidade; espiritualidade; santidade.

## Abstract

Melo, Jansen Racco Botelho de; Lima, Luís Corrêa (advisor). **For an integral holiness: the problematic of Dualism in Brazilian Pentecostalism and the contributions of Karl Barth.** Rio de Janeiro, 2018. 324p. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Pentecostal Movement is the most representative branch of present-day Brazilian Protestantism. It's a Movement that has historically communicated with the less favored classes of Brazilian society and has been an important Pneumatological and Ecclesial Movement in today's religious scene. In Pentecostalism, as in Western Christianity in general, the presence of dualism has been a distancing factor from Jesus' proposal and distortions about spirituality. The thought of the Swiss theologian Karl Barth is a system of reflection that works with points very similar to those of Brazilian Pentecostalism, such as Pneumatology, Ecclesiology, Spirituality, etc. However, in Barthian thought we perceive the same elements being understood integrally, in a way of overcoming the distortions and approach of holiness proposed by Jesus of Nazareth.

## Keywords

Pentecostalism; dualism; integrality; spirituality; holiness.

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| 1. Introdução  | 11  |
| 2. O desenvolvimento do Dualismo   | 17  |
| 2.1. O Dualismo na Antiguidade   | 17  |
| 2.1.1. O Dualismo persa  | 18  |
| 2.1.2. O Dualismo platônico  | 20  |
| 2.1.3. A helenização do cristianismo   | 24  |
| 2.1.4. O Dualismo gnóstico   | 32  |
| 2.1.5. O Dualismo em outras correntes da antiguidade                         | 38  |
| 2.1.6. O Dualismo na espiritualidade cristã antiga                           | 42  |
| 2.1.7. O Dualismo na Patrística  | 48  |
| 2.2. O Dualismo na Idade Medieval  | 55  |
| 2.2.1. O Dualismo na Alta Idade Média  | 56  |
| 2.2.2. O Dualismo na Baixa Idade Média                                       | 62  |
| 2.3. O Dualismo na Idade Moderna   | 69  |
| 2.3.1. O Dualismo e a Reforma  | 70  |
| 2.3.2. O Dualismo e a colonização latino-americana                           | 74  |
| 2.3.3. O Dualismo moderno com Rene Descartes                                 | 77  |
| 2.3.4. O Puritanismo inglês chega à América                                  | 79  |
| 2.4. O histórico do Pentecostalismo  | 87  |
| 2.4.1. A chegada do Mayflower à América e a evangelização das treze colônias | 88  |
| 2.4.2. A influência do Pietismo  | 93  |
| 2.4.3. A influência do Metodismo   | 97  |
| 2.4.4. Os <i>Grandes avivamentos</i> norte-americanos                        | 102 |
| 2.4.5. De Los Angeles a Belém: o Pentecostalismo nasce e chega ao Brasil     | 110 |
| 3. As manifestações do Dualismo no Movimento Pentecostal Brasileiro          | 116 |
| 3.1. Um breve histórico do Pentecostalismo brasileiro                        | 116 |
| 3.2. As principais manifestações do Dualismo                                 | 126 |
| 3.2.1. O Dualismo antropológico (Alma x Corpo)                               | 128 |
| 3.2.2. O Dualismo cósmico (Bem x Mal)  | 139 |

|   |     |
|---|-----|
| 3.2.3. O Dualismo cultural (Espiritualidade x Cultura)            | 150 |
| 3.2.4. O Dualismo político (Fé cristã x Opções políticas)         | 166 |
| 3.2.5. O Dualismo social (Igreja x Mundo)                         | 176 |
| 3.2.6. O Dualismo profético (Vidência x Denúncia)                 | 185 |
| 3.2.7. O Dualismo sexista (Homem x Mulher)                        | 194 |
| 3.2.8. O Dualismo institucional (Clero x Laicato)                 | 204 |
| <br>  |     |
| 4. Uma proposta integradora a partir de Karl Barth                | 218 |
| 4.1. Uma breve biografia de Karl Barth                            | 220 |
| 4.2. As influências teológicas em Karl Barth                      | 228 |
| 4.2.1. A influência dos Reformadores                              | 229 |
| 4.2.2. A influência dos Liberais                                  | 230 |
| 4.3. Karl Barth: teólogo, pastor e profeta                        | 233 |
| 4.3.1. O Engajamento de Barth durante o pastorado em Safenwill    | 236 |
| 4.3.2. O Engajamento de Barth durante a vigência do nazismo       | 241 |
| 4.3.3. O Engajamento de Barth após a Segunda Guerra Mundial       | 249 |
| 4.4. A compreensão integral de Karl Barth sobre a Igreja          | 255 |
| 4.4.1. A Igreja em seu aspecto prático                            | 256 |
| 4.4.2. A Igreja em seu aspecto essencial                          | 264 |
| 4.4.3. O discipulado integral em Karl Barth                       | 269 |
| 4.5. A espiritualidade integral em Karl Barth                     | 277 |
| 4.5.1. A prática devocional em Karl Barth                         | 280 |
| 4.5.2. A oração em Karl Barth                                     | 287 |
| 4.6. A Revelação de Deus em Jesus Cristo                          | 293 |
| 4.6.1. A Revelação e a encarnação como expressão integral de Deus | 295 |
| 4.6.2. A humanidade de Deus em Jesus Cristo                       | 304 |
| <br>  |     |
| 5. Conclusão  | 311 |
| <br>  |     |
| 6. Referências bibliográficas                                     | 316 |

*Uma vez que vimos que a **potestas** de Cristo está baseada na misericórdia de Deus, bondade e amor, somente então abandonamos todas as reservas. Então a divisão entre a esfera religiosa e as outras esferas cessa. Cessamos de separar entre corpo e alma, entre serviço de Deus e política. Todas estas separações cessam, pois, o homem é um, e como tal está sujeito ao senhorio de Cristo.*

Karl Barth, *Bosquejo de dogmática*, pg. 129

# 1 Introdução

O termo *Pentecostalismo* é uma referência direta ao texto bíblico do segundo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, quando na ocasião da Festa de Pentecostes aconteceu a descida do Espírito Santo sobre os discípulos ora reunidos. O episódio marcou a fundação da Igreja sob a orientação do Espírito chamada para proclamar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo por toda a terra.

Enquanto Movimento, o Pentecostalismo é bem recente, data do início do século XX e, recebe esta nomenclatura justamente pela ênfase que deu aos dons espirituais e a liberdade da atuação do Espírito no relacionamento com o ser humano, numa clara alusão ao texto de Atos. Os pentecostais creem que o Espírito continua agindo de modo livre e pleno, distribuindo dons aos homens e as mulheres para que sejam capacitados a fazerem a Obra de Deus.

O contato com os menos favorecidos socialmente e economicamente, além dos desprezados pela religiosidade tradicional são marcas do Pentecostalismo brasileiro. Desde o seu nascimento em Los Angeles até sua atual configuração nacional, o Movimento tem sido majoritariamente composto por pessoas mais simples da sociedade. O Pentecostalismo viu e ouviu os marginalizados e se aproximou deles, inicialmente como um movimento que nada queria em troca a não ser o que consideravam de vital importância: a conversão daqueles que estavam perdidos.

No Brasil em especial, o pentecostalismo subiu os morros e entrou nas favelas, armou suas tendas entre os bairros mais periféricos, visitou presídios e hospitais. Não encontrando possibilidades nos grandes centros, edificou seus pequenos e simples templos nas últimas ruas dos bairros, muitas vezes nas casas das *Donas Marias*, tão importantes para o Movimento.

O Pentecostalismo foi onde praticamente, ninguém tinha ido, ouviu os que não tinham voz e percebeu quem era imperceptível diante da sociedade brasileira. O Pentecostalismo encurtou as distâncias que haviam entre os pobres e a religiosidade, criando comunidades dentro da própria vizinhança, além disso, fez de pedreiros, pastores; de analfabetos, presbíteros e diáconos; de donas de casa, diaconisas e irmãs de oração; de indoutos, professores de Escola Dominical, etc.

Desta maneira, o Pentecostalismo contribuiu na recuperação da dignidade dos menos favorecidos, os respeitando e os valorizando.

Lembro-me do final do ano de 1999 quando em minha busca por uma experiência religiosa que fizesse sentido na caminhada, visitei pela primeira vez uma igreja pentecostal, era a Igreja Metodista Wesleyana situada no bairro Indaiá em Petrópolis. Logo de início percebi que aquele ambiente era muito interessante, não percebia distinção entre quaisquer tipos de pessoas, muitos podiam participar da celebração sem constrangimentos, o pastor era acessível a todos e todas e havia uma forte identificação com a espiritualidade que era vivida de modo tão espontâneo e acolhedor.

Logo em minha primeira visita àquela igreja, um presbítero, que aparentava ser um homem simples, porém ousado, se aproximou de mim e disse que Deus estava me chamando para ser um pregador de Sua Palavra. Inicialmente não sabia bem do que se tratava aquela experiência, pois nunca tinha visto aquele homem, porém, suas palavras fizeram morada em meu coração trazendo-me uma sensação de profunda paz e euforia.

Em dezembro daquele mesmo ano, fiz outra visita a uma igreja pentecostal, daquela vez na Igreja Metodista Wesleyana Central de Petrópolis, depois de ter prestado uma prova de vestibular numa escola próxima dali. Naquela manhã de domingo ao entrar acanhado na igreja, percebi que não era um culto normal, era uma Assembleia de membros, realizada pelas igrejas da denominação todo final de ano para prestação de contas. Não fiquei até o fim, mas saí com o desejo de conhecer melhor aquele ambiente que me soava tão afável.

Em março do ano 2000 passei a fazer parte, formalmente, da Igreja Metodista Wesleyana no bairro em que vivi toda a minha infância e adolescência, o Bairro Castrioto, também na cidade de Petrópolis. Batizei-me em maio daquele mesmo ano e desde já desejei de servir a Deus e à Igreja. Naquela igreja permaneci por seis anos (2000 – 2005) e pude perceber a aproximação das pessoas umas das outras e o senso de corresponsabilidade que todos tinham para com a igreja. Todos se solidarizavam com as dores uns dos outros e mesmo as discordâncias também eram compartilhadas de modo comunitário.

Na Igreja Metodista Wesleyana no Bairro Castrioto tive uma grande escola, fui líder de missões, superintendente e professor de Escola Dominical, diácono e presbítero. Percebi na prática como o acolhimento da igreja era relevante quando

tive a experiência de perder meu pai no início de 2003. Meu pai não era um frequentador da igreja, porém, era muito conhecido em todo o bairro e a companhia das pessoas daquela igreja num momento difícil me fez muito bem.

Tive a oportunidade de ser enviado para o Seminário teológico de minha denominação a fim de me preparar para o ministério pastoral, e depois dos estudos, me tornei aspirante ao ministério. Em 2006, fiz dois estágios pastorais cada um de seis meses, o primeiro na Igreja Metodista Wesleyana na cidade de Magé-RJ e o segundo na Igreja Metodista Wesleyana Central em Petrópolis-RJ. No ano de 2007 iniciei o ministério pastoral que exerço desde então.

Ainda nos tempos de seminário percebi que mesmo num movimento tão acolhedor e familiar como o Pentecostalismo, existia na espiritualidade algo que não se encaixava harmoniosamente, mas não sabia o que era exatamente. O tempo foi passando e o desconforto continuava, percebia pessoas relacionando muitas dificuldades aos demônios, espiritualizando as situações mais básicas da vida, e muitas outras que tentavam viver uma espiritualidade marcada por um ascetismo acirrado, embora percebesse que isso era ainda mais forte em pessoas de outras denominações religiosas.

Só tive a capacidade de perceber, sistematicamente, o que era aquele desconforto quando comecei o Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, através das aulas e leituras do Padre Alfonso Garcia Rubio. Em suas ministrações, cheguei à conclusão de que o desconforto não era novidade na história cristã e tinha nome: chamava-se DUALISMO.

O Dualismo, que é a relação conflituosa entre duas realidades, tem um impacto destrutivo até em ambientes acolhedores. Percebi que este Dualismo era uma dificuldade que não só senti em minha vida como também que impedia muitas pessoas sinceras de desenvolverem uma espiritualidade mais sadia. O Dualismo era o causador do ascetismo, da fuga do mundo e da realidade, era o que fazia a espiritualidade ser desencarnada e afastava a igreja da mensagem integral de Jesus.

Foi fascinante perceber que o Dualismo tinha muitos modos de se manifestar e estava presente através de muitos de seus tentáculos. Pude perceber que o Dualismo era tão antigo quanto o Cristianismo ou mais ainda que ele. E o mais libertador desta leitura foi saber que o que mais me incomodava e impedia as pessoas de viverem a espiritualidade não foi ensinado por Jesus, mas teve início em

Platão (ou antes) e que os cristãos, mesmo os pentecostais, não precisavam ser dualistas.

Deixar o dualismo não significaria perder o seu ímpeto, sua sinceridade e sua espontaneidade na vivência da espiritualidade. Foi um alívio perceber que as barreiras não tinham sido colocadas por Jesus, mas que Ele nos chamava à libertação e a superação dos dualismos.

O Dualismo estava presente no Pentecostalismo, como em qualquer corrente cristã só que ele não precisava ficar ali para sempre! Depois destas constatações, tarefa era comunicar às pessoas essa realidade a partir de uma proposta integradora.

Essa proposta precisava ser de uma pessoa de fé, envolvido com Deus e com Sua Obra, que viveu a espiritualidade com ardor e com dedicação ministerial e, o mais desafiador: alguém que entendeu essas relações de modo não dualista, mas de modo integrador. Encontrar alguém que não se resumisse ao dualismo sem abrir mão da espiritualidade e da fé, em princípio me parecia difícil, até que numa aula de Seminário de Mestrado recebi do Padre Abimar Moraes a sugestão de estudar as contribuições político-sociais do suíço KARL BARTH.

A ideia de estudar Barth sob a ótica política e social me pareceu muito interessante, até porque era um assunto com o qual cresci devido ao engajamento de meu pai ao longo de toda a sua vida. Enquanto pesquisava a vida e obra de Barth para compreender sua concepção política, fui percebendo que ele era o teólogo que procurava.

Enquanto lia Barth percebia, que ele foi um pastor dedicado, um crente fiel a Jesus e que buscou viver a espiritualidade como algo importante em sua vida. Percebi também que muitas realidades que no Pentecostalismo se apresentavam de modo dualista e, portanto, mais perto de Platão que de Jesus, eram tratadas e apresentadas por Karl Barth de modo diferente, de modo integrador. Foi quando conclui que Barth tinha muito o que dizer e o que contribuir para o Movimento Pentecostal em suas principais dificuldades.

A pesquisa sobre o engajamento político e social na vida e obra de Karl Barth, fez surgir o tema de doutorado: viabilizar um diálogo entre Barth e o Pentecostalismo no que dizia respeito ao Dualismo.

Esta pesquisa entende que o dualismo tem causado influências específicas no Pentecostalismo e busca a partir da vida e da teologia de Karl Barth apresentar uma

proposta de superação deste Dualismo tão presente no Movimento Pentecostal Brasileiro, abordando as mesmas questões de modo integrador.

Barth foi pastor ao mesmo tempo em que foi teólogo, foi engajado politicamente e socialmente ao mesmo tempo em que sabia que esta era uma opção de um discípulo, pois não fez distinção entre a fé e a opção, pelo contrário, para ele a fé o incentivava a ter uma postura pelos menos favorecidos e pelas causas de fato relevantes para a sociedade.

Barth entendeu que santidade não era sinônimo de ascetismo, de isolamento ou de alienação, mas de sanidade. A definição barthiana sobre santidade era a separação para o mundo, para o serviço do mundo criado por Deus. Barth não fez distinção entre a espiritualidade que se praticava dentro das igrejas e a que era exigida de um cristão fora delas.

Conhecer Barth e a maneira integradora com a qual ele trabalhava as questões dualistas do Pentecostalismo foi uma experiência importante. A percepção de que o Pentecostalismo pode continuar sendo um movimento inspirador e interessante sem ter que ser dualista, faz compreendê-lo como um sistema que contribui ainda mais para as pessoas cristãs e para a sociedade em geral.

Nesta pesquisa é adotado o método Ver - Julgar – Agir. O trabalho está organizado em três partes. Na primeira parte (capítulo 2), é apresentado um histórico de como o Dualismo surgiu no Oriente com Zoroastro, chegou ao pensamento grego com Platão penetrando assim no mundo Ocidental e, conseqüentemente na teologia cristã, passando pelos períodos antigo, medieval e moderno.

Em seguida, é feito um recorte histórico para analisar o protestantismo inglês, onde estão as primeiras influências do Pentecostalismo, sua partida da Europa e chegada nos Estados Unidos e seu desenvolvimento até o Pentecostalismo propriamente dito e sua posterior chegada ao Brasil. O capítulo trata dos modos como o Dualismo tem se manifestado no Movimento Pentecostal brasileiro através, do Dualismo Antropológico (alma x carne), Dualismo Cósmico (bem x mal), Dualismo Cultural (espiritualidade x cultura), Dualismo Político (fé cristã x opções políticas), Dualismo Social (igreja x sociedade), Dualismo Profético (vidência x denúncia), Dualismo Sexista (homem x mulher) e Dualismo Institucional (clero x laicato).

Por fim, no último capítulo apresenta-se uma proposta integradora a partir da vida e obra de Karl Barth e, o modo como o teólogo da Basileia encarou e analisou situações muito parecidas de modo integrador. Barth entendeu de modo integrador elementos que o Pentecostalismo tem encarado de maneira dualista, sendo um caminho de ponderação e análise, que nos faz ver que é possível ser cristão fervoroso sem ser dualista.

Barth teve uma relação integral entre pastorado, teologia e posicionamento político, compreendeu a Igreja num sentido também integrador, assim como a espiritualidade e no último subcapítulo, apresenta-se sua reflexão sobre a Humanidade de Deus na pessoa de Jesus, como superação máxima do dualismo.

## 2

### O desenvolvimento do Dualismo

*O que é Dualismo?* Dualismo é um conceito filosófico e teológico antigo, que trabalha duas realidades distintas em que uma se sobrepõe a outra. O Dualismo admite a coexistência de duas realidades distintas, mas, que sempre serão opostas e tentarão se excluir mutuamente.

No Dualismo, a relação entre duas realidades é sempre em chave de exclusão e oposição. Do ponto de vista religioso, o Dualismo se apresenta como um eterno conflito entre o bem x mal, onde todas as realidades e relações no mundo físico são consequências desta guerra cósmica. O Dualismo é um desafio para a mensagem de Jesus que procura integrar o ser humano em suas relações e nunca o alijar de realidades importantes da vida.

O Dualismo teve origem no Oriente e passou a fazer parte do pensamento ocidental desde a Grécia Antiga, compreendendo a realidade antropológica como dividida em duas partes conflitantes, antagônicas e dessemelhantes: o corpo e a alma, o primeiro relacionado ao mundo material e o segundo ligado a realidade metafísica.

Levando em consideração que a teologia cristã se ocupa da mensagem de Jesus Cristo e que esta tem um conteúdo integrador, o Dualismo que influenciou o pensamento cristão traz malefícios para a compreensão sadia da mensagem do Evangelho. Por outro lado, sabe-se que Dualismo é diferente de Dualidade, enquanto o primeiro trabalha sempre em chave de exclusão em que uma realidade busca se sobrepôr a outra anulando-a, o segundo admite a existência de duas realidades paralelas, porém, as mesmas se relacionam de modo a harmonizar as relações compreendendo-as como constitutivas do ser humano.

#### 2.1

##### O Dualismo na Antiguidade

O Dualismo não é uma invenção recente, embora ainda hoje seus efeitos se fazem sentir de modo muito nítido. O Dualismo é mais antigo que a própria história do cristianismo, e essa relação passou a ser muito próxima logo no início do movimento cristão com o contato que este teve com a filosofia platônica. O

Dualismo, na verdade, é ainda mais antigo que o próprio Platonismo, suas origens remontam a Pérsia antiga e, o Zoroastrismo foi o primeiro sistema religioso a trabalhar com duas realidades divergentes em chave de exclusão.

### 2.1.1 O Dualismo persa

O Dualismo remonta à Pérsia antiga e, nas religiões surgidas naquele antigo Império o conceito dual foi forjado. Em 559 a.C., Ciro ascendeu ao trono de uma tribo persa do Sul daquela região, cinco anos mais tarde conseguiu unificar as tribos persas e num pequeno intervalo de vinte anos desenvolveu um vasto Império. O poderoso Império Persa formou sua cultura a partir de civilizações anteriores como a Mesopotâmia, o Egito e regiões da Lídia e da Palestina do Norte<sup>1</sup>.

O Império Persa usou a língua aramaica falada por muitas nações de origem semita sob o seu domínio. O aramaico ocidental falado na Palestina nos tempos de Jesus, era um dialeto do aramaico falado pelos persas<sup>2</sup>. O idioma familiar e a ocupação persa na Palestina nos ajudam a entendermos as influências geradas pelos persas na cultura judaica antiga.

A religião persa teve elementos bastante originais e deixou marcas, inclusive no mundo ocidental. O fundador desta religião foi Zoroastro<sup>3</sup>, que provavelmente viveu cerca de cem anos antes de Ciro. O principal objetivo religioso de Zoroastro foi o de purificar as crenças tradicionais daquele povo, superando o politeísmo, o sacrifício de animais, gerando uma religião com maior espiritualidade e ética<sup>4</sup>.

O Zoroastrismo teve alguns aspectos pioneiros dentre as religiões existentes em seu tempo: o principal deles foi o fato de ser uma religião dualista e não monista como as religiões suméria e babilônica. O elemento central do Zoroastrismo era a ideia de que existia duas grandes divindades que regiam todo o Universo, uma dessas divindades era chamada de *Ahura Mazda*, fonte de toda a bondade, detentor de todo poder e inspirador das virtudes<sup>5</sup>.

Em oposição a *Ahura Mazda* estava *Angra Mainyu*, divindade maligna, que liderava as forças sombrias, toda a humanidade estava debaixo desse conflito

<sup>1</sup> BURNS, Edward. **História da civilização ocidental**. Porto Alegre: Globo, 1982. Pg. 102

<sup>2</sup> KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005. Pg. 6

<sup>3</sup> Derivado do original Zaratustra.

<sup>4</sup> BURNS, Edward. **Op cit.** Pg. 104

<sup>5</sup> DUSSEL, Enrique. **El humanismo semita**. Buenos Aires: EUBA, 1969. Pg. 31

cósmico e cada indivíduo deveria escolher entre o bem e o mal através do livre-arbítrio característico da humanidade<sup>6</sup>.

No Dualismo cósmico do Zoroastrismo estabelecia uma acirrada disputa entre as divindades pela supremacia, que por fim seria alcançada pelas forças da luz livrando a humanidade do poder maligno<sup>7</sup>.

O Zoroastrismo era uma religião escatológica que previa a vinda de um Messias, a ressurreição dos mortos, a vitória final das forças do bem sobre as forças do mal e a separação definitiva entre os justos e os maus<sup>8</sup>. O apocalipsismo zoroástrico, provavelmente, influenciou o mundo judaico depois do exílio, o pressuposto básico deste apocalipsismo era o dualismo cósmico que via no presente o começo da luta final entre as forças do bem e do mal<sup>9</sup>.

Diferentemente do que posteriormente aconteceu em segmentos dualistas do cristianismo, no zoroastrismo original havia uma condenação à prática do ascetismo, por se entender que esses elementos prejudicavam tanto a alma quanto o corpo, tornando o praticante incapaz para os deveres com a agricultura e a procriação<sup>10</sup>.

O zoroastrismo posterior também ficou conhecido como *Mazdaísmo*, em alusão a divindade do bem, Ahura Mazda. O mazdaísmo já era uma fusão do zoroastrismo com crenças supersticiosas primitivas e com práticas mágicas. Com o passar dos anos, a influência de crenças de outros povos, como os caldeus, por exemplo, determinou novas modificações, destas, a forma mais antiga foi o *Mitraísmo*<sup>11</sup>.

No mitraísmo o dualismo dos persas foi mantido. O mito conta que Mitra teria nascido de uma rocha, posteriormente ele venceu o touro que simbolizava o mal e com a vitória, surgiram os fundamentos para o mundo cultivado. Mitra se conciliou com o deus-sol e ambos fizeram uma aliança. Depois de uma refeição, Mitra subiu aos céus deixando na terra a esperança de seu posterior retorno<sup>12</sup>.

---

<sup>6</sup> MATHER, George e NICHOLS, Larry. **Dicionário de religiões, crenças e ocultismo**. São Paulo: Vida, 2000. Pg. 496

<sup>7</sup> BURNS, Edward. **Op cit.** Pg. 104

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão. Vol. 1**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Pg. 36

<sup>10</sup> Ibid, pg. 105

<sup>11</sup> Ibid, pg. 106

<sup>12</sup> KLAUCK, Hans Josef. **O entorno do cristianismo religioso I**. São Paulo: Loyola, 2011. Pg. 154

O mitraísmo era uma religião de mistérios formada exclusivamente por homens, chegou ao Ocidente e não teve muita relevância até os anos 100 d.C., quando se popularizou principalmente entre os soldados romanos e, posteriormente chegou a ser um forte opositor do cristianismo.

No século IV a.C. o Império Persa foi superado pelas forças gregas lideradas por Alexandre Magno. Sob a liderança do líder macedônio, o mundo passou pelo processo de *Helenização*, ou seja, a influência da cultura grega foi espalhada por todas as províncias conquistadas por Alexandre, esta cultura teve como base intelectual o pensamento de Platão.

A ideia do dualismo já estava presente na Pérsia e também na Índia, antes mesmo de chegar na filosofia grega<sup>13</sup>, porém, na formação do pensamento ocidental a importância de Platão foi notável.

Embora os gregos tenham superado os persas do ponto de vista político, religiosamente falando as influências persas, sobretudo de seu dualismo permaneceram presentes mesmo no novo contexto político-social. Com a influência persa o mundo grego desenvolveu um sistema filosófico baseado no Dualismo, esta filosofia desenvolvida por Platão formou o pensamento Ocidental.

### 2.1.2 O Dualismo platônico

O Dualismo não nasceu na filosofia grega, porém foi com o pensamento de Platão que esta concepção ganhará uma formulação metafísica<sup>14</sup>. O pensamento platônico foi decisivo para a formação e o desenvolvimento da civilização do mundo ocidental e, por isso, ao longo da história do cristianismo tem sido um enorme desafio para a teologia, pois a estrutura platônica ainda continua muito presente no modo como muitos compreendem a doutrina cristã.

Com o grande Império Macedônio liderado por Alexandre, pouco mais de trezentos anos antes de Jesus, teve início o processo de *Helenização* do mundo antigo. Este processo tinha como intuito levar o idioma e a cultura grega para todos os povos conquistados. O cristianismo nasceu numa região que havia pertencido ao

---

<sup>13</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. São Paulo: Paulus, 2001. Pg. 97

<sup>14</sup> Ibidem

Império Macedônio e num período em que o pensamento e a cultura grega eram muito influentes em quase todo o mundo conhecido.

A fundamentação teórica do processo que chamamos de *Helenização* foi baseada na filosofia, da qual o principal pensador foi Platão. O filósofo grego fazia distinção essencial entre o mundo das ideias e o mundo das coisas, sendo que ideias estavam relacionadas com a realidade divina, com o eterno e invisível, com o imutável. Por outro lado, as coisas estavam relacionadas com o mundo material, temporal e sensível.

O mundo das ideias e o mundo das coisas estavam presentes na antropologia platônica, no ser humano o mundo das ideias se manifestava através da alma e o mundo das coisas se revelava com o corpo. A alma é imaterial e por isso, participa do mundo das ideias, é superior e mais profunda, já o corpo é material e, portanto, limitado, imperfeito e ruim.

Platão defendia a premissa de que a alma era anterior ao corpo, incorruptível e imortal, mas, que perdia o contato direto com o mundo das ideias quando encarnava num corpo considerado ruim. O contato perceptivo com as coisas, imitações e participações das ideias fazia com que a alma se lembrasse, paulatinamente, do conhecimento anterior das ideias<sup>15</sup>. Em síntese, alma e corpo deveriam ser tratados de modo separados, pois pertencem a mundos muito distintos<sup>16</sup>.

Outro Dualismo resultante da distinção entre corpo e alma foi a forma de conhecimento típica de cada um. A ciência, ou *episteme*, era relacionada com a alma e o mundo das ideias, já a opinião, ou *doxa*, era relacionada com o corpo e o mundo das coisas<sup>17</sup>.

A obra *Fédon* de Platão pode ser considerada a fundamentação teórica do Dualismo platônico. O *Fédon* é o relato das últimas horas de vida de Sócrates que havia sido condenado à morte e aguardava a chegada de seu momento derradeiro. Durante as horas finais, Sócrates conversou com discípulos e apresentou-lhes sua reflexão sobre a morte deixando claro sua distinção entre corpo e alma articulando essas realidades de modo Dualista.

---

<sup>15</sup> Ibid, pg. 98

<sup>16</sup> Ibidem

<sup>17</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 99

Ao longo de todo o texto, Sócrates não se mostrou preocupado com a iminência da morte, pelo contrário, se mostrou aliviado. O raciocínio parte do pressuposto de que quem se dedica à filosofia, ou seja, ao pensamento que é relacionado com o mundo das ideias, tem no corpo material limitado e ruim, um grande empecilho e que morrer fisicamente, seria uma libertação para o verdadeiro conhecimento e não um fim<sup>18</sup>.

No diálogo entre Sócrates e Símiias, tem-se a compreensão de que aquele que busca a verdade deve desprezar seu corpo físico, bem como os prazeres relacionados ao sexo e todas as vezes que a alma se associa ao sexo, ela se afasta da verdade<sup>19</sup>.

No pensamento platônico o corpo é entendido de modo radicalmente pessimista, como um inimigo da verdade, da felicidade e do conhecimento, é o que fica claro no seguinte trecho de *Fédon*:

“...enquanto tivermos um corpo, e estiver a alma misturada a esse mal, jamais alcançaremos completamente o que desejamos, ou seja, a verdade. Pois o corpo nos mantém continuamente ocupados devido a sua necessidade de sustento (...) o corpo nos enche de desejos sensuais, apetites e temores, e toda uma gama de ilusões e tolices, de maneira que, como dizem, ele realmente nos impossibilita em absoluto o pensar. O corpo acompanhado de seus desejos é o único responsável por guerras, conflitos civis de facções e batalhas; de fato, todas as guerras nascem do desejo de obtenção de riqueza, e é o corpo e o cuidado que ele exige, aos quais estamos escravizados, que nos obriga a ganhar dinheiro e obter riqueza.”<sup>20</sup>

Como é possível observar no trecho acima citado, no pensamento de Platão o corpo é visto como mau, como fator limitador da busca pela verdade. O corpo é entendido como possuidor de limitações que causam prejuízos na busca pela verdadeira felicidade e por isso, a impossibilita. Além disso, o corpo é considerado fonte de maus desejos que conduzem à distração e à destruição.

Alma e corpo são realidades antagônicas e absolutamente distintas, sendo assim, a morte é esperada com ansiedade, pois, através dela aconteceria a separação definitiva entre as realidades e a alma estaria de fato livre para conhecer finalmente a verdade<sup>21</sup>.

Outro Dualismo que surge diante desse pessimismo em relação à matéria é o que considera o ócio como uma virtude e o trabalho como fonte de satisfação do

<sup>18</sup> PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Edipro, 2012. Pg. 20

<sup>19</sup> *Ibid*, pgs. 22-23

<sup>20</sup> *Ibid*, pgs. 25-26

<sup>21</sup> *Ibid*, pg. 27

corpo degradado. O ócio é considerado uma oportunidade para se dedicar aos estudos e contemplar a verdade, porém, nesse momento da existência, o ócio é interrompido pelo corpo e suas necessidades físicas.

Através da separação entre o ócio, usado para estudar e pensar, e o trabalho, relacionado ao manual, tem-se início a um pensamento dualista que ainda hoje está presente no mundo ocidental que estabelece relações acirradas entre estudos e trabalho, como se um fosse impedimento para o outro, ou quando muito como se um fosse apenas um meio para se chegar ao outro.

No texto escrito por Platão, um dos discípulos de Sócrates, de nome Cebes, chegou a duvidar da ideia de imortalidade da alma e perguntou se com a morte do corpo não poderia morrer também a alma. Diante da indagação de Cebes, Sócrates afirmou que as almas que lutaram contra o corpo por amor da sabedoria, alcançariam o invisível, o divino, o sábio<sup>22</sup>.

Diante do questionamento de Cebes, Sócrates afirmou a imortalidade da alma. No texto de Platão a alma foi compreendida como pré-existente, antes de estar presa ao corpo e mesmo após a morte da matéria a alma permanecerá viva<sup>23</sup>. No Fédon ficou clara a ideia de que a alma passa por muitas experiências e aprendizados antes do nascimento corpóreo do indivíduo e que, quando isso acontece fica marcado o começo de sua decadência, o ingresso da alma num corpo físico é considerado uma doença, um mal<sup>24</sup>.

Todo o conteúdo do Fédon trabalha com a nítida distinção entre o corpo e a alma. A alma está sempre relacionada à incorruptibilidade, imortalidade, sabedoria, enquanto que o corpo é entendido como exatamente o contrário, como corruptível, desprezível, mau e limitado.

Para o corpo é certa a morte que o levará a destruição completa e definitiva, ignorar os prazeres e desejos do corpo é a garantia de que o homem pode ficar confiante no bom destino que espera a sua alma para depois de sua morte. A morte não alcançará a alma, pois, além de ser anterior ao nascimento do corpo, ela prosseguirá imortal e indestrutível<sup>25</sup>. Numa antropologia dualista se entende duas entidades ativas dentro do ser humano, a carne e o espírito<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> ROSA, Wanderley. **Dualismo na teologia cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. Pg. 23

<sup>23</sup> PLATÃO. **Op cit.** Pg. 52

<sup>24</sup> Ibid, pg. 93

<sup>25</sup> Ibid, pg. 119

<sup>26</sup> BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. São Paulo: Teológica, 2005. Pg. 62

Ao pensarmos nos diferentes valores atribuídos ao corpo e a alma por Platão conclui-se que a morte não é vista como algo ruim ou angustiante, pelo contrário, enquanto aguardava sua pena capital, Sócrates demonstrava tranquilidade e recebeu a sentença até com alegria, pois, a morte do corpo representava uma verdadeira libertação de sua alma que a partir daquele momento estaria apta para contemplar a verdade. Na antropologia dualista, a alma estaria encerrada no corpo como se este fosse uma prisão, a morte é, nesta perspectiva, a grande libertadora, que tira a alma das algemas e a eleva ao mundo celestial<sup>27</sup>.

O pensamento platônico permeará a fundamentação do pensamento ocidental e naturalmente exerceu muita influência sobre o cristianismo primitivo. O pensamento platônico teve grande penetração na compreensão cristã do homem, do mundo e de Deus<sup>28</sup>.

### 2.1.3 A helenização do cristianismo

O cristianismo nasceu em um mundo onde a cultura grega era predominante. Embora o cristianismo seja fruto da religiosidade judaica não se pode negar que logo no seu primeiro século, o mesmo teve contato com o mundo helênico e, por isso a civilização grega exerceu uma profunda influência sobre a mentalidade cristã nascente<sup>29</sup>.

Quando o cristianismo começou sua expansão para além das fronteiras da Palestina, encontrou um mundo que já estava havia três séculos sob o período helenístico. Historiadores afirmam que se não fosse a evolução do pensamento helênico no mundo da época seria impossível o surgimento de uma religião cristã mundial<sup>30</sup>. No mundo que era dominado politicamente pelo Império Romano o processo de cristianização deste território de cultura grega não foi unilateral, se por um lado o cristianismo encontrou bases sólidas para se expandir, por outro lado, também foi helenizado e absorveu aspectos muito específicos desta cultura<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> CULMANN, Oscar. **Das origens do Evangelho**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. Pg. 186

<sup>28</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 97

<sup>29</sup> JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e paideia grega**. Santo André: Academia Cristã, 2014. Pg. 10

<sup>30</sup> Ibid, pg. 12

<sup>31</sup> Ibidem

Um personagem de grande importância no desenvolvimento da helenização da fé foi Fílon de Alexandria. Este pensador judeu helenizado foi o primeiro e o mais bem-sucedido na tarefa de harmonizar sua tradição judaica com a cultura grega.

Fílon viveu no período de transição da cultura clássica para o mundo cristão. Nasceu numa família rica de Alexandria, capital cultural do mundo antigo. Quando Fílon nasceu, por volta do ano 15 a.C., o judaísmo de Alexandria estava em contato com a cultura helênica e, portanto, era um judaísmo mais aberto que o praticado na Palestina de Jesus.

O judaísmo helenizado tinha se afastado de preceitos religiosos praticados na Palestina, usavam muito mais o grego que o hebraico e faziam uso da Septuaginta, uma tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego. A Septuaginta não era apenas uma tradução, mas, já apresentava elementos doutrinários mais helenizados que judaicos, além de incluir textos que posteriormente não seriam incluídos pela Bíblia judaica.

Alguns pesquisadores afirmam que Fílon apesar de se servir da tradição dos setenta também era um profundo conhecedor do hebraico, embora tivesse sólida formação grega<sup>32</sup>.

Ao longo de sua vida, Fílon se tornou o mais influente expoente do método alegórico para a literatura patrística. Fílon usou o método alegórico em sua interpretação da Bíblia para estabelecer uma relação entre a fé judaica e a filosofia grega<sup>33</sup>. Para Fílon, as Escrituras e Platão ensinavam os mesmos conteúdos e, para que isso ficasse compatível o uso de alegorias na interpretação bíblica foi inevitável. Fílon partia do pressuposto que como Platão e os acadêmicos gregos eram posteriores a Moisés, eles devem ter se inspirado nas escrituras judaicas para formularem seus ensinamentos.

Fílon propõe uma compatibilidade entre a noção de mundo das ideias de Platão com a tradição bíblica. Estas ideias, para Fílon, existem na eternidade como ideia de Deus e, depois existem antes da criação como ideias reais criadas por Deus.

---

<sup>32</sup> NOUGUÉ, Carlos. **Fílon de Alexandria: um cruzamento de in FÍLON. Da criação do mundo e outros escritos**. São Paulo: Filocalia, 2015. Pg. 31

<sup>33</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. São Paulo: Hagnos, 2008. Pg. 270

Fílon também propõe seres intermediários entre Deus e o mundo, um desses seres seria o *Logos*, que junto com outras potências mediadoras, criam os seres humanos imperfeitamente. O *Logos* para Fílon era uma potência cósmica sem uma identidade pessoal, seria um ser mítico, intermediário entre Deus e o homem, não é visto como o Criador e nem tampouco no quadro histórico de uma verdadeira encarnação<sup>34</sup>. O *Logos* apresentado por Fílon é diferente do *Logos* apresentado por João, encarnação e revelação plena da divindade<sup>35</sup>.

Os conteúdos platônicos fizeram Fílon conceber uma imagem de Deus bem diferente da que é revelada por Jesus nos Evangelhos, sua representação era uma síntese do Deus apresentado no judaísmo com os conceitos sobre o divino no pensamento grego. Deus aparece como um ser absolutamente transcendente, de forma que não existe um relacionamento direto com o ser humano e o mundo criado<sup>36</sup>, conceito que difere em muito do Deus Emanuel apresentado pelos Evangelhos<sup>37</sup>.

O Deus apresentado por Fílon é um ser impassível cujo relacionamento com a criação se dá apenas por outros seres intermediários, como o *Logos* por exemplo. No ensino sobre o *Logos*, Fílon o distingue em Palavra interna e Palavra expressa, a primeira corresponde ao mundo das ideias e a segunda ao mundo material. O *Logos* de Fílon é separado e inferior a Deus<sup>38</sup>. Para o filósofo, Deus não poderia ter qualquer contato com a matéria. Na doutrina de Fílon já se achava a base do gnosticismo e do neoplatonismo<sup>39</sup>.

O Dualismo platônico, obviamente se mantém em Fílon, para ele o corpo era uma limitação para a alma e, deste modo, o processo de purificação consiste em libertar-se da sensualidade que mantém a alma presa ao corpo. Para Fílon, assim como para Platão, a matéria não era criatura de Deus.

Fica clara a proposta de síntese entre a fé judaica e a filosofia platônica em Fílon quando o mesmo, apesar de defender o mundo transcendente das ideias e o

<sup>34</sup> CULMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. Pg. 331

<sup>35</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Pg. 270

<sup>36</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol. 1**. Pg. 44

<sup>37</sup> Cf. Mateus 1.23

<sup>38</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol. 1**. Pg. 45

<sup>39</sup> NOUGÉ, Carlos. **Op cit.** Pg. 37

dualismo entre alma e corpo, defende também a criação do homem por Deus e a origem do mal na livre responsabilidade de Adão<sup>40</sup>.

Naturalmente a síntese proposta por Fílon influenciou em muito a fé judaico-cristã, sobretudo os teólogos da escola de Alexandria da qual foi um precursor. Características dos ensinamentos de Fílon estiveram presentes na teologia antiga e, de certa maneira, continuam a influenciar a compreensão cristã.

O judaísmo palestinese e alexandrino seguiram caminhos diferentes: enquanto o primeiro foi mais conservador e ligado às tradições, o segundo foi mais aberto e voltado para o mundo de fala grega. Na Palestina a relação dos judeus com a filosofia grega foi de resistência por algum tempo, a tendência natural de quem refletia a fé naquele contexto era de repudiar a filosofia porque era considerada contraditória com a Bíblia, esta relação conflituosa só começou a mudar em meados do século II com a conversão de Justino, o Mártir.

Justino nasceu na cidade palestina de Nablus, em Samaria. Filho de pais pagãos que dedicou sua juventude a busca pela verdade. Justino procurou em algumas escolas filosóficas pistas em relação ao que buscava, mas, não se satisfaz, até um dia em que se encontrou com um ancião cujo nome é desconhecido, mas, ao que tudo indica, foi um judeu palestinese convertido à mensagem de Jesus.

O diálogo que Justino teve com o ancião o levou a uma experiência de conversão e de encontrar em sua mensagem a resposta que tanto ansiava para a sua vida. Na conversão de Justino um dado é interessante: ao abraçar a fé judaico-cristã, ele passou a entender a Bíblia não como uma contradição à filosofia que estudou anteriormente, mas como o ápice da mesma. Justino entendeu que a Bíblia era a verdadeira filosofia.

Justino escreveu algumas apologias além de sua principal obra *Diálogo com Trifão*. Além disso, uma das principais características de seu trabalho foi acerca da interpretação do Antigo Testamento pelos cristãos, que estavam sendo encorajados (sobretudo por causa de Marcião) a repudiarem o escrito. Justino argumentou que o Antigo Testamento apontava para Jesus e por isso, era importante que um cristão o compreendesse<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> DUSSEL, Enrique. **El Dualismo en la antropología de la cristianidad**. Buenos Aires: Guadalupe, 1974. Pg. 42

<sup>41</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos interpretes da fé**. Pg. 388

No processo de aproximação entre a fé cristã e a cultura helênica, Justino fez uso da doutrina do *Logos* por influência de Fílon de Alexandria. Justino uniu a tradição filosófica que via o *Logos*, como o elemento que inspirava todo o conhecimento, com a tradição cristã joanina que apresentava o *Logos* como Jesus, a encarnação e revelação de Deus.

O filósofo palestinese apresentou a ideia do *Logos Spermatikós*, ou seja, sementes do *Logos* que antes mesmo da manifestação física de Jesus inspirava os filósofos a descobrirem a Verdade, pois, segundo seu ensinamento, não há Verdade que não venha de Deus e todos que conheceram a Verdade foram iluminados por Deus. De certa forma, Justino afirmava que filósofos como Platão e Sócrates, por exemplo, foram cristãos antes de Cristo<sup>42</sup>.

Justino discordou da ideia platônica de imortalidade da alma, acreditava que a imortalidade e o não ter nascido, eram características pertencentes apenas a Deus, tudo o que existe fora de Deus foi criado e, portanto, é corruptível<sup>43</sup>.

O trabalho de Justino foi importante para o cristianismo, pois deu a ele abertura para dialogar com a cultura clássica, mas por outro lado causou influências do pensamento helênico, como a ideia de Verdade que passou a ser entendida como um conceito e, não necessariamente como uma Pessoa, conforme a mensagem que o Evangelho quis apresentar.

A aproximação entre a fé cristã e a filosofia helênica continuaria pela antiguidade e suas consequências foram inevitáveis. Elementos dessa relação chegaram até os dias atuais, assim como o principal pensador helênico, Platão que abraçou o dualismo em sua obra, isto acabou ganhando acesso à teologia cristã e nunca mais foi totalmente superado. Uma tradição importante no diálogo entre a fé cristã e a filosofia helênica foi a Escola de Alexandria. Uma tradição que surgiu a partir de Fílon e que representou aspectos importantes na teologia patrística.

Na cidade egípcia de Alexandria confluíam diversas correntes do pensamento helênico, assim como filosofias de correntes egípcias e persas e da presença de uma importante comunidade judaica e de inúmeras igrejas cristãs<sup>44</sup>. Todo esse ambiente fez da localidade um centro de reflexão filosófica e teológica que muito influenciou o cristianismo antigo.

---

<sup>42</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**, vol. 1. Pg. 104

<sup>43</sup> DUSSEL, Enrique. **El Dualismo en la antropología de la cristianidad**. Pg. 69

<sup>44</sup> Ibid, pg. 75

Um nome de expressão da tradição alexandrina foi Panteno. Este nasceu na Sicília e depois de muitas peregrinações se estabeleceu em Alexandria. Panteno se converteu ao cristianismo e procurou conciliar a filosofia helênica com a fé cristã. Provavelmente, não deixou nenhum ensinamento por escrito, mas o seu grande mérito foi o de ter fundado a escola catequética de Alexandria, que se tornou uma referência para o cristianismo antigo. O principal aluno e, que se tornou o sucessor de Panteno na escola alexandrina foi Clemente.

Clemente nasceu em Atenas e como tal, foi um conhecedor da cultura clássica e da filosofia grega. Se converteu ao cristianismo e foi discípulo de Panteno em Alexandria, onde liderou a escola catequética por alguns anos até que a perseguição de Séptimo Severo o fez exilar-se.

Clemente é um dos fundadores da chamada filosofia cristã. Assim como Justino e Panteno, ao se converter, procurou harmonizar a fé com a filosofia. Clemente afirmou que tanto a filosofia quanto a teologia têm como base o ato de fé. Para Clemente, os judeus conheceram a verdade através de Moisés, assim como os gregos a conheceram por meio de seus filósofos. Deus teria usado a Lei e a Filosofia para conduzir os seres humanos a Cristo<sup>45</sup>.

No pensamento de Clemente percebemos pontos que se assemelhavam com os gnósticos. Por exemplo, cria na existência de um tipo de verdade que era acessível a todos os crentes, porém existia um nível da verdade que apenas um grupo era capaz de captar, os *verdadeiros gnósticos*. Por outro lado, Clemente discordou do Docetismo gnóstico ao afirmar a encarnação de Jesus.

Clemente se valeu do referencial teórico filosófico para articular a teologia cristã sobre o processo de compreensão lógica e argumentativa. Propôs que o homem era composto por três partes principais: o corpo, a alma e o espírito.

Se por um lado Clemente foi o pioneiro na filosofia cristã, seu sucessor foi o mais importante nome deste processo. Orígenes nasceu na cidade de Alexandria e era filho de cristãos. Quando tinha dezesseis anos de idade seu pai foi martirizado nas perseguições lideradas por Séptimo Severo, sua mãe precisou escondê-lo para impedir que também fosse preso e morto, pois na época o martírio era visto como honroso para boa parte dos cristãos.

---

<sup>45</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Pg. 181

O dualismo que a escola de Alexandria herdou do platonismo influenciou Orígenes de tal maneira que este praticou ao longo de sua vida um forte ascetismo, passava horas da noite se dedicando ao estudo das Escrituras, impunha a si próprio longos jejuns e períodos sem sono, além de dormir no chão puro. Quando sentiu-se perturbado pelos instintos sensuais, Orígenes chegou a emascular-se em função de uma interpretação literal e radical do texto de Mateus 19.12<sup>46</sup>.

Posteriormente num conflito entre o bispo de Alexandria e os bispos da Palestina, Orígenes acabou sendo expulso de sua cidade e fixando residência na cidade de Cesaréia. A harmonização da fé com a filosofia foi clara em sua obra ao afirmar que a Bíblia era a revelação divina, mas que não poderia ser compreendida sem o uso adequado da razão (num sentido platônico).

Assim como seus antecessores em Alexandria, Orígenes também interpretou a Bíblia de modo alegórico, para ele a Escritura possuía três níveis de interpretação: um literal, comparado ao corpo, outro moral comparado à alma e um terceiro nível que era o espiritual comparado ao próprio espírito<sup>47</sup>.

Orígenes afirmou que primeiro Deus criou seres espirituais, que inclusive não possuíam gênero, e que depois do pecado, esses seres caíram e então Deus produziu a segunda criação sendo esta corpórea como castigo ao pecado, mais uma vez o corpo foi entendido como sendo pecaminoso e fonte da maldade. A compreensão dualista entre alma e corpo de Orígenes se refletiu por exemplo, na maneira como interpretou o livro do Cântico dos cânticos, com sua visão pessimista em relação ao sexo repudiou uma leitura literal do texto, a qual considerava evidência de carnalidade, que seu verdadeiro e espiritual sentido deveria ter cunho alegórico<sup>48</sup>.

Orígenes foi um sistematizador da teologia antiga e deu a ela um caráter mais científico empregando as formas tradicionais da erudição grega, tais como a edição crítica, tratado científico, diálogo<sup>49</sup>.

Uma das ideias mais controversas atribuídas a Orígenes foi a forma como ele entendeu o Filho em posição de inferioridade em relação ao Pai. O seu subordinacionismo abriu caminho para o pensamento de Ário, que foi possivelmente a heresia mais perniciosa contra a qual a teologia antiga teve de lutar.

---

<sup>46</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 37

<sup>47</sup> SESBOUE, Bernard. **O Deus da salvação.** São Paulo: Loyola, 2005. Pg. 185

<sup>48</sup> JAEGER, Werner. **Op cit.** Pg. 69

<sup>49</sup> Ibid, pg. 74

Orígenes morreu na cidade de Cesaréia por volta de 250 e deixou imenso material escrito, mesmo que muito tenha se perdido ao longo dos anos, ainda se preservou muito de sua obra.

A escola alexandrina foi muito relevante para a teologia antiga. Como falado, Alexandria era o grande centro cultural do mundo antigo e isso aproximou o cristianismo nascente da filosofia helênica, já amplamente difundida. Os pensadores alexandrinos se esforçaram no diálogo que abriu portas para a pregação do cristianismo, mas que, porém, deixou marcas em sua doutrina e a principal delas foi o Dualismo platônico.

A teologia cristã da Idade Medieval bebeu em muito da fonte alexandrina e com ela encontrou o Dualismo, que acabou sendo universalizado como parte do cristianismo por causa do trabalho da Escola Alexandrina.

A Escola de Alexandria continuou sua influência através da corrente filosófica conhecida como Neoplatonismo. Esta corrente representou um movimento de retomada das ideias de Platão que se desenvolveu em Alexandria, Grécia e posteriormente, em Roma. O Neoplatonismo foi fundado em Alexandria por Amonio Sakkas, filho de cristãos e um dos mestres de Orígenes.

O Neoplatonismo tinha como característica principal a preservação das doutrinas principais de Platão, sem se limitar a simplesmente reproduzi-las. O Neoplatonismo sustentava a transcendência absoluta do divino, a imortalidade e o ciclo de reencarnações da alma, a relação dualista entre a alma e o corpo com supremacia da alma e a distinção entre o mundo celeste e o mundo terreno<sup>50</sup>.

O maior nome do Neoplatonismo foi Plotino, discípulo de Amonio Sakkas. Plotino nasceu na cidade de Alexandria e teve uma formação profundamente helenizada. Estudou filosofia e sua visão era basicamente platônica.

Plotino defendeu a distinção entre o Uno, a alma e o corpo, numa hierarquização de valores, quanto mais distante do Uno menor é o elemento divino. Plotino também defendeu o Dualismo entre alma e corpo e, via a materialidade de modo pessimista, para ele a salvação consistia em que a alma se desprendesse da matéria.

---

<sup>50</sup> HRYNIEWICZ, Severo. **Para filosofar**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2001. Pg. 292

Um dado muito interessante sobre Plotino é que acabou sendo o principal responsável por levar o Neoplatonismo para Roma, a capital do mundo ocidental da época.

O trabalho de Plotino em Roma foi bem-sucedido e o filósofo exerceu bastante influência sobre o seu tempo. Agostinho, principal nome da teologia antiga, foi conhecedor e admirador das doutrinas apresentadas por Plotino.

O principal discípulo de Plotino foi Porfírio que além de ter editado os ensinamentos de seu mestre, escreveu uma biografia a seu respeito e ajudou a popularizar o Neoplatonismo no Império Romano. Porfírio foi um defensor do paganismo em detrimento ao cristianismo e exerceu influência em pensadores da Idade Medieval.

O desafio encarado pelo cristianismo diante da filosofia grega foi uma via de dupla mão. O cristianismo assumiu a linguagem e o instrumental grego para possibilitar a transmissão significativa de sua mensagem, desta forma alguns viram na filosofia elementos concordantes com a teologia enquanto que outros enfatizavam as diferenças existentes e faziam duras críticas à filosofia grega<sup>51</sup>.

Ainda que alguns tenham visto a filosofia de modo ácido, não houve um rompimento entre o cristianismo nascente e a filosofia grega, pelo contrário, o cristianismo foi visto como uma continuidade e como plenitude da mesma<sup>52</sup>.

#### **2.1.4 O Dualismo gnóstico**

Uma corrente filosófica que trouxe muitos problemas para o cristianismo primitivo foi o Gnosticismo. O termo vem do grego *Gnosis*, que significa *Conhecimento*. De modo geral, os gnósticos não compunham uma única religião, nem mesmo eram unânimes quanto às doutrinas ou mesmo quanto a organização hierárquica. Uma característica marcante do Gnosticismo era o seu sincretismo, fez uso do dualismo persa, dos mistérios orientais, da filosofia helenista e de doutrinas cristãs. O gnosticismo prometia a salvação através do conhecimento, da *gnosis*<sup>53</sup>.

O Gnosticismo teve seu início no século I e já em escritos bíblicos percebemos formas dessa filosofia se manifestando, porém, foi no século II que esta

---

<sup>51</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 240

<sup>52</sup> Ibid, pg. 242

<sup>53</sup> THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulinas, 2009. Pg. 314

corrente teve sua maior expressão. Por mais diversas que fossem as seitas gnósticas alguns pontos eram comuns a todas elas, dentre eles o fato de se classificarem como pessoas portadoras de uma revelação ou conhecimento especial da parte de Deus e de defenderem o dualismo corpo x alma. No gnosticismo foi nítido o dualismo entre matéria e espírito e entre o celestial e o terreno.

Muitos gnósticos viveram como cristãos, o que acabou por facilitar a aceitação do movimento pelo cristianismo. O gnosticismo concebeu um dualismo cósmico entre Deus e o mundo, já que o Deus bom e perfeito não poderia ter criado o mundo mal e temporário. Foi dualista no modo como compreendeu a relação entre o corpo e a alma e, além disso, incentivou um Dualismo social entre os gnósticos, iluminados pelo conhecimento, e os demais que não haviam encontrado a sabedoria e conseqüentemente, a salvação<sup>54</sup>.

Alguns pensadores, especialmente Irineu, consideraram Simão, o mago relatado no livro de Atos<sup>55</sup> como o fundador do gnosticismo, ou pelo menos, como o primeiro nome ligado a esta corrente contra o qual o cristianismo precisou enfrentar<sup>56</sup>. Irineu apresentou Simão como uma pessoa habilidosa em magia e que deu início às heresias gnósticas<sup>57</sup>. No caso de Simão, seu desprezo pelo corpo se manifestava de modo libidinoso, inclusive seus sacerdotes adotavam essa prática de vida bem como a prática da magia<sup>58</sup>.

O sucessor de Simão foi Meneandro, samaritano de origem, também alcançou o nível mais alto da magia. Meneandro era judeu de origem e afirmava que foram os anjos os criadores do mundo material.

Percebe-se que por vezes o relacionamento da teologia com a filosofia deu ao cristianismo ferramentas para se comunicar e se expandir, em outros momentos a mensagem cristã foi alterada. Já nos textos iniciais do cristianismo primitivo encontramos alusões claras às tendências de Dualismo nas comunidades cristãs. Uma evidência disso é a passagem da epístola de João, considerado um texto anti-gnóstico:

“Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de

<sup>54</sup> Ibid, pg. 315

<sup>55</sup> Cf. Atos 8

<sup>56</sup> LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo, vol. 1.** São Paulo: Hagnos, 2006. Pg. 164

<sup>57</sup> IRINEU. **Contra as heresias.** São Paulo: Paulus, 1995. Cap. 23,2. Pg. 99

<sup>58</sup> Ibid, pg. 100

Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é o espírito do anticristo. Deles ouvistes dizer que virá; e agora ele já está no mundo(...)"<sup>59</sup>

O texto de João é claramente uma oposição ao pensamento gnóstico, influenciado pelo Dualismo Platônico que distinguia o corpo da alma, o mundo material do mundo invisível. Neste sentido, os gnósticos afirmavam que Jesus não poderia ter vindo a terra num corpo físico comum, pois cria-se que o corpo é ruim e que a encarnação não faria sentido, portanto negavam esta crença que João faz questão em reafirmá-la.

O contexto em que João escreveu sua carta deixou claro que havia algum assédio doutrinário no cristianismo da época para entender o processo de encarnação como incoerente e a salvação em moldes dualistas.

Alguns dos Pais da Igreja escreveram que João teve de combater os ensinamentos de um homem chamado Cerinto, este foi considerado o idealizador da doutrina das duas naturezas. Cerinto dotado de uma concepção Dualista, afirmou que era inviável que o Cristo tivesse encarnado no ventre de Maria, para ele Jesus era um humano qualquer, filho natural de José e Maria e que por superar os homens em justiça e sabedoria, foi capacitado pelo Cristo que desceu sobre ele no dia de seu batismo<sup>60</sup>. Cerinto viveu no final do século I e fez distinção entre o Cristo, ser espiritual, que encarnou em Jesus, ser humano filho de José e Maria.

João no início de seu Evangelho apresentou a ideia da encarnação de Jesus, sendo claro ao afirmar que o Verbo (*Logos*) se fez carne e habitou entre nós<sup>61</sup>. O verbo se fez humano e veio para ficar em nosso convívio. No cristianismo nascente não estava presente o desprezo pelo corpo e a exaltação da alma, essa crença só apareceu no processo de helenização da fé cristã.

A doutrina cristã da encarnação era incompatível com o Dualismo grego, que entendia como loucura a ideia de algum ser divino se esvaziar de sua divindade e se fazer humano, em outras palavras, era inconcebível um ser espiritual e, portanto, perfeito, retroceder ao ponto de assumir um corpo físico limitado e imperfeito<sup>62</sup>.

Outro movimento de cunho Dualista que tentou influenciar o cristianismo em seu primeiro século foi a corrente dos *Nicolaítas*. No início da década de 90,

<sup>59</sup> Cf. 1João 4.1-3

<sup>60</sup> FRANGIOTTI, Roque. **História das heresias**. São Paulo: Paulus, 1995, pg. 15

<sup>61</sup> Cf. João 1.

<sup>62</sup> Cf. 1Coríntios 1.17

algumas comunidades da Ásia Menor sentiam o assédio ético e moral dos nicolaítas, conforme podemos perceber nas cartas do Apocalipse<sup>63</sup>.

A corrente dos nicolaítas pregava uma vida desregrada, sobretudo nas questões sexuais, e de profundo desprezo ao corpo. Irineu afirmou que esta corrente tinha como mestre Nicolau, um dos sete diáconos citados em Atos dos Apóstolos, a opinião de Irineu também encontrou concordância em Tertuliano<sup>64</sup>. O Apocalipse cita algumas de suas características: eles viviam sem moderação, ensinavam que o pecado que era praticado apenas no corpo não afetava em nada a alma, pelo contrário, fortalecia a parte imaterial do ser humano, por isso, praticavam relações sexuais desenfreadamente e comiam carnes sacrificadas aos ídolos, conforme foi combatido pelas comunidades primitivas.

A prática defendida pelos nicolaítas causou censuras em algumas comunidades do Apocalipse como sendo uma doutrina imoral que conduzia os cristãos a práticas de libertinagem. Se algumas comunidades foram repreendidas por não tratar da questão dos nicolaítas com a seriedade que deveriam, a igreja em Éfeso foi elogiada por não aceitar os seus ensinamentos<sup>65</sup>.

Diferentemente de muitas doutrinas antigas consideradas heréticas e de cunho Dualista, os nicolaítas não negavam a divindade de Jesus, mas consistia num desvio moral gerado por uma má interpretação entre corpo e alma, era uma prática que em muito se assemelhava aos cultos pagãos idolátricos da antiguidade<sup>66</sup>.

Os nicolaítas conseguiram sobreviver até o início do século III quando foram absorvidos por outras seitas de caráter gnóstico. Durante a idade medieval, o termo *nicolaíta* era usado para se referir a alguém que se opunha ao celibato, em referência às práticas libidinosas praticadas pelos antigos nicolaítas<sup>67</sup>.

Ainda na Idade Antiga temos o caso de Carpócrates. Este deu início à seita dos carpocracianos em Alexandria que criam que as almas existiam desde a eternidade e que a salvação seria obtida por meio da recordação desta preexistência. Esta crença mostra que Platão pode ser considerado um ancestral da gnose com sua concepção da reminiscência e suas alegorias dos mitos e da religião grega<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> Cf. Apocalipse 2.6, 14, 16, 20

<sup>64</sup> FRANGIOTTI, Roque. **Op cit.** Pg.13

<sup>65</sup> Cf. Apocalipse 2.6

<sup>66</sup> FRANGIOTTI, Roque. **Op cit.** Pg. 14

<sup>67</sup> Ibidem

<sup>68</sup> SESBOUE, Bernard. **O Deus da salvação.** Pg. 39

Outro nome ligado ao gnosticismo foi Basílides, que reivindicava ser discípulo do apóstolo Matias. Basílides também defendia a distinção entre o Deus do Antigo Testamento criador do mundo material e do Deus de Jesus Cristo que o enviou para resgatar as partículas divinas aprisionadas em corpos físicos<sup>69</sup>. Os gnósticos acreditavam que o espírito puro era bom, mas que havia sido aprisionado pela matéria que era má, sendo assim, a salvação seria a libertação deste espírito do corpo que o limitava.

O gnosticismo da linha de Basílides chegou a afirmar que foi Simão, o cireneu quem carregou a cruz e foi crucificado em lugar de Jesus que se afastou daquela cena, uma vez que não possuía um corpo verdadeiramente físico. Sustentavam a crença de que se alguém confessava o Crucificado seria escravo e submetido ao poder dos que criaram os corpos físicos, mas quem renegava ao Crucificado era liberto e se tornava conhecedor da economia do Pai<sup>70</sup>.

Os gnósticos acreditavam num princípio que era o Pai de amor, esse Pai gerou outros seres que consigo formaram o *Pleroma*, ou a verdadeira Realidade. O Pai como sendo bom e amoroso não poderia ter criado o mundo material que era mau, este, porém foi criado por um dos seres deste pleroma num ato de insubordinação. O presente mundo foi atribuído ao *Demiurgo*, um deus mau, inferior ou ignorante, identificado com o Deus que se apresentava no Antigo Testamento, o mundo da matéria embora fosse mau conservava alguns pontos do mundo do espírito<sup>71</sup>. Assim sendo, o ser humano recebeu do mundo espiritual a alma e do mundo material o seu corpo.

O enviado do mundo do espírito para realizar a salvação foi o Cristo, cuja tarefa era resgatar as partículas espirituais aprisionadas nos corpos físicos, ou seja, cria-se então, que o Cristo salvaria os espíritos em detrimento dos corpos corruptíveis e mortais. Para alcançar a espiritualidade, o gnóstico deveria possuir um conhecimento perfeito obtido pela revelação e iluminação ao longo da experiência interior<sup>72</sup>. Para os gnósticos a salvação alcançaria apenas a alma enquanto que o corpo que é corruptível por natureza seria destruído e, Jesus era o salvador porque veio a terra para revelar a verdadeira gnosis.

---

<sup>69</sup> Ibid, pgs. 130-131

<sup>70</sup> IRINEU. **Op. Cit.** Cap. 24,5. Pg. 103

<sup>71</sup> Ibid, pg. 165

<sup>72</sup> SESBOUE, Bernard. **O Deus da salvação.** Pg. 38

Se Cristo era o enviado de Deus do mundo espiritual para vir ao mundo material resgatar as partículas espirituais dos corpos, os gnósticos não aceitaram a doutrina da encarnação, afirmando que Cristo não veio a terra com um corpo físico. Cristo não estava associado a carne, embora parecesse possuir um corpo ele era um espírito puro, esta seria a doutrina do *Docetismo*<sup>73</sup>.

Os sistemas gnósticos negavam uma inserção real do salvador neste mundo, uma vez que se trata de um infortúnio e um engano, o salvador não pode estar, de fato, ligado a ele<sup>74</sup>. O gnosticismo trouxe sérias distorções em relação a Cristologia, pois sua doutrina *doceta* anulava a vida e os ensinamentos práticos de Jesus, assim como invalidava sua encarnação, sua morte e sua ressurreição, pois se seu corpo não era de fato físico, tudo pode não ter passado de um devaneio.

Muitos gnósticos eram frequentadores do templo e das igrejas existentes nos primeiros séculos, outros fundavam suas próprias congregações. O gnosticismo minimizava o elemento histórico do cristianismo e separava a fé da vida de Jesus de Nazaré, distorcendo seus ensinamentos ao ponto de diferenciarem do relato dos Evangelhos<sup>75</sup>.

Como os gnósticos eram dualistas e não representavam um único segmento, muitos entenderam que deveriam praticar um intenso ascetismo, com rigidez moral e afastamento dos prazeres carnavais. Por outro lado, alguns acreditavam que uma vez que o que era praticado pelo corpo em nada influenciava a pureza do espírito, era permitido ao corpo fazer o que lhe agradava e, por essa razão algumas seitas gnósticas eram praticantes da libertinagem<sup>76</sup>.

Com as práticas libertinas, o gnosticismo assemelhava-se aos Nicolaítas do século I, de certa forma uma expressão gnóstica primitiva. Praticando o ascetismo ou a libertinagem, a fundamentação dos gnósticos era o Dualismo corpo x espírito, em ambos os casos o corpo físico era preterido por ser considerado um defeito ou uma queda.

No século II o gnosticismo cristão teria ainda outros nomes como Valentino, que fundou uma escola gnóstica muito importante. Era natural de Alexandria e ainda no Egito foi praticante de um cristianismo já com tendências gnósticas. Viveu

---

<sup>73</sup> Palavra grega que significa *parecer ter*.

<sup>74</sup> THEISSEN, Gerd. **Op cit.** 324

<sup>75</sup> *Ibid*, pg. 166

<sup>76</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol 1.** Pg. 127

cerca de vinte anos em Roma onde alcançou prestígio e quase chegou ao episcopado da cidade<sup>77</sup>, logo após rompeu com a igreja oficial quando outro candidato foi eleito.

Não se tem plena clareza sobre o pensamento de Valentino, mas, sabe-se que ele seguiu o Dualismo clássico do gnosticismo entre corpo e alma. Para ele, o processo de redenção consistia na libertação da carne onde o homem se encontrava aprisionado. Esse ser humano, que sofre por desejar a realidade celestial só será salvo quando alcançar a verdadeira gnose, reservada aos espíritos puros<sup>78</sup>.

O Gnosticismo representou um dos maiores desafios para o cristianismo primitivo. Sua doutrina dualista e seu discurso soteriológico criaram distorções no ensinamento cristão original.

Os movimentos gnósticos foram uma das causas que levaram a igreja a se organizar na sua estrutura e na definição canônica dos textos sagrados, pois como o gnosticismo foi abrangente e popular causou muitos transtornos para o cristianismo oficial, que procurou se defender desse assédio através da estrutura organizacional e da definição dos livros canônicos, ambos vistos como antídotos contra o perigo das heresias. Embora tenha acabado enquanto movimento não podemos negar que características do pensamento gnóstico, ainda tem influências no cristianismo hodierno.

### 2.1.5

#### O Dualismo em outras correntes da Antiguidade

Durante o período antigo surgiram muitas heresias no cristianismo, muitas interpretações alternativas sobre a Cristologia tomaram conta dos debates teológicos e a Igreja teve muitas dificuldades para definir a doutrina clássica sobre o Cristo. Neste mesmo período a Igreja se valeu de preceitos helênicos inclusive para lhe ajudar na formulação da doutrina e com isso, os cristãos se aproximaram do Dualismo platônico. Além deste fator, as seitas de origens gnósticas continuaram presentes e muitos de seus ensinamentos influenciaram outros pensadores que inclusive faziam parte da igreja.

---

<sup>77</sup> KLAUCK, Hans Josef. **O entorno do religioso do cristianismo primitivo II**. São Paulo: Loyola, 2011. Pg. 214

<sup>78</sup> FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Introdução à patrística**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Pg. 161

Um desses pensadores foi Marcião, inclusive alguns autores chegaram a considera-lo um gnóstico, porém sua doutrina teve muitos pontos diferentes dos ensinamentos gnósticos embora o dualismo permaneceu presente.

Marcião era natural de Sinop, um porto marítimo da região do Ponto na Ásia Menor, seu pai foi um bispo da região e por isso, foi criado como um cristão<sup>79</sup>. De família abastada, Marcião viajou para Roma por volta de 138 onde se tornou uma pessoa influente e alguns estudiosos dizem que quase alcançou o posto de bispo da cidade. Uma característica de Marcião foi que ao tentar influenciar a igreja acabou sendo expulso por causa do teor de suas doutrinas e, em seguida, iniciou uma igreja própria levando consigo muitos adeptos anteriormente pertencentes a igreja oficial.

Marcião foi nitidamente influenciado pelo gnosticismo embora seus ensinamentos fossem bastante originais. Similar ao gnosticismo acreditava no Dualismo antropológico que o fazia nutrir desprezo pelo mundo da matéria. Também fez questão em distinguir entre o Deus do Antigo Testamento que considerou um deus inferior e mau do Deus revelado por Jesus Cristo como sendo o Deus de amor e compaixão. A diferença neste caso para os gnósticos é que Marcião afirmava que o Deus mau tinha criado tanto o corpo quanto a alma dos seres humanos<sup>80</sup>.

Marcião criou o seu próprio cânon das Escrituras, uma vez que em seu tempo ainda não havia um cânon definido. Acreditava que textos das Escrituras foram distorcidos pelos apóstolos que se alinharam com a tradição judaica ligada ao Deus mau do Antigo Testamento. Marcião propôs um cânon com o Evangelho de Lucas e com as epístolas de Paulo, estes livros apenas depois de terem passado por revisões que excluam elementos judaicos considerados por ele como inserções posteriores.

Marcião foi o responsável pela formulação do primeiro cânon do Novo Testamento e, acabou acelerando o processo oficial canônico por parte da igreja. Irineu afirmou em sua obra que Marcião mutilou os textos de Lucas e de Paulo eliminando trechos que afirmavam claramente que o Pai de Jesus Cristo era o criador de todo o Universo<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> IRINEU. **Op cit.** Cap. 27,2. Pg. 109

<sup>80</sup> LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo, vol. 1.** Pg. 167

<sup>81</sup> IRINEU. **Op cit.** Cap. 27,2. Pg. 109

O Docetismo presente na doutrina de muitos segmentos gnósticos também esteve presente no ensino de Marcião, uma vez que a matéria é fonte de perversidade, o salvador não poderia ter vindo a este mundo num corpo material, portanto, seu corpo era apenas aparente. Marcião teve profunda aversão ao corpo físico e exigiu que os seus adeptos praticassem um rigoroso ascetismo, sendo proibida a prática sexual, os que eram casados deveriam se separar e adotarem o celibato, a prática constante de jejuns também era comum. O martírio, que destruía o corpo físico, passou a ser valorizado<sup>82</sup>.

O marcionismo foi bastante influente e se tornou uma perigosa ameaça para a Igreja antiga. As igrejas marcionitas eram numerosas, especialmente na parte oriental do cristianismo, e por algum tempo chegaram a rivalizar com a igreja oficial<sup>83</sup>. Mesmo com o celibato obrigatório para todos os adeptos e contando apenas com as novas conversões para o crescimento deste segmento, a igreja marcionita existiu até meados do século VI e, ainda no século XVI existiam seguidores desta corrente no Oriente e no Ocidente<sup>84</sup>.

Outra corrente dualista que causou algum impacto no cristianismo, embora não tenha sido cristã, foi o Maniqueísmo. Esta corrente está ligada a Mani, de origem persa nasceu no século III. Mani era chamado de *Zaratustratema*<sup>85</sup>, foi criado na principal cidade da Mesopotâmia e era profundamente religioso, tendo tido contato com diversas doutrinas religiosas diferentes, o que influenciou em seu pensamento.

Mani esteve convicto de que era um profeta divinamente inspirado, seu sistema religioso incluía elementos do Zoroastrismo (religião que vigorava em sua terra natal), de antigas crenças babilônicas, do judaísmo e do cristianismo. Mani foi perseguido pelo Zoroastrismo de sua terra e teve de fugir de lá pregando sua doutrina por regiões da Ásia Central, posteriormente ao retornar para a Pérsia foi morto e seus seguidores deram continuidade aos seus ensinamentos<sup>86</sup>. No mundo ocidental assumiu muitos elementos cristãos. O Maniqueísmo teve muitos discípulos espalhados por várias regiões do mundo antigo, por exemplo os Bogomilos, que seguiam suas doutrinas na região da Bulgária.

---

<sup>82</sup> Ibid, pg. 169

<sup>83</sup> GONZALEZ Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol 1.** Pg. 135

<sup>84</sup> FRANGIOTTI, Roque. **Op cit.** Pg. 41

<sup>85</sup> Termo que significa *Zoroastro por excelência.*

<sup>86</sup> LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo, vol. 1.** Pg. 126

Mani por estar no centro do mundo antigo, tinha a pretensão de que sua religião se tornasse universal, alcançando tanto o Ocidente quanto o Oriente. De fato, no século IV já se encontravam registros de que o maniqueísmo havia chegado na Espanha e na China<sup>87</sup>. O elemento central do maniqueísmo era basicamente o mesmo das linhas gnósticas: a alma caiu e foi aprisionada dentro de um corpo material, sua libertação se daria através da inteligência e do verdadeiro conhecimento.

No maniqueísmo havia três dualismos proeminentes: espírito x matéria, bem x mal e luz x trevas. A existência dos seres humanos se baseava nas mesclas destes três dualismos<sup>88</sup>. No maniqueísmo encontramos um Dualismo cósmico entre o Reino da Luz, representado pelo mundo espiritual e, portanto, bom e o Reino das Trevas, representado pelo mundo da matéria e, portanto mal.

Para o maniqueísmo a moral era o caminho para a perfeição e para a libertação, a alma deve desprender-se do corpo pela purificação e pela prática da penitência e através do conhecimento e da contemplação a alma alcançará o Reino da Luz. Este pensamento do maniqueísmo influenciou o movimento monástico do século IV<sup>89</sup>.

O maniqueísmo foi tão influente no mundo antigo que com seu dualismo entre luz e trevas e sua moral exacerbada, teve dentre seus adeptos ninguém menos que Santo Agostinho, que praticou o maniqueísmo durante onze anos de sua vida, antes de sua conversão ao cristianismo.

O cristianismo antigo também teve de conviver com os Montanistas, outra seita de perfil dualista que causou certa atração entre os cristãos de sua época. Montano nasceu na Frígia por volta do ano 155, foi um sacerdote pagão que se converteu ao cristianismo. Pouco tempo depois de sua conversão, afirmou ter sido possuído pelo Espírito Santo para profetizar uma espiritualidade que havia se perdido por causa do regime episcopal da igreja. O Montanismo foi um movimento de renovação espiritual e moral.

Montano esteve acompanhado de duas profetizas chamadas Maximila e Priscila, o trio era a liderança do movimento e faziam profecias na primeira pessoa do singular. Em suas profecias, o trio declarava uma nova revelação dada a eles

---

<sup>87</sup> DUSSEL, Enrique. **El humanismo semita**. Pg. 37

<sup>88</sup> Ibidem

<sup>89</sup> Ibid, pg. 38

pelo Espírito, que não se chocava com o conteúdo do Novo Testamento, mas o superava.

Em seu apelo a uma vida ilibada e ética, o Montanismo descambou para um ascetismo rigoroso. Havia um certo desprezo pelo corpo físico e, por isso, se incentivava a prática de prolongados jejuns, a abstinência sexual, a doação de generosas esmolas, além da proibição de um segundo casamento para quem ficasse viúvo. O Montanismo defendeu a ideia de que após o batismo, o cristão não seria novamente perdoado por Deus<sup>90</sup>.

O movimento montanista ganhou um apelo escatológico e se interpretou Montano com um papel proeminente num futuro governo de Cristo na terra. Muitas vezes na história do cristianismo movimento com pregações escatológicas intensas tendiam para o dualismo de se valorizar o mundo celestial e futuro em detrimento do mundo físico e presente.

O montanismo teve sua própria estrutura hierárquica e experimentou um razoável crescimento na Ásia Menor chegando posteriormente a Roma. O grande teólogo Tertuliano se tornou adepto do montanismo e por sua causa o movimento se expandiu também para o Norte da África<sup>91</sup>.

Os seguidores do montanismo foram excomungados da igreja oficial pelo Papa Zeferino e o movimento foi definitivamente condenado pelo VI Concílio de Constantinopla entre 680-681<sup>92</sup>.

### **2.1.6 O Dualismo na espiritualidade cristã antiga**

O Dualismo entrou no mundo ocidental através do pensamento platônico, base da cultura clássica. Passou a conviver com o cristianismo ocidental quando este dialogou com a cultura helênica que dominava intelectualmente o mundo antigo.

Na verdade, o Dualismo não esteve presente apenas em movimentos filosóficos ou em correntes alternativas do cristianismo, ele penetrou na doutrina e na prática do cristianismo oficial e nunca mais saiu, de tal maneira que na história

---

<sup>90</sup> FRANGIOTTI, Roque. **Op cit.** Pg. 58

<sup>91</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol. 1.** Pg. 140

<sup>92</sup> FRANGIOTTI, Roque. **Op cit.** Pg. 58

da teologia cristã se teve (e ainda tem) muitas dificuldades de se separar o que Jesus disse do que foi ensinado por Platão, entre o que era Dualismo helênico e o que era genuíno ensino cristão.

Um dos Dualismos mais antigos da história do cristianismo e que ainda está muito presente em nossas comunidades de fé foi o Dualismo Sexual como decorrência da clássica separação entre corpo e alma. Num pensamento dualista o corpo físico é desprezado e conseqüentemente tudo aquilo que pode alimentá-lo ou satisfazê-lo deve ser repellido.

Ao longo da tradição cristã tudo aquilo que enfraquecia o corpo para, teoricamente, fortalecer a alma foi enfatizado. A prática de prolongados jejuns sempre foi muito comum no cristianismo, assim como todas as restrições geradas na questão sexual. Se o sexo satisfaz o corpo, que é considerado mau, não deve ser praticado. Ao longo de séculos os cristãos tiveram muita dificuldade de entender por exemplo, o livro dos Cânticos dos Cânticos como um texto que literalmente falava de uma relação física entre um rapaz e uma moça apaixonados que se entregavam um ao outro buscando a satisfação que a sexualidade poderia lhes trazer. Desde a antiguidade o livro dos Cânticos foi entendido de modo alegórico, como sendo uma analogia ao amor puro e, portanto, sem sexo, que Cristo revela à Sua Igreja<sup>93</sup>.

Outros textos da Escritura Judaica que demonstram uma compreensão sexual em termos de impureza foram, ao longo da história cristã, mais enfatizados e conhecidos, justamente para tentar provar que o ideal cristão é o do celibato e que o sexo tem conseqüências na santidade do fiel<sup>94</sup>.

A presença do dualismo antropológico platônico no cristianismo gerou um ambiente de desconfiança para com a sexualidade. Tradicionalmente, o cristianismo pendeu para o rigorismo e o moralismo que fizeram com que a sexualidade fosse vista como algo impuro. O sexo tem sido colocado num contexto obscuro, pouco esclarecido e ambíguo, muitas vezes praticado de modo clandestino, angustiante e com sentimento de culpa<sup>95</sup>.

Um debate importante para o século II e III foi o papel do casamento na vida cristã. Pensava-se que a prática sexual era uma maneira de prender alguém ao

---

<sup>93</sup> JAEGER, Werner. **Op cit.** Pg. 69

<sup>94</sup> Cf. Levítico 15,18

<sup>95</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade.** Pg. 462

mundo material já que esse tipo de realidade não faria mais parte do mundo espiritual. O celibato foi visto como uma maneira de se separar do mundo imperfeito e se preparar para a realidade vindoura, com isso, as comunidades cristãs passaram a respeitar e a reverenciar a virgindade<sup>96</sup>.

A valorização da castidade e do celibato esteve muito presente na teologia cristã antiga, Clemente de Alexandria dizia que o celibato era mais nobre que o casamento. No livro o Pastor de Hermas, o anjo aconselha Hermas a se abster da intimidade sexual, pois o celibato era o ideal da vida cristã. O próprio Orígenes foi tão influenciado pelo ascetismo que chegou a emascular-se para fugir dos prazeres da carne<sup>97</sup>.

Com a influência do dualismo platônico que gerou toda a confusão acerca do sexo na tradição cristã, desde cedo o celibato apareceu como um ideal de vida cristã que deveria ser seguido. As primeiras regulamentações sobre o celibato remontam o século IV, tanto o Concílio de Elvira quanto o de Arles, estabelecem a prática do celibato para os sacerdotes (diáconos, presbíteros e bispos)<sup>98</sup>.

A questão do celibato começou na Idade Antiga e se desenvolveu até se tornar obrigatório na Idade Medieval. O sexo não era visto como algo saudável e prazeroso, mas como uma fraqueza humana que favorecia a carnalidade. O ideal de uma vida celibatária foi desde cedo estimulado entre os cristãos, justamente por causa da presença dualista na espiritualidade antiga. Na melhor das hipóteses, o sexo foi entendido como uma necessidade dos seres humanos com o único benefício da procriação da raça humana, ou seja, a sexualidade foi entendida apenas como um elemento meramente biológico do ser humano<sup>99</sup>.

Alfonso Garcia Rubio nos apresenta em sua obra que a negação da sexualidade não foi saudável, pelo contrário, as tentativas de negá-la provocou um desequilíbrio da personalidade abrindo acesso para imoralidades e perversões. A tentativa de marginalizar o sexo fez com que se tornasse um assunto que ocupou o centro os esforços ascéticos<sup>100</sup>.

Desde muito cedo se desenvolveu também o dualismo entre igreja e sociedade, entre crentes e não crentes, uma espécie de resquício do gnosticismo que

---

<sup>96</sup> WALKER, Wiliston. **História da igreja cristã**. São Paulo: Aste, 2006. Pg. 141

<sup>97</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pgs. 36-37

<sup>98</sup> Ibid, pg. 39

<sup>99</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 462

<sup>100</sup> Ibidem

via o grupo dos iluminados como superiores aos que ainda não haviam alcançado o conhecimento. O mundo foi visto de modo pessimista e muitos cristãos quiseram sair dele, procuraram uma vida de alienação e isolamento, de modo que pudessem se dedicar exclusivamente a Deus e à santidade, santidade essa que cada vez mais foi sendo identificada como separação do mundo, distanciamento do que não era sagrado e, cada vez mais foi se identificando com alienação.

Nos primeiros dois séculos do cristianismo o Martírio foi também valorizado. A palavra martírio veio do vocábulo grego *Martyria*, que inicialmente era traduzida como *testemunho* e que mais tarde passou a ser entendida como a capacidade de dar a vida por algo superior a ela própria. Desde cedo, os cristãos viam como uma honra serem mortos por causa do testemunho de Cristo.

Os mártires eram vistos como heróis da fé que resistiam aos prazeres deste mundo e suas ofertas corruptas para entregarem suas vidas por amor de Cristo. Alguns inclusive se entregavam para serem martirizados, por exemplo, a história conta que a mãe de Orígenes teve de escondê-lo quando jovem para que ele não se entregasse aos soldados romanos na ocasião do martírio de seu próprio pai.

Em virtude do dualismo presente no cristianismo, muito elementos foram acrescentados à espiritualidade cristã antiga, estes elementos estiveram ligados aos dualismos do sexo e do isolamento em relação ao mundo, essas características contribuíram para o surgimento do Monasticismo.

Não se pode negar que o dualismo foi uma das causas do surgimento do Monasticismo, embora não a única. Pensava-se que a saída do mundo ajudaria o indivíduo a crucificar a sua própria carne e desenvolver sua espiritualidade através da meditação e do isolamento.

O Monasticismo além de ser fruto do dualismo antropológico que dividia corpo e alma, também foi fruto de um dualismo psicológico que fez com que muitos cristãos da Antiguidade separasse a vida tida como ideal da crise gerada pela deterioração da sociedade, que levou esses cristãos a optarem pelo abandono do mundo. Desta forma, o monasticismo se tornou um refúgio para quem considerava o mundo uma dificuldade para a espiritualidade.

O Monasticismo vem do vocábulo grego *Monachos* que significa *Solitário*<sup>101</sup>. Nasceu no clima quente do Egito, próximo as cavernas ao redor do Nilo<sup>102</sup>. O

---

<sup>101</sup> Idib, pg. 39

<sup>102</sup> CAIRNS, Earle. **O Cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida, 1995. Pg. 123

monasticismo foi a concretização do crescente moralismo e ascetismo do segundo e terceiros séculos. Os monges praticavam o ascetismo baseados na ideia de que a renúncia à carne libertaria a alma para a comunhão com Deus, os monges diziam que a alma estava acorrentada ao corpo como um prisioneiro.<sup>103</sup>

O fundador do monasticismo foi Antão que, aos vinte anos de idade se desfez de todos os seus bens e decidiu viver numa solitária caverna para levar uma vida de meditação, no deserto, Antão lutou contra demônios, que eram derrotados através das orações, dos jejuns, vigílias e estudos das Escrituras<sup>104</sup>.

Simeão foi um eremita que viveu por mais de três décadas sentado no topo de uma coluna de madeira de dezoito metros de altura em Antioquia. Se alimentava do que lhe davam como ofertas e passava seu tempo meditando e pregando para os que o visitavam.

Outros nomes impressionam pela forma como buscaram viver a espiritualidade, por exemplo, Amon conseguiu fama de santidade por nunca ter se banhado após a decisão de ser um eremita. Macário viveu seis meses em um pântano sendo atacado por insetos como penitência por ter matado um mosquito<sup>105</sup>. Pacômio viveu doze anos como um eremita e depois organizou o primeiro mosteiro próximo ao rio Nilo, alguns anos depois era o responsável direto por mais de sete mil monges no Egito e na Síria, espalhados pelos nove mosteiros estabelecidos por ele. A irmã de Pacômio fundou comunidades para mulheres.

Os monges faziam três tipos de votos tendo em vista a purificação espiritual: pobreza, castidade e obediência, desta forma, se mortificavam abrindo mão de suas posses, da vida conjugal e da liberdade de escolha, estes três considerados os desejos básicos<sup>106</sup>.

Se no Oriente a opção de se retirar e viver nas cavernas foi seguida por muitos, no Ocidente, o clima mais frio ajudou no desenvolvimento de mosteiros. O principal nome do monasticismo ocidental foi Bento de Núrsia, que desde o tempo de seus estudos optou por praticar uma forma árdua de ascetismo, posteriormente viveu como eremita nas montanhas de Roma por três anos até que foi escolhido

---

<sup>103</sup> SHELLEY, Bruce. **História do cristianismo ao alcance de todos**. São Paulo: Shedd, 2004. Pg. 132

<sup>104</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 40

<sup>105</sup> Ibid, pgs. 123-124

<sup>106</sup> SHELLEY, Bruce. **Op cit.** Pg. 135

para ser abade de grupos monásticos da redondeza<sup>107</sup>. Em 529 fundou o mosteiro de Monte Cassino que sobreviveria até o século XX e seria o principal reduto das ordens monásticas ocidentais.

Os monges e eremitas praticaram um dualismo sexista, ainda muito presente nos meios cristãos mais conservadores, viam as mulheres como fonte de tentação e de pecado, por isso fugiam de suas presenças e as consideravam seres de categoria inferior que os homens, que por sua vez, eram considerados inferiores a quem praticava o ascetismo adquirindo assim fama de espiritualidade e santidade<sup>108</sup>.

O Monasticismo representou bem a expectativa antiga sobre santidade: alguém que decide se isolar do mundo e desprezar o seu corpo físico através de uma vida celibatária e com a prática constante de jejuns e vigílias.

Não se deve desprezar o valor dos mostérios. Mesmo a forma ascética de praticar a espiritualidade era uma expressão sincera dentro daquele contexto específico. Graças aos mostérios obras fundamentais da literatura romana e obras dos fundadores da igreja latina foram preservadas e chegaram até os nossos dias.

A vida de simplicidade adotada pelos monges foi um protesto numa época em que o cristianismo se fortalecia institucionalmente e se perdia nas relações de poder com o Império. De outro lado, é inegável o dualismo herdado e deixado pelo monasticismo: a crença na malignidade do corpo, o isolamento que gerou alienação, o modo como viam as mulheres, foram marcas desta compreensão de espiritualidade.

Ainda que não fosse a intenção dos monges, o movimento acabou gerando um Dualismo institucional, se por um lado os monges renunciavam suas posses para viverem uma vida simples, por outro lado, os mostérios tornavam-se cada vez mais ricos e donos de terras.

Aos poucos a espiritualidade proposta por Jesus de engajamento, de aproximação do mundo e de suas mazelas, espiritualidade essa que se manifestava na vida concreta do outro, sobretudo, dos considerados pecadores, vai sendo substituída por uma espiritualidade que valorizava o ascetismo e o isolamento. Em toda história do cristianismo podemos perceber a forte concepção ascética presente em diversos movimentos, todos eles buscando um ideal de santidade desencarnada com a realidade.

---

<sup>107</sup> Ibid, pg. 136

<sup>108</sup> Ibidem

### 2.1.7 O Dualismo na Patrística

O Dualismo causou muitas influências no cristianismo antigo e, como consequência tem superado a barreira do tempo, passando pela Idade Medieval, Moderna e chegando até os nossos dias.

Da cultura persa, o dualismo chegou ao pensamento grego, onde se desenvolveu e influenciou todo o modo de pensar do mundo Ocidental, inclusive a teologia cristã. Não representou influências apenas em segmentos marginais do cristianismo, mas esteve presente nos movimentos oficiais e nos grandes pensadores da teologia antiga<sup>109</sup>.

A contribuição teológica e dogmática dos Pais da Igreja é notável. Só temos condições de pensarmos e refletirmos teologicamente por causa do brilhante trabalho deixado por eles na antiguidade. Certamente, se não fosse pela reflexão dos grandes Pais da Igreja a teologia cristã já teria sucumbido, porém não se pode negar que o Dualismo esteve presente nas obras de muitos dos ícones da teologia e a partir de seus escritos foi se estabelecendo e sobrevivendo no pensamento cristão.

Por Patrística entende-se o grupo de pensadores do cristianismo antigo que refletiram e formaram os dogmas cristãos. A Patrística é classificada em alguns grupos por causa da contemporaneidade e conterraneidade de seus nomes. Procuraremos abordar a presença do Dualismo nos Pais Apostólicos, nos Pais Apologistas, nos Pais Alexandrinos, Pais Capadóciolos e Pais Pós Nicenos.

Dentre os Pais Apostólicos a influência do dualismo não foi tão evidente quanto em outros momentos da antiguidade. Esses homens viveram no primeiro século da era cristã, num período em que a teologia era incipiente e a tradição judaico-cristã ainda não tinha se aberto totalmente ao helenismo.

O período dos Pais Apostólicos foi um momento de perseguições nas quais o martírio se tornava frequente. Gradativamente, a concepção de martírio foi tomando uma grande importância entre os cristãos primitivos e alguns inclusive se recusaram evitar a morte mesmo tendo oportunidade para tal. O exemplo mais claro disso foi o de Inácio, bispo da Igreja em Antioquia.

Quando Inácio era levado de sua cidade até Roma onde seria morto por sentença do Império, soube que algumas comunidades cristãs estavam planejando

---

<sup>109</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 27

sequestrá-lo e impedir sua execução, diante disso, escreveu cartas para essas comunidades pedindo que eles não agissem desta forma<sup>110</sup>. Inácio se sentiu honrado em morrer por causa do testemunho de Jesus Cristo ao entender que seria como o trigo que ao ser triturado pelos dentes das feras sobraria apenas o puro pão de Cristo<sup>111</sup>.

A tendência de valorização do martírio evidente no caso de Inácio de Antioquia, já era uma manifestação do desprezo pelo corpo físico, considerado uma cadeia para a alma, que precisava ser liberta. Na época de Inácio, o ascetismo já começava a ser valorizado entre os cristãos e se entendia o martírio como o coroamento da vida cristã<sup>112</sup>.

Nos escritos mais conhecidos da época encontramos a Didaqué com uma tendência moralista e ascética em seu conteúdo<sup>113</sup> e o Pastor de Hermas incentivando a vida casta de abstinência sexual<sup>114</sup>.

A época dos Pais Apostólicos já havia a ameaça da gnose que, compreendia a salvação na libertação necessária da alma em relação ao corpo físico, na compreensão de uma verdade que apenas os verdadeiramente espirituais podiam ter e na negação da encarnação real de Jesus.

O processo de consolidação do dualismo na teologia cristã prosseguiu pelos Pais Apologistas. Em Justino, Mártir temos o primeiro caso de alguém que se converteu ao cristianismo sem repudiar a filosofia, pelo contrário, entendendo que a Bíblia era a verdadeira filosofia. Justino foi um dos primeiros pensadores cristãos a tentar aproximar a tradição cristã da filosofia grega.

Tertuliano de Cartago foi um combatente de heresias de seu tempo que defendeu a unidade do homem, não se satisfez com a moralidade praticada pela Igreja e se tornou adepto do Montanismo. Tertuliano se enredou pelo ascetismo do movimento de Montano e defendeu a prática de constantes jejuns, o distanciamento das relações matrimoniais e ainda a crença de que não haveria perdão para o cristão que pecasse após o batismo<sup>115</sup>.

<sup>110</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol 1**. São Paulo: Vida Nova, 1995. Pg. 68

<sup>111</sup> Cf. Marcos 8.34-35

<sup>112</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 29

<sup>113</sup> **DIDAQUÈ**. Petrópolis: Vozes, 2004. Pg.22

<sup>114</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 36

<sup>115</sup> *Ibid*, pg. 29

Tertuliano tinha uma visão ácida sobre a filosofia, dizia que o contato com ela levava o cristão à heresia e, mesmo sendo contrário ao diálogo da teologia com a filosofia foi influenciado pela antropologia dualista platônica. Algumas obras de Tertuliano mostram seu teor ascético: *Sobre a monogamia* e, *Sobre a exortação da castidade*, onde condena as segundas núpcias, mesmo em caso de viuvez considerando devassidão; *Sobre o vestir das mulheres*, onde já estava claro a tendência de se considerar a mulher a fonte de tentação e de pecado sexual, além de ensinar que as virgens deveriam usar véus e atacar qualquer forma de vaidade feminina.

Em Teófilo de Antioquia, de alguma forma, esteve presente a ideia de imortalidade da alma. Afirmou que Adão teria sido criado de modo ambíguo e que o uso de sua liberdade era o que determinaria a imortalidade ou mortalidade de sua alma<sup>116</sup>. Enrique Dussell sinaliza que Minúcio Félix em sua obra *Octavius*, afirmou a imortalidade da alma evidenciando um certo dualismo em sua fala<sup>117</sup>.

Dentre os Pais Alexandrinos as relações entre a filosofia helênica e a teologia cristã foram muito próximas, como já analisamos anteriormente, nesta parte vale ressaltar que foi a Escola Alexandrina que reinterpretou a mensagem cristã à luz do pensamento helênico.

Clemente de Alexandria acreditava que o martírio era a coroa da vida cristã, além de defender a vida casta como superior em relação a vida matrimonial. Orígenes, além de emascular-se numa fuga da carnalidade, disse que a virgindade era uma preparação para o estado paradisíaco do corpo glorificado<sup>118</sup>.

Dentre os Pais Capadócijs o dualismo de alguma maneira também esteve presente. Este grupo importante de teólogos da segunda metade do século IV apresentou um teor filosófico de grande importância em suas construções teológicas. Todos esses pensadores receberam uma sólida formação da cultura clássica, eram grandes conhecedores de Platão e do sistema grego de pensamento.

A Capadócia era uma região importante da Ásia Menor e por estar mais próxima a Alexandria seu diálogo com a cultura helênica foi constante. Esse grupo de pensadores cristãos viveram num período posterior ao das perseguições estatais ao cristianismo, era um momento em que o imperador queria usar a religião como

---

<sup>116</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 333

<sup>117</sup> DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropologia de la cristianidad**. Pg. 171

<sup>118</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit**. Pg. 38

um elo a unir todo o Império sob seu poder, mas para isso era necessária uma uniformidade no movimento. Os capadócijs assumiram o que havia de mais elevado na erudição oriental, pensaram a teologia como uma grande ciência baseada em um conhecimento supremo e uma articulação filosófica relevante<sup>119</sup>.

Os capadócijs são contrários ao reavivamento dos ideais da cultura grega como em alguns momentos se pretendeu por parte do Império Romano, porém era nítida a grande estima que possuíam pela herança intelectual da Grécia Antiga.

Basílio de Cesaréia nasceu numa família abastada da Ásia Menor. Sua família era composta por cristãos fervorosos, seu avô paterno foi martirizado, seu pai era professor de retórica e sua irmã Macrina, foi a responsável pela formação de seu irmão mais novo, o também teólogo Gregório de Nissa e reconhecida mestre da vida espiritual. De seus irmãos, dois foram bispos, além de Gregório em Nissa, Pedro em Sebaste.

Basílio estudou na Capadócia, em Constantinopla e em Atenas, onde fez amizade com Gregório de Nazianzo. Basílio é considerado um dos principais fundadores do monasticismo oriental, sua adesão à vida ascética deveu-se a influência de sua irmã. Basílio percorreu o Egito, a Palestina e a Síria e chegou a escrever, juntamente com Gregório de Nazianzo, textos sobre regras monásticas que serviram como base para o monasticismo oriental. Depois de viver alguns anos como monge, Basílio foi eleito bispo da importante cidade de Cesaréia.

Gregório de Nazianzo, assim como Basílio, também recebeu educação clássica completa, estudando em Alexandria, o grande centro responsável pela aproximação entre a cultura grega e a tradição cristã e, em Atenas, capital da Grécia.

Em sua vida, Gregório foi próximo do modelo monástico de espiritualidade e sempre desejou se dedicar à contemplação e aos retiros espirituais, sua predileção foi constantemente interrompida por causa do desejo de seu pai em fazer dele seu sucessor no episcopado de Nazianzo. No Concílio de Constantinopla em 381, Gregório ocupou importante papel nas discussões teológicas e foi aclamado patriarca da capital oriental, cargo que renunciou pouco tempo depois<sup>120</sup>.

Gregório de Nissa, era o irmão mais novo de Basílio, não teve a mesma formação que os demais capadócijs, mas nem por isso foi menos brilhante que eles.

---

<sup>119</sup> JAEGER, Werner. **Op cit.** Pg. 90

<sup>120</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé.** Pg. 308

Gregório foi educado por sua irmã Macrina, quem exerceu grande influência sobre sua vida e seu pensamento.

Gregório foi feito bispo de Nissa por influência de Basílio e, fez do realismo platônico a base de sua teologia. Gregório usou a alegoria como método de interpretação dos textos bíblicos. Acreditava na ideia de que assim como a filosofia era para o grego, o cristianismo era para o cristão e para que o mesmo alcançasse Deus, deveria se dedicar por toda a sua vida a compreender o máximo de Deus e assim se aproximar da perfeição<sup>121</sup>.

Se os grupos entendiam todo o conjunto da literatura filosófica como fonte de verdade, Gregório enquanto cristão, afirmou que a Bíblia seria para os cristãos, essa fonte na busca pela verdade. Desse modo, já temos consolidado, a verdade como conceito filosófico e não mais como uma pessoa.

Em Gregório de Nissa ficou claro a influência platônica na forma como ele entendeu e viveu o monasticismo, como sendo o ideal de uma vida que queria se dedicar à busca filosófica. A estrutura teológica de Gregório foi embebida pela ideia grega de Paidéia, especialmente em sua forma platônica<sup>122</sup>.

Os capadóciolos, por causa do modo grego de pensarem, inauguraram a crença de que a força do cristianismo repousava no dogma, desta forma, os cristãos gregos (helenizados) se voltaram com dedicação ao intelectualismo filosófico.

Alguns representantes da Patrística que exerceram seus ministérios depois do Concílio de Niceia também foram afetados pelo dualismo. Jerônimo, o grande tradutor da Bíblia, começou sua carreira como um eremita no deserto da Síria, mas concluiu que suas tentações sexuais só poderiam ser vencidas dedicando seu tempo e sua mente à uma rígida disciplina intelectual<sup>123</sup>.

Jerônimo foi professor do bispo de Roma, Dâmaso e quando houve na capital hostilidades contra os monges, se refugiou num monastério em Belém. Jerônimo se posicionou contrário à ideia de imortalidade da alma, deixando claro que esta também havia sido criada, porém voltou-se a um dualismo ao afirmar que a alma criada era enviada a um corpo<sup>124</sup>.

---

<sup>121</sup> JAEGER, Werner. **Op cit.** Pg. 107

<sup>122</sup> Ibid, pg. 115

<sup>123</sup> SHELLEY, Bruce. **Op cit.** Pg. 135

<sup>124</sup> DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropología de la cristianidad.** Pg. 176

Santo Ambrósio de Milão foi um enfático defensor do monasticismo. Em sua obra podemos perceber sua inclinação ascética, por exemplo, quando escreveu um tratado sobre a castidade e virgindade de homens e de mulheres. A teologia de Ambrósio recebeu influência do pensamento de Orígenes e Plotino e, por isso teve tendências dualistas quando associou o homem a sua alma, dizendo que por causa dela o homem seria imagem de Deus. Para Ambrósio era a alma que fazia do ser humano parte da humanidade assim como o seu corpo era substância terrena<sup>125</sup>.

Outro Pai pós-niceno importante foi João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla. Conhecido por sua grande habilidade retórica, João tornou-se monge assim que se converteu ao cristianismo e, quando sua mãe morreu adotou o ascetismo como forma de vida. João praticou o ascetismo de tal modo que sofreu debilidades em sua saúde.

Eusébio de Cesaréia, grande historiador do cristianismo antigo, também teve uma certa influência do dualismo em sua trajetória. Por causa das perseguições teve de fugir de Cesaréia para Tiro e depois para o deserto do Egito onde viveu por um tempo. No deserto foi preso e só conseguiu voltar a sua terra com o Edito de Milão em 313, de volta a Cesaréia foi eleito bispo da cidade mesmo contra a sua vontade. Em sua obra Eusébio via com bons olhos a relação entre a filosofia platônica e a teologia cristã, dizia que assim como Deus deu a Lei para os judeus, deu a filosofia para conduzir os pagãos a Cristo.

Até mesmo Santo Agostinho, o maior nome da teologia antiga não ficou imune às influências do dualismo. Agostinho manteve contato com o dualismo durante muitos anos de sua vida, primeiro nos onze anos em que foi maniqueísta e se familiarizou com o dualismo entre o bem e o mal, entre o Reino da Luz e o Reino das Trevas, depois com o Neoplatonismo, que o aproximou do dualismo antropológico.

Agostinho nasceu na cidade de Tasgate no Norte da África e foi filho de um pai pagão e de uma mãe chamada Mônica que era uma cristã devota e exerceu muita influência na conversão de seu filho. Aos 17 anos de idade, Agostinho se mudou para Cartago onde começou seus estudos em retórica, se envolveu com uma concubina com quem teve um filho e, nesta época, aderiu ao maniqueísmo.

---

<sup>125</sup> Ibidem

Depois de um tempo, Agostinho se decepcionou com o maniqueísmo por não encontrar respostas que buscava para sua caminhada, decidiu se mudar para Roma onde dedicou tempo de sua vida para estudar filósofos platônicos. De Roma, Agostinho mudou-se para Milão onde ouviu a pregação do Bispo Ambrósio e ficou profundamente tocado com sua capacidade retórica. Ambrósio exerceu grande influência na vida de Agostinho e anos mais tarde foi o responsável pelo seu batismo juntamente com o seu filho, Adeodato.

Um episódio que mexeu com Agostinho foi quando o autor platônico de sua predileção se converteu ao cristianismo e fez pública confissão de sua fé<sup>126</sup>. Este episódio representou um contato entre o platonismo e o cristianismo na jornada de Agostinho.

Depois de Milão, Agostinho retornou a Tagaste e numa visita à cidade de Hipona, acabou sendo ordenado sacerdote e em seguida bispo da cidade, cargo no qual permaneceu até o fim de sua vida. Assim como Platão, Agostinho acreditava que os sentidos não eram a fonte do verdadeiro conhecimento, para responder à origem do conhecimento sem afirmar a preexistência da alma, Agostinho afirmou o conceito de *Iluminação*. Agostinho entendeu que a iluminação se dava quando o Verbo de Deus atua na mente humana, colocando nela todo o conhecimento verdadeiro.

Agostinho abraçou o dualismo e fez de sua produção uma teologia platonizada por causa de dois elementos básicos: sua doutrina do pecado original e a demonstração da imortalidade<sup>127</sup>. Para o teólogo de Hipona, Deus só criou a alma do primeiro homem, Adão, do restante da humanidade Agostinho afirmou que se tivessem sido criadas por Deus deveriam nascer sem pecado algum<sup>128</sup>.

Agostinho definiu a alma como substância dotada de razão apta a reger um corpo físico, identificando a alma com o ser humano. O corpo seria apenas um instrumento para realizar tarefas materiais de maneira passiva<sup>129</sup>. Para Agostinho a alma era imortal relacionando-a, de acordo com o argumento platônico, com o mundo das ideias. Em sua teologia, o corpo é relacionado com o pecado, um retorno a concepção de desprezo pelo corpóreo, tão característico do dualismo. Agostinho

---

<sup>126</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Pg. 26

<sup>127</sup> DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropología de la cristianidad**. Pg. 179

<sup>128</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 334

<sup>129</sup> DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropología de la cristianidad**. Pg. 180

afirmou que o corpo, como criatura de Deus, não poderia ser mau, porém, como consequência do pecado, o corpo estaria em desarmonia com a alma e por isso, se inclinava para a perversão<sup>130</sup>.

Para Santo Agostinho o ser humano não era uma unidade harmônica, mas sim a somatória de duas partes: alma e corpo. Através de sua obra, o dualismo entre alma e corpo alojou-se definitivamente na teologia cristã, a alma foi vista com superioridade enquanto que o corpo foi entendido como um mero instrumento da alma<sup>131</sup>. A teologia de Agostinho e, o seu teor dualista, influenciaria o pensamento e a espiritualidade medievais nos séculos seguintes e, de certa forma, continuaria a exercer sua influência na história do cristianismo.

## 2.2 O Dualismo na Idade Medieval

O Dualismo, que começou no zoroastrismo, se desenvolveu no mundo ocidental através do pensamento platônico e penetrou no cristianismo ainda quando a teologia cristã estava em formação. Além disso, viu na filosofia um referencial teórico que lhe deu abertura ao mundo antigo.

Se o Dualismo se apresentou ao cristianismo na antiguidade de modo reflexivo e filosófico, na Idade Medieval se manifestou de modo mais prático, ligado à espiritualidade e à política.

O filósofo Bertrand Russell afirma em uma de suas obras que a Idade Média se caracterizou pela presença de várias formas de dualidades, que por vezes se tornaram dualismos, por exemplo: entre o clero e o laicato onde o primeiro tem superioridade em detrimento do segundo; entre o latim e o teutão ocasionado pelas invasões bárbaras do início da Idade Média; entre o Reino de Deus e os reinos deste mundo físico, sistematizado pela obra *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho.

Por vezes a relação entre papa e imperador foi marcada por um dualismo, pois frequentemente era uma relação conflituosa. Além do clássico dualismo entre o espírito e a carne, iniciado por Platão, enfatizado pelos neoplatônicos e que acabou se alastrando pela história do pensamento cristão<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 335

<sup>131</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 44

<sup>132</sup> RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. Livro 2. São Paulo: Nova Fronteira, 2006. Pg. 106

Ainda que de modo um tanto quanto diferente da Antiguidade, na Idade Média o Dualismo continuou presente no cristianismo percorrendo os seus séculos até chegar às portas da Idade Moderna.

### 2.2.1

#### O Dualismo na Alta Idade Média (Séculos V – XI)

Tradicionalmente, a Idade Medieval pode ser dividida em duas partes, a chamada Alta Idade Média que começa com o declínio do Império Romano Ocidental em meados do século V e vai até o enfraquecimento do Feudalismo, por volta do século XI.

Na Alta Idade Média o dualismo foi muito presente. A estruturação teológica e filosófica de Agostinho se prolongou até o século XIII quando São Tomás de Aquino reinterpretou a filosofia de Aristóteles procurando superar o dualismo platônico. Diante desse contexto intelectual e ainda mais com uma conjuntura política e social precária o dualismo na Alta Idade Média vai se aprofundar ainda mais que na Antiguidade.

O início da Alta Idade Média foi marcado pela queda do Império Romano. O Ocidente foi invadido e a, até então, principal cidade, Roma bastante destruída passando a conviver com a desordem e a miséria. O contexto era tão perturbador que muitos passaram a acreditar que o fim do mundo estava próximo.

Durante o período em que Roma esteve sob o reino ostrogodo um filósofo cristão se destacou por sua habilidade intelectual, Boécio foi um dos grandes pensadores cristãos da Idade Média e, como era de linha neoplatônica contribuiu para a permanência do dualismo na teologia cristã.

Boécio era de uma família abastada e pôde estudar nos principais centros do mundo de sua época, como em Atenas, por exemplo. Foi um grande conhecedor da filosofia clássica e, ganhou a admiração do próprio rei ostrogodo de Roma, Teodorico. A relação entre Teodorico e Boécio foi abalada por causa da disputa que havia entre os ostrogodos de teologia ariana e os ortodoxos bizantinos de fé nicena, linha com a qual Boécio se identificava. Boécio foi acusado de traição e sentenciado à morte pelo rei ostrogodo.

Enquanto passou seus últimos anos preso e sendo torturado, Boécio escreveu sua principal obra chamada *A Consolação da filosofia*, o autor procurava na

filosofia que conhecia, especialmente no neoplatonismo, conceitos que pudessem trazer a ele o consolo diante do sofrimento ao qual era submetido. Na obra, Boécio não faz menção do nome de Jesus, o que levantou certa suspeita sobre sua fé, porém, ao que parece, o filósofo encontrava na filosofia sentido para a vida e o consolo para as suas desventuras.

Desde o século IV o imperador passou a habitar a parte Oriental do Império. Constantino transferiu a capital do Império para a cidade de Bizâncio deixando um vácuo de autoridade na parte Ocidental, desta maneira, aos poucos o Bispo cristão de Roma foi assumindo um importante papel de liderança. Por exemplo, o Papa Leão I conseguiu persuadir o líder dos hunos, Átila a não passar pela cidade em 452 e, três anos depois negociou com o líder dos vândalos, Genserico que Roma, apesar de ser saqueada por duas semanas, fosse poupada do fogo e da pilhagem<sup>133</sup>.

A habilidade diplomática de Leão I trouxe um pouco de esperanças para aquela população, porém por mais prestígio que o bispo romano tivesse ele não possuía um exército e nem tampouco a mesma liderança política de um imperador, embora tivesse sua autoridade espiritual reconhecida pelo imperador Valentiniano III. Diante disso, o bispo de Roma percebeu como necessária a reedição de um Império central e universal, como o fora o Império Romano, que se aliasse à Igreja defendendo-a. O aliado em potencial foram os francos a partir da Dinastia Merovíngia que reunificou as tribos sob um único Reino, que teve em Clóvis seu maior líder e defensor da igreja a partir de sua conversão ao cristianismo em 496.

Nestas relações entre a Igreja e a Política surgiu um novo tipo de Dualismo, que permearia as relações institucionais da Idade Medieval e permaneceria presente no cristianismo até os dias hodiernos, o Dualismo Político. A Igreja buscou uma explicação para essa relação de poder com moldes dualistas.

Talvez o primeiro líder a fazer esta interpretação tenha sido o Papa Gelásio. Este líder que ocupou o trono de São Pedro durante quatro anos no final do século V, afirmou que Deus havia concedido dois poderes para governar o mundo: um espiritual, concedido aos bispos centrados na figura do papa, e o outro temporal, concedido ao rei<sup>134</sup>.

Gelásio havia dividido as esferas de poder de modo que um não deveria interferir no outro, porém em seu raciocínio, o poder sagrado exercido pelo papa

---

<sup>133</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 128

<sup>134</sup> MCBRIEN, Richard. **Os papas.** São Paulo: Loyola, 2013. Pg. 85

era superior ao poder do rei, pois o bispo deveria dar contas de todos diante de Deus, inclusive do representante do poder secular. Em princípio a divisão de poderes do papa era uma *dualidade*, esferas separadas de poder tendo em cada uma delas o seu próprio chefe. Mas, quando se afirmou que um poder era superior ao outro abriu-se caminho a uma relação que por vezes foi conflituosa e excludente entre papas e imperadores.

A afirmação de Gelásio ficou conhecida pela teoria dos *dois poderes*, e tal afirmação seria muito influente na Idade Medieval. As relações políticas entre o papa e o rei (futuramente imperador) nem sempre seriam amistosas, até o final da Alta Idade Média, esse relacionamento teve momentos muito tensos.

Na Alta Idade Média, com o fortalecimento da vida monástica e com a compreensão de uma espiritualidade contemplativa, o corpo vai ser cada vez mais desprezado por parte do discurso religioso. Além disso, por causa do contexto social de penúria, característico de quase toda a Idade Medieval, não apenas o corpo seria desprezado como também o mundo físico. Aos poucos a vida terrena seria rejeitada e vista apenas como um caminho de dor e sofrimentos para se chegar a verdadeira vida num mundo vindouro<sup>135</sup>.

Os religiosos medievais viviam seus dias na terra olhando para o céu, contando os dias para finalmente se libertarem desse lugar de lamúria e irem de encontro com o mundo de Deus, o mundo espiritual. Enquanto esse dia não chegava para eles, a prática da espiritualidade era cada vez mais intensa e cada vez mais ascética, pois quanto mais desprendidos deste mundo, mais contemplariam a vida do pós-morte.

Um dos principais papas da Alta Idade Média, Gregório I também recebeu grande influência do monasticismo em sua trajetória. Gregório pertencia a uma família abastada de Roma e foi um homem extremamente bem preparado tanto do ponto de vista religioso quanto em questões diplomáticas.

Gregório foi um praticante do ascetismo, se dedicava a prolongados jejuns e passava horas em oração todas as noites. Quando seu pai morreu, Gregório usou a fortuna herdada para construir sete mosteiros pela Itália, um dos quais, ele mesmo veio a ser abade. Depois de eleito papa, Gregório ampliou o alcance das vozes dos mosteiros na estrutura eclesiástica.

---

<sup>135</sup> DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo. A culpabilização no ocidente**. Bauru: EDUSC, 2003. Pg. 20

As relações políticas entre a igreja e o poder secular se estreitaram ao longo da Alta Idade Média e chegaram ao auge no final do século VIII com a ascensão de Carlos Magno ao trono dos francos. O seu pai, Pepino, o breve chegou a ser coroado como rei dos francos pelo Papa Zacarias em 751 e, desenvolveu uma política de mútuo favorecimento com a Igreja.

Quando Carlos Magno ascendeu ao trono, os limites de seu território começaram a se expandir chegando a maior proporção de terras na Europa desde a queda do Império Romano. Em seu reino, Carlos Magno promoveu uma profunda reforma educacional, elaborando o *trivium* que seria o estudo literário (gramática, retórica e lógica) e o *quadrivium* o estudo científico (aritmética, geometria, astronomia e música). A reforma educacional de Carlos Magno abriu caminho para o Escolasticismo e a Renascença, principais sistemas educacionais e culturais da Idade Medieval<sup>136</sup>. A terminologia que usamos hoje para escolas, surgiu na reforma educacional de Carlos Magno, *Scholé* era o lugar onde se aprendia.

O evento mais importante envolvendo Carlos Magno foi sua coroação como imperador dos romanos pelo Papa Leão III na noite de natal do ano 800. Este episódio marcou o auge das relações entre o papa e o rei dos francos, pois desde a queda do Império Romano não houve nenhum imperador no Ocidente, aqui temos início do chamado Santo Império Romano, uma reedição do antigo Império agora sob as bênçãos papais.

Carlos Magno aprofundou o dualismo político através da teoria dos *Dois braços de Deus*, entendendo que o braço direito fosse a Igreja, responsável por cuidar das almas dos seres humanos, assim como o Império era o braço esquerdo, responsável por cuidar dos corpos dos seres humanos. Para ele, Igreja e Estado possuíam esferas de atuação próprias e que um não deveria interferir na atuação do outro.

Carlos Magno tentou inverter as relações de poder em seu favor, fazendo um dualismo que pendesse para o poder secular, exigindo que os bispos que viviam em seus territórios lhe prestassem obediência.

O dualismo político presente na Alta Idade Média serviu para fortalecer as relações institucionais da igreja ocidental durante o período. Igreja e Estado procuravam se harmonizar numa relação de mútuo favorecimento. Assim como nos

---

<sup>136</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 151

dias de Constantino, essas relações com o poder estatal foram importantes para o fortalecimento político e econômico da Igreja, porém fez com que a mesma perdesse de sua liberdade e de sua espontaneidade religiosa. Por outro lado, no momento em que a Igreja se emaranhou nas redes do poder político com o Santo Império, o movimento monástico passou por um reavivamento na luta pela espiritualidade e pela reflexão teológica. O monasticismo representou uma opção de fuga daqueles que viam o mundo tão cheio de violências, misérias e tentações<sup>137</sup>.

O rejuvenescimento do monasticismo foi importante para o cristianismo medieval e trouxe um despertar espiritual para o contexto, porém também trouxe novo ímpeto para o ascetismo praticado pelos monges e, conseqüentemente para o dualismo.

Por volta do século X os mosteiros passaram por uma profunda reforma, quem encabeçou este processo foi o mosteiro de Cluny, situado na Borgonha, França. Nesta nova fase do monasticismo a administração saiu das mãos dos bispos e cada mosteiro passou a exercer autogoverno com uma liderança ligada ao próprio papa.

O mosteiro de Cluny foi o principal deste momento da história e serviu de inspiração para vários outros, inclusive indicando abades que assumiriam a liderança de vários mosteiros. O movimento cluniacense ajudou a fortalecer o latim como língua da Idade Medieval, reviveu os ideais de enclausuramento de Bento de Núrsia, ideais estes com nuances de dualismo entre igreja e mundo, onde a primeira era identificada com Deus e o bem e o segundo com o mal e as trevas. Mais uma vez os monges se isolavam da sociedade para viverem uma santidade de separação, santidade essa que contribuiu na visão de superioridade em relação ao mundo.

O mosteiro de Cluny se afastou dos ideais de trabalhos manuais elaborados por Bento de Núrsia, os monges cluniacenses chegaram a se dedicar quase que exclusivamente ao culto sob a justificativa de que a função deles era de orar e louvar a Deus e, para que pudessem fazer isso não podiam se sujar com os trabalhos do campo<sup>138</sup>. Esse foi um tipo de dualismo que ainda hoje é muito comum em algumas tradições, a distinção entre o trabalho e a espiritualidade, entre a oração/devção e ação/prática.

---

<sup>137</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo**, vol. 4. São Paulo: Vida Nova, 1995. Pg. 8

<sup>138</sup> Ibid, pg. 11

O movimento de Cluny desejava uma igreja livre da ingerência civil e, que valorizasse os votos de pobreza, obediência e principalmente, de celibato. Inclusive, ao longo da Alta Idade Média os padrões de santidade ascética já eram bem consolidados, foi nesta época, mais especificamente no início do século XI que o Papa Leão IX ampliou no Ocidente a institucionalização do celibato, para todos os clérigos não apenas para os monges<sup>139</sup>.

Neste período da história já se tinha consolidada a ideia de que a alma precisava de salvação e que o corpo estava irremediavelmente perdido. Os discursos soteriológicos vão se construindo sob a ótica de que a alma deveria ser salva do poder do pecado e, assim, o corpo foi mais uma vez desprezado. Com um discurso dualista de salvação da alma, com a imagem de um Deus intransigente e que exigia sacrifício e uma espiritualidade ascética, o corpo era entendido como um vilão que dificultava a verdadeira contemplação. Desta forma, o caminho da salvação começava a ser identificado como uma passagem estreita, de difícil acesso.

Depois de Cluny, o mosteiro de Citeaux foi o próximo responsável pelo avivamento do monasticismo na Alta Idade Média. Este mosteiro defendia uma liberdade maior que a praticada por Cluny e um retorno aos votos de pobreza dos ideais monásticos. Citeaux teve uma grande expansão quando ganhou a adesão de Bernardo de Claraval, que aderiu ao mosteiro com alguns parentes e amigos, aos quais já lhe acompanhavam desde a adolescência na prática do ascetismo na casa paterna<sup>140</sup>.

Bernardo de Claraval se tornou um grande líder do movimento monástico e da igreja medieval como um todo, seu principal ideal de espiritualidade era passar todo o seu tempo meditando sobre o amor de Deus, e como se manifestou em sua revelação na humanidade de Cristo. O impacto de Bernardo de Claraval foi grande em sua época e quando morreu, havia cerca de 160 mosteiros da ordem que ele estabeleceu. Foi canonizado em 1174 pelo papa Alexandre III e proclamado doutor da Igreja em 1839. Suas obras foram lidas e respeitadas posteriormente pelos próprios reformadores protestantes.

Aos poucos o dualismo entre a espiritualidade e a vida concreta foi se consolidando, o caminho entre o real e o espiritual foi se tornando cada vez mais irreconciliável.

---

<sup>139</sup> MCBRIEN, Richard. **Op cit.** Pg. 179

<sup>140</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 4.** Pg. 13

### 2.2.2

#### O Dualismo na Baixa Idade Média (Séculos XII – XVI)

Na segunda metade da Idade Medieval, a chamada Baixa Idade Média, que se estendeu entre o enfraquecimento do Feudalismo e a Reforma Protestante, o Dualismo permaneceu presente na prática e na teologia cristã.

No século XII surgiu na França o *Catarinismo*, um grupo considerado herético que reassumiu valores dualistas presentes entre os gnósticos e os maniqueístas. Defendiam a ideia de que o mundo material foi produzido pelo princípio do mal identificado com o Deus do Antigo Testamento, que submeteu às almas à criação do mundo material e foi opositor do Deus do mundo espiritual, identificado com o do Novo Testamento<sup>141</sup>.

Os cátaros desprezavam o mundo e tudo o que era considerado pertencente ao material, como o trabalho, o casamento, as relações sexuais. Este grupo confiava que no fato de se isolarem do mundo material filiando-se à comunidade dos cátaros e praticando um rigoroso ascetismo, encontrariam a salvação para as suas almas.

O catarinismo foi condenado pelo Concílio de Latrão IV em 1215, durante o pontificado de Inocêncio III, porém a tendência de se compreender o ascetismo como caminho para a salvação e conseqüentemente, a confiar na salvação pelas obras, não foi uma característica presente apenas nos cátaros, cada vez mais essa ideia se fazia presente no pensamento medieval.

Dentre os pensadores medievais boa parte deles veio de origem monástica, os grandes mosteiros da Idade Média foram responsáveis pelos teólogos e filósofos mais capazes do período e quiçá, da história. Como já falamos, o papel dos mosteiros para a história do cristianismo foi muito relevante, porém o ascetismo praticado por muitos era conseqüência de uma leitura dualista acerca da espiritualidade que muito influenciou a devoção cristã.

Um personagem importante dentre os pensadores medievais foi Pedro Abelardo. Nascido na França se tornou um grande filósofo e teólogo, tendo notável capacidade como professor. Abelardo envolveu-se numa séria polêmica em seu tempo, como filósofo deveria ser um celibatário e rompeu os votos que fizera ao se envolver amorosamente com Heloísa, de quem era tutor. Como conseqüência de seu envolvimento e como fruto da moralidade da época forjada pelo dualismo

---

<sup>141</sup> SESBOUE, Bernard. **O Homem e sua salvação**. São Paulo: Loyola, 2013. Pg. 66

existente no senso comum, Abelardo foi atacado por pessoas ligadas ao tio da jovem e foi castrado.

As soluções dadas para Abelardo e Heloísa foram de isolá-los do convívio um com o outro e da sociedade, Heloísa foi enviada a um convento tendo que se tornar freira e Abelardo se retirou para o claustro do mosteiro de São Dionísio<sup>142</sup>.

Um dos pensamentos de Abelardo identificava o Espírito Santo como a alma do mundo, afirmação que ele acredita ter encontrado nos textos de Platão, a quem acreditava ter sido revelado o conceito de trindade<sup>143</sup>.

Durante a Baixa Idade Média a escola dos franciscanos também foi um ramo notável do saber teológico e filosófico e, também teve suas influências dualistas. São Boaventura, que foi o principal nome da primeira geração de franciscanos e chegou a ser ministro geral da Ordem, nasceu na cidade de Bagnoregio, na Itália. Estudou na Universidade de Paris, onde mais tarde, recebeu o título de doutor e foi professor.

Boaventura assumiu a Ordem dos Franciscanos num momento de conflitos entre os que defendiam a extrema pobreza como evidência evangélica e os mais moderados. Sua filosofia seguiu o cunho platônico, que ficou claro em suas *Meditações*, quando dispõe o itinerário espiritual como uma hierarquia e de acordo com a contemplação, a alma transcende e se aproxima de Deus. Este itinerário recebe influência mística nas obras do Pseudo-Dionísio que representava a espiritualidade platônica<sup>144</sup>.

O pensamento de Boaventura seguiu a divisão platônica entre o mundo das ideias e o mundo das coisas. Para o filósofo franciscano, as ideias na mente de Deus representavam cópias das realidades presentes e, por isso, a contemplação de Deus nos direciona também à contemplação de suas criaturas. Este conhecimento não se alcança sem a atuação do Verbo divino que ilumina todo o ser humano<sup>145</sup>.

Boaventura afirmou que o corpo humano foi formado do lodo da terra de tal maneira que ficou subordinado à alma<sup>146</sup> e, que esta foi criada diretamente por Deus, sendo imortal, portanto, não morre junto com o corpo físico. A alma foi

<sup>142</sup> HRYNIEWICZ, Severo. **Op cit.** Pg. 340

<sup>143</sup> Ibid. Pg. 64

<sup>144</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé.** Pg. 114

<sup>145</sup> Ibid, pg. 115

<sup>146</sup> BOAVENTURA. **Obras escolhidas.** Porto Alegre: EST, 1983. Pg. 45

definida como uma forma existente, viva, inteligente e livre, criada por Deus possuindo em si mesma a imortalidade<sup>147</sup>.

Para Boaventura, a união entre a alma e o corpo era algo acidental já que cada uma dessas substâncias tem estruturação própria e autônoma, são heterogêneas e, portanto, imunes a uma união essencial e permanente<sup>148</sup>. Em Boaventura, o corpo aparece como um mero instrumento para a alma.

Boaventura assumiu uma posição que estaria presente no pensamento cristão até os dias atuais, a ideia de que a encarnação de Jesus teve como propósito principal a libertação do pecado humano<sup>149</sup>.

A concepção da encarnação como remédio contra o pecado revela um pensamento dualista que vê o corpo humano como algo ruim e como fonte de corrupção. É como se Jesus ao encarnar fosse um *bode expiatório* dos delitos humanos e reunisse em sua corporeidade toda a pecaminosidade e a vencesse na cruz. Neste caso a morte expiatória de Cristo passa a ser o sentido supremo de sua encarnação, sua morte passa a ter mais significado que a sua vida e o seu sacrifício mais importância que o seu amor.

Entre os séculos XII e XIII houve uma discussão na primeira geração escolástica acerca do ser do homem. Uma parte afirmou que o homem era formado por um corpo e uma alma, uma tentativa de percepção integral do humano representado por Anselmo de Laon e por seu discípulo, Guilherme de Champeaux. Para estes pensadores o ser humano só era constituído pela união entre os dois elementos, porém para afirmarem isso, eles partiram da possibilidade da não morte caso não tivesse acontecido o pecado. A ideia era que caso não pecasse, a alma e o corpo não se separariam e o homem entraria na vida eterna de modo completo<sup>150</sup>.

Mesmo diante dessa tentativa de explicação integral do homem, a afirmação se baseava na ideia de que o homem só era imagem de Deus por causa da alma e que ela deve governar o corpo. O corpo poderia ter entrado na eternidade caso não tivesse pecado. Mais uma vez a alma é vista como superior ao corpo e este último como o autor do pecado.

---

<sup>147</sup> SESBOUE, Bernard. **O Homem e sua salvação**. Pg. 115

<sup>148</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 45

<sup>149</sup> SESBOUE, Bernard. **O Homem e sua salvação**. Pg. 69

<sup>150</sup> *Ibid*, pg. 109

A outra corrente foi ainda mais além em suas tendências dualistas. Afirmaram que o ser humano morria em consequência do pecado e que somente a alma sobreviveria à morte. Dentre os pensadores deste ramo destaca-se Hugo de São Vitor. Este definiu o humano enfatizando muito mais a alma que o corpo, por vezes confundindo a alma com o próprio ser. Hugo acreditava que o humano foi feito à imagem e semelhança de Deus, porque a alma era essa imagem divina.

Para Hugo de São Vitor, a alma é espiritual e foi criada imortal desde o primeiro instante, já o corpo foi criado com as duas possibilidades, de mortalidade e imortalidade, dependendo do seu poder de pecar ou não<sup>151</sup>. Novamente o poder de optar pelo pecado é ligado ao corpo e não a alma ou ao ser como um todo.

Hugo de São Vitor afirmou o humano como a união entre corpo e alma, mas sempre deixou claro a distinção entre ambos e a superioridade da alma em relação ao corpo<sup>152</sup>. Afirmou que quando a alma era separada do corpo por ocasião da morte, esta continuava sendo a mesma pessoa de antes, ou seja, a alma é identificada com o próprio ser.

Outra opinião na Baixa Idade Média foi a de Pedro Lombardo. Para ele a condição de imagem de Deus estava reservada exclusivamente à alma. O homem é uma criatura racional formada pela alma racional e pelo corpo, se separada do corpo a alma seria de maior qualidade que unida a ele<sup>153</sup>.

Embora Pedro Lombardo não tenha afirmado a preexistência da alma, ele concordou com Agostinho que a alma do primeiro homem foi criada como os anjos, sem corporeidade. Não levou às últimas consequências a encarnação de Jesus ao afirmar que quando o Filho assumiu a alma racional humana ele não estava assumindo uma pessoa humana. Quando a alma está separada do corpo ela é então, uma pessoa como um anjo. A alma humana de Cristo não existiu sem estar unida ao seu corpo, mas também à sua divindade<sup>154</sup>.

O dualismo pensado por Lombardo nos fará perceber que não seria incomum ao longo da história da teologia cristã, encontrarmos um Dualismo Cristológico, ou seja, que fazia separação entre o Jesus divino e o Jesus humano, sempre em detrimento do segundo. Na história do cristianismo o Jesus divino sempre foi

---

<sup>151</sup> Ibid, pg. 111

<sup>152</sup> Ibid, pg. 112

<sup>153</sup> Ibid, pg. 113

<sup>154</sup> Ibid, pg. 114

afirmado, enquanto que o Jesus humano sempre foi minimizado ou reinterpretado para não parecer tão humano assim.

Ao avançar na história do dualismo na teologia cristã, não podemos deixar de lado o exemplo de Tomás de Aquino no século XIII, como uma das mais eficazes tentativas contra o dualismo antropológico, embora não tenha sido o primeiro a tentar superar a tendência. A reação tomista coincidiu com o redescobrimto da filosofia aristotélica pela qual a Europa da Baixa Idade Média passava. Este redescobrimto também foi facilitado por causa da influência dos pensadores árabes como Averróis, Avicena e Al Farabi que já se utilizavam do pensamento de Aristóteles em suas reflexões, embora lessem Aristóteles de modo dualista.

Tomás de Aquino fez uma releitura de Aristóteles, pois segundo a ênfase dada aos seus escritos pelos pensadores árabes, a leitura aristotélica reforçava o dualismo, vendo tanto a alma quanto o corpo como duas substâncias próprias<sup>155</sup>.

Tomás de Aquino tentou superar o dualismo antropológico platônico-agostiniano ao afirmar que, para ele, o corpo era a síntese de alma e corpo, ou seja, alma e corpo não eram duas substâncias distintas e conflitantes, mas constituíam um todo único<sup>156</sup>.

Aquino percebeu que algumas operações eram comuns ao corpo e a alma e, para ele, uma separação entre corpo e alma seria impossível filosoficamente e praticamente. Tomás afirmou que o corpo era condição para a existência da alma, o corpo não era uma prisão, como indicou Platão e, nem tampouco, um mero instrumento, como afirmou Agostinho, mas a união entre corpo e alma era a salvação da alma<sup>157</sup>. O corpo era fonte de bem, nele se concretizava a dimensão histórica e social do ser humano, o corpo é o local da comunidade e da abertura para o encontro.

Em Tomás de Aquino temos a afirmação que nem o corpo e nem a alma possuem por si só, autonomia de existência e que apenas por causa da união profunda, duradoura e substancial podemos falar em um ser humano<sup>158</sup>.

Apesar de todo o esforço de Tomás de Aquino, o dualismo não desapareceu da teologia e prática cristã após o século XIII. O pensamento dualista agostiniano

<sup>155</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 335

<sup>156</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 45

<sup>157</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 336

<sup>158</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 47

continuou com muita força fazendo com que o impacto do pensamento integrador de Aquino fosse diminuído.

O Dualismo medieval não foi forjado apenas através do pensamento filosófico de Agostinho ou de sua teologia, a espiritualidade ascética e a imagem de um Deus vingativo e irado foram determinantes para as práticas dualistas tão comuns no período. Diante do enriquecimento de uma minoria em detrimento de grande parte da população europeia, construiu-se um quadro socialmente caótico. Uma grande população à mercê das mazelas do continente e alijada de qualquer possibilidade de reação. As pestes, as guerras e a miséria crítica foram interpretadas como um castigo divino para os pecados europeus<sup>159</sup>.

Ao longo da Baixa Idade Média foi criado um ambiente de culpabilização que tornava o ser humano sempre culpado pelas mazelas as quais vivia. Esse discurso de culpa reforçou a autoridade clerical, pois o clero era visto como um grupo especial de intercessores entre Deus (que estava castigando) e o povo (que era castigado). Como Jean Delumeau diz em sua obra, a pastoral medieval gerou um clima de pessimismo na população e este pessimismo, por sua vez, fortalecia a pastoral, pois as pessoas se viam dependentes do clero que orariam para aplacar a ira de Deus<sup>160</sup>.

A antropologia dualista na Idade Medieval acompanhada do pessimismo em relação ao ser humano e a culpa que aquela população foi ensinada a sentir pelos pecados cometidos, fizeram com que uma espiritualidade ascética, alienante e desumanizada fosse buscada.

A partir do século XII foi amplamente aceita a ideia de que os homens tinham sido criados por Deus para substituir na terra os anjos que haviam caído em desgraça, desta forma o ideal dos homens passou a ser o exercício de uma espiritualidade que os levaria à semelhança dos anjos assexuados. A busca por uma vida que aproximasse os homens do céu os fez se afastarem da terra e, não apenas isso, mas a desprezarem.

Uma vez que a terra estava mergulhada no caos e não apontava para nada que fosse esperançoso, o desejo do cristão era desprezá-la o que reforçava a tese de que o mundo passou a ser visto como uma prisão que separava a alma do que era celestial. O mundo era apenas um deserto pelo qual a alma precisava passar para se

---

<sup>159</sup> DELUMEAU, Jean. **Op cit.** Pg. 10

<sup>160</sup> *Ibid*, pg. 14

purificar e se preparar para a vida vindoura. O mundo passou a ser identificado com o mal, com o desprezível, com a morada de Satanás e a única referência que se tinha nesta realidade que preparava para o céu era a igreja e o clero<sup>161</sup>.

Não apenas o mundo passou a ser desprezado como também o próprio ser humano foi desvalorizado. O pecado havia atingido todos os seres humanos e a única forma de que encontrassem salvação era o caminho da *vida angélica*, ou seja, o caminho que faria a alma se reabilitar.

A vida, durante a Baixa Idade Média, foi vista como triste e ruim, repleta de dor e de lágrimas que acompanha o ser humano desde o seu nascimento. O calor, o frio, a fome, a sede, as pestes não davam sossego nem mesmo aos nobres, a vida sofrida terminava envolta em mais sofrimento: a dor da morte. O relato do beneditino Roger de Caen expressa o modo como a Idade Medieval compreendeu a vida<sup>162</sup>.

O papa Inocêncio III chegou a afirmar que o homem era feito para trabalhar, para sentir dor e medo e depois para morrer. O monge Pedro Damiano e os praticantes do ascetismo da época viam como o único valor nessa vida a separação definitiva e total do mundo e de seus prazeres, para uma vida de reclusão e afastamento dos deleites mundanos. Dentre os prazeres mundanos, o sexo foi o mais atacado e considerado como aquilo que rebaixava o homem ao aspecto animal<sup>163</sup>.

O desprezo pelo mundo e a culpabilização pelos pecados ganharam ainda mais veemência em virtude da peste negra no século XIV que devastou ao menos um terço de toda a população europeia, mais de vinte e cinco milhões de pessoas em poucos anos, alguns historiadores chegam a propor um número de mais de setenta milhões de vítimas fatais.

Como aconteceu durante a Idade Medieval houve um dualismo prático, entre o bem e o mal, uma espécie de maniqueísmo, um dualismo entre o mundo e a igreja. Os causadores de todos os males que afetaram a Europa foram os demônios que atuaram graças ao poder que lhes fora concedido pelos pecados dos seres humanos. Esse discurso serviu para fortalecer o medo do sobrenatural e pelas consequências do pecado, além de enfatizar a culpa das pessoas diante das mazelas do mundo.

---

<sup>161</sup> Ibid, pgs. 21-24

<sup>162</sup> Ibid, pg. 29

<sup>163</sup> Ibid, pgs. 29-32

O discurso medieval baseado no medo dos demônios e do pecado fez com que a população visse na igreja o refúgio e o antídoto contra a atuação maligna e, a autoridade clerical chegou ao seu auge, uma vez que os mesmos eram vistos como intercessores diante de Deus pelo povo.

Ao longo dos séculos, a Idade Medieval nutriu repulsa pelo corpo e pelo mundo, evidenciou a culpa pelo pecado e o desejo de evasão do mundo dominado pela transgressão e pelas forças do mal<sup>164</sup>.

Foi muito característico da Idade Medieval a depreciação temporal e o dualismo entre a santidade, defendida e praticada pelos monges, e a vida profana, de quem não fazia parte dos mosteiros. O conceito de santidade como separação do mundo material se consolidou e aqueles que viviam fora desse conceito passaram a ser considerados seres de menor importância que só poderiam fugir dos pecados e do mal se obedecessem à hierarquia eclesiástica.

A espiritualidade do final da Baixa Idade Média foi entendida como uma reação do mundo, a verdadeira mística só seria possível de ser vivida numa radical recusa de tudo o que poderia pesar na alma, distanciando-a da salvação e aproximando-a do mundo.

Na Idade Média a valorização da alma em detrimento do corpo prosseguiu e o desprezo pelo mundo material e pela vida temporal foram marcas da espiritualidade<sup>165</sup>. O conceito de salvação da alma como forma de redenção e também, de libertação do corpo foram amplamente ensinados.

Podemos perceber que o dualismo nascido bem antes do cristianismo e que adentrou no pensamento cristão logo nos primeiros séculos, foi aos poucos se consolidando e se popularizando ao longo da Idade Antiga e da Idade Medieval, afetando não apenas o modo de pensar como também a espiritualidade cristã.

### **2.3 O Dualismo na Idade Moderna**

O Dualismo depois que entrou no pensamento cristão tem sido um verdadeiro desafio para a mensagem do Evangelho. Na verdade, nunca mais se pôde falar de uma teologia puramente cristã, sem a presença do Dualismo. Esta foi uma

---

<sup>164</sup> Ibid, pg. 34

<sup>165</sup> Ibid, pg. 51

característica presente na Idade Antiga, na Idade Medieval e também presente na Idade Moderna.

De tempos em tempos surge alguma tentativa de superação desse Dualismo, porém sua presença no pensamento ocidental de modo geral e, no cristianismo em particular, permanece sentida. Mesmo o Racionalismo moderno não o superou, pelo contrário, a filosofia cartesiana consolidou o Dualismo como forma de pensamento do mundo Ocidental.

Na Modernidade, o Dualismo continuaria sua jornada no cristianismo até chegar ao Puritanismo inglês dos séculos XVI e XVII, de lá migraria para a colônia inglesa na América do Norte, de onde se desenvolveu o movimento espiritual que conhecemos por Pentecostalismo, que mais tarde seria tão popular no Brasil.

### **2.3.1 O Dualismo e a Reforma**

O dualismo teve sua parcela de influência na vida e na carreira de alguns dos reformadores, ainda que tenha sido mais sutil que em outros movimentos do cristianismo. Os reformadores viveram a transição do século XV para o século XVI, ou seja, a transição entre a Idade Medieval para a Modernidade, por isso, alguns elementos medievais estiveram presentes em suas jornadas.

Martinho Lutero teve uma formação familiar bastante rígida e cresceu num ambiente em que se nutria o pavor em relação aos demônios e ao próprio Deus. Lutero se acostumou com uma imagem de Deus que lhe causava espanto, como certa vez chegou a afirmar que não conseguia sentir amor por Deus, mas, que o odiava.

Lutero decidiu se tornar monge agostiniano depois de uma promessa feita à Santa Ana, padroeira dos mineiros, quando foi salvo de uma forte tormenta. No monastério teve uma espiritualidade muito ascética. Lutero passou várias noites exposto ao frio rigoroso da Alemanha e se autoflagelava como forma de purificação de seus pecados, jejuava constantemente e dedicava horas à oração.

Lutero teve seu psicológico atormentado por nunca conseguir corresponder à santidade que acreditava se exigir de um cristão, com isso, além das autoflagelações cada vez mais frequentes, tinha verdadeiros embates contra os poderes das trevas.

Durante uma determinada fase de sua vida, Lutero nutriu a certeza de que o corpo e a carnalidade eram fontes de pecado e porta aberta para as tentações diabólicas.

Ao longo de sua vida e de suas reflexões Lutero foi mudando a forma de pensar a espiritualidade. Passou a desprezar o conceito de santidade vivida em mosteiros como forma de reclusão e começou a ensinar que a santidade se vivia na vida concreta. Lutero chegou a afirmar que a santidade se revelava num pai que lavava fraudas sujas de seus filhos, numa empregada que varria com zelo o assoalho, num cervejeiro que fazia uma boa cerveja<sup>166</sup>. Lutero mais tarde se casou com Catarina von Bora e parece que foi muito feliz em seu casamento que lhe rendeu seis filhos. O reformador chegou a dizer que o ideal de vida cristã é que a mesma fosse vivida num ambiente familiar com o cuidado mútuo.

Após o processo de Reforma Protestante, Lutero teve algumas definições que apontavam para a integralidade do ser e fugia de um dualismo, por exemplo, afirmou como sendo deveres cristãos amar a esposa, alimentar os filhos, cuidar da família, honrar aos pais e obedecer às autoridades, estes eram frutos produzidos pelo próprio Espírito Santo<sup>167</sup>.

Apesar de superações de alguns dualismos, Lutero não conseguiu superar outros, como por exemplo, entendia que o sexo era necessário para a procriação e além disso, não via maiores benefícios do ato, pelo contrário, o relacionava com a natureza pecaminosa do ser humano e dizia que resultava de uma necessidade universal e inelutável, tal como comer, beber ou dormir. Na concepção luterana, o sexo era pecado que Deus não imputava aos esposos por pura misericórdia Sua.

Lutero também apresentou em sua vida e obras uma tendência clara do final da Idade Medieval e que esteve muito presente nos reformadores: o desprezo pelo mundo e pelo humano. Como agostiniano, Lutero abraçou a ideia do pecado original e dizia que o homem já nascia corrompido pelo poder do pecado, com isso, a salvação se concentraria no consciente reconhecimento de que tudo em nós é mau, bem como o que está ao nosso redor<sup>168</sup>.

Jean Delumeau nos diz em sua obra que no pensamento da Reforma Protestante o desprezo pelo homem e pelo mundo alcançaram sua maior violência

---

<sup>166</sup> LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. Pg. 159

<sup>167</sup> DELUMEAU, Jean. **Op cit.** Pg. 51

<sup>168</sup> *Ibid*, pg. 55

na civilização ocidental<sup>169</sup>. Os reformadores se convenceram de que não havia nada de bom neste mundo e que o ser humano era totalmente corrompido pelo pecado e por isso, só seria salvo caso se desesperasse por completo de si mesmo para poder receber a graça de Cristo.

Esse desprezo esteve presente não apenas em Lutero, mas foi compartilhado por outros reformadores. Zwínglio afirmou que a vida cristã era como um navio jogado de um lado para o outro pela fúria de um bravo mar. Zwínglio foi o mais humanista e o mais filosófico dos reformadores, a influência platônica se fez sentir em sua obra, por exemplo, afirmou que filósofos como Sócrates e Platão foram cristãos antes de Cristo, pois conheceram a verdade e como não há verdade que não venha de Deus, logo receberam a iluminação do próprio Deus.

Martinho Bucer, reformador da cidade de Strasburg, disse que todo o bem feito pelo ser humano deveria ser avaliado como nada, pois o pecado residiria para sempre em nossa carne<sup>170</sup>.

Em João Calvino, principal sistematizador da Teologia Reformada, temos o auge do desprezo pelo homem de todos os pensadores da Reforma. A principal ênfase da teologia de Calvino foi a famigerada definição da *Totalidade da depravação humana*, uma afirmação clara de que o homem residia no pecado e que estaria totalmente corrompido e distante da graça de Deus.

Para Calvino o ser humano só podia chegar a Deus pela via do total desprezo de si mesmo. Para o reformador francês, ninguém poderia esperar nada deste mundo que não fosse lutas e batalhas. Devemos lembrar que antes de escrever as *Institutas da Religião Cristã*, sua principal obra, Calvino escreveu um tratado teológico sobre o estado das almas dos mortos antes da ressurreição.

O desprezo pelo mundo e pelo homem também esteve presente no reformador escocês John Knox, talvez em um sentido ainda mais ácido que nos demais. Knox foi um calvinista convicto e que, em algumas definições, ia além do próprio teólogo francês. Afirmou que o homem era incapaz de ver algo ainda que uma luz fosse colocada diante de seus olhos, para ele nem mesmo a fuga do mundo teria algum valor, pois acreditava que o mal estava presente dentro dos mosteiros da mesma forma que estava no mundo, tanto na vida ascética quanto na vida em sociedade.

---

<sup>169</sup> Ibidem

<sup>170</sup> Ibid, pg. 57

Além disso, Knox considerou a sexualidade como pecado não menos desprezível que o restante de nossas atividades<sup>171</sup>.

Se Lutero tinha dado passos consideráveis contra o dualismo sexista entre homem e mulher, lutando por educação a todos e todas e não tendo mais a antiga visão de que a mulher era a fonte do pecado e da corrupção, o reformador da Escócia, John Knox, fez duras críticas ao seu momento político. A época, Elizabeth governava a Inglaterra, Maria Stuart governava a Escócia e Catarina de Médici, a França. Knox classificou como demoníaco aquele período em que a Europa era governada por várias mulheres<sup>172</sup>. Mais tarde, quando Knox precisou do apoio de Elizabeth para proteger os protestantes da Escócia, teve de se retratar e pedir perdão pelas críticas feitas.

Ainda que Lutero, Calvino e os demais reformadores tenham apresentado resquícios do dualismo em suas crenças, foi o movimento anabatista, o mais radical da Reforma, o mais marcado pelo ascetismo dualista. De um modo em geral, os anabatistas nutriram uma hostilidade à sociedade onde estavam inseridos, considerando-a como perversa.

Os anabatistas se recusaram a fazer parte de qualquer igreja organizada e como também, eram hostis à sociedade, logo propuseram formar comunidades rurais constituídas de voluntários que se submetiam à uma rigorosa disciplina ascética.

O pessimismo social dos anabatistas fez com que o grupo adotasse um sectarismo ferrenho. Eles eram opositores dos católicos e também de todos os protestantes existentes em seu contexto. O anabatismo tinha como principal convicção a necessidade de uma decisão pessoal e consciente antes da opção pelo batismo e que ser cristão apenas por ter nascido em um país cristão era insuficiente. O movimento passou por um período de árduas perseguições, inclusive com a pena de morte, logo após se organizou num movimento revolucionário como defesa às torturas sofridas e ao final catastrófico daquela revolução, retornaram ao pacifismo original.

O movimento anabatista nutria a crença de que a Igreja deveria ser composta apenas pelos santos, gerando assim um dualismo entre igreja e sociedade, entre

---

<sup>171</sup> Ibid, pg. 61

<sup>172</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo**, vol. 6. São Paulo: Vida Nova, 1995. Pg. 140

santos e pecadores. Os líderes do movimento faziam uso da excomunhão para garantirem que na comunidade os pecadores não teriam vez<sup>173</sup>. Para que a comunidade fosse frequentada apenas pelos santos, regras austeras de ascetismo foram desenvolvidas e o movimento cada vez se aprofundava num sectarismo radical, que levou os anabatistas a se recusarem a prestar juramentos, exercerem empregos civis, servirem o exército e recorrerem aos tribunais.

Dentre os grupos de anabatistas foi estimulado a endogamia. Moças e rapazes deveriam casar entre os próprios membros da comunidade e era proibido que os crentes se casassem com não-crentes, desta forma foi cunhada a expressão *pessoas do mundo*, que posteriormente se tornaria muito popular para se referir aos considerados ímpios ou pecadores<sup>174</sup>.

Os anabatistas foram duramente perseguidos em determinados períodos da história, inclusive por líderes civis ligados à Reforma. Nos séculos XVI e XVII o movimento se expandiu e alguns nomes foram importantes para esse período como Menno Simons e George Fox.

Por fim, os anabatistas migraram para o leste da Europa e para a América do Norte e, posteriormente para a América do Sul. Desses grupos originais se desenvolveram outros segmentos como os Quakers, os Menonitas e os Amish, comunidades que ainda nos dias atuais vivem isoladas da sociedade.

### 2.3.2

#### O Dualismo e a colonização latino-americana

Entre o final do século XV e o início do século XVI o mundo passava por intensas transformações dentre elas a descoberta do continente americano pelos portugueses e espanhóis. O historiador cubano Justo Gonzalez afirma que a *descoberta* e conquista do Novo Mundo mudou para sempre o Velho Mundo<sup>175</sup>.

Quando os europeus chegaram ao continente recém-descoberto viram que havia uma civilização estruturada e complexa e logo desenvolveram o plano de dominação das culturas locais. O processo de colonização teve o aval da Igreja europeia, os marcos territoriais das novas conquistas foram definidos pela Bula *Inter Coetera* do Papa Alexandre VI em 1493, que marcou o chamado *Tratado de*

<sup>173</sup> DELUMEAU, Jean. **Op cit.** Pg. 64

<sup>174</sup> Ibid, pg. 66

<sup>175</sup> GONZALEZ, Justo. **Cristianismo na América Latina.** São Paulo: Vida Nova, 2010. Pg. 13

*Tordesilhas*. O texto da bula papal dava aos colonizadores a incumbência de levarem a fé cristã para as terras descobertas e dava aos mesmos, direitos baseados na autorização divina de submeterem as novas terras<sup>176</sup>. Os colonizadores não eram apenas soldados ou cavaleiros de um exército, mas homens religiosos que professavam a fé.

Para a colonização dos povos latino-americanos, uma antropologia dualista de base platônica foi usada como referencial teórico para a legitimação das ações produzidas na América Latina. Também basearam suas investidas no livro de Josué como na conquista de Canaã.

Para os colonizadores, que eram cristãos, não houve crise de consciência quando dominaram, torturaram e mataram os nativos, pois acreditavam que o corpo não era a pessoa em si mesma e, portanto, não havia problemas em matar o corpo se fosse para salvar a alma da idolatria e da perdição<sup>177</sup>. A destruição dos corpos se justificava, naquele contexto, se fosse em casos de conflitos contra os colonizadores, o que seria considerada uma espécie de *guerra santa*.

A chegada de espanhóis a América não foi apenas terrível para a cultura local, mas para suas civilizações. Os espanhóis, além de trazerem consigo uma nova religião, trouxeram uma nova cultura e doenças desconhecidas pelos habitantes locais. O resultado da chegada dos dominadores ao continente resultou na morte de civilizações inteiras em períodos razoavelmente curto de tempo<sup>178</sup>.

A forma de cristianismo trazida para a América era um catolicismo peculiar, forjado na Península Ibérica ao longo de muitos anos. Os espanhóis nutriam o mito da Reconquista, que nasceu desde a tentativa de invasão dos mouros no século VIII que resultou numa resistência e vitória bélica dos espanhóis. A partir daquela data, os espanhóis se convenceram de que Deus tinha dado à Espanha a missão de defender a fé católica contra todos os hereges do mundo<sup>179</sup>.

O processo de colonização da América Latina foi baseado numa visão eurocêntrica e, portanto, dualista, já que afirmavam a cultura europeia em detrimento de todas as outras culturas, como a indígena que era desprezada e demonizada.

---

<sup>176</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 57

<sup>177</sup> COMBLIN, José. **Antropologia cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985. Pg. 82

<sup>178</sup> GONZALEZ, Justo. **Cristianismo na América Latina**. Pg. 14

<sup>179</sup> *Ibid*, pg. 15

Para os colonizadores a *evangelização* não se resumia a fazer novos cristãos no continente, mas a transformá-los segundo os padrões culturais dos espanhóis. Esta prática não foi presente apenas na colonização europeia católica do século XVI, algum tempo depois os protestantes norte-americanos fizeram o mesmo em outros países a partir do conceito de *American way of life*.

Para os espanhóis e portugueses a dominação provocada contra as culturas indígenas latino-americanas eram vistas como uma afronta ao próprio inferno, uma vez que estava sendo combatida uma religião satânica que vivia práticas distantes do Evangelho e do cristianismo<sup>180</sup>. Houve um dualismo entre os considerados homens de Deus e os pagãos considerados perdidos e, ao mesmo tempo, que serviam aos ensinamentos religiosos, esses colonizadores também zelavam pelos interesses das coroas de Portugal e Espanha.

Como estava presente o dualismo na mentalidade religiosa europeia da época, os colonizadores estavam convictos de que o alvo supremo da vida era a salvação de almas e, por isso estavam propensos a se contentarem com a vinda deles para as igrejas e a aceitação aos sacramentos ainda que fosse de modo coercitivo, pois, se pensava que fora da Igreja Católica, considerada a época, a verdadeira igreja, não haveria salvação.

Para aquele europeu era preferível fazer com que o temporal se perdesse desde que o eterno fosse garantido. Aliás, a pregação em relação ao futuro serviu de justificativa para as ações do presente. Era dito aos nativos que eles receberiam na vida futura uma recompensa a ponto de superar em muito a perda da liberdade e da destruição de sua cultura no tempo presente<sup>181</sup>.

A mente cristã ocidental dualista logo gerou um desprezo pelo corpo e conseqüentemente pelas questões sexuais criando um moralismo exacerbado. Esse dualismo explica o escândalo dos colonizadores ao virem que os nativos viviam sem roupas. Logo os europeus condenaram esse modo de viver e impuseram vestimentas europeias aos índios, gerando traumas, insegurança e a culpa em relação a sexualidade do homem europeu<sup>182</sup>.

---

<sup>180</sup> WIRTH, Lauri Emilio. **Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais.** In FERREIRA, João Cesário. **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro.** São Paulo: Paulinas, 2009. Pg. 19

<sup>181</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 63

<sup>182</sup> AZZI, Riolando. **Método missionário e prática de conversão e colonização.** In: SUESS, Paulo (org). **Queimada e sementeira.** Petrópolis: Vozes, 1988. Pg. 101

A fé defendida pelos colonizadores revelou uma consequência do dualismo: a separação entre uma fé proclamada e várias ações práticas que não se harmonizavam com a proposta do Evangelho de Jesus de cuidado e respeito ao outro. No caso dos nativos latino-americanos restava acreditar em algum tipo de recompensa numa vida vindoura sem esperar da vida terrena nada além de escravidão e maus tratos: o dualismo escatológico<sup>183</sup>.

Evidentemente durante o período de colonização da América Latina encontramos alguns nomes de religiosos que tentaram superar o dualismo antropológico e foram contrários aos maus tratos impostos aos índios, dentre eles, o franciscano Antônio de Montesinos e o dominicano Bartolomeu de las Casas. Infelizmente os esforços desses homens não foram suficientes para evitar as destruições produzidas, dentre outras coisas, por uma mente dualista.

Os escravos negros trazidos da África também não tiveram tratamento digno quando chegaram ao Brasil, no caso. Os negros eram vistos como seres de baixo nível, quase como sub-humanos. Eram tratados como mercadorias, haja vista a forma como eram trazidos para cá, uma grande quantidade de escravos sequer conseguia chegar com vida à América. Vários diziam que os negros não possuíam almas, ou seja, lhes era negado o reconhecimento a humanidade e a dignidade.

### **2.3.3 O Dualismo moderno com Rene Descartes**

Se o Dualismo produzido pelo platonismo e neoplatonismo na antiguidade produziu muita influência sobre a teologia e a prática cristãs, no alvorecer da Idade Moderna o impacto da produção intelectual de Rene Descartes consolidou a presença dualista no pensamento cristão ocidental.

O francês Rene Descartes, que viveu na Europa no século XVII, foi um dos principais nomes da filosofia moderna ocidental e o principal responsável pelo apogeu da Modernidade. Descartes superou e aperfeiçoou as críticas produzidas pela Renascença e pelo Humanismo em relação à concepção medieval de ciência, lançando as bases do pensamento científico segundo os padrões da Modernidade<sup>184</sup>.

Descartes estudou com jesuítas, se formou em Direito, além de ter se dedicado ao estudo da matemática, da filosofia e da retórica. Se sentia vocacionado a buscar

<sup>183</sup> ROSA, Wanderley. **Op cit.** Pg. 72

<sup>184</sup> HRYNIEWICZ, Severo. **Op cit.** Pg. 357

a verdade e não se contentava com as informações de conhecimentos já existentes. Descartes se tornou o pai do racionalismo moderno por insistir que a razão era a principal guia na busca da verdade. Era a razão que fazia do ser humano verdadeiramente humano, que qualificava a sua existência. As discórdias existentes acerca da verdade seriam causadas pelo mau uso da razão.

O processo de Reformas Religiosas na Europa terminou, cem anos depois, com uma série de conflitos entre católicos e protestantes do norte do continente na chamada Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648). Descartes foi contemporâneo desses conflitos e por boa parte do tempo, conterrâneo da guerra, pois seus últimos anos se passaram na Suécia onde foi trabalhar como professor da rainha Cristina. O filósofo percebeu como poucos o perigo da intolerância religiosa e por isso, dirigiu muitas críticas a esse respeito.

Para Descartes, o causador dos conflitos foi o conceito divergente que católicos e protestantes tinham da autoridade final e, era justamente isso que os levava a intolerância. Para o filósofo a razão e, não a fé, deveria ser o parâmetro para se buscar a verdade, e esta tanto católicos quanto protestantes poderiam fazer uso e, todos desde que usassem o método correto poderiam chegar às mesmas conclusões, sem que para isso fossem necessários os conflitos.

Embora racionalista, Descartes não foi um cético, pelo contrário, em sua vida afirmou ter tido várias experiências religiosas e as preocupações teológicas ocupavam boa parte de sua busca e de suas reflexões. Cria que a ideia de Deus estaria instalada de modo inabalável no espírito humano e, se temos dentro de nós a concepção de um ser eterno, imutável, onisciente, onipotente, criador era um sinal claro de que esta concepção foi colocada em nós por um ser perfeito, já que a ideia do perfeito não poderia ser concebida por um ser imperfeito.

Em seu raciocínio, o fundador do racionalismo moderno ocidental formulou um Dualismo psicofísico ao se referir ao ser humano. Para Descartes, o ser humano era composto por *res extensa*, que diz respeito a tudo o que é extenso e divisível ao infinito, ou seja, o corpo. Por outro lado, a *res cogitans*, que é inextensa e totalmente indivisível, o espírito. O corpo é a substância extensa e a alma, a substância pensante<sup>185</sup>.

---

<sup>185</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 101

A realidade da coisa pensante é distinta da coisa extensa, por isso, se apresenta o dualismo entre essas duas realidades. No cartesianismo, o corpo e a alma são duas substâncias completamente independente uma da outra, portanto não pode haver uma união substancial entre as duas partes. Para Descartes o corpo do homem somente tem ações e reações semelhantes às de uma máquina, isso se aplica não apenas ao ser humano, mas a todos os corpos vivos, são máquinas muito bem projetadas por Deus e, para funcionarem não sofrem nenhuma intervenção da alma<sup>186</sup>. Por outro lado, na alma surgem e se desenvolvem as paixões, que Descartes enumera em: admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza<sup>187</sup>.

No dualismo cartesiano, o pensamento e a vida biológica são substâncias separadas que podem subsistir uma sem a outra. O dualismo cartesiano abriu caminho para o individualismo moderno com suas sequelas de dominação e opressão dos outros<sup>188</sup>. O conceito cartesiano além de isolar o homem da relação com a natureza, por exemplo, tende a dividir a existência entre a pura objetividade e a pura subjetividade, criando assim um divórcio entre a razão e a fé, a racionalidade e a emotividade, e assim por diante<sup>189</sup>.

### **2.3.4 O Puritanismo inglês chega à América**

Um dos ramos históricos da Reforma Protestante foi o Anglicanismo, uma vertente reformada surgida e desenvolvida na Inglaterra que começou no século XVI e levou algum tempo se desenvolvendo até de fato se consolidar. Os acontecimentos religiosos da Inglaterra nos séculos XVI e XVII interessa em especial para esta pesquisa por dois motivos: primeiro porque o dualismo esteve presente nos seus desdobramentos e com entornos específicos, segundo porque um dos segmentos da religiosidade inglesa chegaria à América do Norte sendo um dos principais componentes que deram origem ao Pentecostalismo.

A Reforma inglesa começou no século XVI durante o reinado de Henrique VIII. O rei da Inglaterra era um homem muito preparado, tendo capacidade inclusive em assuntos teológicos, porém, seu inquietamento reformista não esteve

---

<sup>186</sup> DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropología de la cristianidad**. Pg. 226

<sup>187</sup> DESCARTES, Rene. **As paixões da alma**. São Paulo: Lafonte, 2012. Pg. 65

<sup>188</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 101

<sup>189</sup> Ibid, pg. 102

diretamente ligado com reflexões ou preocupações religiosas, mas com seu intento pessoal na anulação de seu casamento com Catarina de Aragão.

Anos antes, quando Lutero levava adiante sua tarefa reformadora, Henrique VIII escreveu um documento onde atacava os argumentos luteranos e defendia os sacramentos do catolicismo. Sua defesa foi tão notória que o Papa Leão X lhe conferiu o título de *defensor da fé católica*<sup>190</sup>. Henrique era católico de coração e de convicções, porém quando chegou à conclusão de que não conseguiria a anulação de seu casamento junto a igreja percebeu que a única maneira de conseguir o que queria era romper com a obediência devida a Roma e se autodeclarar o *Cabeça da igreja da Inglaterra*.

A situação matrimonial de Henrique era complexa, sua esposa era mais velha e viúva de seu irmão Artur, que morreu prematuramente. O pai de Henrique VIII ofereceu a mão de seu filho mais novo para não pôr em risco a aliança política entre Inglaterra e Espanha, porém para que o casamento acontecesse foi necessária uma permissão especial do papa uma vez que a Lei Canônica vigente até então proibia que um homem se casasse com a viúva de seu irmão<sup>191</sup>. No decorrer dos anos e diante da impossibilidade de ter filhos homens, como era o desejo de Henrique VIII, o rei teve a compreensão de que a causa de sua infelicidade era a desobediência a uma ordem da Igreja e, por isso pediu, não o divórcio, mas a anulação de um casamento que era, em sua convicção, ilegal.

Como Catarina era tia do poderoso imperador Carlos V, o papa não consentiu em anular o matrimônio que poderia causar vergonha e humilhação para uma nobre tão distinta. Diante da rejeição de seu pedido, Henrique tentou resolver o seu problema unilateralmente com o *Ato de Supremacia* de 1534<sup>192</sup>.

O gesto de Henrique VIII não pode ser classificado como uma Reforma religiosa, pois na verdade seu intento representou simplesmente um ato político motivado por questões pessoais. A igreja inglesa, da qual o rei passou a ser o cabeça, era tão somente uma igreja católica que não estava mais ligada ao papa.

O sucessor de Henrique VIII foi seu filho o rei Eduardo VI, este era um jovem notável e protestante de fato. Eduardo, sob a orientação do arcebispo Thomás Cranmer, empreendeu uma reforma religiosa na igreja da Inglaterra elaborando

---

<sup>190</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 6.** Pg. 125

<sup>191</sup> LINDBERG, Carter. **Op cit.** Pg. 377

<sup>192</sup> Ibid, pg. 379

inclusive o *Livro Comum de Orações*. Porém, a Reforma pretendida por Eduardo VI foi prematuramente interrompida em virtude de sua morte com menos de dezessete anos de idade.

Depois da morte do único filho homem de Henrique VIII, a Reforma inglesa foi freada com a ascensão de Maria Tudor ao trono. Maria era filha de Henrique com Catarina e via no distanciamento da Igreja Católica a causa da desgraça de sua mãe<sup>193</sup>. A rainha era católica e em seu reinado promoveu uma aproximação com a igreja e perseguição aos protestantes do país.

O processo religioso inglês teve nova virada de curso quando Elizabeth, filha de Henrique com Ana Bolena, ascendeu ao trono em 1558. Elizabeth era protestante e em seu longo reinado de mais de meio século, a Reforma foi definitivamente estabelecida no país.

Ao assumir a coroa aos vinte e cinco anos, Elizabeth encontrou uma situação muito complicada e, do ponto de vista religioso, um país dividido entre protestantes e católicos. Mesmo sendo protestante, Elizabeth não quis entrar em conflitos diretos com as forças católicas do país, em 1559 o parlamento a reconheceu como o único governo supremo do reino tanto em questões espirituais, quanto políticas<sup>194</sup>.

O ato de Uniformidade de Elizabeth restabeleceu o uso do Livro Comum de Orações na igreja da Inglaterra e, previu multa para quem faltasse a igreja. Além disso, foram aprovados os *32 Artigos* pelo parlamento no ano de 1563 como credo da Igreja Anglicana. Os passos dados por Elizabeth não foram bem aceitos pelo Papa Pio V que a excomungou, a rainha reagiu tornando a relação com os católicos hostil e depois de sua vitória sobre a Armada Espanhola, do rei católico Filipe, os caminhos da Igreja de Roma e da Inglaterra se tornaram irreconciliáveis de modo definitivo.

Assim que Elizabeth superou as forças papais que assediaram seu governo, precisou lidar com outro desafio, desta vez que crescia internamente, os puritanos. Este grupo que recebeu tal alcunha, por causa do desejo de purificar a igreja inglesa do que foi considerado como manifestações do *papismo*, tinha dentre outros intuítos, o desejo de que a igreja inglesa deixasse de ser episcopal, que segundo o grupo era um resquício do catolicismo romano.

---

<sup>193</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 6**. Pg. 130

<sup>194</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 271

Os puritanos eram de tendência calvinista, inclusive usavam uma versão da Bíblia desenvolvida em Genebra, palco da Reforma Calvinista. Eram contrários ao uso de vestes sacerdotais por parte do clero e da permanência de elementos litúrgicos nas celebrações por considerarem católicos demais. Se opunham a guarda de dias santificados, à absolvição clerical, ao sinal da cruz, a presença de padrinhos no batismo. Em síntese, os puritanos queriam uma igreja completamente diferente do catolicismo romano, por isso enfrentaram a oposição da rainha por adotar uma política religiosa mais branda e porque esses elementos preteridos pelos puritanos faziam parte da liturgia e prática anglicana.

Os puritanos não confiavam na religiosidade tradicional e alimentavam a convicção de que era necessário aos cristãos uma profunda experiência de conversão, aos poucos foi se desenvolvendo no grupo o sentimento de que eram chamados de modo especial por Deus para ser o *Novo Israel* na terra<sup>195</sup>.

O dualismo entre os santos e os demais seres humanos aos poucos foi se consolidando no pensamento puritano. O puritanismo defendia a interpretação estrita da Bíblia como regra de fé e prática, inclusive para questões políticas, já que o sonho do movimento era uma nação governada pelos princípios bíblicos conforme as suas interpretações.

O puritanismo teve com grande estima um livro que contava a história de mártires do protestantismo durante o reinado da católica Maria Tudor. O movimento também assumiu as características de um dualismo sectário entre os santos e a sociedade considerada por ele como corrupta e pecaminosa. Para os puritanos a única maneira de se mudar a sociedade era através de um governo santo respaldado pelos princípios bíblicos.

Algumas características muito presentes nos puritanos foram a insistência por uma vida sóbria, segundo os mandamentos bíblicos, desta forma criticaram abertamente a embriaguez de ministros religiosos, condenavam o luxo e qualquer forma de ostentação e eram ferrenhos defensores da guarda do domingo como o Dia do Senhor. Os puritanos se envolveram num dualismo cultural onde se afastaram cada vez mais dos elementos artísticos, por exemplo: a crítica que faziam

---

<sup>195</sup> SHELLEY, Bruce. **Op cit.** Pg. 326

com peças teatrais por considerarem que havia conteúdo de duplo sentido, os ataques feitos às práticas desportivas realizadas no domingo, o Dia do Senhor<sup>196</sup>.

O grupo dos puritanos se dividiu em duas ramificações principais, onde uma sonhava com uma igreja independente, que fosse gerida pelo modelo Presbiteriano como o modelo criado pelo próprio Calvino em Genebra, este grupo foi liderado por Thomas Cartwright. O segundo grupo, liderado por Henry Jacob, tinha um ideal de igrejas locais independentes, que seria um modelo Congregacional, como o escocês.

Ambos os grupos queriam uma separação clara entre Igreja e Estado e, ambos contaram com a oposição firme da coroa que não cogitava a possibilidade de uma Igreja que não fosse episcopal. Os reis entendiam que o regime episcopal seria o que melhor manteria a liderança da coroa no sentido eclesiástico.

Quando a rainha Elizabeth morreu sem deixar herdeiros, um período de incertezas tomou conta da Inglaterra, até que James VI da Escócia, parente distante de Elizabeth, unificou os dois reinos assumindo como James I da Inglaterra em 1603. Os puritanos tiveram alguma esperança de que mudanças fossem acontecer, porque James era calvinista (embora filho da católica Maria Stuart) e o presbiterianismo era forte na Escócia, porém, os sonhos puritanos não se realizaram, isso porque o ideal de James I era de uma monarquia absoluta como a da França e com isso, cria que o episcopado fosse o regime mais adequado.

Logo nos primeiros anos de reinado de James I, os puritanos entregaram a ele uma série de petições por mudanças litúrgicas e administrativas, assinadas por cerca de mil ministros. James não levou a sério os pedidos e diante da insistência dos puritanos chegou a dizer que o presbiterianismo se parecia tanto com a monarquia quanto o diabo se parecia com Deus<sup>197</sup>.

James I adotou uma postura de intolerância em relação aos puritanos, porém permitiu uma nova tradução da Bíblia que ficou pronta em 1611 sendo conhecida como a versão *King James*, além disso, o rei deixou claro que não cederia em seus ideais monárquicos.

Os puritanos cresciam em número e em influência no país, sua participação no parlamento era cada vez maior e para piorar o relacionamento, o rei James

---

<sup>196</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo**, vol. 8. São Paulo: Vida Nova, 1995. Pg. 53

<sup>197</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 277

ignorou o máximo que pôde o legislativo inglês. Muitos na Inglaterra se dividiram entre a monarquia, em geral defensores do anglicanismo episcopal tradicional e entre o parlamentarismo, que mais agradava os puritanos congregacionais ou presbiterianos. Durante o reinado de James I a hostilidade entre a igreja oficial da Inglaterra e o Puritanismo foi aumentando cada vez mais.

James I foi substituído pelo filho Charles I, que deu continuidade à política de seu pai em relação ao parlamento e a insistência em se manter uma igreja que fosse episcopal. Charles I nomeou como arcebispo de Cantuária, cargo máximo da Igreja Anglicana, William Laud, ferrenho defensor da monarquia e intolerante em relação às reivindicações puritanas, chegando inclusive a perseguir religiosos daquela linha.

Os puritanos acusaram Charles I de retroceder à idolatria do passado por permitir que sua esposa, a católica francesa Henriqueta Maria pudesse praticar sua religião livremente, a concessão se estendia a todos os católicos do séquito da rainha e indiretamente os católicos da Inglaterra receberam um tratamento mais ameno que em outros momentos<sup>198</sup>. O sentimento anticatólico por parte dos puritanos era evidente, o grupo acreditava que Charles I havia se enveredado pelo caminho da apostasia.

O rei Charles I teve uma política em relação ao parlamento tão áspera que eclodiu numa guerra civil que durou seis anos e terminou com sua prisão e execução em 1649. Enquanto isso, o parlamento, com forte presença de puritanos, assumiu as rédeas do país e suspendeu o episcopado em 1643 convocando a Assembleia de Westminster que iria dar assessoria administrativa e teológica, esta assembleia era composta por mais de cento e cinquenta puritanos e gerou a famigerada Confissão de Fé de Westminster de cunho calvinista adotada por escoceses e ingleses<sup>199</sup>.

Os puritanos chegaram a assumir o controle do país durante a Guerra Civil e o isolamento de Charles I. O principal líder do movimento foi Oliver Cromwell, líder político e militar que se harmonizava com os puritanos independentes e mais moderados. Sob sua liderança algumas penas contra os católicos ingleses foram aprovadas e ele teve participação direta na execução do rei Charles I. No fim da Guerra Civil e sob a liderança de Cromwell, os puritanos prevaleceram sobre os

---

<sup>198</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol 8.** Pg.57

<sup>199</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 278

partidários do episcopado e deram início a uma série de reformas religiosas e culturais, muitos entenderam que o momento era de uma ditadura puritana<sup>200</sup>.

No momento de complexidade política os planos puritanos de controlar o país e a igreja se frustraram, pois, o grupo não conseguiu manter a coesão. O parlamento era de maioria presbiteriana e não deram o devido valor para o exército, de maioria congregacional, sem falar que a execução de Charles I pareceu ao povo uma atitude extrema e logo o monarca foi transformado num mártir e a tradição monarquista inglesa falou mais alto<sup>201</sup>. Depois de um governo de protetorado que expulsou presbiterianos do país, os próprios ingleses se cansaram da rigidez proposta pelos puritanos e reconduziram a Inglaterra novamente à monarquia sob a liderança de Charles II. A entronização de um novo monarca resultou em perseguição religiosa contra os puritanos<sup>202</sup>.

Como as reivindicações puritanas não foram aceitas pela coroa inglesa e com os problemas políticos que o grupo esteve envolvido, os puritanos foram alvo de várias perseguições e hostilidades pelo governo inglês. Além disso, muitos puritanos perceberam que não teriam liberdade religiosa na Inglaterra e lá não poderiam levar adiante seus intentos. Como resultado de tudo isso, houve muitas imigrações de puritanos que desistiram da vida na Inglaterra.

Durante o século XVII dois puritanos se tornaram notáveis, John Milton, funcionário público durante o período de Oliver Cromwell. Milton foi considerado um dos mais importantes poetas da Inglaterra, sendo o mais famoso o poema *Paraíso Perdido*, de 1667 que contava como satanás influenciou Adão e Eva que por conta do pecado foram expulsos do paraíso. O poema *Paraíso Perdido* e outras obras de sua autoria revelam a visão puritana do mundo e da história, com teor ascético e tendências dualistas.

John Milton era um militante republicano e crítico do regime episcopal, além disso, defendia abertamente a deposição de um rei tirano, período em que viveu na oposição dos puritanos ao rei Charles I. Todos esses elementos políticos e sociais representavam o espírito do puritanismo inglês da época de Milton. Posteriormente quando a monarquia foi restabelecida na Inglaterra sob Charles II, Milton foi

---

<sup>200</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol 8.** Pg.70

<sup>201</sup> SHELLEY, Bruce. **Op cit.** Pg. 333

<sup>202</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 279

multado e encarcerado por um tempo, depois teve problemas de saúde e se retirou para uma cidade menor onde continuou sua produção literária.

O outro célebre nome do puritanismo foi John Bunyan, escritor e pregador muito conhecido pelos protestantes brasileiros ainda hoje. Bunyan era de uma família pobre e mais tarde se tornou pastor. Em sua vida se manifestou sentimentos desenvolvidos ao longo de sua rígida criação, que o fez sentir grande culpa pelos pecados juvenis, como por exemplo, as brincadeiras com os sinos da igreja<sup>203</sup>.

Bunyan teve pouco estudo formal, mas aprendeu a ler a escrever por sua proximidade com a Bíblia e com o Livro dos Mártires, tão estimado pelos puritanos ingleses. Bunyan era de linha calvinista, participou da guerra civil inglesa durante o período de Charles I e ficou cerca de doze anos preso por pregar o separatismo entre a Igreja e o Estado. Foi autor de inúmeros textos nos quais ficava claro o seu dualismo que se manifestava com o sentimento anticatólico, sua compreensão de que este mundo é apenas um lugar de guerras espirituais e peregrinação até o que realmente importava para o ser humano, a salvação da alma.

O texto mais famoso de John Bunyan foi *O peregrino*, um best-seller com forte teor moralista e dualista que narra as peregrinações terrenas do cristão numa vida de apuros e provações constantes, as quais deve suportar renunciando as tentações e ofertas mundanas para se aproximar de Deus e da salvação que só poderiam ser alcançados por meio do esforço e renúncias constantes.

No *Peregrino*, o personagem principal é o *Cristão*, que precisava renunciar a tudo e deixar para trás aquilo que mais amava nesta vida como a família por exemplo, porque não entendiam a peregrinação que o cristão deveria fazer e o assediavam a voltar e deixar de seguir o caminho da salvação<sup>204</sup>.

O mundo para o cristão não representava nada de bom e saudável, pelo contrário, era visto apenas como uma passagem que deveria ser suportada a fim de conquistar a salvação da alma, esta concepção mostra o desprezo pelo mundo que a cada momento se tornava mais comum no puritanismo e nos movimentos por ele influenciados.

Enquanto peregrino neste mundo, o Cristão sofria muito tendo poucos momentos de alívio que eram sempre proporcionados pela intervenção milagrosa de Deus. O Cristão carregava um fardo que o incomodava, mas que não podia ficar

---

<sup>203</sup> GONZALEZ, Justo. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Pg. 136

<sup>204</sup> BUNYAN, John. **O Peregrino**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. Pg. 29

livre dele a não ser que fosse liberto pela cruz de Cristo<sup>205</sup>. O Cristão ao longo do seu percurso se deparou com muitos desafios como a porta estreita, o desfiladeiro da dificuldade, o vale da humilhação, o vale da sombra da morte. Sem contar os vários personagens que tentavam desviá-lo de seu caminho como o Obstinado e o Volúvel, os Falsos Mestres, o Adulador, o Ateu. O sofrimento de Cristão só é recompensado quando cruza o rio da morte e finalmente alcançava a cidade celestial<sup>206</sup>.

O livro *O Peregrino* é um dos textos mais lidos do cristianismo, já foi traduzido para vários idiomas e já virou filme. John Bunyan morreu aos 60 anos de idade em 1688.

A relação entre os puritanos e a monarquia inglesa foi sempre tensa, no reinado de Charles I como consequência da política intolerante do arcebispo William Laud, mais de dezesseis mil puritanos já haviam cruzado o oceano em direção a América. A cada ano o número de pessoas que deixavam a Inglaterra e partiam em busca de liberdade religiosa na América aumentava. O episódio mais emblemático desta saga talvez tenha sido, o de 1620 quando cerca de cem puritanos saíram da Inglaterra a bordo do navio *Mayflower*.

## 2.4

### O Histórico do Pentecostalismo

O grupo de puritanos que partiu da Inglaterra em 1620 foi especialmente motivado por questões religiosas, uma vez que haviam percebido que no país não conseguiriam implementar seus ideais de uma religião moralista e não episcopal. A percepção dos Puritanos ingleses fez com que eles optassem por uma vida na colônia, ainda marcada pela liberdade religiosa, liberdade essa que aos poucos vai se perdendo justamente com a chegada desses grupos à América.

A saída desses religiosos da Inglaterra não foi vista como uma fuga, mas como a obediência a um chamado do próprio Deus, para fazer a Sua vontade do outro lado do Oceano Atlântico. Os Puritanos já saíram da Inglaterra convictos de que eram separados por Deus para fazerem da colônia uma nação cristã e assim espalhar a sua luz para toda a humanidade. O conceito de escolha permearia não apenas a questão religiosa como também as questões políticas.

---

<sup>205</sup> Ibid, pg. 48

<sup>206</sup> Ibid, pg. 223

O processo de colonização da América do Norte e, sobretudo, de evangelização dessas terras é importantíssimo para o cenário religioso brasileiro, principalmente em sua leitura pentecostal, pois foi por causa desse processo que o movimento chegou até o Brasil no início do século XX.

#### 2.4.1

#### **A Chegada do Mayflower à América e a evangelização das treze colônias**

O desembarque dos colonizadores a bordo do navio Myflower não foi a primeira tentativa de puritanos ingleses na América do Norte, nem tampouco a primeira expressão da colonização inglesa na região. Se o período auge da colonização de portugueses e espanhóis, pioneiros na expansão ultramarina, foi o século XVI, o período entre os séculos XVII e XIX representou o auge da expansão colonialista inglesa.

Hoje já se sabe que os colonizadores ingleses não foram mais respeitosos que os espanhóis e, nem menos exploradores que os vizinhos europeus. Nas colônias inglesas na América o processo também foi marcado por motivos econômicos e pelo relacionamento interesseiro com os índios. No caso dos ingleses, a relação com os índios foi ainda mais violenta pelo interesse territorial que os colonizadores tiveram sem terem a mesma necessidade de sua mão-de-obra como tiveram os espanhóis e por isso, hesitaram em exterminá-los<sup>207</sup>.

Se na América espanhola e portuguesa, os colonizadores chegaram com a incumbência papal de catequizar as novas terras, na América inglesa muitos dos colonizadores foram incentivados por motivos religiosos, no caso dos puritanos, em busca de uma liberdade que não encontravam na Inglaterra, uma vez que a coroa do país defendia o ideal de uma Igreja Uniforme liderada pelo sistema episcopal tendo o próprio Rei como Cabeça.

É contraditório o fato dos puritanos terem ido para a América do Norte em busca de liberdade religiosa não ter feito com que nessas colônias houvesse liberdade religiosa plena, salvo algumas exceções. Em cidades lideradas pelos puritanos o sistema político-religioso com uma interpretação moralista e rígida da

---

<sup>207</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 8.** Pg. 188

Bíblia foi uma espécie de Constituição que inclusive, punia os transgressores dos códigos éticos<sup>208</sup>.

Geralmente os puritanos foram intolerantes e ferrenhos defensores da moralidade. Por exemplo na colônia de Virgínia, os puritanos queriam a observância de Leis divinas, morais e marciais, que previa assistência duas vezes por dia ao culto, observância estrita do Dia do Senhor e penas para quem usasse linguagem profana ou trajasse roupas consideradas indecentes<sup>209</sup>. O ideal desses puritanos era de desenvolver uma sociedade exemplar e santa e, portanto, separada do mundo considerado mal.

Se havia características em comum entre os colonos ingleses, espanhóis e portugueses era a presença do Dualismo em suas formas de pensar. Se os responsáveis pela colonização da América do Sul viam índios e negros como seres inferiores, os colonos do Norte queriam impor sua compreensão de santidade como padrão a ser aceito e seguido. Esse Dualismo moral desde o início tem sido característica do puritanismo inglês e, inclusive, os acompanhou no empreendimento da colônia norte-americana.

Ainda no século XVI o Sr. Walter Raleigh conseguiu a autorização da rainha Elizabeth I para fundar uma colônia na América. A colônia recebeu o nome de Virgínia, em homenagem a *rainha virgem*, como era conhecida Elizabeth<sup>210</sup>. As duas primeiras tentativas fracassaram, uma em 1585 outra, dois anos depois.

Apenas em 1607 que de fato começou a colonização em Virgínia, em maio daquele ano uma centena de colonos fundaram a cidade de Jamestown, em homenagem ao rei James I, sucessor de Elizabeth. Inclusive, este episódio vai inspirar o nome do famoso navio Mayflower, que significa *Flor de maio*.

O Dualismo puritano esteve presente na colônia de Virgínia e se manifestou quando, por exemplo, o cultivo de tabaco cresceu e se tornou um produto muito lucrativo, em meados de 1619 foi trazida mão-de-obra escrava da África, assim as colônias do Sul desenvolveram sociedades escravagistas, o que se tornaria um grave problema humanitário, social e teológico na América do Norte. Os problemas foram tais, que muitos colonos não tinham interesses em que seus escravos fossem

---

<sup>208</sup> Ibid, pg. 189

<sup>209</sup> Ibid, pg. 191

<sup>210</sup> Ibidem

evangelizados e se convertessem, pois se tinha a compreensão de que uma vez batizados, o indivíduo não poderia mais ser escravizado<sup>211</sup>.

Outra colônia importante no processo religioso da América foi a colônia da Geórgia. Esta serviu de refúgio para imigrantes morávios, grupo que tinha profundas convicções religiosas e grande aproximação pelo ímpeto avivalista do pregador George Whitfield.

Foi para a Geórgia que o pregador John Wesley se mudou e passou algum tempo, recebendo forte influência do ardor religioso dos morávios, posteriormente, como veremos, a espiritualidade wesleyana seria decisiva para o surgimento do pentecostalismo norte-americano.

Sem dúvidas, o caso colonial que mais interessa para essa pesquisa foi o de 1620. A bordo do navio Mayflower, cento e um colonos, entre homens, mulheres e crianças saíram da Inglaterra e buscaram uma terra ao norte da colônia de Virgínia. Antes de chegarem ao destino, criaram uma estrutura política própria, onde o grupo permaneceria submisso à Inglaterra, porém com liberdade para decidir suas próprias questões. A estrutura política era uma espécie de regime congregacional, que boa parte dos puritanos apoiavam na Inglaterra e que foi rechaçado pela coroa do país. O acordo elaborado ainda no Mayflower previa instrumentos de disciplina para os cristãos moralmente faltosos<sup>212</sup>.

Os colonos criaram a cidade de Plymouth, mesmo nome da cidade inglesa de onde saíram. A chegada dos mesmos a Plymouth e, não em Virgínia, foi providencial, pois se fosse o contrário teriam sido perseguidos como o foram na Inglaterra<sup>213</sup>.

Os primeiros meses na América foram tensos, metade da população morreu vítima de uma epidemia, na primavera seguinte aprenderam com os índios o cultivo do milho, da caça e da pesca, e desse aprendizado celebraram uma festa de gratidão que passaria a fazer parte da tradição norte-americana: o *Dia de Ação de Graças*.

Conforme a colônia ia avançando, foi criada a Companhia da baía de Massachusetts, nesta cidade milhares de colonos puritanos foram recebidos em alguns anos, e estes colonos, diferentemente dos de Plymouth, não eram separatistas. A presença puritana na colônia norte-americana cresceu muito e em

---

<sup>211</sup> Ibid, pg. 193

<sup>212</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 311

<sup>213</sup> Ibidem

pouco tempo, muitos religiosos ingleses eram estimulados a procurarem maior liberdade religiosa na Nova Inglaterra e, em poucos anos, já estavam presentes mais de dez mil puritanos<sup>214</sup>.

Outra importante comunidade de puritanos se estabeleceu em Salém, caso esse que houve uma verdadeira caças às bruxas. Algumas pessoas foram acusadas de pacto com o demônio e envolvimento com rituais satânicos, a perseguição a estas pessoas cresceu e se expandiu de modo que muitos eram acusados de bruxaria pelos motivos mais banais possíveis. Pessoas chegaram a ser mortas durante este processo, até que por fim o *frenesi* com as perseguições chegou ao fim e os responsáveis pela colônia, anos mais tarde reconheceram seus exageros<sup>215</sup>.

As colônias puritanas foram desenvolvendo na América do Norte uma forma de governo mais parecida com o *Congregacionalismo*, rompendo como queriam desde cedo com o modelo episcopal da Igreja Anglicana.

Os puritanos, se caracterizavam pelo radicalismo presente em seu modo de ver a espiritualidade. Nas colônias puritanas, a Igreja era o centro da vida espiritual e social da comunidade, pois estava presente o Dualismo entre a Igreja e Sociedade, neste cenário a sociedade era vista como perversa, deturpada e distante de Deus e que somente através da atuação da Igreja, ela poderia ser purificada e santificada. As colônias puritanas da Nova Inglaterra estabeleceram um sistema congregacional, numa clara tendência à uma *Teocracia*<sup>216</sup>.

As posturas dos puritanos na América também foram marcadas pelo radicalismo como na Inglaterra. Muitos religiosos se desligaram dessas colônias para fundarem outras com maior democracia e liberdade<sup>217</sup>.

Na política puritana toda a população cidadina deveria ser membro da igreja para ter o direito ao voto, desde cedo as colônias puritanas foram marcadas pela relação próxima com a política, característica que trouxeram desde a Europa, o que, de certa maneira ajudaria a explicar as atuais relações entre os pentecostais e a política brasileira marcadas pelo radicalismo e pelo Dualismo.

Outra característica marcante dos puritanos, que contribuiu para a noção de *Destino Manifesto*, tão presente no protestantismo norte-americano, especialmente

---

<sup>214</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo vol. 8**. Pg. 197

<sup>215</sup> Ibid, pg. 200

<sup>216</sup> CAIRNS, Earle. **Op cit.** Pg. 311

<sup>217</sup> Ibid, pg. 312

a partir do século XIX e, que foi transmitido ao Pentecostalismo, foi a aplicação a si próprios de textos do Antigo Testamento em relação a Israel, fazendo assim a releitura de que eram povo escolhido por Deus e separados para uma obra especial.

John Cotton, um dos puritanos ingleses mais importantes do período, despediu centenas de imigrantes em direção a América com o seguinte texto de Samuel: *Preparei lugar para o meu povo, para Israel, e o instalarei, para que habite no seu lugar e não mais seja perturbado, e jamais os filhos da perversidade o aflija, como antes*<sup>218</sup>.

O referido texto de Samuel, revela a compreensão de povo escolhido que os puritanos vão tomando em sua caminhada. Essa compreensão ajudou a formar a identidade religiosa norte-americana e, conseqüentemente a identidade religiosa pentecostal, acirrando o dualismo entre igreja e sociedade, entre os salvos e os não-salvos, por exemplo.

Os Puritanos se convenceram de que eram o povo escolhido de Deus para pregar e difundir Sua mensagem de salvação, em meios protestantes norte-americanos a tendência a reinterpretar a Igreja como substituta de Israel nos planos divinos foi se tornando cada vez mais influente. Esse sentimento de povo escolhido por Deus para um grande propósito ou de uma geração que o Senhor levantou para destruir as obras das trevas e fazer a vontade de Deus no tempo presente, se tornou algo recorrente entre os pentecostais e neopentecostais no Brasil. Essa influência veio do Puritanismo inglês.

Entre os séculos XVII e XVIII existiam na América do Norte várias colônias britânicas, muitas delas foram construídas sobre ideais religiosos, isso cabe não apenas aos puritanos, mas também havia colônias de Católicos, em Maryland, de Batistas, em Rhode Island, de Quakers na Pennsylvania.

Sobre a religiosidade de colonos ingleses que foram viver na América do Norte não se pode negar a influência exercida pelo Pietismo, um movimento de reavivamento religioso surgido na Alemanha como reação ao dogmatismo em que o luteranismo tinha se resumido.

---

<sup>218</sup> Cf. 2 Samuel 7.10

## 2.4.2 A Influência do Pietismo

O nome Pietismo vem de  *piedade*, era uma alusão à prática de uma vida piedosa onde a espiritualidade não era resumida a mera adesão a um sistema de dogmas, mas a concretude de ações cristãs.

O Pietismo surgiu como um movimento marginal do Luteranismo. Com o tempo o segmento da Reforma liderado por Lutero e Melanchton foi se dogmatizando até se tornar infrutífero e divorciado de um cristianismo evidenciado por frutos visíveis, segundo a denúncia dos primeiros pietistas.

Os pietistas entendiam o valor da doutrina, porém afirmavam que o cristianismo não poderia ser apenas uma religião do cérebro, mas tinha de ser também uma *religião do coração*. A fé cristã era viva e seus ensinamentos deveriam ser aplicados na vida cotidiana e em cada decisão a ser tomada ao longo da caminhada.

Os pietistas romperam com os ideais católicos medievais de cristandade e mesmo com o conceito de sociedade religiosa defendida pelos puritanos ingleses para defender a concepção de que o cristianismo começa a ser vivido pelo indivíduo, numa decisão de fé pessoal<sup>219</sup>.

Para os pietistas, não se nasce cristão simplesmente, para ser um discípulo de Jesus, cada pessoa deve ter tido uma experiência pessoal de fé, através da qual passa a fazer sentido a caminhada cristã. O fato de alguém ter nascido em um país cristão não necessariamente faz dessa pessoa um cristão verdadeiro, mas a experiência deve ser individual e evidenciada por uma fé ativa.

Por insistir em experiências pessoais o pietismo assumirá traços fortemente subjetivos e acirrará o Dualismo entre a razão e a emoção. Dualismo este que estará muito presente no Movimento Pentecostal. No pietismo foi acentuada a vida religiosa de modo individual e interiorizada, desenvolvendo formas de piedade pessoal e de uma teologia experiencial em detrimento de uma teologia cognitiva<sup>220</sup>.

Um dos primeiros pietistas foi Philip Spener, que cresceu com a influência do místico alemão Johann Arndt e dos puritanos ingleses. Spener entendeu que o cristianismo quando se resumia a aspectos doutrinários se tornava abstrato, ficou assustado quando assumiu um trabalho pastoral na cidade alemã de Frankfurt e

---

<sup>219</sup> SHELLEY, Bruce. **Op cit.** Pg. 363

<sup>220</sup> DREHER, Martin. **História do povo de Jesus.** São Leopoldo: Sinodal, 2013. Pg. 417

percebeu que as pessoas viviam de modo absolutamente dissoluto. Começou a pregar sermões com base na Bíblia com viés moral e ético, conclamando as pessoas a se arrependem e seguirem o discipulado cristão<sup>221</sup>.

Em 1669, Spener pregou sobre o Sermão das Bem-aventuranças e percebeu que muitas pessoas se converteram e a vivência familiar das mesmas era transformada.

Spener desenvolveu pequenos grupos que se reuniam duas vezes por semana em sua casa para conversarem sobre assuntos religiosos tendo como base a própria Bíblia, logo essas reuniões foram apelidadas de *encontros dos pios*, e desse ato de chacota surgiu o termo *Pietismo*.

Spener escreveu uma pequena obra chamada *Pia Desideria*, na qual ficaram claros os elementos básicos dessa corrente: ênfase numa vida ascética e de moral rigorosa, com certo desprezo pelo intelectualismo e com pregações consideradas mais espirituais que técnicas<sup>222</sup>. Certamente a obra de Spener valorizou a ética e uma vivência encarnada com a vida cotidiana, porém acabou por acirrar o Dualismo entre a razão e a emoção, onde a segunda era valorizada em detrimento da primeira.

O Pietismo enfatizou o dualismo entre a razão e a fé, ganhando contornos anti-intelectuais, onde o trabalho teológico vai se tornando cada vez mais devocional e pouco científico, além de assumir o clássico Dualismo antropológico onde a carne deveria ser vencida com a dedicação aos jejuns, orações e as renúncias do que era considerado mundanismo. Spener desejou que cada congregação deveria ter seus pequenos grupos para que a vivência cristã fosse enfatizada e, para liderar esses grupos deveriam ser pessoas conscientes de sua conversão.

Na obra *Pia Desideria*, Spener apresentou seis elementos que considerou importantes para a vivência do cristianismo, nesses sentimentos incluíam um entendimento mais aprofundado das Escrituras, o resgate do sacerdócio universal de todos os crentes e a atitude de fé que supera a definição dogmática. O maior dos desejos de Spener era que os ministros não fossem formados apenas do ponto de vista científico, mas que fossem exímios conhecedores da literatura bíblica e da literatura devocional<sup>223</sup>.

---

<sup>221</sup> Ibid, pg. 364

<sup>222</sup> Ibidem

<sup>223</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**, vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Pg. 306

No ano de 1692, após um período pastoreando em Dresden, Spener se transferiu para a cidade de Berlim onde influenciou Frederico, que viria a ser o rei da Prússia, a convidar um outro pietista, August Francke, para ser professor na Universidade de Halle<sup>224</sup>. Com essa atitude, Spener abriu caminho para que Francke se tornasse o principal líder do movimento pietista.

Spener e Francke não foram aceitos pelo luteranismo. Teólogos de Universidades como Leipzig e Wittemberg, por exemplo, denunciaram 283 heresias que teriam sido cometidas pelos pietistas, com isso o espaço universitário para tais ensinamentos se resumiu a Halle, reduto do movimento<sup>225</sup>.

Francke chegou à conversão depois de anos de dúvidas e conflitos interiores acirrados, se tornou um cristão fervoroso e quando assumiu o trabalho em Halle se dedicou a fazer da universidade um centro de formação ministerial com ênfase na espiritualidade e nos cuidados sociais. Francke viveu de modo muito intenso o cuidado com os necessitados, abrindo escolas para jovens pobres, orfanatos e um hospital, além de uma casa para viúvas, uma biblioteca e uma gráfica<sup>226</sup>.

Os Pietistas também foram os responsáveis pelo reavivamento das missões modernas entre os protestantes, em 1705 o rei Frederico IV da Dinamarca enviou uma missão para a Índia e Francke foi um desses missionários, logo após com o Conde de Zinzendorf o ardor missionário pietista alcançou o seu auge. É importante observar que os luteranos clássicos não tiveram a mesma ênfase missionária, o próprio Martinho Lutero acreditava que o *Ide* era uma ordenança específica para os apóstolos, já Spener e Francke criam que a *Grande Comissão* era um mandamento de Jesus para todos os cristãos, em todas as épocas históricas<sup>227</sup>. O impulso missionário característico do Pietismo ajuda a explicar a influência deste movimento nas igrejas do século XX, especialmente as norte-americanas.

O último grande líder pietista foi Nicolas Ludwig von Zinzendorf. Era neto de um nobre austríaco que saiu do país por causa de suas convicções religiosas. Nicolas foi educado pela avó que era uma simpatizante dos ensinamentos desenvolvidos em Halle. Era um homem de profunda convicção religiosa e chegou a estudar direito por três anos na Universidade de Wittemberg, mas seguiu o seu

---

<sup>224</sup> SHELLEY, Bruce. *Op cit.* Pg. 364

<sup>225</sup> GONZALEZ, Justo. *Uma história do pensamento cristão*, vol. 3. Pg. 306

<sup>226</sup> *Ibid*, pg. 307

<sup>227</sup> *Ibid*, pg. 308.

desejo de ser ministro religioso através de uma fraternidade de hussitas da Boêmia, que acabara de passar por um reavivamento através do ministério de um carpinteiro morávio. Os morávios exageravam na experiência emocional do sofrimento de Cristo<sup>228</sup>.

Os Morávios serão muito importantes para a história do Pentecostalismo, influenciariam o Pietismo, depois chegaram aos Estados Unidos onde influenciaram o próprio John Wesley e posteriormente os movimentos de avivamentos na América do Norte. Dentre suas crenças, os morávios defendiam um Dualismo social representado por uma cidade habitada apenas por cristãos e separada do restante da sociedade. Seria uma sociedade santa, no sentido dualista da palavra, como separados do mundo<sup>229</sup>. Esta cidade chegou a existir na prática, era a comunidade *Herrnhut*, da qual Zinzendorf fez parte e foi seu líder nos anos seguintes.

Zinzendorf e os morávios eram defensores da primazia de uma vida devocional e moral sobre as formulações teológicas<sup>230</sup>. A comunidade de *Herrnhut*, surgiu em terras que o próprio Zinzendorf ofereceu acolhida aos morávios que praticamente foram dizimados ao longo da Guerra dos trinta anos<sup>231</sup>.

Os impulsos missionários também estiverem presentes em Zinzendorf, que empreendeu obras de evangelização na Lapônia, Groenlândia, Guiana, na costa da Guiné, África do Sul, Índia, dentre outros. No Brasil durante a regência do Padre Diogo Feijó foi solicitada a presença de morávios a fim de que os mesmos fizessem trabalhos missionários entre as tribos indígenas, porém este convite não chegou a se concretizar<sup>232</sup>.

Em Zinzendorf o Dualismo também esteve presente e se manifestou na forma sentimental como entendia a religião, seu apelo sentimental ameaçava a racionalidade humana gerando um abismo entre a razão e a emoção e, conseqüentemente um sentimento anti-intelectual. Os pietistas tinham a tendência de desprezar o humano enfatizando sua degeneração total e, apresentando a sede das emoções humanas como local da disputa entre o bem e o mal<sup>233</sup>.

<sup>228</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. São Paulo: EDUSP, 2008. Pg. 112

<sup>229</sup> DREHER, Martin. **Op cit.** Pg. 419

<sup>230</sup> LATOURETTE, Kenneth. **Uma história do cristianismo, vol. 2**. Pg. 1380

<sup>231</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 8**. Pg. 163

<sup>232</sup> DREHER, Martin. **Op cit.** Pg. 422

<sup>233</sup> *Ibid*, pg. 367

O Pietismo defendia o princípio reformado de *Sola Scriptura*, só que para esse movimento o texto sagrado não deveria ser lido de modo objetivo como quem lê um documento, porém deveria ser lido com um coração devoto e sob a orientação do Espírito Santo<sup>234</sup>.

A influência do pietismo foi tão grande que ela se fez sentir em Friedrich Schleiermacher, em Friedrich Nietzsche e em Karl Barth, por exemplo. O pai de Karl Barth, Friedrich Barth era um pietista convicto e esta tendência trouxe marcas no filho. Foi, sobretudo, na espiritualidade protestante praticada na América que essa influência se fez mais nítida. O Conde de Zinzendorf, os morávios e John Wesley possuem vínculos de crenças e de práticas de espiritualidade em comum herdadas da prática pietista.

### **2.4.3 A Influência do Metodismo**

Outra notável influência sobre a espiritualidade norte-americana sem dúvida foi o pensamento de John Wesley, o pai do Movimento Metodista. Muitos pesquisadores consideram que o movimento liderado por Wesley no século XVIII deu os contornos espirituais característicos dos séculos seguintes em segmentos marginais do protestantismo<sup>235</sup>.

John Wesley nasceu na cidade inglesa de Epworth em 1703 quando a Inglaterra possuía colônias na América do Norte. Sua família, tanto paterna quanto materna, era tradicionalmente religiosa. Seu pai, Samuel Wesley era um dedicado ministro da Igreja Anglicana que lhe ensinou os mais rígidos ensinamentos morais e, sua mãe, Suzana Wesley, uma mulher piedosa e fervorosa que marcou a formação moral e religiosa de seus filhos<sup>236</sup>.

John era um dos dezenove filhos do casal Wesley e, quando tinha seis anos de idade foi retirado com vida após ter sido esquecido no segundo andar da reitoria de Epworth durante um incêndio. No dia seguinte, os jornais da cidade deram destaque ao episódio e John Wesley cresceu tendo a convicção de que Deus o havia poupado daquele incêndio por algum propósito específico.

---

<sup>234</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 8.** Pg. 159

<sup>235</sup> LATOURETTE, Kenneth. **Uma história do cristianismo, vol. 2.** São Paulo: Hagnos, 2006. Pg. 1384

<sup>236</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 8.** Pg. 175

A influência do pietismo se faz notar ainda na infância de Wesley quando seu pai organizou uma sociedade religiosa em Epworth com os mesmos propósitos de orar e discutir sobre a Bíblia, assim como faziam os pietistas e, mais tarde fizeram os integrantes do *Clube Santo*<sup>237</sup>.

Desde muito jovem, John se destacou pelo brilhantismo intelectual e por sua intensa disciplina, que havia herdado da mãe, que para dar conta da educação de dezenove filhos, tinha de ser extremamente organizada. John entrou com dezesseis anos para a Universidade de Oxford, cumpria fielmente suas obrigações piedosas e chegava a dedicar três horas de suas tardes à leitura da Bíblia e de textos devocionais<sup>238</sup>.

No ambiente universitário ganhou uma função na Faculdade Lincoln o que lhe garantiu bons rendimentos, além de ter entrado para o chamado *Clube Santo*, grupo que se reunia periodicamente para orar e ler a Bíblia, mais tarde esse grupo ganhou o apelido, até então pejorativo, de *Metodistas*, nesta ocasião já com a liderança de John Wesley<sup>239</sup>.

Mesmo com o rigor moral e a disciplina metódica, John Wesley sentia um vazio interior que muito o incomodava. O pregador se sentia inquieto com a fé nominal de muitos cristãos anglicanos e sentia que algo mais concreto deveria acontecer<sup>240</sup>. Ele acreditava que um crente em Jesus deveria sentir a paz em sua interioridade, em busca dessa paz, se aventurou numa viagem missionária à América do Norte.

John Wesley ficou algum tempo na Geórgia e foi o responsável pela paróquia de Savannah, porém, sua experiência foi frustrante. Wesley se revoltou com o modo de viver dos colonos e dos nativos, se envolveu num caso amoroso em que foi preterido e por isso, se negou a dar a ceia para a moça e seu noivo o que lhe causou um processo por injúria.

Wesley voltou para a Inglaterra e a única boa referência que teve de toda a viagem missionária foi seu encontro com um grupo de morávios que cantavam calmamente enquanto o navio quase afundava durante a viagem de ida para a América do Norte. Naquela oportunidade, Wesley conversou com um líder

---

<sup>237</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**, vol. 3. Pg. 311

<sup>238</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo**, vol. 8. Pg. 175

<sup>239</sup> Ibidem

<sup>240</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**, vol. 3. Pg. 310

morávio, chamado Spangenberg, que lhe fez a seguinte pergunta: *Você conhece a Jesus Cristo?*, diante do questionamento, Wesley simplesmente respondeu: *Sei que ele é o salvador do mundo*. Spangenberg lhe disse então: *Verdade, mas você sabe se Ele salvou você?*<sup>241</sup>

O diálogo entre Wesley e Spangenberg deu a tônica da experiência praticada pelos morávios e que o pregador anglicano buscava: não apenas a convicção doutrinária de que Jesus veio à terra para salvar a humanidade, mas a convicção íntima e pessoal de que Ele era o seu salvador. Desde a viagem para a América do Norte, Wesley esteve convencido de que os morávios poderiam ter a resposta que ele tanto buscava para a sua vida.

Já na Inglaterra, Wesley se encontrou com o morávio Peter Bohler e disse a ele que estava a ponto de desistir de pregar sobre a fé. Bohler o aconselhou a pregar sobre a fé como se a tivesse e, quando alcançasse a fé, que pregasse porque a tinha alcançado<sup>242</sup>. O dia 24 de maio de 1738 foi um marco na caminhada cristã de Wesley, na noite daquele dia foi, mesmo contra a sua vontade, a uma reunião de oração de irmãos morávios e enquanto o dirigente lia o comentário de Lutero sobre o texto de Romanos 1.17, Wesley disse ter sentido o seu coração *estranhamente aquecido*:

“À noite, fui de muita má vontade a uma sociedade na Rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Quando faltava um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, senti em meu coração um ardor estranho. Senti que confiava em Cristo, e somente nele, para a minha salvação e me foi dada a certeza de que ele havia resgatado os meus pecados, os meus, e me havia salvo da lei do pecado e da morte.”<sup>243</sup>

A experiência de Wesley foi íntima e emocional, uma experiência conforme defendia os pietistas. O coração abrasado foi uma experiência diretamente relacionada ao peso do pecado sentido por Wesley e com forte apelo ao ideal de morte sacrificial de Jesus. Tal experiência mudou radicalmente a vida de Wesley que se entregou a um ardor missionário.

O pai do metodismo a partir daquela data, se dedicou a *ganhar almas*, uma expressão muito presente nas igrejas de cunho pentecostal que mostra o Dualismo

<sup>241</sup> LATOURETTE, Kenneth. *Uma história do cristianismo*, vol. 2. Pg. 1387

<sup>242</sup> SHELLEY, Bruce. *Op cit.* Pg. 376

<sup>243</sup> GONZALEZ, Justo. *Uma história ilustrada do cristianismo*, vol. 8. Pg. 177

entre corpo e alma, como sendo a alma a parte real e verdadeira da pessoa que se encontra com Deus e, o corpo apenas uma *casca* para essa alma.

A influência pietista na vida de Wesley foi tanto que após o coração aquecido, o pregador inglês viajou até Herrnhut na Alemanha onde se encontrou com o próprio Zinzendorf<sup>244</sup>. Wesley acabou se distanciando dos morávios por achar que eles cultuavam demais a personalidade de seu líder, o conde Zinzendorf, mesmo assim a influência deles foi sempre perceptível.

O teor emocional foi muito presente nas experiências vividas por Wesley, há o relato de que algumas pessoas em respostas às suas pregações choravam, sentiam profundas dores como consequência de seus pecados e chegavam a desmaiar por causa da angústia que sentiam<sup>245</sup>.

Em Wesley percebemos uma tendência dualista que mais tarde se consolidará no pentecostalismo: ele fez a leitura de que as manifestações emocionais resultantes de suas pregações tinham origens espirituais, ou eram resistências do Diabo ou quebrantamento produzido pelo Espírito Santo<sup>246</sup>.

O ser humano também é um ser emocional, que consequentemente responde desta forma ao que vive, porém, em partes do avivamento protestante tais manifestações eram vistas como ações espirituais e não apenas emocionais. Esta foi uma tendência que acirrou o Dualismo entre emoção e razão e fez com que se deixasse de entender as emoções como algo natural de cada ser humano para ser entendida como consequência de alguma manifestação espiritual.

Wesley se preocupou com questões morais (herança do puritanismo), se opôs ao alcoolismo, a obscenidade e a vulgaridade que se praticava na Inglaterra. Além disso, teve dificuldades para conciliar o matrimônio com o seu ministério, casou-se com uma viúva, mas seu casamento não foi feliz. Durante o período em que permaneceram casados, Molly Vazeile não conseguiu acompanhar o marido que passou mais tempo longe do que perto, não tiveram filhos e a relação acabou em pouco tempo.

Embora tenha se preocupado com questões morais, Wesley não foi apenas um moralista e nem mesmo um anti-intelectual, pelo contrário, era um leitor e um escritor voraz, deixou vários textos escritos, não apenas de caráter religioso.

---

<sup>244</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**, vol. 3. Pg. 312

<sup>245</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo**, vol. 8. Pg. 179

<sup>246</sup> LATOURETTE, Kenneth. **Uma história do cristianismo**, vol. 2. Pg. 1390

Conhecia sobre medicina, música e dominou vários idiomas antigos e modernos<sup>247</sup>. Também foi um ministro preocupado com a assistência social e com a difusão dos estudos dentro e fora das igrejas.

No pensamento de John Wesley, que se tornou um importante teólogo para o seu tempo e deixando um importante legado reflexivo, o avivamento causado pelo Espírito Santo no coração daquele que confia em Jesus como salvador pessoal, era considerada a *terceira grande bênção* concedida por Deus, atrás da salvação, a mais importante das bênçãos e, da santificação. Neste contexto, santificação era o distanciamento das maldades presentes no mundo que levavam o ser humano a se afastar de Deus e de Sua salvação. O Metodismo se tornou um movimento dentro da Igreja Anglicana, assim como o pietismo tinha se tornado um movimento dentro da Igreja Luterana.

Ainda que Wesley tenha sido profundamente piedoso e subjetivo em suas experiências, não deixou de lado a teologia clássica. Era contrário a qualquer misticismo que tentasse excluir os meios de graça históricos, como os sacramentos e as ministrações da igreja, bem como a revelação bíblica e a encarnação de Deus em Jesus Cristo<sup>248</sup>.

Wesley tinha como elementos centrais de seu pensamento teológico as Escrituras, a Razão, a Experiência e a Tradição. Wesley não foi apenas um avivalista ou alguém que teve uma experiência pessoal, mas também um teólogo com grande produção e que deixou um vasto legado ao pensamento cristão. Se distanciou do calvinismo e foi classificado por muitos como um arminiano.

John Wesley se aproximou de muitos pensamentos de Jacob Armínio como a ênfase no livre-arbítrio, porém foi original em outras afirmações como na ideia da segurança cristã, a ideia de que o Espírito Santo testifica com o espírito humano que somos perdoados e salvos por Deus<sup>249</sup>. A teologia produzida por Wesley era fortemente prática, pode ser definida como a *religião do coração* ou mesmo como a *teologia da santidade*<sup>250</sup>. Santidade no sentido pietista de distanciamento do mundo considerado mal, uma definição com clara tendência ao Dualismo antropológico.

---

<sup>247</sup> Ibid, pg. 1386

<sup>248</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol. 3.** Pg. 314

<sup>249</sup> Ibid, pg. 318

<sup>250</sup> PASSOS, João Décio. **Pentecostais.** São Paulo: Paulinas, 2005. Pg. 16

Wesley não teve apenas influências do pietismo, como também do puritanismo inglês. Crenças na pecaminosidade humana, na morte sacrificial de Jesus e na salvação do crente que teve uma experiência pessoal com Deus foram herdadas desta corrente<sup>251</sup>.

Por causa da experiência de Wesley, o Metodismo foi considerado a *religião do coração*. Quando os ministros anglicanos foram expulsos da América, Wesley nomeou dois de seus discípulos como superintendentes para que pudessem ministrar a ceia na então colônia inglesa, assim o Metodismo foi se tornando o ramo mais representativo do protestantismo norte-americano no período da independência das treze colônias. Naquele processo, Wesley foi contra o distanciamento da colônia em relação a metrópole, mas os pregadores metodistas, de maioria nativa, apoiaram a independência e por isso, tiveram boa acolhida na nova nação<sup>252</sup>.

Na América do Norte, o Movimento Metodista foi muito popular desde a época da independência em relação a Inglaterra. Como no país a Igreja Anglicana era pouco presente e se tornou menos ainda com o retorno de seus ministros para o país de origem, o Metodismo foi a principal força que popularizou a fé protestante nos Estados Unidos. A influência wesleyana na religiosidade norte-americana ajudou a cunhar o termo *Evangélico*, que se tornaria tão comum no Brasil para se referir aos cristãos não-católicos.

#### **2.4.4** **Os *Grandes avivamentos* norte-americanos**

A religiosidade norte-americana dos séculos XVIII e XIX é bastante complexa. Foi forjada por várias motivações e objetivos, além disso, foi o resultado de uma série de influências: como o moralismo puritano, as experiências subjetivas do pietismo e as experiências íntimas e emocionais do metodismo. Cada uma dessas influências trazia consigo algum rastro de Dualismo que acabou presente neste tipo de espiritualidade.

Já no século XVIII, a América do Norte foi palco de um movimento marcado por essas influências que ficou conhecido como *Grandes Avivamentos*. Neste movimento o nome de Jonathan Edwards teve um papel decisivo, embora o

---

<sup>251</sup> SHELLEY, Bruce. **Op cit.** Pg. 370

<sup>252</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 8.** Pg. 186

primeiro *avivamento* em solo americano que se tenha notícias aconteceu com o calvinista Theodore Frelinghuysen, por volta de 1726. Seu movimento estimulou a vida moral e espiritual de seu povo<sup>253</sup>.

Jonathan Edwards foi o pastor da cidade de Northampton em Massachusetts, valorizava a experiência pessoal e emocional. Edwards se formou na Universidade de Yale e era um calvinista convicto.

Os sermões de Edwards, que eram lidos por ele, tinham sempre um apelo à conversão e um abandono das práticas pecaminosas. A partir de 1734 muitas pessoas começaram a responder de um modo impressionante às pregações de Edwards para o arrependimento. Muitas apresentaram mudanças radicais em seus hábitos morais, outras aprofundaram suas práticas devocionais e o movimento foi se alastrando por toda aquela região<sup>254</sup>.

O sermão mais marcante da vida de Edwards certamente foi o que ganhou o título *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, de 1741. O sermão além de fortemente moralista e emotivo, apresentava um Deus impiedoso, que ficava extremamente irritado com os pecados morais dos seres humanos sendo capaz de enviá-los para o tormento eterno caso não se arrependessem. A história conta que o sermão produziu um pânico tão grande naquela audiência que muitos choravam e gritavam e alguns se agarravam aos bancos e colunas da igreja com medo de irem para o inferno naquele mesmo instante<sup>255</sup>. A imagem de um Deus associada ao moralismo e a intransigência será cada vez mais frequente neste movimento.

Outra característica do movimento é que quanto mais se enfatizava a imagem de um Deus iracundo conseqüentemente se ampliava a crença na força do diabo, uma espécie de *Dualismo maniqueísta* entre as forças do bem contra as forças do mal. Esta ênfase gerará no Movimento Pentecostal uma guerra acirrada contra o diabo.

O movimento iniciado por Jonathan Edwards durou apenas três anos e depois disso arrefeceu. Em seguida, Edwards, recebeu em sua igreja o pregador inglês George Whitfield, um metodista de convicções calvinistas. A pregação de Whitfield causou muito impacto naquele contexto produzindo muitas experiências

---

<sup>253</sup> CAIRNS, Earle. *Op cit.* Pg. 316

<sup>254</sup> GONZALEZ, Justo. *Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 8.* Pg. 208

<sup>255</sup> Sermão **Pecadores nas mãos de um Deus irado**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/data/PecadoresnasMCEosdeUmDeusIradoJonathanEdwards.pdf>. Acessado em 23/10/2017, às 15:33

de conversão, inclusive o próprio Edwards chorava enquanto o convidado pregava<sup>256</sup>. Edwards era um puritano calvinista e quis implantar em sua igreja uma disciplina tão rígida que acabou sendo deposto da mesma. Algum tempo depois, se tornou reitor da Universidade de Princeton, mas morreu no ano seguinte vítima de varíola, o avivamento norte-americano teve continuidade através de Whitfield e de outros movimentos que surgiram na região.

A partir daquele encontro, o movimento ganhou ímpeto e muitas outras pessoas viviam as mesmas experiências emocionais. Naturalmente aquele avivamento sofreu várias críticas por outros setores religiosos e as denominações metodistas e batistas foram os principais ramos que se destacaram naquele contexto. Embora os movimentos de avivamentos fossem distintos, na prática eles tinham alguns elementos em comum, como a ênfase na conversão íntima e pessoal, leitura particularizada das Escrituras e uma tendência à adoração entusiasmada<sup>257</sup>. Essas características estarão presentes no Pentecostalismo.

A periodicidade de avivamentos se tornou uma característica da religiosidade norte-americana, com o fim do chamado primeiro *Grande Avivamento* na morte de Jonathan Edwards, houve uma queda na religiosidade do país. É neste período que os ideais metodistas se expandem e um novo momento nesta busca se desenvolve. A moralidade metodista vai fazendo parte do protestantismo americano e conseqüentemente dos países que mais tarde serão influenciados por este segmento. Moralidade que entende a certeza de conversão pela capacidade de renunciar aos prazeres sociais como aos jogos, as danças, a frequência aos teatros<sup>258</sup>. Este tipo de moralidade gerou um nítido Dualismo entre a religiosidade e a cultura, causando alienação entre tais seguidores.

Durante o século XVIII, o contexto político mudou bastante. Foi neste período em que a então colônia declarou sua independência em relação a Inglaterra, mais especificamente em 1776. O processo de independência dos Estados Unidos teve conseqüências claramente religiosas, a primeira delas foi a hostilidade em relação aos anglicanos e aos metodistas, já que John Wesley era um defensor da coroa britânica, o movimento só conseguiu reverter a impopularidade graças ao

---

<sup>256</sup> Ibidem

<sup>257</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história do pensamento cristão**, vol. 3. Pg. 320

<sup>258</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. Pg. 85

trabalho de Francis Asbury que organizou a Igreja Metodista Americana, independente do metodismo britânico.

O ideal religioso diante do capitalismo liberal expansionista dos Estados Unidos era uma igreja antidogmática e que conservasse apenas as doutrinas consideradas fundamentais. Não seria uma igreja nacionalizada, como era a Anglicana e as demais igrejas conseqüentes à Reforma, mas aos poucos tomaria forma o conceito de uma igreja que era invisível, que reunia todos os crentes independentes de suas tradições religiosas. As *denominações* eram apenas a terminologia pelas quais cada grupo se identificava.

Uma consequência dessa religiosidade que não abrangia toda a vida foi a letargia em relação à escravidão. Se na América Latina ramos da igreja católica foram dualistas e escravizaram os índios, na América do Norte muitos protestantes também o foram, e justificavam a prática com um Dualismo de que a religião não deveria cuidar de assuntos políticos e deveria se restringir às práticas pessoais e familiares. Uma separação entre o sagado e o secular, entre o espiritual e o temporal.

Neste processo somou-se a crença de nação escolhida por Deus desde a chegada dos primeiros imigrantes protestantes a bordo do Mayflower. Sustentavam o ideal de uma nação cristã que fosse modelo para toda a humanidade, composta por brancos e protestantes, o que justificaria a escravidão dos negros e a dominação das terras dos índios<sup>259</sup>.

A primeira denominação que tomou medidas concretas contra a escravidão foi a Igreja Metodista em 1784. A Conferência da Igreja decidiu pela exclusão de donos de escravos, logo em seguida, os batistas se posicionaram contrários à prática escravocrata.

Logo após a independência, aprofundou-se nos Estados Unidos o conceito de *Destino Manifesto*. Essa concepção permeou os ideais expansionistas e missionários norte-americanos, pois nutriam a crença de que a nação fora levantada por Deus para servir de modelo aos demais povos da terra e levar a cada um deles os princípios do Evangelho, do progresso e da democracia.

Na verdade, essa religiosidade pautada no sentimento de nação eleita, tinha um conceito fortemente calvinista e, os princípios religiosos serviram como base

---

<sup>259</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo**, vol. 9. São Paulo: Vida Nova, 1995. Pg. 31

para a construção nacional norte-americana<sup>260</sup>. O calvinismo presente na maioria dos primeiros religiosos em solo norte-americano, ajudou na compreensão de incapacidade humana e no desprezo pela dignidade humana, isso fatalmente ajuda a explicar a ênfase dos movimentos na pecaminosidade humana e na necessidade de uma conversão moral<sup>261</sup>.

A doutrina arminiana metodista foi a mais popular nos Estados Unidos justamente por ampliar o convite para todos os que queriam a salvação e não apenas para uma elite escolhida. O discurso arminiano-wesleyano foi também, extremamente importante para a popularização dos *Grandes Avivamentos*.

Já na segunda metade do século XIX aconteceu o *Segundo Grande Avivamento*. Este evento alcançou desde pequenos grupos até verdadeiras multidões, a ênfase deste período foi na pregação sobre a descida do Espírito Santo sobre os que creem. Esta se tornou uma fala recorrente, a promessa remontava ao texto em que Pedro se referiu a profecia de Joel em sua pregação do dia de Pentecostes<sup>262</sup>. Na pregação avivalista a descida do Espírito Santo era para aqueles que se converteram e renunciaram radicalmente ao pecado.

O pensamento norte-americano permeado pela noção de Destino Manifesto vai gerar fortes empreendimentos missionários com o intuito de levar o modelo cristão do país para várias partes do mundo. A expansão missionária norte-americana no fim do século XIX foi resultado do sentimento nacional expansionista<sup>263</sup>. Para justificar esse empreendimento foi criado um Dualismo escatológico, que via essa terra como irremediavelmente má e o mundo porvir como essencialmente bom e, que a única maneira de antecipar o retorno de Cristo à terra para nos levar para o mundo verdadeiramente bom era pregar o Evangelho para todos os povos para então vir o fim<sup>264</sup>. Logo a pregação sobre a segunda vinda de Jesus se tornou um assunto de destaque nesta linha religiosa, como uma interpretação estrita e literal de um texto do Evangelho de Mateus<sup>265</sup>.

Alguns trabalhos se desenvolveram para que a tarefa missionária se expandisse. As igrejas norte-americanas adotaram as Escolas Dominicais como

<sup>260</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. Pg. 77

<sup>261</sup> Ibid, pg. 83

<sup>262</sup> Cf At 2. 16-17

<sup>263</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. Pg. 95

<sup>264</sup> Ibidem

<sup>265</sup> Cf. Mateus 24.14

forma de aprofundamento doutrinário, foram criadas também a YMCA<sup>266</sup> e a YWCA<sup>267</sup>.

Dentre os fundadores da YMCA destaca-se Charles Finney. Considerado por Orlando Boyer e outros como o *Apóstolo dos avivamentos*<sup>268</sup>, Finney teve uma experiência religiosa quando vivia em Londres, com pouco mais de 20 anos de idade, desde então se dedicou a obra missionária<sup>269</sup>. Finney testemunhou que sua experiência foi marcada pelo batismo com o Espírito Santo, além disso, suas pregações eram marcadas pelo apelo emocional e pelo convite para que seus ouvintes vivessem uma vida de santidade.

Finney inaugurou o *banco dos ansiosos*, um lugar separado ao lado do púlpito para onde se dirigiam as pessoas que de algum modo se sentiam tocadas pelas suas palavras durante a pregação. Esta cena marcou o início histórico dos *apelos*, uma prática muito comum entre os Pentecostais brasileiros.

Outra figura missionária de destaque foi Dwight Lyman Moody, este era o único aluno de uma classe de Escola Dominical e, segundo consta, graças a dedicação de seu professor, Moody se desenvolveu e se tornou um grande evangelista.

Em 1872 Moody fez uma viagem pela YMCA a Londres onde se sentiu vocacionado para pregar o Evangelho às massas urbanas, começando pela Inglaterra e depois nos Estados Unidos. Suas pregações eram emocionais e apelavam à conversão, cria que conforme as pessoas se convertessem ao Evangelho as condições de vida sociais melhoraria num efeito cascata. Embora Moody tivesse o ideal de que a ética e o comportamento cristãos fosse gerar um ambiente mais igualitário, não conseguiu enxergar as relações político-sociais que oprimiam as camadas mais populares.

Em Moody cada vez se tornou mais popular a necessidade da igreja de *ganhar almas*, ou seja, o velho Dualismo antropológico que nunca fora plenamente vencido, voltaria à tona nos avivamentos convencendo as igrejas de que seu papel era com a salvação de almas, uma salvação apenas espiritual sem levar em conta o homem em sua integralidade<sup>270</sup>.

<sup>266</sup> Sigla para Young Men's Christian Association

<sup>267</sup> Sigla para Young Woman's Christian Association

<sup>268</sup> BOYER, Orlando. **Heróis da fé**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. Pg. 113

<sup>269</sup> LATOURETTE, Kenneth. **Uma história do cristianismo, vol. 2**. Pg. 1605

<sup>270</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 9**. Pg. 45

No período de Moody, surgiram várias denominações norte-americanas com o intuito de se aproximarem das classes mais pobres, resgatando assim ideais desenvolvidos por John Wesley. Essas denominações eram de caráter wesleyano e uma das principais ênfases desses grupos além do retorno de Jesus a terra, era a *Teologia de Santidade*. Essas igrejas vão enfatizar os cultos em que os dons do Espírito Santo se manifestavam como as línguas estranhas, as profecias, os dons de curas<sup>271</sup>. Daí surgiu o famoso movimento *Holiness*, que foi o precursor direto do Pentecostalismo, e um geral esse movimento seguiu uma teologia arminiana-wesleyana e uma eclesiologia predominantemente congregacional.

Conforme as ênfases na descida do Espírito Santo e no uso de seus dons, nas manifestações espirituais e os êxtases aliados à concepção de santidade como relacionada a moral cresciam, mais se acentuava o Dualismo antropológico entre a alma e o corpo, entre as realidades espirituais e materiais, evidentemente a primeira sempre em detrimento da segunda. O corpo e a matéria eram vistos como negativos, como fontes dos desejos e práticas pecaminosas que afastavam o homem de Deus.

Aos poucos a ênfase na moralidade vai se tornando tão evidente, que vai diminuindo o valor e a eficácia da Graça divina, pois os pecados morais são vistos como uma barreira quase que intransponível para o amor acolhedor de Deus.

O cristianismo avivalista da segunda metade do século XIX em diante teve de lidar com alguns movimentos que logo foram eleitos como inimigos. O conservador papa Pio IX em 1864 elegeu 80 males da modernidade que ele classificou como inimigos da fé cristã, no conhecido texto do *Syllabus*. Os conservadores protestantes norte-americanos fizeram um processo semelhante com os mesmos movimentos: O comunismo foi classificado como um mal, a inversão dualista que Marx fez das relações entre o material em detrimento do espiritual foi condenado por este movimento religioso, ainda que o acirramento não tenha sido como foi com o comunismo prático da União Soviética na época da Guerra Fria.

A Teoria da Evolução de Darwin gerou muita polêmica e virou até caso de tribunal nos Estados Unidos. A crença darwiniana parecia negar a autoridade do criacionismo interpretado literalmente a partir de Genesis. A questão foi tão séria que discussões foram parar na justiça para se ter uma definição sobre a legalidade de se ensinar o evolucionismo nas escolas daquele país<sup>272</sup>.

---

<sup>271</sup> Ibid, pg. 47

<sup>272</sup> Ibid, pg. 49

Outro inimigo foi o Liberalismo Teológico que enfatizava a capacidade humana e gerou a crítica bíblica que foi rechaçada pelos avivalistas. Era inconcebível para os protestantes norte-americanos aceitar por exemplo, a afirmação de que Moises não foi de fato, o autor dos livros do Pentateuco, que o livro de Isaías era na verdade, composto por três autores e não por um só.

Diante dos desafios da idade contemporânea os protestantes norte-americanos redigiram o seu correspondente ao *Sylabus de Erros*. Entenderam que diante dos ataques à fé cristã era necessário defender os *fundamentos* dessa fé os quais deveriam ser intocáveis e inquestionáveis. Assim como a infalibilidade papal tinha o objetivo de fortalecer a autoridade do papa, os norte-americanos fortaleceram a autoridade da Igreja no que se tornou uma luta em prol da *sã doutrina*.

A reação antiliberal elegeu os cinco fundamentos pétreos da fé cristã: infalibilidade das Escrituras (sendo a mesma lida de modo literalizado e dependente da interpretação das mesmas), a divindade de Jesus Cristo, seu nascimento virginal, seu sacrifício expiatório e sua ressurreição dentre os mortos, além de seu retorno iminente. Dessa forma surgia nos Estados Unidos o *Fundamentalismo Evangélico*, que logo ganhou a adesão da grande maioria dos cristãos protestantes do país, especialmente os do Sul<sup>273</sup>. O fundamentalismo, no início do século XX se consolidou ainda mais quando dois milionários do ramo petrolífero produziram milhões de panfletos espalhando-os em todo o país com os cinco postulados fundamentais da fé, segundo a compreensão do movimento<sup>274</sup>.

O processo de crítica do fundamentalismo em relação ao liberalismo gerou interpretações alternativas do texto sagrado. Se por um lado, o fundamentalismo rejeitou os estudos históricos acerca da Bíblia por outro, viabilizou o surgimento do Dispensacionalismo de Scofield, por exemplo, além ansiar pelo discurso teológico unívoco, que mesmo não estando de acordo com o pensamento protestante, acabou por criar uma uniformização dualista<sup>275</sup>. Esse esquema entendia o plano divino organizado em sete dispensações, onde em cada uma delas havia um modo de Deus se revelar e punir os pecados humanos. Segundo Scofield, estaríamos vivendo a sexta dispensação, a chamada dispensação da Graça e, a última dispensação seria o milênio, entendido literalmente.

<sup>273</sup> LATOURETTE, Kenneth. **Uma história do cristianismo, vol. 2**. Pg. 1930

<sup>274</sup> GEERING, Lloyd. **Fundamentalismo**. São Paulo: Fonte, 2009. Pg. 17

<sup>275</sup> GOUVEA, Ricardo Quadros. **Piedade perversa**. São Paulo: Fonte, 2012. Pg. 103

O mundo protestante norte-americano do século XIX também viu nascer correntes que são rejeitadas pelo próprio protestantismo atual, um exemplo disso foi o surgimento dos Mórmons por Joseph Smith e sua crença de que um anjo o havia mostrado placas com novas revelações de Jesus Cristo. Outro exemplo foram as Testemunhas de Jeová de Charles Russell e a Ciência Cristã de Mary Baker, e seu Dualismo que entendia que o mal-uso da fé era a causa das doenças físicas.

Outra corrente que surgiu desse momento histórico foram os Adventistas do sétimo dia e a insistência inicial do movimento em determinar a data do retorno de Jesus à terra. Essa insistência estava intimamente relacionada com a tendência escatológica daquele contexto. A ênfase na segunda vinda de Jesus abriu caminho para correntes escatológicas diversas como o pré-milenarismo e o pós-milenarismo, ambos acreditavam que o milênio do Apocalipse era literal e futurístico, a crença do estabelecimento definitivo do Reino de Deus para uma corrente seria antes do milênio, para a outra, corrente seria após o milênio, considerado uma prévia desse período eterno.

Os pontos em comum do pré e pós-milenarismo são que ambos foram dualistas e incompatibilizaram qualquer projeto de melhoria social, já que entendiam que este mundo estava definitivamente corrompido. Ambas as correntes criaram uma lacuna entre a Igreja e o Mundo, lacuna que só poderia ser superada com o retorno de Jesus, enquanto isso não acontecia, o papel da Igreja seria o de ganhar almas para a vida eterna, pois neste mundo não existe nada de bom para os santos de Deus<sup>276</sup>.

O protestantismo forjado nos Estados Unidos que será importado para vários países sob sua influência, dentre eles o Brasil, era um movimento religioso complexo e com muitas variantes. Essas variantes todas podem ser comparadas com afluentes que desaguarão num rio chamado Rua Azusa, onde o Pentecostalismo finalmente vai nascer.

#### **2.4.5 De Los Angeles a Belém: o Pentecostalismo nasce e chega ao Brasil**

O Pentecostalismo que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX foi fruto de muitas influências as quais já analisamos nesta pesquisa. O moralismo

---

<sup>276</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. Pg. 103

puritano, o emocionalismo e o anti-intelectualismo pietistas, as experiências pessoais do Metodismo, além do grande ímpeto avivalista gerado pelos Grandes Avivamentos de solo norte-americano são marcas que estarão presentes no Pentecostalismo. Todas essas características, de um modo ou de outro, tendem a um Dualismo e, portanto, o Movimento Pentecostal já nasceria marcado por essa característica que tem acompanhado o cristianismo desde os tempos primitivos.

O Movimento Holiness norte-americano foi um dos últimos estágios históricos antes de chegar de fato no Pentecostalismo. Este movimento seguiu os ideais de uma religião do coração do metodismo e a linha de avivamentos que foram comuns nos Estados Unidos desde o século XVIII.

O Movimento Holiness cria que a natureza carnal do ser humano era má e, portanto, tendia sempre para o pecado e, que esta natureza só poderia ser purificada através da ação do Espírito Santo. A partir da conversão, o crente deve seguir uma vida de renúncias e de santificação, que inclui elementos que mortificarão a carne, como jejuns, vigílias e longas orações, assim como a abstinência de toda relação sexual que não seja pela via do casamento e, mesmo no matrimônio, o sexo é frequentemente visto como meio de procriação da raça humana.

O Movimento Holiness dependeu muito da doutrina de perfeição cristã de John Wesley e, logo compreenderam a santificação como uma *segunda bênção* dada por Deus para aqueles que creem, sendo que a primeira e maior de todas as bênçãos seria a salvação.

A popularização maior dos movimentos de santidade está relacionada ao Seminário Bíblico Betel fundado na cidade de Topeka, Kansas. Este seminário foi fundado por Charles Pahrman, um religioso de infância marcada por enfermidades e pela perda prematura da mãe, que o levou a se tornar membro de uma Igreja Metodista. Pahrman se filiou à igreja porque nela desenvolveu a esperança de que fosse rever sua mãe um dia, no céu<sup>277</sup>. Pahrman foi um dedicado professor de Escola Dominical ao longo de sua vida.

Enquanto jovem, Charles Pahrman teve o intento de estudar medicina o que acabou renunciando, por se sentir chamado por Deus para pregar Sua Palavra, nesta experiência teria sido curado das enfermidades que o debilitava e este passou a ser um dos principais assuntos presentes em seu ministério. Pahrman dizia que falar em

---

<sup>277</sup> OWENS, Robert. **O avivamento da Rua Azusa: o movimento pentecostal começa nos Estados Unidos** in. SYNAM, Vinson. **O Século do Espírito Santo**. Pg. 64

línguas estranhas era um sinal visível do batismo com o Espírito Santo e no culto de fim de ano em 1900, uma aluna do seminário chamada Agnes Ozman teve uma experiência mística, a partir da qual outras experiências semelhantes foram se tornando comuns<sup>278</sup>.

Sobre Charles Pahram pairaram algumas dúvidas, a primeira delas é que ele seria um simpatizante da Ku Klux Klan e, portanto, alguém que flertava com o racismo. Outras dúvidas em relação a Pahram tinham a ver com sua sexualidade: foi acusado de pederastia e de ter molestado menores de idade. Muitos simpatizantes do movimento representado por ele afirmam que foram apenas intrigas de pessoas que não apoiavam o movimento.

Charles Pahram acabou sendo expulso de Topeka e tempos depois fundou uma Escola Bíblica em Houston, onde teve como aluno um jovem sapateiro chamado William Seymour, era um negro, filho de ex-escravo que assistia as aulas no Seminário sentado do lado de fora da sala, já que as questões raciais o impedia de participar das aulas como um aluno igual aos demais<sup>279</sup>.

Parece que Pahram teve carinho por Seymour e queria fazer dele seu substituto no movimento, mas as coisas começaram a tomar outros rumos quando Seymour foi convidado para pregar numa igreja em Los Angeles. Na oportunidade, baseou seu sermão no texto de Atos 2.4 e declarou que Deus teria para os crentes uma terceira benção, o batismo com o Espírito Santo<sup>280</sup>. A pastora que dirigia a igreja ficou escandalizada e expulsou Seymour de lá, que passou a pregar em casas da cidade, até que no dia 6 de abril de 1906 um menino que assistia ao culto teve a experiência de falar em outras línguas, o que se repetiu em várias outras ocasiões, sendo assim o início formal do Pentecostalismo moderno<sup>281</sup>.

Numa das reuniões de Seymour um pastor batista William Durham também teve a experiência da glossolalia. Este pastor acreditava que a justificação já era o início da santificação e, portanto, o batismo com o Espírito Santo seria a segunda benção e não a terceira<sup>282</sup>. Desta data em diante passou a ser muito comum que os

<sup>278</sup> MENDONÇA, Antônio e FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002. Pg. 47

<sup>279</sup> OWENS, Robert. **O avivamento da Rua Azusa: o movimento pentecostal começa nos Estados Unidos** in. SYNAM, Vinson. **O Século do Espírito Santo**. Pg. 69

<sup>280</sup> Ibidem

<sup>281</sup> Ibidem

<sup>282</sup> Ibidem

pentecostais se referissem ao batismo com o Espírito Santo como a *segunda benção*, dada por Deus apenas aos crentes.

William Seymour era um homem simples, que passou grande parte de sua vida na pobreza e não enriqueceu através do ministério que exerceu. Teve contato com várias tradições cristãs, um pastor metodista celebrou o casamento de seus pais, foi batizado como católico e o ofício fúnebre de seus pais foi realizado por pastores batistas. Seymour tendeu mais para a linha metodista, inclusive no início do movimento pentecostal foi chamado de bispo pelos seguidores, herança da eclesiologia metodista americana.

O primeiro endereço fixo onde Seymour pregou foi na rua Bonnie Brie 214, até que com o crescimento dos trabalhos o movimento se mudou para um antigo galpão no histórico endereço da Rua Azusa 312 em Los Angeles, onde o movimento se desenvolveu com o nome de Missão da Fé Apostólica<sup>283</sup>.

O Movimento da Rua Azusa durou apenas três anos, entre 1906 e 1909, durante esses três anos os cultos aconteciam três vezes ao dia (às 10h, às 15h e às 19h), durante sete dias na semana, esse dado revela o fervor dos primeiros pentecostais como também o dualismo entre a igreja e o mundo, pois de certa forma, o excesso de presença nos cultos revelava o desejo de muitos crentes de fugirem do mundo. Seymour faleceu prematuramente aos 52 anos de idade em 1922.

Neste período algumas características foram notáveis: houve uma liderança democrática, a comunidade era composta por homens e mulheres, negros e brancos, o que foi um grande avanço no cenário religioso e social dos Estados Unidos da época, a simplicidade do grupo foi marcante e nenhum desses pregadores ficou rico com o exercício ministerial. Por outro lado, o Pentecostalismo foi marcado por reuniões barulhentas e longas, por um conceito dualista de santidade que via na separação do mundo o ideal de um cristão, e por um desprezo quase que absoluto da reflexão teológica. Historicamente, essas marcas causaram grandes prejuízos ao movimento. Por causa do fervor e dos cultos diários, a imprensa local atacou violentamente os pentecostais acusando-os de fanatismo religioso. A oposição dos meios de comunicação locais, a disputa de liderança que se estabeleceu no grupo e a ausência de uma teologia que guiasse as doutrinas, levaram o movimento a se esfacelar.

---

<sup>283</sup> Disponível em: [www.azusastreet.org](http://www.azusastreet.org). Acessado em 11/10/2017 às 14:08

No início do Movimento Pentecostal havia um forte ímpeto missionário, as pessoas diante das experiências místicas se sentiam vocacionadas a compartilhar dessa mesma experiência em outros lugares do mundo. Foi assim que o sueco Daniel Berg chegou a Chicago no início do século XX com apenas 18 anos de idade, com o intuito de estudar as Escrituras e servir como missionário em algum lugar do planeta. Em 1909, Berg teve a experiência pentecostal numa conferência em Chicago e naquele lugar conheceu outro sueco, que também havia sido batizado com o Espírito Santo, Gunnar Vingren.

Daniel Berg era membro da igreja de Duhram e, juntamente com Vingren se sentiram chamados por Deus para pregarem o Evangelho na cidade de Belém, no Pará. Os missionários chegaram ao Brasil em novembro de 1911 e deram início ao que se tornaria a maior denominação evangélica e pentecostal do país: as Assembleias de Deus<sup>284</sup>. Esta denominação adotou este nome em 1914 em consequência da formação da homônima nos Estados Unidos no mesmo ano. No início do Movimento a Igreja tinha o nome no plural, pois não foi um movimento unívoco.

Em Belém do Pará, os missionários suecos se dedicaram na evangelização, Daniel Berg trabalhava durante o dia como fundidor enquanto Vingren estudava o português. A dupla foi recebida por um pastor também sueco, da Igreja Batista, denominação a qual pertenciam antes de irem para os Estados Unidos. Três anos depois da chegada dos missionários em solo brasileiro era inaugurado o primeiro templo das Assembleias de Deus no Brasil.

O italiano Luigi Francescon chegou em 1910. Membro da Igreja Presbiteriana Italiana, de origem valdense, que havia sido influenciado pela pregação de Duhram, chegou ao Paraná e fundou a Congregação Cristã do Brasil, historicamente a primeira denominação pentecostal do país, que por sua pouca abertura à cultura brasileira, teve muitas dificuldades de se desenvolver.

Ainda que a Congregação Cristã tenha chegado ao Brasil pouco antes das Assembleias de Deus, foi esta segunda denominação a que mais se popularizou dentre o povo brasileiro, até porque a Congregação Cristã durante muitos anos foi uma igreja étnica, voltada quase que exclusivamente para os imigrantes italianos.

---

<sup>284</sup> MENDONÇA, Antônio e FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 47

As duas primeiras manifestações pentecostais em solo brasileiro tiveram alguns elementos similares: ambos missionários receberam alguma influência de William Duhram e, naturalmente, foram denominações missionárias. Por outro lado, as diferenças também residiam no fato de serem missionárias, embora ambos tenham vindo dos Estados Unidos, a missão que deu origem a Congregação Cristã era italiana, que se caracterizou por ser uma igreja étnica, homogênea, ultracalvinista, de herança presbiteriana e oral. A outra denominação foi fruto de uma missão sueca, de origens batista, congregacional, arminiana, heterogênea e com maior facilidade de dialogar com a cultura brasileira<sup>285</sup>.

Durante as quatro décadas seguintes (entre 1910 – 1950) o crescimento pentecostal brasileiro foi discreto e predominantemente assembleiano. No início da década de 1930 foi organizada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (a CGADB – ainda hoje o principal órgão da denominação), também se desenvolveu a ideia de criação de um periódico impresso para relatar e divulgar o avanço do Pentecostalismo em solo brasileiro, hoje o jornal oficial da GCADB é o *Mensageiro da Paz*.

No início da década de 1950, o Brasil conheceria a sua terceira denominação pentecostal, se situava na transição entre o Pentecostalismo Clássico e o Deuteropentecostalismo. A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada na cidade de São Paulo pelo missionário Harold Willians, discípulo que havia sido batizado pela fundadora do movimento, a canadense Aimeé Simple McPerson<sup>286</sup>.

Aimeé teve sua experiência religiosa quando foi curada pelo pregador pentecostal, William Duhram, desta forma, todas as três primeiras denominações pentecostais a chegarem ao Brasil foram influenciados diretamente por este pastor e missionário norte-americano.

---

<sup>285</sup> ALENCAR, Gedeon. **Pentecostalismo clássico: Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus – construção e identidade.** In *Protestantes, evangélicos e neopentecostais*. São Paulo: Fonte, 2014. Pg. 170

<sup>286</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz pentecostal brasileira.** Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2016. Pg. 126.

### 3

## As manifestações do Dualismo no Movimento Pentecostal Brasileiro

Conforme visto no capítulo anterior, o Dualismo nasceu na religião dos persas, teve sua construção intelectual no pensamento grego e, posteriormente entrou na Teologia cristã. Uma vez parte do pensamento cristão, o Dualismo não saiu mais da teologia, apesar de muitos esforços e, mesmo tendo passado muito tempo é possível sentir as influências do Dualismo, as quais se revelaram ao longo da história até chegar ao Pentecostalismo.

Neste capítulo a pesquisa se propõe a fazer um breve relato sobre a história de desenvolvimento do Movimento Pentecostal e os seus desdobramentos no Brasil e, assim como o Dualismo está presente no cristianismo de um modo geral, também se faz presente no Pentecostalismo e neste se manifesta de modos bastante específicos.

### 3.1

#### Um breve histórico do Pentecostalismo brasileiro

O intuito desta pesquisa não é aprofundar-se na história de cada denominação pentecostal brasileira, mas mostrar como o Dualismo esteve presente e continua a influenciar o Pentecostalismo, entretanto um breve histórico das principais fases do Pentecostalismo brasileiro será abordado.

A primeira fase, chamada de Pentecostalismo Clássico, predominante entre 1910 – 1950. A segunda fase chamada de Deuteropentecostalismo, com o surgimento de denominações tipicamente brasileiras, entre 1950 – 1975 e, por fim o Neopentecostalismo e sua aproximação da chamada Teologia da Prosperidade<sup>287</sup>.

O Brasil demorou a ter uma presença considerável de protestantes em seu solo. Antes da chegada da família real portuguesa em 1808 e do tratado comercial que Dom João VI fez com a Inglaterra, só aconteceram duas investidas protestantes na colônia. A primeira aconteceu no século XVI por conta do empreendimento francês na Baía de Guanabara sob a liderança do comandante Nicolas Durand Villegagnon.

---

<sup>287</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. 4ed. São Paulo: Loyola, 2012. Pg. 23

O governo francês da época queria garantir a liberdade religiosa em seus territórios e, por isso Villegagnon solicitou que o reformador João Calvino enviasse alguns pastores e estudantes de teologia para o Rio de Janeiro<sup>288</sup>. Em março de 1557 foi realizado o primeiro culto protestante em solo americano, mas logo aquele empreendimento chegaria ao fim, por causa das perseguições de Villegagnon. O comandante fez com que os pastores respondessem a um questionário e as respostas deram origem a Confissão de Fé da Guanabara, o primeiro texto teológico produzido em solo brasileiro. Como Villegagnon não se satisfiz com as respostas deu início às perseguições que culminaram com a morte de alguns dos pastores presentes no Brasil. Pouco tempo depois, o empreendimento francês chegou ao fim.

A segunda tentativa aconteceu no século XVII com a Holanda de Mauricio de Nassau no nordeste brasileiro. Desta vez o intento foi mais consistente, algumas igrejas chegaram a ser fundadas bem como um Presbitério em Pernambuco e outro na Paraíba formando o Concílio do Brasil, mas pouco tempo depois os portugueses expulsaram os holandeses que se deslocaram para a América do Norte.

Apenas no século XIX com a abertura comercial para as Nações Amigas, especialmente a Inglaterra, o Brasil recebeu muitos imigrantes protestantes. A Constituição Imperial de 1824 dava um grau moderado de liberdade religiosa no Brasil, desde que os locais de reunião não tivessem aspectos de templos e houvesse submissão e respeito pela religião oficial do Estado<sup>289</sup>. O Brasil era um Estado confessional, cujo catolicismo era a religião oficial assim como já era no Reino Português.

O protestantismo do século XIX teve dupla característica: o Protestantismo de imigração trazido especialmente por ingleses e alemães, que vieram para trabalhar no país, os quais trouxeram especialmente a Igreja Luterana e, o Protestantismo de missão, que recebeu os primeiros missionários vindo especialmente dos Estados Unidos, o casal Robert Kalley e Sarah Kalley. Robert deu início ao que seria a Igreja Congregacional e, sua esposa Sarah fundou a primeira Escola Dominical na cidade de Petrópolis<sup>290</sup>. Robert Kalley era escocês e

---

<sup>288</sup> CRESPIAN, Jean. **A tragédia da Guanabara**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. Pg. 30

<sup>289</sup> HOLANDA, Sergio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**, vol. 6. 9ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. Pg. 372

<sup>290</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvea. **Celeste Porvir**. Pg. 221

médico, fez amizade com Dom Pedro II e conseguiu junto ao imperador alguns benefícios para a população protestante do país.

No século XIX também chegaram os Presbiterianos com o missionário norte-americano Ashbel Green Simonton em 1859 e, no final do período imperial os Metodistas conseguiram se estabelecer no Brasil. Ao final do século XIX também marcou a chegada dos Batistas ao país.

Se por um lado Presbiterianos, Metodistas e Batistas formaram uma parcela expressiva da população protestante brasileira, por outro lado foi o Pentecostalismo quem teve maior apelo popular. Segundo dados do Datafolha de 2010, cerca de 25% da população brasileira se declararam protestantes/evangélicos, sendo que 19% membros de alguma denominação pentecostal, especialmente a Assembleia de Deus<sup>291</sup>.

Como visto, a primeira denominação pentecostal do Brasil é a Congregação Cristã (CCB) do italiano Luigi Francescon, a qual caracterizou-se por um Dualismo rigoroso, que ficou expresso através de sua segregação em relação a sociedade e, até mesmo em relação as demais igrejas pentecostais. A CCB é tão marcada pelo Dualismo que não possui nenhuma declaração de fé por escrito e muito menos algum manual dogmático.

O Dualismo social da CCB se revela desde que chegou ao país e permaneceu como igreja étnica, sua crença ultra calvinista ajudou a se distanciar ainda mais da sociedade, pois cria que os eleitos se aproximariam naturalmente sem a necessidade de evangelização. Seus adeptos devem usar roupas consideradas santas: homens de terno e mulheres com saias ou vestidos e principalmente os véus sobre as cabeças<sup>292</sup>.

A CCB tem uma estrutura composta apenas por anciãos e diáconos, as estruturas arquitetônicas e litúrgicas são praticamente padronizadas. O Dualismo sexista está presente e, as mulheres têm poucas atribuições de liderança na denominação.

Outra denominação que formou o Pentecostalismo clássico, e a mais numerosa de todas, foram as Assembleias de Deus que possuem características que ajudaram a influenciar todo o movimento no Brasil. A denominação não é uniforme, por isso o nome no plural, *Assembleias de Deus*. Não existe uma

---

<sup>291</sup> ALENCAR, Gedeon. **Pentecostalismo clássico: Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus – construção e identidade.** In *Protestantes, evangélicos e neopentecostais*. Pg. 171

<sup>292</sup> *Ibid*, 175

liderança com poderes episcopais sobre todas as igrejas locais e nem tampouco um órgão com validade administrativa de modo padronizador.

Em geral, as Assembleias de Deus estão ligadas ao maior órgão da denominação a CGADB, mas alguns ministérios não estão filiados a este órgão formando assim outras convenções independentes como o Ministério de Madureira (CONAMAD), presidido pelo Bispo Manoel Ferreira e seus filhos e, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), liderada pelo Pastor Silas Malafaia.

O Pentecostalismo assembleiano mantém o Dualismo sexista e mulheres não podem exercer ministérios ordenados ou de lideranças em geral<sup>293</sup>. O Dualismo social também é exercido quando se pensa que o papel da Igreja é o de salvar as *almas* dos perdidos, ou seja, dos que estão fora das igrejas, além do ascetismo praticado pelos longos jejuns, vigílias de oração e roupas que distinguem os crentes dos não crentes.

Se por um lado a CCB não possui nenhum material escrito, por outro lado, as Assembleias de Deus mantém desde 1930 um jornal oficial da denominação, além de revistas de Escola Dominical, e uma editora muito importante conhecida como Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), principal responsável pela produção de material de EBD do Brasil e pela publicação de centenas de livros com alcance nacional.

O movimento assembleiano se caracteriza pela forte presença de crentes fervorosos em locais marcados pela miséria, pela omissão tanto dos órgãos públicos quanto das religiões tradicionais, em lugares marcados pela violência. As Assembleias de Deus aproximaram-se das camadas mais pobres e excluídas da população brasileira falando a sua língua e resgatando o senso de dignidade dessas pessoas.

São milhares de Assembleias de Deus na zona rural, nas comunidades carentes e no interior de modo geral, assim também, como já existem os grandes templos presentes nas grandes cidades. O impulso evangelístico é gerado por fieis voluntários, responsáveis pela necessidade de *salvar almas* em relação a este mundo mal, com o intuito escatológico de antecipar a vinda de Jesus à terra para pôr fim às mazelas deste mundo. O discurso escatológico é respaldado no Dualismo antropológico, porém também deixa claro o Dualismo social desta população que

---

<sup>293</sup> Ibid, pg. 178

pela ausência da justiça, vive uma realidade muito difícil e por isso, o retorno de Jesus para os buscar é aguardado com grande esperança.

O ministério assembleiano é basicamente leigo e a grande maioria de suas igrejas são pequenas e simples parecidas com as casas de seus membros e, portanto, presente nos locais mais distantes do país. As mulheres são a maioria e as principais trabalhadoras, embora não possam ascender a cargos ministeriais, como de presbíteras, evangelistas ou pastoras, em algumas convenções independentes da CGADB isso já é uma possibilidade. Os membros são aconselhados a usarem roupas de *santos*, e prevalece a definição de santidade dualista como *separação do mundo*. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 existem cerca de 17 milhões de assembleianos no país<sup>294</sup>.

A segunda fase do Movimento Pentecostal chamada de Deuteropentecostalismo teve início em 1951 com a fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ). Esta denominação, ainda desenvolvida com missionários da América do Norte, já recebeu em sua membresia muitos ex-adeptos das Assembleias de Deus, especialmente.

A IEQ possui eclesiologia metodista e teologia arminiana<sup>295</sup>. Outra característica da IEQ é sua ênfase sobre a cura divina, fruto da experiência pessoal de sua fundadora Aimeé McPerson e essa é a principal marca da segunda geração do pentecostalismo brasileiro. Muitos pesquisadores acreditam que a pregação de cura divina, para uma população sem o devido acesso a um programa de saúde de qualidade, foi o estopim para a popularização do Pentecostalismo brasileiro da segunda geração<sup>296</sup>.

A IEQ tem esse nome por causa da crença que possui nas operações fundamentais de Jesus: Ele salva, liberta, cura e batiza com o Espírito Santo. Nestas quatro definições percebe-se a síntese entre a Cristologia clássica ao afirmar que Ele salva, a compreensão de libertação já dualista de se relacionar com os demônios, ou seja, uma libertação apenas espiritual. A reafirmação pentecostal básica de que Jesus batiza com o Espírito Santo também está presente e agora, a crença de que Ele também é o que cura as doenças físicas.

---

<sup>294</sup> Ibid, pg 171

<sup>295</sup> MENDONÇA, Antônio e FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 48

<sup>296</sup> Ibidem

O movimento de curas da IEQ deu início a outras denominações desta linha, só que tipicamente brasileiras. A primeira delas foi fundada em 1956 pelo missionário Manoel de Mello, que tinha sido assembleiano e passou pela IEQ. Manoel de Mello fundou a Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (IPBC), esta denominação também foi uma das primeiras a desenvolver o Dualismo político e eleger seus representantes para cargos eletivos. No meio pentecostal foi se construindo um Dualismo que afirmava que cristãos deveriam votar apenas em cristãos e, que desta forma se conseguiria expelir os *filhos das trevas* do poder público e substituí-los pelos que seriam filhos da luz.

A IPBC teve a curiosa característica de apoiar trabalhos ecumênicos com denominações tradicionais e de ter se filiado ao Conselho Mundial de Igrejas, característica não muito convencional para uma denominação pentecostal<sup>297</sup>. A igreja se desenvolveu bastante em sua primeira década de existência.

Outra denominação da época foi a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) fundada em 1962 pelo missionário David Miranda. Esta denominação cresceu bastante na década de 1960 e a principal ênfase de sua pregação também era a cura divina. A IPDA também investiu em programas de rádio e em jornais para divulgar a sua mensagem, enfatizou as longas reuniões de oração com seus cultos barulhentos e longos e um espírito aguerrido disposto a lutar contra as forças do diabo. A IPDA é uma das mais severas em questão à moralidade, presença nos cultos, fidelidade no pagamento de dízimos e nos hábitos ascéticos de santidade<sup>298</sup>.

Dentre as denominações da época com a ênfase na cura divina, destaca-se também a Igreja da Casa da Bênção (ICB) de 1964, liderada desde a sua fundação pelo Apóstolo Doriel de Jesus, o curioso é que pela primeira vez uma denominação pentecostal tem *Apóstolo* como título eclesiástico, o que viria a ser comum dentre algumas linhas Neopentecostais.

Grande parte das igrejas pentecostais não adotam o regime de episcopado, mas são na prática espécies de monarquias absolutistas, que se mantem ligadas a uma liderança carismática que a governa até a sua morte. Geralmente o líder prepara um sucessor para assumir a liderança da igreja antes mesmo de sair de atividade, muitas vezes a liderança passa para um filho ou um discípulo de sua inteira

---

<sup>297</sup> Ibid, pg 53

<sup>298</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg 26

confiança. Não é incomum as sucessões pastorais serem acompanhadas de rachas e disputas pelo poder.

A década de 1960 ainda viu nascer a Igreja Cristã Maranata (ICM), diferente das demais igrejas do Deuteropentecostalismo, era na verdade um tipo de reedição da Congregação Cristã, pois é também bastante sectária, inclusive em relação as próprias denominações pentecostais, não tem teologia escrita e sua liderança acredita que Deus traz aos seus escolhidos a Sua revelação para a direção dos cultos e trabalhos em geral.

Em 1967 nasceu na Região Serrana do Rio de Janeiro a Igreja Metodista Wesleyana (IMW), um segmento pentecostal do movimento metodista brasileiro. Ao final do Concílio Regional da Igreja Metodista do Brasil de 1966 alguns pastores e leigos foram convidados a se retirarem das fileiras denominacionais, a causa era que os mesmos defendiam a imposição das mãos sobre os enfermos, organizavam vigílias de oração e, principalmente, criam no batismo com o Espírito Santo, alguns inclusive já tinham vivido essa experiência<sup>299</sup>.

A IMW é especialmente presente na cidade de Petrópolis onde possui quatro Distritos Eclesiásticos<sup>300</sup> e mantem o regime episcopado do metodismo norte-americano. Na IMW não há perpetuação de poder, pois a liderança maior da denominação (os Bispos) são eleitos a cada seis anos pelo Concílio Geral. Os pastores das igrejas locais são nomeados pelo Bispo Regional para um mandato de dois anos, podendo ser renovado ou recomeçado em outra igreja local.

Faz-se necessário citar que a década de 1960 foi marcada por um profundo Dualismo na cosmovisão mundial. Foi o período mais acirrado da Guerra Fria entre capitalistas norte-americanos e socialistas soviéticos. No mundo de influência norte-americana, de maioria cristã, não se alinhar com os ideais desta nação era praticamente sinônimo de comunismo.

Por sua vez o Brasil vivia o período mais acirrado da Ditadura Militar, os direitos políticos estavam suspensos e a *caça* aos considerados subversivos era desenfreada. Esse cenário enfatizou o conservadorismo do Movimento Pentecostal, por exemplo a escatologia pré-milenarista foi a preferida, os papéis entre homens e mulheres foram *bem definidos*, em nenhuma dessas igrejas existia o

---

<sup>299</sup> Estatuto e regimento interno da IMW. Duque de Caxias: Centro de Publicações, 2015. Pg. 12

<sup>300</sup> Os quatro distritos eclesiásticos da IMW na cidade de Petrópolis são: Bingen, Itaipava, Itamarati e Petrópolis.

reconhecimento do ministério feminino. Além da definição dos padrões de usos e costumes para que os crentes não fossem confundidos com os *subversivos* da sociedade.

O Dualismo entre capitalistas e socialistas ajudou a fomentar o Dualismo entre Igreja e Mundo, entre o bem e o mal e fez com que os cristãos, em específico, se habituassem a sempre ter respostas padronizadas, sempre se esperava de um cristão o posicionamento ao lado dos Estados Unidos e do cristianismo representado por esse país.

Entre a década de 60 e início da década de 70, a Igreja Pentecostal de Nova Vida (IPNV) representou a transição entre o Deuteropentecostalismo e o Neopentecostalismo. Em 1960 o missionário canadense Robert McCalister fundou esta igreja no Rio de Janeiro, sua principal característica, que a diferenciou das outras denominações pentecostais foi a abertura para os meios de comunicação como a TV e a aproximação com a classe média, já que o pentecostalismo era basicamente um movimento para classes pobres<sup>301</sup>.

Na Igreja de Nova Vida já se manifestava algumas características do Neopentecostalismo, como o combate ao diabo, a prosperidade financeira como bênção divina e a ausência dos usos e costumes<sup>302</sup>. Chama a atenção o fato de ter dois membros específicos nas fileiras da IPNV: Edir Bezerra Macedo e Romildo Ribeiro Soares, que posteriormente se desligaram da Igreja de Nova Vida e fundaram respectivamente as Igrejas Universal do Reino de Deus (IURD) em 1977 e Internacional da Graça de Deus (IIGD) em 1980, ambas na cidade do Rio de Janeiro.

A Igreja de McCalister não era o que as denominações oriundas dela se tornaram. A Vida Nova fazia parte do Conselho Mundial de Igrejas e mantinha contato ecumênico com o próprio Vaticano, não apresentando um espírito anticatólico, características inimagináveis para as denominações neopentecostais<sup>303</sup>.

As igrejas neopentecostais mantem a crença na cura divina relacionando as doenças com possessões demoníacas. Além disso, a principal marca é sem dúvida, a Teologia da Prosperidade, princípio que vê nas bênçãos materiais como sinal da

---

<sup>301</sup> MCCALISTER, Walter. **Neopentecostalismo – a história não contada**. São Paulo: Anno domini, 2012. Pg. 41

<sup>302</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 51

<sup>303</sup> Ibid, pg. 39

aprovação de Deus, seja na vida particular do fiel, seja na dinâmica de uma igreja. O contrário também acontece: quando alguém passa por dificuldades financeiras ou alguma igreja diminui de tamanho ou arrecadação, se entende que há algo de errado e que Deus não está abençoando.

As Igrejas neopentecostais também importaram a prática da Confissão Positiva de correntes da Teologia da Prosperidade norte-americanas, acreditam no poder das palavras que ditas com fé são como verdadeiras profecias com a capacidade de abençoar ou amaldiçoar alguém.

No Neopentecostalismo a exposição às grandes mídias se tornou um dos trunfos para a popularidade do movimento. A IURD adquiriu a Rede Record de Televisão no fim da década de 1990 e a transformou numa das principais emissoras de TV do país. A IIGD sustenta por anos um programa em horário nobre na TV Bandeirantes, seu principal veículo de divulgação. Além disso, as duas denominações possuem emissoras de rádios, outros horários alugados em emissoras de televisão e sites de internet, com ampla literatura de divulgação de seus líderes, além de jornais oficiais. Essas igrejas, apesar da pouca idade, são veículos poderosos de religiosidade e estão presentes em vários países do mundo, além de possuírem quase 20 mil templos juntas só no Brasil.

Nas igrejas neopentecostais as liturgias são bem mais simples que nas igrejas pentecostais, não tem exigências quanto a usos e costumes, pois, se percebeu que esse seria um impedimento da divulgação e popularização dessas igrejas. O pastor tem grande autoridade eclesiástica e espiritual, os cultos são campos de batalha contra os demônios e as doenças, e com grande período do culto destinado ao recolhimento de ofertas e dízimos. O dinheiro é ensinado como sendo uma ferramenta para repreender o poder do mal e fazer a bênção de Deus se aproximar do fiel.

Há uma grande aposta no Dualismo social, pois através da pregação de prosperidade muitos fieis dão ofertas volumosas para as igrejas que se compõe, em sua maioria, por pessoas pobres. Cerca de 91% da membresia da IURD recebe no máximo cinco salários mínimos e 85% não tem o nível fundamental completo<sup>304</sup>.

O Neopentecostalismo investe alto no Dualismo político com a máxima de que servos de Deus devem votar apenas em *servos de Deus*. Em todos os pleitos

---

<sup>304</sup> Ibid, pg. 59

eleitorais as denominações lançam em muitas cidades e Estados seus próprios candidatos e os membros de suas igrejas são assediados com veemência a votarem neles. A IURD tem seu próprio partido político (Partido Republicano Brasileiro - PRB) e além de razoável bancada no Senado, Câmara Federal e nas inúmeras Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, tem cargo executivos importantes como a Prefeitura do Rio de Janeiro atualmente liderada por Marcelo Crivella, bispo licenciado da denominação.

A igreja neopentecostal de relevância midiática mais recente é a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), fundada em 1998 pelo Apóstolo Valdemiro Santiago, ex-bispo da IURD. Mesmo jovem, a Igreja já está presente em muitos países e com grande força no Brasil. A IMPD, como o próprio nome sugere, segue as linhas de Universal e Internacional da Graça, baseando-se nos exorcismos, curas divinas e na teologia da prosperidade.

Existe no Neopentecostalismo um segundo ramo, este representado pela Comunidade Sara Nossa Terra (CSNT) de 1976, cujos líderes são o casal Robson e Ana Lucia Rodovalho e a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (IARC), fundada em 1986 pelo casal Estevam e Sônia Hernandes, dentre várias outras comunidades independentes. Nessa corrente não se percebe com a mesma clareza que nas outras, a guerra contra o diabo ou mesmo as campanhas de cura divina, porém apresenta como principal marca o movimento *gospel*, bandas musicais bem preparadas que transformam o culto num verdadeiro *show* divulgando suas mensagens e arrecadando grandes somas de dinheiro.

Nessas comunidades encontra-se uma hipervalorização da figura do bispo, apóstolo ou pastor como *gurus* espirituais que dão *cobertura* para os fiéis obedientes e, assim todos os fiéis, se quiserem ser alvos da benção de Deus, devem permanecer sob a *cobertura espiritual* de sua liderança. Além disso, são igrejas que apostam no movimento de G12, método de crescimento de igrejas baseado em células, onde cada líder possui doze discípulos e estes, por sua vez, têm a tarefa de produzirem outros doze e, assim por diante.

Estas denominações também tendem a apoiar a *Teologia do Domínio*, ideia que cada território estaria controlado por um demônio que se contrapõe ao agir de Deus naquela localidade<sup>305</sup>. Esse demônio só pode ser vencido com campanhas de

---

<sup>305</sup> PASSOS, João Décio. **Os Pentecostais**. Pg. 36

oração e jejuns e mapeamentos espirituais que detectem a presença de símbolos ou estruturas diabólicas. Na primeira década dos anos 2000 este movimento ficou muito conhecido no Brasil através de livros como *Ele veio para libertar os cativos*, de Rebeca Brow e *Filhos do Fogo*, de Daniel Mastral.

São incontáveis as denominações pentecostais e neopentecostais, esta pesquisa consiste em apresentar como o Dualismo penetrou na teologia e na prática do Movimento Pentecostal. Por mais diversificado que seja o Pentecostalismo, o Dualismo tem se feito presente e se manifesta de um modo ou de outro na realidade de cada fase do Movimento.

### 3.2

#### **As Principais manifestações do Dualismo no Movimento Pentecostal**

Neste momento da pesquisa é importante a constatação de que o Dualismo desde os períodos mais primitivos tem exercido influência sobre o pensamento cristão. Desde o processo de helenização da fé, em meados do segundo século, é possível perceber sua presença. O Dualismo prosseguiu no cristianismo de diferentes maneiras e nas mais diferentes épocas históricas e correntes teológicas.

Quando o Pentecostalismo nasceu no início do século XX já surgiu irremediavelmente marcado por um forte Dualismo. Essa presença dualista pode ser entendida pelas influências que o movimento teve em sua concepção (Pietismo, Puritanismo, Grandes Avivamentos, Fundamentalismo) e, nos dias atuais o Movimento Pentecostal brasileiro expressa o Dualismo de maneira muito perceptível e sob vários aspectos<sup>306</sup>.

Deve-se lembrar que o mundo ocidental teve seu pensamento forjado pelo helenismo, caracterizado pelo Dualismo Platônico, portanto não foi o Pentecostalismo quem inventou o Dualismo e nem tampouco, é o único movimento cristão marcado por ele, certamente podemos ver as influências do Dualismo em várias tradições cristãs contemporâneas, não apenas no Pentecostalismo.

Em se tratando de cultura brasileira, que como tal faz parte do mundo ocidental e tem fortes influências da mentalidade helênica, o Dualismo está presente até mesmo no imaginário popular. Desde crianças ouvimos história de terror sobre *almas penadas*, almas que estariam desencarnadas de seus corpos e vagam sem

<sup>306</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvea e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Op cit.** Pg. 239

rumo por este mundo material (onde não deveriam estar mais) sem encontrar o caminho do mundo espiritual em que deveriam andar. Mesmo nos contos juvenis, a alma e o corpo são vistos como realidades isoladas que podem se separar e, assim sendo, a alma continua vivendo, ainda que de outra maneira, já o corpo morre imediatamente no momento em que a alma sai dele.

Nas lendas urbanas que fazem parte de nossas fábulas, quase todas têm um fundo dualista em sua formação, como as almas que andam sem rumo pelos cemitérios à meia-noite, ou mesmo as almas que são avistadas em museus, antigas senzalas, casarões abandonados ou algo semelhante, mesmo crendo na presença dessas almas, sabe-se que seus corpos já não estão mais presentes, ou seja, foram destruídos enquanto que a alma tem sua imortalidade.

No senso comum está presente a ideia de que quando corpo e alma se separam cada um segue em destino diferente e que existe um mundo material feito para os corpos e, um mundo espiritual feito para as almas dos seres que já se desligaram de sua corporeidade.

Em velórios, quando as pessoas vêm alguém morto dentro de um caixão, muitos evitam se referir ao corpo como sendo a pessoa em si, mas pensam que sua verdadeira essência já está em outra realidade. Desta maneira, por causa da influência dualista, mesmo as pessoas mais simples não têm muitas dificuldades para compreender a separação existente no momento derradeiro entre o corpo (que perde seu sentido e identificação) e a alma (o que realmente representa a pessoa falecida).

O Dualismo não se apresenta apenas nas explicações mais radicais para a existência humana, ele está presente até mesmo no cancionário popular do Brasil. Mesmo que esse Dualismo não seja sistematizado e consciente, por exemplo num trecho da música *Depois do prazer* de um grupo de pagode que foi muito popular no início dos anos 2000 diz: “(...) o que o *corpo faz, a alma perdoa* (...)”<sup>307</sup>. A música em questão faz uma espécie inconsciente de *nicolaísmo contemporâneo*, em referência à antiga doutrina que via os atos do corpo como não sendo necessariamente os atos da alma. A música acima mencionada é de 1997, ou seja, algo recente que dá uma noção de quanto o assunto é atual e está presente nas manifestações mais populares.

---

<sup>307</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/alexandre-pires/659723/> acessado em 21/11/2017, às 20:29

Se até mesmo no senso comum o Dualismo parece estar de alguma forma impregnado, que dirá no Movimento Pentecostal que além das influências desta cultura brasileira é um movimento cristão e como tal recebe, historicamente, influências deste Dualismo em sua forma de pensar. O Dualismo penetrou na teologia cristã praticamente desde os primórdios e foi passando de tempo em tempo, de movimento em movimento até chegar no Pentecostalismo e, neste movimento assumiu várias formas de se expressar.

### 3.2.1 O Dualismo antropológico (Alma x Corpo)

Alfonso Garcia Rubio nos oferece em sua obra um riquíssimo relato sobre a criação do ser humano segundo a ótica judaico-cristã. No processo criacional o ser humano é chamado de imagem e semelhança do próprio Criador. Na linguagem do Gênesis ser imagem e semelhança de Deus está incluído o fato de ser criado como ser relacional, conforme é o Criador.

O ser humano é capaz de desenvolver relacionamentos com Deus (relação espiritual), consigo mesmo (relação psicológica), com o próximo (relação sociológica) e com a natureza (relação ecológica). A integralidade do ser humano contemplava seu relacionamento humanizador e sadio nestas quatro frentes relacionais.

Numa situação ideal, o ser humano vivia em plena paz, sua relação com o Criador era tranquila e íntima, Deus se encontrava com o ser humano frequentemente e este encontro era amável. A relação consigo mesmo era equilibrada e o ser humano não era assombrado pelo pavor da imprevisibilidade da morte, além de ter satisfação em seu trabalho. A relação com o próximo era caracterizada pela igualdade, mútua colaboração e pelo cuidado. Por fim, a relação ecológica, assinalada pelo cuidado do ser humano para com a natureza, que harmonicamente oferecia tudo o que o mesmo carecia para se alimentar e viver bem<sup>308</sup>.

O relato de Gênesis 3 mostra o ser humano vivendo numa relação bem diferente do ideal desenvolvido pelo Criador. A relação passou a ser marcada pelo pecado, o que o afetou integralmente, deturpando suas relações.

---

<sup>308</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 159

A relação com Deus passou a ser envergonhada e fugitiva. A relação consigo mesmo passou a ser acompanhada da amarga certeza da morte, que além de ser inevitável, seria imprevisível. A relação com o próximo se caracterizaria pela dominação e submissão, além disso, o homem passou a trabalhar arduamente e a mulher a dar à luz de modo dolorido. Já a relação com a natureza, que era marcada pela harmonia, passou a ser penosa e desequilibrada devido a ganância do homem<sup>309</sup>.

O mesmo capítulo 3 de Gênesis termina esse relato do pecado com a promessa divina de um redentor que salvaria o ser humano dessa situação de afastamento de Deus e de fechamento em si mesmo. A fé cristã fez a leitura de que Jesus era o salvador da criação divina deturpada pelo pecado e o cumprimento da promessa salvífica de Gênesis 3. Significa crer, pelo menos em tese, que se abrir à oferta graciosa e acolhedora de salvação liberta e salva de modo integral os seres humanos.

Se Deus fez o humano como ser integral e o pecado o afetou em sua integralidade, a salvação de Jesus veio para liberta-lo e salva-lo também de modo pleno. Cristo veio para salvar o ser humano em sua relação com Deus, abrindo o acesso livre e confiante ao Seu coração.

A salvação de Deus consiste em revelar o Pai misericordioso e amoroso o qual Ele chamou de *Abba*<sup>310</sup>. Jesus não veio apenas para uma salvação espiritual, mas também psicológica libertando-o do seu próprio *eu*, trazendo Sua paz às mentes e corações. Ele salva o ser humano da relação social, deixando claro aos discípulos que seu plano não era baseado na dominação ou na sujeição de quem quer que fosse, mas no compromisso ético do respeito e serviço mútuos<sup>311</sup>.

O Salvador veio a terra para salvar a relação humana com a natureza, que é fruto da obra criadora de um Deus amoroso e generoso. O texto de João afirma que Deus amou o  *mundo*  e, por isso enviou o Seu Filho. Neste contexto, a palavra  *mundo*  significa o cosmo criado por Deus<sup>312</sup>.

Historicamente o Movimento Pentecostal tem entendido a salvação proporcionada por Jesus apenas de modo *espiritual*, ou seja, há uma compreensão dualista sobre a salvação sendo esta fruto do Dualismo antropológico. Muitos

---

<sup>309</sup> Ibidem

<sup>310</sup> Cf. Mateus 27.50-51, Lucas 15.11-32, Gálatas 4.6

<sup>311</sup> Cf. Mateus 20.25-26

<sup>312</sup> Cf. João 3.16

consideram que Jesus veio apenas para salvar *espiritualmente*, ou seja, de livrar do poder do diabo e da condenação eterna, entretanto não se consegue pensar em Jesus como quem salva integralmente. Muitos parecem ler o texto de João 3.16 como se no lugar de *amar o mundo*, estivesse apenas *amar o humano*.

A deturpação da antropologia judaico-cristã tem sua origem na infiltração do Dualismo antropológico platônico no pensamento teológico cristão. Com Platão, o Dualismo que já existia no mundo persa, recebeu uma formulação teórica. Esta estrutura teve grande importância na formulação do pensamento filosófico que forjou o mundo ocidental e conseqüentemente, o pensamento cristão<sup>313</sup>. A antropologia platônica expressa claramente no Fédon, apresenta uma divisão entre duas realidades consideradas antagônicas e excludentes: o mundo das ideias e o mundo das coisas, o primeiro representado antropologicamente pela alma, o segundo representado pelo corpo.

Nesta concepção platônica, a alma humana participa do mundo das ideias, da contemplação e da perfeição, enquanto que o corpo, participa do mundo das coisas, do temporal e do imperfeito. A alma se encontra presa e limitada pelo corpo físico e numa versão cristã representada pelo gnosticismo, a salvação consistiria na libertação da alma em relação ao corpo, considerado além de fator limitador, fonte de pecado e depravação.

O gnosticismo fez a mesma distinção que o platonismo fez. No platonismo o filósofo era o ser iluminado, que desprezava o corpo físico e buscava a contemplação que a alma deveria fazer, sendo necessário para isso a sua libertação em relação ao corpo. No gnosticismo havia a separação entre os iluminados, portadores de uma revelação especial de Deus, e os não-iluminados. Séculos depois, mas ainda sob a influência do Dualismo, o Pentecostalismo fez a distinção entre os salvos e os não-salvos e entre os batizados com o Espírito Santo, considerados iluminados e habilitados para a obra de Deus, e os não batizados.

No Movimento Pentecostal o corpo é entendido como fonte de concupiscência e pecado, até por causa da influência moralista do puritanismo, que por sua vez, foi influenciado pelo Dualismo. O pecado é quase sempre entendido de modo moral. Na mente pentecostal a alma e o corpo (chamado de carne) são conflitantes, um quer fazer o que é contrário ao outro. A alma faz o ser humano

---

<sup>313</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 97

buscar a Deus, orar, jejuar, ir à igreja, já o corpo faz o ser humano querer pecar, comer, dormir, ter relações sexuais, buscar a imoralidade. O crente pentecostal convive com um conflito interno em que tudo o que não é considerado espiritual tende a leva-lo ao pecado.

Durante muito tempo (e ainda hoje existe em algumas denominações) não era permitido sequer jogar futebol, ir à praia com roupas apropriadas ou mesmo ir ao cinema<sup>314</sup>. O Pentecostalismo foi fortemente marcado pelo chamado *usos e costumes*, uma série de regras morais relacionadas ao vestuário, especialmente das mulheres, uma vez que se o pecado é carnal os homens se sentem tentados quando as mulheres, em tese, não se vestem adequadamente. Para os homens as calças devem ser usadas em quaisquer circunstâncias (alguns defendem a tese de que devem usá-las inclusive para dormir) e em ocasiões mais solenes, como cultos oficiais, devem usar terno e gravata. Já as mulheres devem usar sempre saias ou vestidos, não devem usar roupas curtas, decotadas ou calças, que são consideradas roupas masculinas.

Por ter presença dualista, o Pentecostalismo não conseguiu ainda desenvolver uma teologia do cuidado num sentido mais amplo. No início do protestantismo Calvino, por exemplo, tinha uma compreensão ascética de que o homem não deveria *perder seu tempo* em festas e deveria se dedicar ao trabalho, Lutero diminuiu o máximo possível das festas e celebrações para que o povo tivesse mais tempo para trabalhar.

O Puritanismo, que ajudou a formar a religiosidade norte-americana enfatizava o trabalho. Já no Pentecostalismo o trabalho excessivo é para a Igreja ou para a causa do Senhor, por vezes os pentecostais falam para os que se sentem cansados e desejosos de momentos de descanso: *Nosso descanso não é nessa terra!* Uma clara distorção escatológica baseada numa má compreensão de textos bíblicos, que evidenciam um dualismo entre alma e corpo<sup>315</sup>.

Muitas comunidades pentecostais acreditam que todo o tempo disponível que um crente tenha deve ser investido para o trabalho na obra do Senhor. Não é incomum igrejas que tenham programações aos sábados, dia em que a maioria dos trabalhadores poderia dedicar para o descanso e suas famílias, segundas à noite, e

<sup>314</sup> GONDIM, Ricardo. **É proibido**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998. Pg. 137

<sup>315</sup> Cf. Filipenses 3.20-21

em vários horários durante o domingo, isso sem falar em feriados, que se tornam sempre oportunidade de trabalhar mais ainda.

Como na mentalidade dualista há um afastamento de uma espiritualidade integradora, fazer a *obra de Deus* significa estar na Igreja, ou fazer coisas consideradas *espirituais*. A concepção de espiritualidade relacionada ao sobrenatural reflete, por exemplo, na maneira como muitos tratam de questões psicológicas, como a depressão.

Para muitos, a depressão é, na verdade, um desânimo espiritual produzido pelo diabo e que deve ser repreendido com orações e jejuns. Parte das pessoas não consegue fazer a leitura de que o corpo e a mente precisam de descanso e cuidados específicos, depressão ainda é considerada por muitos como *seta* demoníaca para tentar fazer o crente parar. Não é difícil encontrarmos líderes que afirmam que a depressão tem origem espiritual e que a solução seria campanhas de oração e libertação, com isso muitos pentecostais passam anos de suas vidas abalados por esse grave problema, outros inclusive têm um quadro depressivo agravado pelo excesso de frequência e trabalhos na Igreja e pela interpretação culposa que se fazem sobre o assunto.

A espiritualidade pentecostal é fortemente marcada pelo ascetismo, com o qual o cristianismo desde períodos primitivos teve de conviver, além disso, ser espiritual significa algo relacionado com a igreja: participação em cultos, oração, jejum, vigílias, hinos evangélicos, etc. Esta espiritualidade é dualista, não se entende a contemplação da natureza, o passeio com a família, o bate papo com os amigos, o descanso depois de um dia de trabalho, o cuidado do cônjuge, como maneiras de exercício da espiritualidade integradora de Jesus<sup>316</sup>.

No Movimento Pentecostal a salvação de Jesus consiste em livrar a alma do ser humano que o aceita como único e suficiente salvador do poder do pecado, que leva inevitavelmente para o inferno. A salvação é enfatizada na morte de Jesus (e não na sua vida) compreendida de modo expiatório para acertar com Deus a conta que pesava sobre a humanidade.

No Pentecostalismo ainda prevalece a ideia de que a mulher deve ser submissa ao homem, numa relação de dominação que segundo o Gênesis era

---

<sup>316</sup> MELO, Jansen Racco Botelho de. **As contribuições educacionais e sociais da Reforma Protestante.** In. BARBOSA, Carlos Antônio Carneiro (Org). **Reforma 500 anos.** São Paulo: Reflexão, 2017. Pg. 59

marcada pelo pecado. Continua se compreendendo o trabalho como consequência inevitável do pecado e não como fonte de realização pessoal. A natureza raramente é lembrada em pregações, hinos ou mesmo estudos em cultos pentecostais, geralmente as igrejas quando compram um terreno cortam todas as árvores que nele estão para que possam fazer a construção do futuro templo.

Se, pois, a vinda de Jesus à terra é compreendida como sendo para salvar espiritualmente o ser humano, salvando sua alma do poder do inferno, logo a missão maior da Igreja nessa concepção passa a ser a de *ganhar almas*. No Estatuto da Igreja Metodista Wesleyana afirma-se que a missão da igreja é justamente ganhar almas<sup>317</sup>. Nessa leitura as comunidades vão fazendo uma distinção inevitável entre a salvação da alma e os cuidados da vida como um todo. Numa antropologia cristã dualista é a alma que será salva e encontrará com a eternidade, enquanto que o corpo terá um inevitável encontro com a corrupção no momento em que provar a morte.

Na espiritualidade pentecostal a relação conflituosa entre mundo das ideias e mundo das coisas é reinterpretada como sobrenatural e natural. É como se existisse uma realidade transcendental que domina a realidade natural, para bem e para mal. Muitos ainda pregam sobre as chamadas *batalhas espirituais*, ou creem nas chamadas *retaliações do diabo*. As batalhas espirituais partem do pressuposto que demônios governam lugares e ambientes consagrados a eles e a única maneira dessa influência ser anulada é guerreando através de orações e jejuns, essa tendência é mais presente nas denominações neopentecostais que dão maior ênfase ao movimento gospel.

A concepção de retaliação do diabo tem ainda maior influência, muitos acreditam que quando um crente se dedica em fazer algo de sagrado que agrada a Deus, conseqüentemente o diabo se irrita e levanta retaliações para que esse crente desista, por exemplo de ir à igreja, de evangelizar, de orar. Essa tendência parte do pressuposto que o mundo espiritual governa sobre o natural, causando inclusive fomes, guerras e toda a sorte de maldades sobre a humanidade.

Esse conflito com o mal também tem seu lado considerado *positivo*, por exemplo quando crentes são estimulados a buscarem nos poderes espirituais do bem a cura de uma doença tida pela medicina como terminal ou mesmo uma simples dor de cabeça. Quando fazem correntes de oração para que no mundo espiritual se abra

---

<sup>317</sup> Estatuto e Regimento Interno da Igreja Metodista Wesleyana. Pg. 18

uma porta de emprego, ou mesmo quando se faz vigílias de oração para pedir que o marido agressivo e alcoólatra se converta e deixe de ser dominado pelo diabo que o induz a fazer essas maldades. Muitos cristãos pentecostais têm conflitos em seus empregos porque são pegos em horário de expediente orando, ouvindo hinos religiosos ou lendo a Bíblia e, quando querem trocar dias de trabalho ou sair mais cedo para participarem das programações da igreja e tem seus pedidos rejeitados, entendem isso como oposição do diabo em seus intentos de louvar a Deus.

A santidade do movimento pentecostal é dualista em sua própria definição, como *separação do mundo*. O pentecostal não deseja mudar o mundo, ele quer sair dele<sup>318</sup>. A santidade é ascética, o jejum e a vigília são vistos como formas de mortificar a carne, que milita contra as coisas do espírito.

A distinção feita por muitos pentecostais entre alma e corpo não se encontra apenas no senso comum, mas faz parte de formulações teológicas do movimento, por exemplo o teólogo Myer Pearlman muito popular entre os pentecostais brasileiros pelos livros: *Conhecendo as doutrinas da Bíblia* e *Através da Bíblia livro por livro*, afirma em sua doutrina antropológica que o homem se compõe de duas substâncias: uma, material que é o corpo e outra imaterial, a alma.

Pearlman diz que o corpo não tem vida em si mesmo, recebe vida pela presença da alma e que quando a alma se retira, o corpo morre<sup>319</sup>. Esta é uma forte tendência dentre os pentecostais de acreditar na ideia platônica de *imortalidade da alma*.

Quando define o corpo humano, Pearlman deixa claro que o mesmo é apenas uma *casca* da alma. Diz que o corpo é a tenda na qual a alma mora enquanto peregrina por essa terra em direção a eternidade. Pearlman também considera o corpo como a *bainha* da alma e, que a morte é o desembainhar dessa espada<sup>320</sup>. Qualquer observador pouco mais atento sabe que uma espada dentro da bainha está numa posição de aprisionamento, de passividade e que sua verdadeira função só pode ser exercida quando tirada da bainha, ou seja, no pensamento de Pearlman o corpo é entendido como um fator limitador para a alma, assim como no velho platonismo.

<sup>318</sup> ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim**. 3ed. São Paulo: Arte, 2005. Pg. 71

<sup>319</sup> PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. São Paulo: Ed. Vida, 2006, Pg. 106

<sup>320</sup> Ibid, pg. 120

Em alguns casos o Dualismo alma e corpo é institucionalizado. Na *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, maior denominação pentecostal do Brasil, se afirma algo na linha de Pearlman, o corpo como *invólucro* da alma<sup>321</sup>. A Declaração ainda diz que o homem é composto por três partes: duas espirituais (alma e espírito) e outra material (corpo), é a chamada doutrina tricotomista. A Declaração rejeita a ideia de que o corpo é a prisão da alma e o considera como templo do Espírito Santo, porém afirma que na morte corpo e alma são separados<sup>322</sup>.

A Bíblia de estudos Pentecostais afirma que a alma é imaterial e a sede das emoções, da razão e da vontade e se comunica com o mundo exterior através do corpo, parte material, que serve de morada para a dimensão espiritual<sup>323</sup>. Por vezes o corpo é considerado inferior a alma, que o governa<sup>324</sup>.

Evidentemente, a concepção dualista da antropologia não se restringe aos pentecostais, muitos cristãos têm uma definição mais próxima de Platão e da imortalidade da alma, que de Jesus e a ressurreição da carne. Acredita-se que na morte a alma se separa do corpo, este perece enquanto a alma caminha rumo a eternidade<sup>325</sup>. Nesta definição, a alma seria a essência do homem, a verdadeira identidade do ser humano, enquanto que o corpo é apenas uma aparência limitada e temporária.

Renold Blank em uma de suas obras, afirma que muitos cristãos apoiam o modelo antropológico dualista como se o mesmo fosse fruto da própria revelação bíblica, o que não se sustenta. Na verdade, a ideia de um homem bipartido entre corpo e alma depende do pensamento platônico que se aproximou do cristianismo por um processo de aculturação nos primeiros séculos<sup>326</sup>. O processo de compreender o ser humano dividido entre corpo e alma não dependeu apenas do dualismo platônico, mas também do dualismo cartesiano e a clássica separação de Descartes em *res cogitans* e *res extensa*, o corpo era uma máquina que deveria ser dominado e usado pela alma.

Uma consequência do Dualismo antropológico é, sem dúvida, o Dualismo cristológico e isso remonta ao Docetismo defendido pelos gnósticos no início da

<sup>321</sup> Declaração de fé das Assembleias de Deus. 2ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Pg. 78

<sup>322</sup> Ibid, pg. 81

<sup>323</sup> Bíblia de Estudos Pentecostais. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. Pg. 980

<sup>324</sup> ALBANO, Fernando in OLIVEIRA, David Mesquiati. **Pentecostais e transformação social**. São Paulo: Fonte, 2013. Pg. 71

<sup>325</sup> Cf. BLANK, Renold. **Escatologia da pessoa, vol. 1**. São Paulo: Paulus, 2000. Pg. 75

<sup>326</sup> Ibid, pg. 78

era cristã, a crença de que Jesus não tinha um corpo físico, embora parecesse. A ideia era de que seu corpo era espiritual, pois Ele não se aprisionaria na matéria.

Existe um claro Dualismo entre o Jesus Deus e o Jesus Humano, tendendo sempre por enfatizar sua divindade em detrimento de sua humanidade. Ao afirmar a divindade de Jesus há uma ênfase em seus milagres considerados como manifestações sobrenaturais que apenas Deus poderia fazer deixando de lado seus ensinamentos sobre o cuidado com o outro e sua proposta ética de discipulado e serviço. Muitos caem no perigo de pensar no esvaziamento de Jesus apenas como algo teatral e não levam a sério as consequências deste ato que possibilitou sua encarnação e vinda até nós. A maioria das pessoas não consegue enxergar em Jesus um humano, que se solidarizou com a nossa humanidade e veio ao nosso encontro, com isso Jesus se torna apenas um ídolo, pois não há a possibilidade de adequação a sua proposta de discipulado.

Ao se identificar com um Cristo apenas divino, poderoso e glorioso surge o sério risco de identificação com projetos de poder e de grandeza e com um modelo de igreja *empoderada*, enquanto que o texto do esvaziamento tem-se o convite para que haja em seus discípulos o mesmo sentimento que houve no Cristo que se esvaziou e serviu<sup>327</sup>.

Não é necessário muito esforço em perceber este projeto de poder em muitas igrejas pentecostais e sobretudo neopentecostais, embora a maioria das comunidades pentecostais continue sendo pequena e próxima dos sofrimentos humanos, muitas já despontam como grandes estruturas. Existe uma distância nítida entre líderes e leigos marcada pelos lugares onde cada um se assenta durante as celebrações, as roupas que cada um veste e até mesmo, em alguns casos, o cálice especial com que um grupo celebra a Ceia do Senhor.

As explicações para a vida concreta a partir de um Cristo glorioso muitas vezes são insensíveis, quando por exemplo, se explica para alguém que acabou de perder um ente querido que esta foi a vontade de Deus. Quando se diz a alguém que está terminalmente doente que se ela crer no poder de Jesus ficará curada, quando tal milagre não acontece e a pessoa vem à óbito, se explica novamente como propósito divino ou como falta de fé, ou às vezes até mesmo como sendo resultado de um pecado que estava oculto e que teria impedido o agir de Deus. Muitos têm

---

<sup>327</sup> Cf. Filipenses 2.5

perdido a capacidade de se solidarizar com o sofrimento alheio, fato inerente a vida humana.

A distância entre o mundo espiritual e o mundo material produz consequências *enclausurantes*. Uma das questões mais complicadas para os pentecostais é a forma como lidam com a sexualidade, entendida de modo dualista. Para muitos o sexo revela a fraqueza da carne que tende ao pecado, para outros serve apenas de procriação. Existem muitos tabus neste sentido ainda hoje, a maioria dos casos de disciplinas e exclusões nas igrejas pentecostais tem a ver com a moralidade.

Existe um intenso combate a questões relacionadas a sexualidade como pornografia, sexo antes do casamento, masturbação, sexo fora do casamento e até mesmo um controle sobre as posições que marido e mulher optam em suas relações. Quase nunca a preocupação é com o que fere a dignidade da pessoa humana, mas frequentemente está relacionada ao moralismo e as normas que são exigidas pelas igrejas de um modo em geral.

A concepção dualista é incapaz de relacionar de modo harmônico a realidade sexual<sup>328</sup>. Entende a sexualidade como um mero aspecto da vida, concepção esta, muito presente na história do cristianismo e, no Pentecostalismo isso não é diferente, apesar dos esforços de alguns líderes. A influência do pensamento grego especialmente, e de leituras dualistas de textos da Escritura judaica no cristianismo fizeram com que a doutrina entendesse o sexo apenas como uma função biológica relacionado a procriação.

Ao longo da história do cristianismo o sexo foi negado e marginalizado como um elemento a ser combatido através do ascetismo, sendo o sexo é uma realidade natural presente no ser humano, isso se manifestava mais cedo ou mais tarde e como o ambiente era de negação, sua manifestação aparecia de modo descompensado e excêntrico. As tentativas de se negar ou marginalizar a sexualidade, ao invés de integrá-la, pode provocar desequilíbrio da personalidade abrindo caminho para imoralidades e perversões<sup>329</sup>.

Por mais estranho que possa parecer, atualmente nas igrejas pentecostais existem dúvidas em relação ao sexo das mais inocentes, como por exemplo: se pode ter relação sexual em dia de Santa Ceia? Se sexo durante o período menstrual da

---

<sup>328</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 460

<sup>329</sup> Ibid, pg. 463

mulher é pecado? Se pode ou não fazer sexo durante um período de jejum? Existem pastores que exercem ingerência na vida de seus adeptos que chegam a determinar em quais circunstâncias o casal pode ter relações e em quais posições o ato seria aceitável, ainda que esses pastores sejam minoria nos tempos atuais.

A sexualidade humana tem aspecto relacional de fundamental importância, homem e mulher se aceitam em suas diferenças biológicas e emocionais que os completam numa relação de intimidade profunda<sup>330</sup>. Lamentavelmente em ambientes dualistas a questão sexual não é vivida de modo sadio ou pleno, ainda mais quando nesse ambiente também está presente o dualismo sexista. A relação íntima pode se tornar numa maneira da mulher satisfazer o homem como se esta fosse um objeto ou alguém à serviço de um ser mais forte, prática que é referendada pelo discurso da submissão feminina.

Na história do cristianismo a relação com a sexualidade nem sempre foi sadia e muito menos tranquila. A negação do corpo e a maneira dualista de relacionar a alma com a realidade material gerou ascetismos, automutilações, negação à sexualidade, punições moralistas. Tal negação certamente não é uma dificuldade exclusiva do Pentecostalismo, pelo contrário, foi uma herança que o movimento recebeu desde sua formação e consequência do Dualismo antropológico. Existe no Pentecostalismo pastores e pastoras que fazem pregações e palestras de conscientização de que o sexo é algo saudável e não é fonte do pecado, mas esses esforços ainda são limitados.

O Pentecostalismo é um movimento interessante e muito rico. Foi este grupo que subiu os morros e se aproximou da parcela mais pobre e marginalizada da população brasileira, é o movimento mais encarnado com o que há de mais brasileiro.

O Pentecostalismo ousou fazer o que a religiosidade clássica não fez e chegar onde ninguém até então tinha chegado, porém assim como no cristianismo de um modo em geral, se tornou um movimento marcado pela presença do Dualismo desde o seu nascimento e, essa presença tem gerado impedimentos para que o Movimento Pentecostal vá além do que tem ido e seja mais relevante e, principalmente, mais cristão do que tem sido.

---

<sup>330</sup> Ibid, pg. 467

### 3.2.2 O Dualismo cósmico (Bem x Mal)

Um pensamento baseado num Dualismo Cósmico, onde existe uma intensa disputa entre as forças do bem contra as forças do mal, não é novidade. O Zoroastrismo desenvolveu sua estrutura religiosa na batalha travada entre Ahura Mazda e Angra Mainyu, de um lado a fonte de luz e de bondade de outro as trevas e a corrupção.

O pensamento judaico antigo, de certa maneira, desenvolveu sua apocalíptica com os mesmos termos, entre um conflito das forças do bem contra as forças da maldade, mas com a certeza de que o bem sempre vence no final.

No início da era cristã o Maniqueísmo e sua síntese entre o pensamento cristão, o pensamento zoroástrico e outras influências religiosas, fez uma nova versão do Dualismo Cósmico<sup>331</sup>. Neste pensamento existia dois princípios eternos e em constante oposição, o homem puro nasceu da emanção da luz mas este acabou sendo enganado pelo rei das trevas, ocasionando a sua queda e perda parcial da luz que ficou aprisionada num corpo.

Segundo o Maniqueísmo, o humano vivia este Dualismo, porque sua alma tinha contato com o Reino da Luz, porém seu corpo com o Reino das Trevas e, era justamente este conflito cósmico, tão presente na existência humana, quem comandava todo o desenrolar da história da criação. Toda a existência terrena estava condicionada pela disputa cósmica e infinita entre as forças da luz e das trevas, onde a primeira se manifestava na alma dos seres humanos enquanto que a segunda em sua materialidade.

Na Idade Medieval a ênfase de uma pregação baseada no medo veio à tona, um discurso legitimador e aprisionador precisava de algo que amedrontasse e nada melhor que o diabo e seus demônios que atuam para afastar o homem do caminho de Deus através da tentadora oferta do pecado. Criou-se um forte Dualismo que enfatizava a fúria dos demônios que estavam a todo momento tramando algo que pudesse afetar o ser humano e leva-lo para a condenação eterna.

A fé cristã convive com a crença no mal e com a existência dos poderes das trevas, mas em alguns momentos da história e por algumas correntes específicas, esta crença foi colocada em ênfase, num discurso em que os dois lados mediam

---

<sup>331</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 330

forças e caberia ao ser humano, através do livre-arbítrio, decidir em qual lado ficaria, pois seria impossível a neutralidade. Nos textos dos Evangelhos este não foi um assunto a ocupar muito tempo da pregação e do ministério de Jesus, pelo contrário, a ênfase de Jesus era na proclamação do Reino de Deus e de Sua justiça, na apresentação de um Pai que era amor e misericórdia<sup>332</sup>.

No Movimento Pentecostal o discurso sobre o diabo e seus súditos volta a ser um assunto tratado. Um motivo que pode ajudar a explicar este fenômeno é o fato do Movimento Pentecostal ser marcado por um sentimento anti-intelectual, isso faz com que fenômenos desconhecidos sejam explicados como manifestações sobrenaturais, seja divinos ou demoníacos.

Muitos pentecostais ainda se baseiam em um imaginário popular que foi desenvolvido durante a Idade Medieval, sem qualquer relação com o texto do Evangelho ou dos Apóstolos. Há pouco tempo atrás, um pastor pentecostal muito influente foi num famoso programa de entrevistas e disse que Jesus falou mais no inferno e no diabo que no céu e, muitos pentecostais pensam que isso é uma verdade<sup>333</sup>. Na realidade a principal ênfase da pregação e do ministério de Jesus foi o Reino de Deus.

O Movimento Pentecostal em sua versão clássica e o Deuteropentecostalismo foram pouco mais comedidos na ênfase ao diabo, embora seja um assunto recorrente. O diabo é apresentado como o inimigo de Deus e de Sua obra, como aquele que arma a todo tempo ciladas para derrubar os cristãos e fazê-los se afastarem da vontade divina. As ciladas do diabo são várias, ele coloca impedimentos para que o cristão não vá à igreja, especialmente numa programação especial, ele faz com que os crentes desistam de ser fiéis em seus dízimos e ofertas, faz as pessoas desistirem do trabalho do Senhor e gera desânimo e acomodação nos crentes que não querem orar, jejuar e subir montes.

O diabo também atua de modo mais sério, causando doenças, adultérios, destruições familiares de vários modos, levando os adolescentes para as drogas, causando desastres fatais, etc. Ele também é apresentado como o que seduz os cristãos à desobediência, levando-os a usarem roupas que, em tese, não são de santos, assedia para que mintam ou façam fofocas e coisas do gênero. Por mais

---

<sup>332</sup> Cf. Lc 15.11-32

<sup>333</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QZscFarTmR4>. Acessado em 21/11/2017 às 22:29

presente que este discurso esteja nas denominações do Pentecostalismo Clássico e do Deuteropentecostalismo nada pode se comparar a ênfase dada pelo Neopentecostalismo ao assunto. Frequentemente, a guerra contra o diabo é o cerne da pregação e motivação neopentecostais, sobretudo das Igrejas Universal e Internacional da Graça.

As principais denominações Neopentecostais são voltadas para as camadas menos instruídas e mais simples da população brasileira, são igrejas que crescem entre os que ganham menos e entre os moradores das periferias. Estas, adotaram como tática um distanciamento do rigor teológico e das explicações técnicas-científicas da vida. O líder da IURD, Edir Macedo, por exemplo, acredita que quanto mais alguém sabe sobre teologia menos ímpeto para fazer a obra de Deus esta pessoa tem<sup>334</sup>. A estratégia dessas denominações é a explicação baseada no Dualismo natural x sobrenatural, quase sempre as explicações mais essenciais sobre a vida são de cunho espiritual: se as coisas vão bem é sinal da benção de Deus, se não vão bem é sinal que o diabo está atuando para impedir as bênçãos de chegarem a estas pessoas.

Nas Igrejas Neopentecostais existe um discurso de se praticar uma fé que seja sobrenatural, capaz de trazer a existência aquilo que não existe. Estas denominações se baseiam na Teologia da Prosperidade e acreditam que se Deus é soberano e Todopoderoso essas características tem que necessariamente se manifestar na vida daqueles que o seguem, em outras palavras, o crente que é fiel a um Deus Todopoderoso precisa viver o *sobrenatural* em sua vida. Porém, existe um grande opositor a que esta benção chegue até o crente: o diabo.

O *inimigo*, como é popularmente chamado, está a todo o tempo lutando para impedir que as bênçãos de Deus cheguem até os seus servos e com isso o diabo pretende atingir Deus tocando em sua criação e fazer com que o maior número possível de pessoas deixe de seguir o bem para entregarem suas vidas ao mal.

O Neopentecostalismo enfatiza o Dualismo Cósmico e crê que Deus e o diabo disputam em todo o tempo o domínio sobre a humanidade. Creem que tudo o que acontece no mundo natural seja consequência direta e imediata do que acontece nas regiões celestiais, ou seja, no mundo sobrenatural<sup>335</sup>. Esse reino sobrenatural é

<sup>334</sup> MACEDO, Edir. **A libertação da teologia**. Rio de Janeiro: Universal, 1999. Pg. 128

<sup>335</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 113

habitado por seres espirituais: Deus, o diabo, anjos e demônios que estão em luta constantemente.

Os seres humanos acabam sendo influenciados por esta guerra cósmica ainda que não queiram ou não percebam e suas atitudes revelam o lado que estes escolhem, seja o bem ou seja o mal. As forças do mal se opõe a que o sobrenatural de Deus se manifeste na vida dos seres humanos e assim, o papel da Igreja é tomar posse da autoridade espiritual que Deus lhe concedeu e partir para a guerra contra as forças da maldade, maldade esta entendida sempre de modo dualista, de modo espiritual. Baseados nisso, justifica-se a ênfase dada nos cultos de exorcismos, conhecidos como cultos de libertação ou mesmo de sessão de descarrego, no caso da IURD.

Os demônios são responsáveis por tudo o que acontece no mundo natural, R.R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, disse que nada foge da atuação demoníaca, seja o futebol, a política, as artes ou a religião<sup>336</sup>. Macedo afirmou que os demônios são responsáveis por todos os males que afligem a humanidade, como as doenças, misérias, desastres e todos os problemas, inclusive são os demônios responsáveis pelo Brasil ser um país atrasado<sup>337</sup>.

O discurso de igrejas como a Universal e a da Graça acabam sendo repetitivos, apresentam sempre as mesmas causas e as mesmas soluções independentes dos problemas apresentados, tudo é causado pelo diabo e seus demônios<sup>338</sup>.

Esta será uma forte tendência no Neopentecostalismo: tirar do ser humano qualquer responsabilidade por alguma mazela que aconteça, por exemplo, os vários casos de corrupção e de maus governos não são atribuídos ao atraso político e social brasileiro e sim à atuação demoníaca. As pessoas agressivas, viciadas, mentirosas, não têm nenhuma responsabilidade nos seus atos, são vítimas da atuação do diabo que quer destruí-las. Os desvios morais são relacionados às forças do mal e nunca são de responsabilidade do desviado, o que atenua sua culpa e seu sofrimento<sup>339</sup>.

A crença na atuação de demônios e em suas possessões não é apenas afirmações populares, mas está fundamentado em manuais de teologia sistemática

---

<sup>336</sup> SOARES, R.R. **Espiritismo a magia do engano**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1984. Pg. 103

<sup>337</sup> MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Universal, 1988. Pg. 104

<sup>338</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 134

<sup>339</sup> *Ibid*, pg. 141

de cunho pentecostal, por exemplo na Teologia Sistemática de Stanley Horton, texto muito aclamado entre os pentecostais brasileiros, há um capítulo falando sobre os seres espirituais abordando satanás e os demônios, o autor inicia o texto relatando um caso de libertação, fato este recorrente entre líderes pentecostais<sup>340</sup>.

A guerra contra o diabo é árdua e por vezes exige dedicação excessiva, horas de jejuns e de vigílias no intuito de obter o poder espiritual necessário para conseguir expulsar os demônios. No Neopentecostalismo os casos muitas vezes são públicos, com entrevistas aos supostos demônios e humilhações, como fazer o possesso ajoelhar ou algo do gênero. Quando são casos que demoram mais que o normal, o *endemoninhado* é levado para um recinto à parte onde o processo é concluído.

Muitos pentecostais acreditam que crianças que foram dedicadas a entidades quando pequenas podem se tornar jovens e adultos endemoninhados. O Pentecostalismo atribui vários casos de possessão a crianças que foram oferecidas ao diabo em rituais de magia negra, satanismo e mais frequentemente no Brasil, em rituais de cultos afro-brasileiros.

Stanley Horton faz questão em dizer que nem tudo se resume à guerra espiritual entre Deus e o diabo, pois entende que Deus é soberano e que muitas situações são de responsabilidade humana<sup>341</sup>. Seria uma posição pouco mais moderada adotada pela maioria dos pentecostais, já os neopentecostais entram nessa guerra com todo o ímpeto.

Os cultos das Igrejas Neopentecostais são centrados na temática do diabo, de modo que parecem até que Deus e o diabo são *parceiros* neste empreendimento, pois embora sejam chamadas de igrejas cristãs ao se retirar o assunto diabo, boa parte de suas celebrações perderia o sentido de ser. Isso acaba acontecendo em algumas Igrejas Pentecostais que foram influenciadas pelo Neopentecostalismo, se não existe um culto específico de libertação, existem muitas celebrações em que o elemento central é o diabo, por exemplo: em louvores que repreendem o diabo, as orações que combatem as forças do mal, as pregações que alertam os crentes sobre as artimanhas do inimigo e em como vencê-lo.

---

<sup>340</sup> HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática, uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. Pg. 107

<sup>341</sup> Ibid, pg. 114-115

Em muitos ambientes a prática da espiritualidade acaba se resumindo ao uso de *armas* que servem para derrotar o diabo, os louvores deixam de ser expressão de gratidão a Deus e passam a ser entendidos como formas de derrubar barreiras espirituais, a pregação ao invés de ensinar e inspirar os cristãos a viverem o Evangelho da Graça, ensinam que os crentes devem tomar cuidado e lutarem contra o mal. Até as orações passam a ter um conteúdo bélico e são usadas para repreender os demônios.

O Neopentecostalismo pode ser dividido em dois ramos principais: o primeiro é representado, por exemplo pelas igrejas Universal, Internacional da Graça, Mundial do Poder de Deus, este segmento tem maior apelo na Teologia da Libertação e nos exorcismos. Já o segundo ramo é mais *espiritualista*, representado pelas Igrejas Renascer, Sara Nossa Terra e diversas comunidades independentes.

Neste segundo ramo, além da ênfase no movimento *gospel* norte-americano, se tornou muito popular a Teologia do Domínio, desenvolvida nos Estados Unidos na década de 80. Esta corrente ensina que existem demônios dominando territórios específicos, como: países, cidades e bairros. Estes demônios são os responsáveis pela criminalidade, vícios, corrupções, idolatrias de cada lugar. São chamados por nome: demônio da prostituição, demônio da corrupção, dentre outros.

Para vencer esses demônios as igrejas devem mapear o local e perceber onde o mal está alojado, para isso, os cristãos devem fazer cursos de treinamento espiritual, jejuar e orar com ímpeto, pois o inimigo é ardiloso e certamente vai retaliar os cristãos quando tentarem vencê-lo<sup>342</sup>.

Segundo o discurso dualista, a presença de demônios que habitam nas regiões sobrenaturais, explica o porquê muitas orações demoram e outras nem chegam a ser atendidas isto porque na região celestial Deus libera a *vitória* para o seu servo ou sua serva, com isso, um anjo se encarrega de trazer a sua resposta, porém num determinado momento esse anjo é impedido por um demônio que inicia uma frenética batalha.

O lado que vencerá a disputa será aquele que o cristão melhor se posicionar, se ele orar, jejuar, repreender os demônios, o anjo ganha força e desce com sua vitória, mas se ele duvidar, pecar ou deixar de orar o demônio acaba prevalecendo e, ele não é abençoado.

---

<sup>342</sup> Ibid, pg. 137

Essa ênfase na pregação acaba por tirar do pregador qualquer tipo de responsabilidade, se algo não der certo a culpa é do próprio crente que não acreditou.

Existe também a crença de que demônios possam agir de modo hereditário fazendo com que um problema se arraste numa família por muitas gerações. Se o avô e o pai se mataram, o filho corre um sério risco de ter o mesmo fim, porque há um demônio que nesta família atua fazendo os homens se matarem. A dominação poderia ser através da prostituição, dos vícios e até de doenças como diabetes, hipertensão, entre outras.

A única maneira de interromper a atuação diabólica na família é com a conversão de alguém e sua dedicação na guerra espiritual contra as forças cósmicas das trevas. Frequentemente os cristãos, especialmente os novos convertidos, passam por sessões de batalhas espirituais e quebras de maldições, muitos acreditam que é a única maneira de vencer as maldições hereditárias. Assim esta corrente cria mais um Dualismo, desta vez parecido com o dos gnósticos, na separação entre dois grupos de crentes, os mais espirituais, que já foram libertos e são conscientes do poder espiritual que possuem, e os novos convertidos que ainda não estão totalmente iluminados e por vezes, percebem as trevas se manifestando em suas vidas.

Para respaldar a batalha espiritual o texto de Efésios 6, que se fala da armadura de Deus, é muito usado e interpretado de modo a embasar o conteúdo de guerras contra as forças do mal<sup>343</sup>. No popular foi cunhada a expressão *tá amarrado*, que imobiliza todas as atuações dos demônios ao ser pronunciada com fé.

O Dualismo Cósmico não para por aí, existe ainda uma inversão dialética na pregação neopentecostal. De um lado, entendem que tudo o que existe neste mundo natural é consequência direta do mundo sobrenatural, por outro lado ensinam que o dinheiro é uma poderosa ferramenta que repreende e amarra a atuação do diabo, sobretudo a que causa miséria, desemprego e pobreza no sentido geral. O dinheiro é ensinado como uma maneira de praticar e materializar a fé que alguém diz ter em Deus e assim, os demônios que atuam nestas áreas são imediatamente amarrados.

Este tipo de Dualismo cósmico enfatiza uma santidade que beira a insanidade, pois o crente deve ser santo a ponto de não dar ao diabo nenhuma *brecha* para a sua

---

<sup>343</sup> Cf. Efésios 6.10-18

atuação, pois através das falhas dos seres humanos, o diabo tem *legalidade* para entrar e destruir as suas vidas.

Os ataques dos demônios são tão constantes que nenhuma doença é vista como natural, todas elas são entendidas como fruto de uma atuação diabólica, sejam as mais graves como AIDS, câncer, doenças hereditárias e crônicas como as mais simples como dores na coluna, dores de cabeça, enjoos e até a miopia. Inclusive existem até os sintomas da atuação demoníaca que pode levar alguma pessoa a ser possessa, dentre eles estão: dores de cabeça constantes, doenças psicossomáticas, insônia, medo, audição de vozes, visão de vultos, desejos de suicídio, depressão, etc<sup>344</sup>.

No Dualismo Cósmico que enfatiza o agir das forças das trevas nem mesmo as crianças escapam, na verdade estas são alvos recorrentes das ações dos demônios. As crianças, segundo esta corrente, são assediadas diariamente pelos poderes sobrenaturais para que cresçam distantes de Deus.

A infância passa a ser extremamente limitada e vigiada pelos pais que acreditam neste Dualismo Cósmico que lhes são ensinados. Entende-se que muitos brinquedos infantis são meios para que os demônios exerçam influências sobre as crianças, como por exemplo o boneco *fofão*, personagem infantil muito popular nos anos 80, sendo este uma oferenda aos demônios, assim como acreditavam que vários artistas, como por exemplo a Xuxa, teriam feito pactos com o diabo e que através de seus programas e produtos influenciariam as crianças.

Existem vários pregadores que se especializaram em batalhas espirituais contra crianças, pessoas que procuraram perceber mensagens subliminares em desenhos e músicas infantis. Durante algum tempo foi comum a ideia de que um determinado disco tocado de trás para frente revelava um cântico de louvor ao diabo. Havia ainda ensinamentos que eram repletos de preconceitos e discriminações, por exemplo, dizer que os desenhos produzidos pelos estúdios Disney tinham mensagens diabólicas porque Walt Disney era homossexual e queria induzir o máximo de crianças para este caminho.

As crianças poderiam ser assediadas através de desenhos da Disney, dos Simpsons, da Família Dinossauros, de jogos eletrônicos que tinham como objetivo torna-las pessoas nervosas e violentas<sup>345</sup>. Os pais são estimulados a não deixarem

<sup>344</sup> MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** Pg. 68

<sup>345</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 146

suas crianças assistirem esses desenhos, nem brincar com jogos que podem ter um teor de violência e a não ouvirem músicas que podem ter sido consagradas aos demônios.

Além disso, muitos ensinam que não se deve comemorar o Natal porque a festa como conhecemos seria uma deturpação pagã da data cristã, a páscoa fazendo alusão ao *coelhinho* também seria um desvio diabólico do real significado da mesma, as crianças evangélicas são proibidas de pegarem doces de São Cosme e São Damião por causa da vinculação que a data teria com os cultos afro-brasileiros. Brincar o carnaval (festa da carne) é radicalmente proibido e também não podem participar das quadrilhas de festas juninas em suas escolas, porque são datas dedicadas a santos católicos. Sendo assim, as crianças pentecostais ficam com poucas opções de brincadeiras e diversões, muitas se sentem excluídas ao verem seus amigos tendo uma infância saudável e normal, enquanto que elas não podem fazer nada por causa de sua religião e de seu apelo dualista. Lamentavelmente muitas dessas crianças crescem e se revoltam com a Igreja e, principalmente com Deus e optam por não mais se envolverem em nada que seja ligado ao religioso.

Neste processo de Dualismo Cósmico evidenciado pela guerra contra o diabo no meio pentecostal e neopentecostal aconteceu um fenômeno muito específico a *demonização* das religiões de matrizes africanas no Brasil. Ricardo Mariano em uma de suas obras diz que a estratégia de demonizar os deuses de religiões concorrentes já foi usada desde o início com as divindades romanas e gregas<sup>346</sup>.

O protestantismo brasileiro, historicamente, sempre elegeu seus adversários. No início o catolicismo foi o principal escolhido, até porque o Estado era confessional e, naturalmente, a religião da grande maioria dos brasileiros era o catolicismo, tornando-se o adversário a ser vencido. Como o Pentecostalismo era um segmento que dialogava com o povo mais simples e periférico, e este tinha uma grande aproximação com a umbanda e o candomblé, pois poderiam ser católicos e frequentar os centros espíritas também, não demorou para que os pentecostais e neopentecostais identificassem nessas religiões outro adversário.

Os cristãos pentecostais foram mais comedidos nessa relação embora também discriminatórios, consideraram as entidades como demônios e viram nessa parcela da população um alvo de sua ação missionária por considera-los perdidos. Porém,

---

<sup>346</sup> Ibid, pg. 111

no Neopentecostalismo nessa acidez em relação aos cultos afros chegou as vias de *guerra santa*. Com isso, o surgimento e fortalecimento da Igreja Universal (sobretudo) e da Igreja da Graça a partir dos anos 80, o Brasil viveu uma significativa ênfase na hostilidade em relação a esses cultos.

De lá para cá não foram raros os casos de centros espíritas serem invadidos por obreiros de igrejas neopentecostais e destruídos. Nos cultos de libertação dessas igrejas, as pessoas que aparecem endemoninhadas sempre dizem que estão possuídas por alguma entidade de cultos afros como a *Pomba-gira*, o *Tranca-rua*, o *Exu-caveira*. Os praticantes dos cultos afros são considerados pessoas que servem ao diabo e seus enganos. Líderes neopentecostais acusam as entidades afros de causarem destruição, doenças e miséria em seus seguidores e por isso, são sempre identificados com demônios<sup>347</sup>.

O principal livro de Edir Macedo tem como título o sugestivo nome, *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*, em seu conteúdo, o autor discorre tentando deixar claro que as entidades aclamadas no candomblé e na umbanda são demônios querendo causar destruição e males diversos na vida de seus seguidores<sup>348</sup>. É muito comum o estímulo a testemunhos de pessoas que foram adeptas das religiões de matrizes africanas e tiveram suas vidas mudadas em alguma igreja evangélica.

O discurso neopentecostal é expansionista e conversionista, o desejo dessas denominações é conquistar o maior número possível de adeptos, uma vez que, quando se tem um convertido de uma religião afro parece que o impacto deste testemunho é ainda maior. Por isso, obreiros de denominações neopentecostais querem não apenas ganhar novos adeptos dessas religiões, como vibram com a diminuição da frequência aos terreiros e com o fechamento dos mesmos como se fosse pela ação divina. A ótica é dualista e o poder atribuído aos demônios é superdimensionado<sup>349</sup>.

O fundador e líder da Igreja da Graça, R.R. Soares diz que o espiritismo é uma verdadeira fábrica de loucos e identifica nas religiões afros imoralidades que o próprio lista: prostituição, pederastia, lesbianismo, etc. Além de charlatanismo, acusa a *Quimbanda*, por exemplo, de defender os valentões que agrirem suas esposas e os ladrões. Soares diz que o Candomblé é uma das religiões mais

<sup>347</sup> MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Pg. 52

<sup>348</sup> Ibid, pg. 55

<sup>349</sup> MARIANO, Ricardo. *Op cit.* Pg. 117

demoníacas que existe, que na Umbanda os demônios são cultuados como deuses e que o Espiritismo é o maior engano que satanás já produziu para fazer os homens se perderem<sup>350</sup>.

Ao combater as religiões de matrizes africanas, muitas igrejas neopentecostais acabaram por incorporar linguagens, símbolos e práticas das mesmas. Frequentemente são distribuídas as rosas ungidadas, sabonetes ungidados, água abençoada. Existe o culto chamado *sessão do descarrego*, nas terças-feiras da Igreja Universal, termo próprio das religiões de matrizes indígenas. Nestas ocasiões, os pastores se vestem de branco, dão *passes* nos fiéis e chamam as entidades que incorporam nas pessoas de *encostos*. Todas essas terminologias e práticas não pertencem ao cristianismo, nem mesmo à tradição pentecostal, mas são tipicamente presentes nas religiões de matrizes africanas.

Ainda hoje no Brasil o diálogo ecumênico é discreto na tradição pentecostal, o diálogo inter-religioso menos ainda. Embora existam setores protestantes no Brasil que se dedicam ao diálogo e a tolerância religiosa, a distância entre religiões diferentes, especialmente as de matrizes africanas ainda é muito grande.

A ênfase que muitas denominações dão à guerra contra o diabo tem sido um fator de alienação e de perturbação. As pessoas, em sua maioria muito simples, não conseguem perceber as demandas políticas e sociais que as cercam e que são as verdadeiras causadoras de muitas de suas desventuras. São estimuladas a pensarem que as questões principais de seu cotidiano se resolvem com *orações de poder* e exorcismos, já que são causadas pelos demônios.

Os crentes pentecostais e especialmente os neopentecostais, são levados a perceber uma ação demoníaca em praticamente tudo. Não apenas nos cultos afro-brasileiros, como nas imagens da Igreja Católica e, mesmo em outras igrejas evangélicas consideradas formais. Percebem o demônio por trás de uma doença, de um desemprego ou dificuldade financeira, de uma briga conjugal, de uma rebeldia do filho, na não-aceitação em ir para a Igreja por parte de algum parente, etc.

O Dualismo Cósmico é tão acirrado e problemático que beira ao ensandecimento, pois não apenas aliena como perturba a mente do fiel, que é levado a entender que muitas vezes o diabo atua através de pensamentos ruins e por isso, mesmo que seja em sua mente, o crente deve repreender todas as *setas* diabólicas

---

<sup>350</sup> SOARES, RR. **Op cit.** Pg. 31, 70

que são lançadas para o fazer pecar e se afastar da fé. Não é incomum crentes que oram pedindo perdão a Deus pelos pecados cometidos em pensamentos, ou mesmo se confessando para alguém porque pensaram algo de errado sobre aquela pessoa. Por causa desse Dualismo, por vezes nem mesmo em seu próprio pensamento o fiel tem paz e tranquilidade.

O Dualismo Cósmico tem outras consequências práticas imediatas, pois a crença de um conflito entre Deus e o diabo em todo o tempo e que o mundo material é um reflexo dos conflitos que acontecem no mundo espiritual, faz com que várias relações cotidianas sejam desmembradas desta forma. Assim sendo, o pentecostal tem uma mente sectária, que compreende que este mundo material jaz no maligno e que não há nada que possa ser feito por ele, como nos dualismos antigos que entendia que este mundo era mal<sup>351</sup>. Os pentecostais desprezam este mundo e desejam seu fim o quanto antes e se convencem de que são uma espécie de *alienígenas*, pois não pertencem a esta terra. Esta é uma questão séria que abre caminho para outros Dualismos.

### 3.2.3

#### O Dualismo cultural (Espiritualidade x Cultura)

O termo *Cultura* pode ser definido como o resultado de tudo aquilo que a humanidade produz na natureza, seja de ordem material (como construções, artefatos, ferramentas, etc), seja de ordem conceitual (como religiosidade, pensamentos, estilos de vida, etc). Nada mais humano que a cultura, em todo o tempo o ser humano está produzindo cultura, ainda que essa produção seja de modo inconsciente. A religião é um aspecto absolutamente cultural, é o modo como o ser humano se relaciona com o conceito de divindade, de revelação.

As religiões se relacionam com a cultura que as cercam, influenciando e sendo influenciadas pelo contexto cultural em que estão inseridas. Historicamente o Pentecostalismo tem demonstrado uma séria dificuldade em seu relacionamento com a cultura brasileira. Na maioria das vezes essa relação é no sentido negativo e combativo, o que se explica pelo desprezo em relação ao que é considerado *mundano*.

---

<sup>351</sup> ALENCAR, Gedeon. **O protestantismo tupiniquim**. Pg. 47

O Dualismo cultural presente no Movimento Pentecostal brasileiro deve-se a compreensão de que o pecado cindiu as realidades espirituais e materiais numa relação maniqueísta<sup>352</sup>. A partir do pecado houve a separação entre o sagrado e o profano, entre o espiritual e o material, entre bem e o mal, entre o paraíso e o mundo. Como consequência do pecado do ser humano, este passou a conviver com o lado corrompido desta relação e a única maneira de passar para o outro lado é através da regeneração<sup>353</sup>.

Historicamente o protestantismo brasileiro teve como característica cultural um sentimento anti-católico. Os protestantes até o século XIX foram proibidos de entrarem no Brasil, isso só mudaria com a chegada da Família Real Portuguesa em 1808 e o tratado de 1810 entre Portugal e Inglaterra e, a necessidade de mão de obra qualificada no Brasil. Na Constituição Imperial de 1824 é aprovada a liberdade religiosa, porém com moderação, os protestantes não tinham total liberdade para se reunir em lugares com aspecto de templos religiosos<sup>354</sup>. Os protestantes tinham limitações culturais expressas por lei.

Durante o século XIX o protestantismo brasileiro foi organizado de acordo com as questões étnicas, mesmo no início do século XX com a chegada da primeira denominação pentecostal, a Congregação Cristã, o quadro não mudou. Esta denominação basicamente se resumiu aos imigrantes italianos como o seu fundador. Algum tempo depois, foram as Assembleias de Deus que se tornaram a primeira denominação tipicamente brasileira ainda que por aqui tenha chegado através de suecos.

Em 1911 a Igreja Católica celebrava missas em latim, a Igreja Luterana fazia seus cultos em alemão, os anglicanos em inglês e a Congregação Cristã em italiano, as Assembleias de Deus serão a primeira denominação a ter sua liturgia em português<sup>355</sup>. Somente na década de 30 e 40 com a ênfase nacionalista de Getúlio Vargas que as denominações protestantes passaram a celebrar seus cultos em português e a traduzirem seus hinários<sup>356</sup>.

---

<sup>352</sup> BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. Pg. 57

<sup>353</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 218

<sup>354</sup> HOLANDA, Sergio Buarque de (org). **Op cit.** Pg. 372

<sup>355</sup> ALENCAR, Gedeon. **O protestantismo tupiniquim**. Pg. 58

<sup>356</sup> *Ibid*, pg. 20

Apesar de se comunicar em português, o que certamente ajudou a popularizar a denominação no país, as Assembleias de Deus não foram simpáticas à cultura brasileira, isso se explica pelo fato de depender da cultura evangélica norte-americana e pelas definições dualistas que desde cedo os pentecostais fizeram de santidade. A definição clássica de Santidade no Pentecostalismo, que ainda hoje é amplamente usada, é classificada como a *Separação do mundo*<sup>357</sup>, um estímulo à alienação, pois o mundo é visto de modo negativo e por isso, o santo, o que faz a vontade de Deus e se dedica à Sua obra, deve se separar e se afastar do mesmo para não se contaminar. Em alguns setores santidade significa o aprofundamento do conhecimento e da vivência cultural e comportamental protestantes<sup>358</sup>.

É bastante comum no Pentecostalismo brasileiro a presença do Dualismo entre o Sagrado e o Profano, em que o primeiro está ligado ao que é relacionado com a Igreja, como o prédio, altar, cadeiras do púlpito, instrumentos musicais, etc. O profano é relacionado com que é considerado de fora, ou seja, com o *mundo*.

O Pentecostalismo brasileiro entendeu a alma e o mundo espiritual como sendo virtuosos, enquanto que o corpo e o mundo físico são fontes de corrupção e imoralidade, conseqüentemente tudo o que está relacionado a este mundo ou ao nosso corpo tem sido desprezado. Desta maneira o Pentecostalismo tem ignorado a cultura praticando uma espiritualidade desencarnada com a realidade<sup>359</sup>.

O Pentecostalismo tem procurado se dedicar as questões relacionadas a Deus e desprezado as questões relacionadas ao mundo. A interpretação literalizada, comum aos pentecostais, os faz entender que o mundo material jaz no maligno e que, conseqüentemente, não há nada que possa fazer melhorá-lo. Neste ponto de vista cabe a Igreja se preocupar apenas com as almas dos seres humanos enquanto aguarda o fim deste mundo material corrompido.

As chamadas *Coisas de Deus*, são relacionadas a Igreja como a presença nos cultos, orações, jejuns, vigílias, dízimos, louvores. Questões como o trabalho secular, os estudos, esportes, artes em geral e passeios foram consideradas *coisas mundanas*. Talvez este tenha sido o Dualismo mais combatido ao longo do tempo,

<sup>357</sup> PEARLMAN, Myer. **Op cit.** Pg. 250

<sup>358</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** Pg. 220

<sup>359</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Evangelização e maturidade afetiva.** São Paulo: Paulinas, 2006. Pg. 130

até porque os pentecostais precisavam trabalhar para se sustentar e sustentar suas famílias.

De um modo geral, os crentes pentecostais são trabalhadores dedicados e consideram que agradam a Deus quando trabalham decentemente, por outro lado, o Dualismo se revela quando o trabalho considerado sagrado prevalece em detrimento do trabalho considerado secular. Muitos acreditam que os que trabalham integralmente na Igreja são mais bem-aventurados dos que os outros. Isso não se aplica apenas aos pastores, mas existem muitos pregadores itinerantes, pessoas que dedicam a vida em fazer pregações e conferências vivendo das ofertas que recebem por onde passam.

De uns anos para cá os pentecostais tem se dedicado mais aos estudos e procurado enfatizar o valor da formação. Isso ainda é incipiente, porém já é melhor do que foi um dia. No passado muitos deixaram de estudar a noite porque não podiam faltar cultos de dias de semana, o que era considerado pecado por não buscarem o *Reino de Deus em primeiro lugar*, uma vez que por vezes a Igreja é confundida com o próprio Reino de Deus. Hoje já existe, ainda que raras, as instituições de ensino superior pentecostais, como por exemplo a FAECAD<sup>360</sup> no Rio de Janeiro, instituição das Assembleias de Deus com cursos de Teologia e Pedagogia reconhecidos pelo MEC.

Por essas questões de Dualismos entre o sagrado e o profano, entre as coisas de Deus e as coisas do mundo, muitos pentecostais que decidiram estudar teologia em cursos de nível superior foram alertados por pastores e pessoas da Igreja a tomarem cuidado para não esfriarem da fé e não se desviarem da salvação. Isso acontece ainda hoje por causa do Dualismo entre a fé e a intelectualidade. O sentimento anti-intelectual já está presente no Movimento Pentecostal desde suas origens no Pietismo.

O sentimento anti-intelectual do Movimento revela a alienação do Dualismo entre o sagrado e o profano, entre o que é de Deus e o que é mundano. Pelo mesmo motivo o Pentecostalismo teve muitas dificuldades para se relacionar com a cultura brasileira, enquanto esta era multicultural, inclusiva e relativizadora, o Pentecostalismo era acultural, exclusivista e universalizante. Desde o

---

<sup>360</sup> FAECAD é a sigla para Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus, situada a Av. Vicente de Carvalho, na Vila da Penha, Rio de Janeiro-RJ.

*descobrimento*, o Brasil foi visto como um país mundano demais e, o Pentecostalismo não fugiu desta vertente.

A cultura brasileira foi negada e desprezada pelos pentecostais. O desejo destes não era se integrar a essa cultura, mas fugir dela e se isolar. O sectarismo do Movimento Pentecostal se revelou por exemplo, nos trajes adotados, não seria integrador exigir que os homens usassem ternos e gravatas no calor de Belém do Pará ou que as mulheres usassem saias cumpridas e roupas fechadas em pleno verão carioca.

Os chamados *usos e costumes* é uma evidência do quanto o Pentecostalismo é ácido em relação à cultura brasileira e como tem se aquartelado. A tendência de etnocentrismo foi muito comum em grupos cristãos, assim como os espanhóis e portugueses entenderam que ser cristão era se portar como um ibérico, os protestantes no Brasil não só apelavam para uma conversão religiosa como também cultural, e o fiel tinha de se portar como um anglo-saxônico<sup>361</sup>.

A identidade sectária de muitos pentecostais fez com que nutrissem desprezo pelo que é produzido culturalmente, pelo que acontece no mundo. Assim sendo, os pentecostais têm muita dificuldade com expressões artísticas, desprezam músicas que não sejam gospel, nem imaginam escultura como expressão de artes e apreciam poucos gêneros de filmes. O diálogo que aconteceu em outros segmentos cristãos entre a experiência mística e as artes não se desenvolveu no pentecostalismo (como em boa parte do protestantismo) por causa de seu posicionamento iconoclasta, que acabou banindo várias expressões artísticas como a pintura e a escultura, por exemplo<sup>362</sup>.

Muitos crentes pentecostais se convenceram de que no mundo não há nada para os servos de Deus e que momentos de lazer constituem perda de tempo. A presença de crentes pentecostais em shoppings, praias e lugares onde se pratica esportes é algo ainda hoje polêmico. O passeio a shoppings era considerado futilidade e, portanto, era preferível que os crentes dedicassem esse tempo com a obra de Deus. Na praia poderiam até ir, desde que usassem roupas que não exibissem seus corpos, sendo assim muitas vezes as roupas escolhidas chamavam

---

<sup>361</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 230

<sup>362</sup> BARRERA, Paulo. **Matrizes protestantes no pentecostalismo** in PASSOS, João Décio. **Movimentos do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005. Pg. 93-94

mais atenção que se fossem trajados com o que geralmente se usa nessas ocasiões. A prática desportiva também era vista com maus olhos, muitas igrejas passavam horas debatendo se seus membros poderiam ou não jogar ou assistir futebol. Muitos foram disciplinados<sup>363</sup> por suas igrejas porque foram pegos de bermudas ou shorts jogando bola, torcer para um time era considerado mundanismo. O acirramento desses dualismos tem arrefecido, mas ainda encontramos casos do gênero em pleno século XXI.

Nas práticas desportivas de um modo geral, sempre houve uma certa resistência por parte das igrejas, a dificuldade de lidar com o corpo e com aquilo que não está diretamente relacionado com a Igreja é um grande embaraço para muitas denominações pentecostais. Esportes como lutas se fazia a ressalva de ser uma apologia à violência, sem levar em consideração os valores de respeito e reverência que as artes marciais transmitem para os alunos, também havia a restrição de que os tatames seriam consagrados a deuses orientais e, portanto, os jovens cristãos não deveriam fazer parte disso. Felizmente com o passar do tempo, muitas igrejas já têm mudado suas posturas neste sentido e algumas abrem inclusive o seu próprio espaço para que os membros pratiquem atividades físicas e desportivas.

Durante muito tempo os pentecostais consideraram ir ao cinema como carnalidade, pois era taxado como algo do diabo. Dizia-se que estar no cinema era se identificar com os pecados do mundo<sup>364</sup>. Mesmo filmes evangélicos não eram bem aceitos. Hoje, muitas igrejas mudaram de opinião, pois o mercado se abriu para filmes bíblicos, porém ainda há uma certa resistência em alguns setores a que crente frequente o cinema.

A maioria das igrejas do Pentecostalismo Clássico e do Deuteropentecostalismo proibiram os fiéis de assistirem televisão nos idos de 1960, até que as mesmas igrejas chegaram na televisão. Ainda hoje existe uma guerra constante entre os setores mais conservadores das igrejas e as mídias eletrônicas, o que foi acirrado pelas disputas entre Igreja Universal e Rede Globo nos anos 90. A cada crítica feita a movimentos evangélicos ou apoio dado a grupos execrados pelos

---

<sup>363</sup> Disciplinado é um termo muito popular em igrejas evangélicas que se refere a alguém que foi punido pelo pastor, como o afastamento da comunhão com a igreja e o exercício de suas tarefas.

<sup>364</sup> GONDIM, Ricardo. **Op cit.** Pg. 104

crentes brasileiros, as igrejas reacendem a guerra ideológica contra os meios de comunicação em massa.

As demais expressões artísticas encontram ainda menos adesão dentre os pentecostais mais tradicionais, por causa da leitura religiosa as esculturas nem são consideradas artes. Duas artes foram bem aceitas no mundo pentecostal, a literatura e a música, evidentemente, as sagradas. A literatura foi estimulada entre os crentes pentecostais porque através dela a doutrina era ensinada, os testemunhos eram estimulados e valores eram cultivados, o mesmo incentivo não havia em relação a literatura considerada secular.

No campo musical era a mesma realidade, os hinos se tornaram uma poderosa ferramenta de evangelização e divulgação de doutrinas, mas desde sempre os pentecostais foram ensinados a só ouvirem músicas que louvassem a Deus, ou seja, música sagradas. As músicas *seculares*, ou mundanas, são proibidas e consideradas pecaminosas, ainda mais se forem músicas feitas por ateus, homossexuais ou pessoas com algum vício público<sup>365</sup>. E quanto mais o mercado gospel cresceu mais ênfase foi dada a essa proibição, em princípio este ensinamento foi fruto da ingenuidade e do pensamento dualista de seus líderes, porém com o tempo e o interesse econômico de muitas gravadoras de música gospel, passou a ser um ponto relevante no processo. Se os pentecostais só podem consumir um tipo de música sendo a eles proibida a pirataria logo, o mercado gospel está com suas vendas garantidas.

Uma parte importante do Pentecostalismo e sobretudo o ramo neopentecostal mais *espiritualizado*, tem sido muito influenciado pelo movimento gospel, um modelo de músicas e ministrações norte-americanas que a partir de meados dos anos 90 se popularizou entre as igrejas brasileiras. Até então a música cantada pelos cristãos eram feitas nas igrejas e para as igrejas. Os ministérios de louvor dos anos 80 e da primeira metade dos anos 90 não tinham maiores compromissos mercadológicos e sua função era basicamente conduzir as igrejas em adoração. Com o gospel foi se tornando cada vez mais natural os chamados *artistas gospel*, pessoas que vieram dos ambientes evangélicos que começam a ganhar dinheiro e a abrir o mercado para este segmento da sociedade.

---

<sup>365</sup> CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007. Pg. 132

A música de estilo gospel tem dado identidade cultural para os cristãos pentecostais e neopentecostais, mas não apenas a eles, pois com o sucesso deste estilo muitas igrejas tradicionais têm se aberto ao fenômeno. No movimento o gospel assumiu quase que uma função sacerdotal, mediando entre as pessoas e o contato com o sagrado. É um estilo onde o Dualismo está presente, pois, muitos creem que a música libera, no mundo material, uma energia que vem de fora, capaz de manter uma viva consonância com os céus, é como se fosse um canal de comunicação entre Deus e os homens, uma mediação entre o céu e a terra<sup>366</sup>.

Em outros momentos da história do pentecostalismo brasileiro, as músicas tinham riqueza poética e musical, se cantava para louvar a Deus e se aprendia textos bíblicos através dos cânticos. Com o movimento gospel a compreensão foi sendo alterada, a música passou a ser um instrumento conversionista, que buscava comunicação direta com os céus e a conversão das pessoas através do emocionalismo<sup>367</sup>.

A música possui um grande poder de mobilização e de emoção, através dela pessoas podem ser motivadas para a guerra através de marchas militares bem como ser tranquilizadas através de um som agradável. Num ambiente religioso, além do alcance educacional, a música pode ser usada, deturpadamente, com a capacidade de nublar a inteligência, de embriagar e de criar uma obediência cega<sup>368</sup>.

Com o surgimento dos artistas gospel, muitas pessoas se sentiram atraídas para uma vida com facilidades, status e admiração, não é raro pessoas simples de igrejas que nunca estudaram música terem um CD gravado como produção independente com o intuito de fazerem sucesso, embora não admitam isso, a fala de todos os artistas gospel, famosos ou não, é que querem que seus trabalhos sejam instrumentos nas mãos de Deus para levar Sua mensagem a todos.

Os artistas gospel, assim como qualquer artista, tem agendas de shows, gravam CDs, cobram cachês, tem fãs clubes, etc. Os primeiros cantores e cantoras gospel que conseguiram figurar nos principais programas de televisão e abriram as portas do mercado para esse nicho comercial foram: Cassiane, Aline Barros, Kleber Lucas. Todos os três são pessoas jovens, a primeira é pastora de uma Igreja

---

<sup>366</sup> TAME, David. **O poder oculto da música**. São Paulo: Cultrix, 1984. Pg. 146

<sup>367</sup> CUNHA, Magali do Nascimento. **Op cit.** Pg. 88

<sup>368</sup> Ibidem.

Assembleia de Deus que se apresenta como tal, seja na estética, seja na oratória<sup>369</sup>. Já Aline Barros é do movimento neopentecostal, por isso, se apresenta com uma estética mais leve. Kleber Lucas um pastor negro, que fez muito sucesso na primeira década dos anos 2000, atualmente tem procurado se afastar do movimento gospel e seguido um caminho não muito convencional dentre os pentecostais, recebeu o Padre Fábio de Melo em sua igreja e fez uma celebração num centro de umbanda há pouco tempo, o que certamente rendeu críticas de segmentos mais conservadores.

O mundo gospel, de características majoritariamente neopentecostais, embora suas influências cheguem ao Pentecostalismo, também vive o fenômeno de artistas egressos do chamado meio secular, expressão dualista que frequentemente designa artistas que não são das igrejas. Com o crescimento do número de evangélicos no Brasil e com a popularização do mercado gospel, muitos artistas se sentiram atraídos, não se pode saber se suas *conversões* foram sinceras ou não, o fato é que praticamente todos eles se voltaram para o gospel em momentos de ostracismo em suas carreiras e períodos pessoais conturbados.

Alguns artistas ficaram muito conhecidos entre os pentecostais e neopentecostais, por exemplo: Nelson Ned, Mara Maravilha, Baby do Brasil, Wanderley Cardoso, Dedé Santana, e outros. Todos eles deixaram de cantar suas antigas músicas, fruto do Dualismo que vê as músicas não-cristãs como profanas, e percorreram o Brasil contando seus testemunhos de superação e cobrando cachês consideráveis para as apresentações<sup>370</sup>.

Com a chegada dos anos 2000 o movimento gospel brasileiro chegou a proporções nunca antes alcançadas, em parte graças ao sucesso do Ministério Diante do Trono, da Igreja Batista da Lagoinha. O processo de *neopentecostalização* é tão forte que essa era uma Igreja Batista, que rompeu com a Convenção Batista Brasileira e seguiu seus próprios rumos. Hoje, esse ministério popularizou as ministrações históricas, repetitivas e sentimentalistas, são ministrações que pedem perdão pelos pecados da nação, que usam símbolos do Antigo Testamento como mediações (shofar, altar, véu, etc), pois está presente a tendência de *judaização*. Além disso, estão presentes os *atos proféticos*,

---

<sup>369</sup> Ibid, pgs. 90-92

<sup>370</sup> Ibid, pgs. 97-99

ministrações aos prantos e de joelhos, o que tem criado estilo entre muitos pentecostais.

Em geral esses artistas mantem o Dualismo entre o sagrado e o profano, entre o cristão e o secular. Em suas ministrações/shows se apresentam como *ungidos do Senhor*, produzem uma atmosfera de espiritualidade, no sentido esotérico do termo e deixam a todos inebriados<sup>371</sup>. Muitos segmentos neopentecostais já têm falado que as ministrações de louvores são mais importantes que a pregação num culto, pois no louvor é como se a igreja falasse com Deus e na pregação, com os homens<sup>372</sup>. Isso é uma distorção do proposito pentecostal inicial de valorizar a pregação e uma evidência do quanto as ministrações emocionais têm ganhado evidência.

A cultura que o Neopentecostalismo tem criado é excludente, ou seja, dualista, pois se resume aos ambientes eclesiásticos apenas. Evidência disso é que as igrejas pentecostais são mais frequentadas por pessoas negras e pobres, e são denominações tipicamente brasileiras. O Brasil é um país que prefere músicas ritmadas, alegres e dançantes, como o samba por exemplo, o que não se reflete nas igrejas pentecostais, estas consideraram durante muito tempo como música sacra os ritmos importados da Europa (como as que estão nos hinários oficiais) e principalmente dos Estados Unidos, presentes nos hinários e hoje, muito populares por causa do movimento gospel<sup>373</sup>. Na maioria das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais brasileiras o *período de louvor* se parece muito mais com uma Igreja norte-americana que com uma Igreja tipicamente brasileira.

O ataque que muitas igrejas fazem a cultura brasileira fica evidenciada no período de carnaval. Nestes dias várias igrejas se isolam do mundo e vão organizar seus retiros porque entendem que a festa é diabólica e que os cristãos devem se fortalecer espiritualmente se retirando do mundo e da carnalidade. O Carnaval não é aceito como folclore ou fuga da realidade por parte de muitos pobres e excluídos, mas interpretado religiosamente de modo maniqueísta, é identificado com o diabo pela presença da cultura afro-brasileira nas festividades<sup>374</sup>.

---

<sup>371</sup> Ibid, pg. 116

<sup>372</sup> Ibid, pg. 107

<sup>373</sup> ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim**. Pg. 86

<sup>374</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 216

Por vezes muitas músicas com mensagens ruins, poesias pobres e conteúdo que contradiz o ensinamento de Jesus são tocadas nas igrejas apenas porque surgem do meio gospel, enquanto que outras músicas com poesias ricas, letras inspiradoras e conteúdo absolutamente cristão, são consideradas mundanas e proibidas apenas porque seus compositores ou cantores não são frequentadores de alguma igreja. Por exemplo há pouco tempo ficou famosa uma música gospel com a seguinte letra:

“...Vão dizer que você nasceu pra vencer, que já sabiam porque você tinha mesmo cara de vencedor. E que se Deus quer agir ninguém pode impedir, então você verá cumprir cada palavra que o Senhor falou. Quem te viu passar na prova e não te ajudou, quando ver você na benção vai se arrepender, vai estar entre a plateia e você no palco, vai olhar e ver Jesus brilhando em você...” Sabor de Mel.

A música acima citada causou muita polêmica inclusive entre os pentecostais, muitos rechaçaram o seu conteúdo por apresentar um Deus vingativo e dualista, que toma partido em favor dos crentes e humilha aqueles que não são seus seguidores, mesmo assim, a música é considerada um hino evangélico e cantada em várias igrejas. Por outro lado, uma música inspiradora e humanizadora como as do Legião Urbana são proibidas por serem *mundanas* e pelo fato do vocalista da banda, Renato Russo ter sido homossexual assumido, por exemplo:

“...É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã; porque se você parar pra pensar na verdade não há. Sou uma gota d’água, sou um grão de areia. Você me diz que seus pais não entendem, mas você não entende seus pais. Vocês culpam seus pais por tudo, isso é um absurdo, são crianças como vocês, o que você vai ser, quando você crescer.” É Preciso amar (Legião Urbana).

A letra considerada mundana tem um valor evangélico de amar as pessoas desinteressadamente, reconhece sua pequenez e transmite o valor de honrar pai e mãe, porém, não é considerada um *hino*. Felizmente muito disso tem mudado nas igrejas pentecostais porque alguns pastores mais progressistas têm levantado essa questão, mas ainda se percebe o Dualismo cultural de modo muito claro.

Neste processo cultural nota-se algo muito interessante: manifestações artísticas como literatura e música foram sacralizadas, mas outras expressões como dança, moda, escultura, foram satanizadas, justamente porque lidam diretamente com o corpo e, este Dualismo ainda é presente demais no meio pentecostal<sup>375</sup>. Hoje em dia, muitas igrejas pentecostais já têm grupos de coreografias e peças teatrais, mas se toma muito cuidado quanto a exibição do corpo e alguns pastores não gostam

<sup>375</sup> ALENCAR, Gedeon. **O protestantismo tupiniquim**. Pg. 72

de ver rapazes participando de grupos de danças porque acham que estimula a homossexualidade.

O Dualismo Cultural fica bem mais presente nas Igrejas de tradição Pentecostal, seja do período Clássico ou do Deuteropentecostalismo, nas Igrejas do Neopentecostalismo isso é muito mais diluído. Em relação aos usos e costumes, os neopentecostais são bem liberais, não tem exigências quanto a vestimenta, existe menor rigor ético e o controle exercido pelos pastores fora da Igreja é praticamente nenhum<sup>376</sup>. Até pouco tempo a Igreja Universal tinha inclusive um time de futebol do Rio de Janeiro, por exemplo. Porém, isso não quer dizer que as denominações neopentecostais possuem uma compreensão integradora em relação as artes e os esportes, apenas ignoram. O intuito menos legalista das denominações neopentecostais é o de atrair maior número de pessoas.

O Dualismo Cultural presente no Pentecostalismo gerou outro tipo de dificuldade para o movimento: um Dualismo entre a Reflexão Teológica (intelectual) e a Experiência. Evidentemente não foi o Pentecostalismo quem criou o Dualismo e nem é uma característica presente apenas neste movimento, nos primórdios das influências pentecostais já se manifestava a importância que a experiência teria para a fé.

O Cristianismo é uma religião experiencial, surge a partir da fé que os primeiros discípulos e suas comunidades tiveram em Jesus. Não há nada de anormal com a experiência, pelo contrário, no cristianismo seria anormal uma fé sem experiência que se limitaria apenas ao dogmatismo infrutífero. Jesus não propôs um manual de dogmática, mas discipulado, caminho, experiência de salvação<sup>377</sup>. Porém, Jesus também propôs uma relação integradora entre a reflexão e a experiência ao dizer que feliz é o homem que ouve (conhecimento/reflexão) as suas palavras e as pratica (vivência/experiência)<sup>378</sup>. O problemático é quando se cria uma relação Dualista entre as duas realidades igualmente importantes.

O Pietismo que influenciou John Wesley, que por sua vez influenciou decisivamente o Movimento Pentecostal formularam a *religião do coração*. Uma releitura do cristianismo que enfatizava a experiência emocional e interior de cada crente para com Deus. Para este segmento, a fé acontecia no interior de cada

---

<sup>376</sup> Ibid, pg. 85

<sup>377</sup> Cf. Mateus 16.24-25

<sup>378</sup> Cf. Mateus 7.24

indivíduo que entregava sua vida a Jesus e o reconhecia como seu salvador pessoal. Wesley, que também foi influenciado pelo conceito de experiência como fonte do conhecimento por parte do Empirismo do contemporâneo John Locke, teve sua vida transformada quando afirmou ter sentido seu coração *estranhamente aquecido*, foi uma experiência que o impactou em seu íntimo, porém, que começou de fora, quando ele ouvia a explanação do comentário escrito por Lutero sobre o texto de Romanos.

Ao longo dos Grandes Avivamentos norte-americanos a importância da reflexão foi diminuindo até se tornar irrisória. No Movimento Pentecostal brasileiro a distância entre reflexão e experiência se tornou ainda maior ao ponto de ambos se posicionarem quase como inimigos. Este Dualismo é fruto de muitos motivos, por exemplo: além das influências, o fato de ter se tornado um movimento anti-intelectual, que pouco ou nada valorizou o saber, até porque a grande parte da membresia do Pentecostalismo brasileiro é de pessoas sem instrução, a reflexão se tornou quase irrelevante.

O Movimento Pentecostal extravasou as emoções que até então eram muito contidas no protestantismo europeu e mesmo americano, ao se fazer isso a necessidade de reflexão foi pouco sentida, pois parecia que a experiência bastaria. O próprio movimento de Seymour vivenciou experiências impactantes e marcou a vida de milhares, porém acabou pouco mais de três anos após seu começo pela ausência da reflexão teológica. Ausência essa que fez o movimento sucumbir diante das críticas externas e das demandas doutrinárias internas. Num ambiente em que predomina a emoção, a reflexão tende a ficar em segundo plano pois, quanto maior é a ênfase dada a experiência menor a capacidade reflexiva, e quanto maior a ênfase dada a reflexão, menor a abertura para a experiência<sup>379</sup>.

As experiências mais comuns no Pentecostalismo foram a glossolalia, ou seja, o falar em línguas estranhas, que o Pentecostalismo Clássico afirmou ser evidência do batismo com o Espírito Santo. Outras experiências muito enfatizadas são as curas consideradas milagrosas, muito presentes no Deuteropentecostalismo. Mas, as experiências não param por aí, com o passar do tempo e a ênfase dada aos testemunhos, a multiplicidade de experiências foi aumentando. São vários os casos de empregos abertos milagrosamente, casamentos restaurados pelo poder de Deus,

---

<sup>379</sup> BARRERA, Paulo. **Matrizes protestantes no pentecostalismo** in PASSOS, João Décio. **Movimentos do Espírito**. Pg. 95

vidas resgatadas das drogas, etc. Outras experiências que desafiam a racionalidade e o bom senso, também fazem parte do processo, como por exemplo: pessoas que subiram ao monte para orar e afirmam terem visto gravetos incandescentes, pessoas que afirmam terem sido *tomadas* por Deus de tal forma que *marcharam* pela igreja ou caíram no chão pelo poder do Espírito Santo, ou mesmo começaram a rir descontroladamente. Durante o início dos anos 2000 foi muito comum conferencistas passarem seus paletós sobre as pessoas que caíam estiradas no chão, outras pessoas afirmaram terem recebido dentes de ouro.

Experiências muito comuns no meio pentecostal são sonhos reveladores, onde pessoas são conduzidas a agir de determinada maneira em prol de outras pessoas que tem passado momentos difíceis e estas dificuldades são reveladas no sonho. Muitas pessoas dizem se sentir tocadas por Deus em seu interior para fazerem alguma ação, outras dizem que ouviram Deus falar em seus corações lhe dando alguma tarefa específica. Já outras têm visões que lhes mostra realidades ainda desconhecidas. Muitas tomam decisões importantes em suas vidas baseadas nas *revelações* que recebem de diversas formas, seja por sonho, visão, por meio de um terceiro que diz ter tido alguma visão, etc. Muitos se casam ou deixam de casar por causa desses *direcionamentos*, alguns mudam de igrejas, dão nomes a filhos e fazem compras por causa da vidência, entendida como profecia.

É notável que a maioria dessas pessoas são simples e muito sinceras em sua espiritualidade, muitas dão testemunhos concretos de situações aparentemente sem solução e de como Deus as ajudou, lamentavelmente também acaba existindo espaço para charlatanismo e oportunismo por parte de alguns, que através dos testemunhos mais impactantes tentam tirar proveito da boa-fé e da sinceridade do povo pentecostal.

Nas Igrejas Neopentecostais de linha gospel<sup>380</sup> enfatizam as experiências místicas através da música, chamada por eles de adoração extravagante. Esta linha do Neopentecostalismo importou o modelo de música gospel surgida nos Estados Unidos e suas maneiras de ministrar os louvores. Geralmente são louvores com letras pobres, tanto de poesia quanto de conteúdo bíblico, curtas e que enfatizam

---

<sup>380</sup> Como já fora dito na pesquisa, o Neopentecostalismo se divide em dois ramos de denominações: o primeiro ramo representado por Universal, Igreja da Graça e Igreja Mundial enfatizam a guerra contra o diabo e a Teologia da Prosperidade. O Segundo ramo representado por Igreja Renascer, Sara Nossa Terra, Batista da Lagoinha e diversas comunidades independentes tem enfoque maior no movimento gospel.

frases de efeito e a repetição exaustiva. Esse *estilo* de adoração é indutivo, no final de uma música ou entre uma música e outra, o ministro acompanhado pelos instrumentistas que nunca param de tocar, repete alguma frase ou ora exaustivamente num ato de extravagância.

Acreditam que o louvor liberta e cura e por isso, um período de louvor assim acaba levando uma hora ou mais, em algumas realidades chega a substituir a importância da pregação bíblica, o que vai na contramão do ideal protestante e mesmo do ideal pentecostal, que embora tenha a música sempre enfatizou o espaço do sermão.

Muitos ministros de louvor e pessoas do público durante uma *ministração* choram descontroladamente, caem no chão, gritam e tem outras reações do gênero. Evidentemente nestes ambientes não há nenhum tipo de preocupação com a reflexão teológica ou racional, quando questionadas as pessoas não sabem dizer o porquê fazem isso, apenas que foi uma experiência com Deus e esta resposta tem também o objetivo de fazer calar os questionamentos. Aqueles que não se envolvem nestas manifestações ou as criticam são atacados como se fossem pessoas descrentes, *frias* espiritualmente ou com o coração fechado para o agir de Deus. Nestes ambientes não há diálogo porque acreditam que tais experiências simplesmente se vivem e ponto final.

Na história do cristianismo as experiências transcendentais são relativamente comuns. Muitos personagens dos mais diferentes segmentos e épocas históricas foram testemunhas disso, porém quando a experiência elimina a reflexão pode ser problemático. Ambas podem caminhar juntas, sendo uma conselheira da outra.

Num ambiente em que predomina o Dualismo, refletir pode soar como insensibilidade ao que é espiritual, porque só se considera como espiritual o que é transcendental. A reflexão pode parecer sinal de frieza e a teologia é vista com muita desconfiança, por vezes a Bíblia é lida de modo aleatório sem qualquer conexão com a sua história ou mesmo com o contexto. A Bíblia é lida de modo solitário em que a interpretação pessoal afasta a Igreja da reflexão teológica<sup>381</sup>. O texto sagrado é interpretado literalmente e com versículos isolados podendo assumir interpretações das mais diversas e dando conotações que certamente não estavam presentes na construção do texto.

---

<sup>381</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 138

Igrejas desaconselhavam pastores a estudar teologia porque em tese, tirava deles o ímpeto de obreiros, outras aconselham seus seminaristas a tomarem cuidado para não perderem a fé. Muitos se preocupam em saber que seus jovens estão entrando para o ensino superior e conviverão com a reflexão e os questionamentos. Não são raros os que se dedicam a uma tarefa apologética preconceituosa e unilateral para defender o literalismo de suas convicções fundamentalistas.

Algumas instituições e lideranças pentecostais se dedicaram a eliminar das igrejas uma reflexão teológica por uma leitura direcionada da Bíblia<sup>382</sup>, em alguns casos, uma leitura particularizada da Escritura em que o importante é o que ela toca no interior e faz com que absurdos doutrinários sejam suavizados e posteriormente aceitos, o que não aconteceria caso existisse uma reflexão crítica teológica. Não se entende que a reflexão teológica não é uma mera ocupação e nem um exercício dos subversores da fé, entretanto a teologia constrói o mundo em busca da compreensão da revelação<sup>383</sup>.

Em muitos casos as lideranças pentecostais não se opõem à reflexão teológica por manipulação, mas deve-se a mentalidade anticultural exacerbada, pelo déficit educacional presente no mundo pentecostal brasileiro, o que acompanha a sociedade em que vivemos. Segundo dados do Censo de 2010 o índice de analfabetismo entre os pentecostais chega a 15,3% um índice pouco abaixo da média nacional de 15,7% e abaixo do índice entre os católicos que é de 16,5%, porém um índice bem acima se comparado aos protestantes tradicionais cuja taxa de analfabetismo está abaixo dos 9%<sup>384</sup>.

A reflexão teológica não seria um atentado contra a experiência, nem mesmo uma tentativa de se tirar a vida e o dinamismo do povo pentecostal, por outro lado, traria maior maturidade para a fé de um povo muito dinâmico e desejoso de conhecimento. Apesar das dificuldades culturais, o povo pentecostal tem desejo e interesse em se aprofundar no conhecimento bíblico, mas por vezes não encontram incentivos na própria liderança da Igreja.

As demandas de nossa sociedade brasileira têm feito as igrejas se abrirem as necessidades de melhor qualificação intelectual. Os jovens de hoje, diferentemente

---

<sup>382</sup> Ibid, pg. 143

<sup>383</sup> Ibidem.

<sup>384</sup> BARRERA, Paulo. **Matrizes protestantes no pentecostalismo** in PASSOS, João Décio. **Movimentos do Espírito**. Pg. 102

dos do passado, estão buscando seu espaço nas Universidades e no mercado de trabalho e, por isso, estão aos poucos rompendo com as barreiras que existiam neste sentido. Não é raro que em cidades grandes e de médio porte que as igrejas, mesmo pequenas, tenham um número considerável de universitários, o que conseqüentemente se reflete nas relações eclesiais e assim os pastores não conseguem mais manter as relações de outrora apenas com base na autoridade.

O Dualismo Cultural tem sido um grande desafio para uma santidade integradora do Movimento Pentecostal, é verdade que em outros períodos representou um desafio ainda maior, mas mesmo hoje apesar dos avanços, continua sendo sentido. As transformações da sociedade brasileira do século XXI de alguma maneira tem ajudado no arrefecimento deste Dualismo.

### 3.2.4

#### O Dualismo político (Fé cristã x Opções políticas)

O Dualismo político já se expressava por exemplo, na obra de Santo Agostinho *Cidade de Deus*, quando o teólogo dividiu o mundo dos homens (terreno) e o mundo de Deus (celestial).

O Dualismo político ganhou novos contornos na Idade Medieval na afirmação do Papa Gelásio de que Deus possuía dois braços, um deles era o que representava o poder espiritual exercido pelo papa, responsável por cuidar das almas dos seres humanos e, conseqüentemente, era o mais importante. O outro braço de Deus era o poder civil ou político, exercido pelo imperador com o propósito de cuidar dos corpos dos seres humanos e mantê-los em ordem. Como a mentalidade já era muito influenciada pelo Dualismo o *braço espiritual* prevaleceu sobre o *braço político*<sup>385</sup>.

Carlos Magno também defendeu a separação dos poderes num dualismo que punha sua autoridade de um lado e a autoridade do papa do outro lado, para que assim um não interferisse na esfera de atuação do outro. Embora nos conceitos medievais os *dois poderes* nem sempre se excluam e, a harmonização dos mesmos não era tão simples, por isso havia constante troca de favores e interesses. Ambos queriam manter os poderes distantes, mas nem tanto.

---

<sup>385</sup> MCBRIEN, Richard. **Op. cit.** Pg. 85

Tempos depois, no processo de colonização da América Latina foi feita uma nítida separação entre a fé cristã que se professava e as posições políticas que se desenvolveram no continente, por isso, exploravam e matavam nativos durante o dia e cultuavam a Deus durante a noite.

No puritanismo inglês, que teve problemas com a política de Elizabeth I e Carlos I e por isso migraram para a América do Norte, as relações entre fé e política se misturaram a tal ponto de uma ser a explicação da outra. Desta forma, antes mesmo de descerem do Mayflower, aqueles viajantes já tinham definido regras políticas baseadas numa leitura de fé sectária a ser implantada nas colônias por eles fundadas. Mistura essa que já havia acontecido na Reforma de João Calvino em Genebra e na execução da disciplina religiosa que acabou por exilar vários cidadãos e até a culminar com a morte de vinte e oito pessoas<sup>386</sup>.

A Alemanha nazista de Adolf Hitler também estimulou um dualismo político. Hitler ao receber um grupo de pastores do país deixou bem claro a eles que seu intento era de uma separação e, que o poder civil (político) seria exercido por ele enquanto chefe de Governo e os líderes protestantes deveriam se manter apenas ao poder espiritual dentro de suas próprias igrejas<sup>387</sup>. O intuito nazista era de relegar os pastores para os seus ambientes eclesiásticos e eliminar mais uma oposição ao seu totalitarismo.

No Pentecostalismo brasileiro o Dualismo Político tem se manifestado praticamente desde o seu início histórico e de diversas maneiras. Desde as origens puritanas foi desenvolvido o conceito de *Destino Manifesto*, a ideia de que aqueles religiosos tinham a convicção de serem escolhidos por Deus para levar sua mensagem a todos os lugares da terra e que a evidência de sua chegada seria uma sociedade que vivesse dentro dos princípios morais rígidos, distante dos vícios e dos jogos de azar.

Foi elaborada a doutrina da *Igreja Espiritual*, por J.H. Thornwell que dizia que o papel da Igreja era o de cuidar apenas das questões consideradas espirituais ou religiosas, por outro lado, as questões jurídicas e políticas deveriam ser de plena responsabilidade do Estado<sup>388</sup>. Essa doutrina nos ajuda a entender a procrastinação

---

<sup>386</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 6**. Pg. 116

<sup>387</sup> NASCIMENTO, André dos Santos F. **Nazismo e cristianismo**. São Paulo: Fonte, 2012. Pg. 63

<sup>388</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 214-215

de setores do protestantismo americano na luta contra a escravidão, por exemplo. A ideia da *Igreja Espiritual* foi amplamente recebida nos meios pentecostais brasileiros, como consequência da visão maniqueísta que tiveram de mundo e por causa da desvantagem numérica no Brasil do início do século XX que os fez se isolar ainda mais. A fé pentecostal não gerou nenhum tipo de proposta de engajamento político, pelo contrário, os fez aderir a um projeto de vida sectário e que desprezou, por muitos anos, as opções políticas<sup>389</sup>.

Como os Pentecostais tiveram uma postura de desprezar este mundo material e suas relações por ser considerado mundano e, portanto mal, a política foi um assunto que não despertou interesse dos pentecostais até praticamente a redemocratização do país, quando este Dualismo se inverteu.

Até a década de 1960 podemos afirmar que o interesse dos pentecostais pela política foi nenhum. Entre as décadas de 1960 e 1980 o pentecostalismo, querendo ou não, acabou participando do Dualismo Político que se instalou no Brasil no período da Ditadura Militar (1964 – 1985). Aquele foi um período de extremismos políticos que refletia o contexto internacional de Guerra Fria, onde o mundo esteve dividido entre Capitalistas e Comunistas num nítido e acirrado Dualismo.

No Brasil do regime militar, havia um claro Dualismo entre a Direita e a Esquerda, entre os defensores do Regime e os subversivos, e a igreja não teve como se manter totalmente distante desse cenário. A grande maioria dos pentecostais do período se alinharam à Direita, ou seja, apoiaram, ou pelo menos, não se opuseram, ao Governo Militar. A moralidade pregada pelos militares se assemelhava à moralidade defendida pelos pentecostais e de outro lado, quem não apoiava o Regime era taxado de comunista e isso, no ambiente religioso, lembrava ateísmo.

Quando houve a Redemocratização em 1985, muitos setores das Igrejas Pentecostais, naquele cenário, bem mais numerosas e expressivas, queriam ser aceitos e ouvidos como força política nascente, porém, isso não foi a solução do Dualismo Político, mas a sua inversão. Muitos líderes pentecostais que foram eleitos para cargos públicos queriam defender apenas os interesses de suas denominações ou os seus próprios interesses. Com o apogeu do Neopentecostalismo na década de 1990 então, o Dualismo se inverteu de vez e a adesão às eleições foi ampla<sup>390</sup>.

---

<sup>389</sup> BONINO, José Miguez. **Op cit.** Pg. 60

<sup>390</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 182

O fato de lideranças pentecostais terem aderido às eleições políticas não indica que fizeram uma opção de fato política, mas apenas eleitoral, ou seja, apenas inverteram o dualismo. Os pentecostais continuaram alheios aos grandes temas da política nacional como economia, educação, segurança pública. Se mantiveram determinados em zelar pelos interesses *políticos* dos grupos que os elegeram e de representar os ideais moralistas dos nichos que representavam. Algumas denominações, sobretudo neopentecostais, assumiram um nítido projeto de empoderamento pelas vias eleitorais.

Se até a década de 80 o desprezo pelo mundo que era considerado mal fazia com que os pentecostais se mantivessem alheios ao processo democrático, a partir da década seguinte o discurso foi outro. Essas forças denominacionais perceberam que com a sua distância um grande setor da sociedade brasileira ficou à deriva e, este setor tinha força para decidir eleições e eleger representantes em votações proporcionais, decidiram então concentrar esse reduto eleitoral em seus próprios interesses.

Como prevalece a espiritualidade dualista, muitos líderes pentecostais afirmaram o interesse de ganhar o Brasil para Jesus, mas continuaram desprezando o papel que a igreja deveria exercer no país para que este se aproximasse da justiça e igualdade ensinadas por Jesus<sup>391</sup>.

Na visão dualista, ganhar o Brasil para Jesus significa apenas fazer de toda a população brasileira membro de uma igreja evangélica, apenas e tão somente isso. Não se pensa, por exemplo, em influenciar a cultura brasileira para ser mais sensível nos valores do Reino de Deus e entender que o combate à pobreza, os menos favorecidos e a injustiça são tarefas da Igreja<sup>392</sup>.

O discurso político continuou dualista, continuaram entendendo o mundo como mal e, que ficava pior ainda porque os eleitos para cargos públicos foram entendidos como pessoas com afinidades com o diabo. Por vezes eram pessoas que defendiam os católicos, as religiões afros e espíritas em geral, políticos que representavam homossexuais e grandes empresas como as Organizações Globo, sendo assim só havia uma maneira de não permitir que o controle do país caísse nas mãos dessas pessoas: eram as igrejas entenderem que *irmão deveria votar apenas em irmão*, que crente deveria votar em quem fosse membro de alguma igreja

<sup>391</sup> GOUVEA, Ricardo Quadros. **Op cit.** Pg. 108

<sup>392</sup> *Ibid*, pg. 109

evangélica, de preferência de sua própria denominação, pois só assim o povo evangélico brasileiro seria ouvido e respeitado como força política e os propósitos malignos seriam interrompidos.

É o início histórico do chamado *voto de cajado*. O voto no qual o pastor usava toda a sua retórica e sua influência sobre seus paroquianos e falava constantemente, no púlpito, sobre quem os cristãos deveriam ou não votar. Frequentemente diáconos (cabos eleitorais no caso) distribuíam *santinhos* dos candidatos da denominação na porta da igreja no início e no final dos cultos. Por vezes, pastores diziam que quem não votasse no candidato da Igreja estaria pecando ao escolher um *filho das trevas*, ao invés de votar num *homem de Deus*. Era o maniqueísmo se manifestando na relação eleitoral.

A participação evangélica nas eleições cresceu tanto que a partir da década de 90 foi formada a *Bancada Evangélica*, que mais recentemente tem se envolvido com tantos escândalos e esquemas de corrupção que fez novamente arrefecer o interesse dos evangélicos pelo tema, voltando a considerar que, de fato, política é *coisa do diabo*.

É importante notarmos que mesmo com a mobilização de líderes, a política nunca foi um assunto de interesse da maioria dos pentecostais, até porque os fiéis entendiam que como crentes deveriam ficar de fora deste processo<sup>393</sup>. Talvez isso ajude a explicar o alto número de adesão, por mais contraditório que pareça. Como as memberships não se importavam com o assunto acabavam dando créditos ao que o pastor falava e por isso, votavam nos candidatos da denominação, já que não votariam em ninguém mesmo. Lamentavelmente o desprezo dos pentecostais pelos assuntos políticos tem favorecido o interesse de alguns em detrimento da grande parte da população, como diria o texto atribuído a Bertold Brecht:

“O analfabeto político não se informa sobre política, não fala sobre política nem participa de eventos políticos. Ele não entende que o custo da vida, o preço do arroz, do peixe e da farinha, do aluguel, dos sapatos e dos remédios, tudo isso depende de decisões políticas. O analfabeto político é tão estúpido que é com orgulho que declara detestar política, sem sequer imaginar que é da ignorância de pessoas como ele que nascem os criminosos, as crianças abandonadas, as prostitutas e os políticos corruptos, lacaios de empresas multinacionais e nacionais”<sup>394</sup>.

<sup>393</sup> NOVAES, Regina Reyes. **Os escolhidos de Deus**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. Pg. 126

<sup>394</sup> Disponível em: [www.diariodocentrodomundo.com.br](http://www.diariodocentrodomundo.com.br). Acessado em 04.11.2017 às 12:30

O texto acima chama a atenção de assuntos que são verdadeiramente políticos, que afetam diretamente a economia e tem consequências diretas nas famílias mais vulneráveis, onde se situam grande parte das famílias pentecostais. Política tem a ver diretamente com segurança pública, com subempregos, desempregos, educação de baixa qualidade e corrupção que assola as riquezas do país fazendo dele uma nação desigual. Todos esses cenários deveriam ser de grande interesse para o povo pentecostal, pois assim como para a maioria da população brasileira, que vive de perto as problemáticas causadas por tal alienação<sup>395</sup>.

A alienação política no Brasil está diretamente relacionada com os déficits educacionais da população, que conseqüentemente afeta os pentecostais, e no caso desses, o Dualismo entre as coisas de Deus e as coisas do mundo mal, distorcem ainda mais o assunto.

Outro elemento que ajuda a explicar a alienação pentecostal das relações políticas, sem dúvida, é a escatologia que o movimento abraçou. Por ter aderido à doutrina da Igreja Espiritual, o Pentecostalismo seguiu a linha de um apocalipsismo que remete para a compreensão do Reino de Deus para além da história, uma vez que não tem maiores expectativas quanto a participação humana neste Reino. O Movimento Pentecostal com uma mentalidade dualista, entende este mundo como mal e irremediavelmente perdido, por isso, a esperança é apenas num Reino de Deus que se manifestará de modo sobrenatural e que aniquilará este presente mundo<sup>396</sup>.

Foi amplamente aceito entre os pentecostais brasileiros o modelo Dispensacionalista popularizado por Scofield que acreditava que Deus fez alianças com o ser humano ao longo da história, a Igreja estaria vivendo a penúltima dispensação (a da Graça) e logo após o arrebatamento da Igreja e o período de sete anos de tribulação viria o Reino Milenar de Cristo.

Essa construção está muito presente no imaginário popular pentecostal que entende o Apocalipse apenas como um livro futurístico e esvaziado de seu caráter profético e o que ajudou a popularizar essa noção foi a série de livros e filmes *Deixados para trás*.

<sup>395</sup> FERNANDES, Rubem Cesar. **Governo das almas in VVAA. Nem anjos, nem demônios**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1996. Pg. 164

<sup>396</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Pg. 137

A escatologia pentecostal tem como marco divisório o Milênio, concepção de que Jesus reinará durante mil anos, literalmente, como rei. A interpretação mais significativa parte da explicação pré-tribulacionista, a ideia de que a história que conhecemos terá fim com a *parousia*, inaugurando, em seguida, o milênio em que Cristo reinará. Para que esse Reino de Cristo milenar seja antecipado, cabe a Igreja pregar o Evangelho para todo o mundo, e quando todos ouvirem a mensagem cristã, virá o fim<sup>397</sup>.

A concepção dispensacionista/pré-tribulacionista gera no crente uma postura de passividade em relação ao futuro, uma vez que este mundo é mau e caminhará a cada dia para ser pior ainda, resta a Igreja simplesmente aguardar e ansiar pelo retorno de Cristo à terra para pôr fim a essa maldade. Não é de se estranhar que entre os adeptos do pré-tribulacionismo é bem mais difícil a conscientização política, pois entendem que não há nada que possamos fazer que possa impedir a degradação do mundo, segundo a corrente, predita na própria Bíblia.

O pré-tribulacionismo e a concepção escatológica dualista são alienadoras e impedem que o crente, em sua grande maioria pobre, perceba as relações político-sociais responsáveis por sua opressão. São estimulados por este dualismo a entender que é fruto do diabo, ou de um propósito divino que antecede a um Reino escatológico repleto de bênçãos. Pelo fato da maioria dos pentecostais brasileiros viverem em situações de pobreza ou no mínimo de dificuldades claras e, pela alienação política, caracterizada pelo desprezo ao mundo, a escatologia que defende um retorno iminente de Jesus à terra é uma esperança de alívio para essa população sofrida que precisa conviver com uma realidade que gostariam de desprezar<sup>398</sup>.

Para agravar o cenário surge, justamente entre os menos favorecidos, a Teologia da Prosperidade, como uma maneira mágica e rápida de resolver os problemas econômicos de uma população carente. A Teologia da Prosperidade ajuda na alienação política dos crentes que nela acreditam fazendo com que percebam que a falta de emprego, de salários justos, de acesso a uma educação e saúde públicas de qualidade, não são obras espirituais da atuação diabólica, mas ausência do Estado.

---

<sup>397</sup> Ibidem

<sup>398</sup> BONINO, José Miguéz. **Op cit.** Pg. 67

A leitura que os pentecostais fazem da realidade sócio-política é espiritual e, conseqüentemente, são inertes no engajamento político. Em momentos críticos da política brasileira tudo o que muitas igrejas conseguem fazer é convocar campanhas de oração para repreender os demônios da corrupção e da injustiça que dominam o Brasil.

O Movimento Pentecostal também convive com o Dualismo entre a oração e a ação, como se um excluísse o outro. Muitos acreditam que a oração será o suficiente para resolver os problemas de corrupção do país. Há pouco incentivo a iniciativas populares pela luta de assuntos de fato, políticos. A política no Movimento Pentecostal é transferida para o mundo espiritual e, suas mazelas compreendidas como consequência do transcendental<sup>399</sup>. A capacidade de mobilização política das igrejas pentecostais é pífio.

Quando alguns grupos relacionados a igrejas se engajam politicamente apenas invertem o dualismo e chegam a confundir algum partido político ou programa de governo com o próprio Reino de Deus, seja esse programa partidário de direita ou de esquerda. No meio pentecostal há a ausência de uma doutrina social e, mesmo uma teologia pública não é tratada com a devida seriedade, causando uma lacuna no engajamento das igrejas.

A maioria das igrejas pentecostais resumem seu cuidado com os menos favorecidos com a assistência social. Neste ponto é inegável as bem-feitorias que igrejas fazem em suas comunidades amenizando o sofrimento de muitos, porém se houvesse de fato, um engajamento político, a eficácia seria muito maior.

As Igrejas têm pouco a dizer em relação as questões ecológicas atuais, justamente por não entenderem como uma necessidade a relação com este mundo em que estamos. Como não tem militância em relação aos Direitos Humanos, aos Direitos das Mulheres e, muito menos na luta por direitos das minorias, aliás neste caso, líderes evangélicos conseguem a mobilização de milhões de pessoas para protestarem contra qualquer benefício que o Estado queira dar a grupos minoritários, energia que não é compatível para lutar por segurança, empregos, saúde. A maioria das Igrejas tem mais preocupações morais que políticas.

Como já sinalizado, a relação das Igrejas Pentecostais com a política brasileira tem sido contraditória. Se por um lado, a maior parte desse setor religioso

---

<sup>399</sup> Ibid, pg. 67

não se envolve com questões verdadeiramente políticas, por outro lado, a maioria das igrejas se envolvem nas relações eleitorais e com as estruturas de poder, muitas vezes o argumento para essa presença é a luta pela moralidade e pela família tradicional, além do claro favorecimento das Igrejas as quais os mesmos representam.

Na história republicana recente podemos perceber com nitidez a presença de evangélicos em muitos setores: desde pastores que batizaram e pastorearam governadores no Estado do Rio de Janeiro, apóstolos que receberam no culto governador de Rondônia, que tempos mais tarde acabou sendo cassado, até pastores conselheiros de presidentes da República e candidatos à Presidência da país. Na chamada *Bancada Evangélica*, tem representações da Igreja Quadrangular, Metodista, Sara nossa Terra, Renascer em Cristo, Batista, Presbiteriana e diversas outras denominações. Estima-se que a bancada evangélica, na legislatura 2015-2018 tenha cerca de 85 deputados federais, o que representa mais de 16% do Congresso Nacional.

A Assembleia de Deus, maior denominação pentecostal brasileira, que até certo tempo foi discreta em sua relação eleitoral tinha em 2012 uma representação de 22 Deputados Federais, 38 Deputados Estaduais em diversos Estados brasileiros e mais de 1000 vereadores pelo país, todos ligados a CGADB<sup>400</sup>. A CGADB prepara o lançamento de um partido político próprio para as próximas eleições, o PRC (Partido Republicano Cristão)<sup>401</sup>.

O setor das Assembleias de Deus mais presentes nas questões eleitorais é o Ministério de Madureira, convenção que não é ligada a CGADB. O presidente deste ministério, Bispo Manoel Ferreira, já foi candidato ao Senado pelo Rio de Janeiro e Deputado Federal pelo mesmo Estado. O ministério tinha próximas relações com o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha e em 2014 teve seu próprio candidato à presidência, o Pastor Everaldo, que teve pouco menos que 1% dos votos válidos. A Assembleia de Deus do Ministério de Madureira tem grande presença no PSC (Partido Social Cristão).

Com o advento do Neopentecostalismo e seu claro projeto de poder político a partir da década de 90, a presença de religiosos em eleições se tornou certa. A maior responsável por essa militância é a Igreja Universal do Reino de Deus, que

---

<sup>400</sup> OLIVEIRA, David Mesquiatti. **Pentecostalismo e transformação social**. Pg. 55

<sup>401</sup> Disponível em: [www.prc.org.br](http://www.prc.org.br)

já tem partido próprio, o PRB (Partido Republicano Brasileiro). Esta denominação que já possui há algum tempo, vários Deputados Federais e alguns Senadores, além disso, está presente em quase todas as Assembleias Legislativas do país e busca estar sempre presente nas Câmaras de Vereadores. Mais recentemente a IURD tem buscado força em eleições majoritárias para o executivo, tem apoiado a candidatura de Celso Russomano em São Paulo (tanto para Prefeito quanto para Governador do Estado) e feito o mesmo com o Bispo licenciado, Marcelo Crivella no Rio de Janeiro, que inclusive já foi Senador por dois mandatos, disputou o segundo turno nas eleições de Governador em 2014 e foi eleito Prefeito da cidade do Rio em 2016.

Nos períodos eleitorais os cultos da Universal se transformam em verdadeiros palanques e os líderes da igreja defendem seus candidatos com a mesma veemência com a qual lutam contra o diabo, aliás os dois dualismos estão ligados, pois a argumentação da Igreja em ter seus próprios candidatos é de tentar impedir a atuação dos filhos da maldade.

Na esteira da Universal as demais Igrejas Neopentecostais também entraram no processo eleitoral, isso se aplica a Igreja da Graça, a Mundial, Renascer e Sara Nossa Terra, dentre outras. Por vezes os próprios líderes são os candidatos, outras vezes parentes dos mesmos ou pessoas de sua mais alta confiança. Nos programas eleitorais gratuitos é comum assistir a presença de *bispos* e *apóstolos* pedindo votos para os seus representantes, nas igrejas o assunto ocupa boa parte dos cultos durante os meses que antecedem o pleito.

Em geral, os políticos ligados a igrejas são de pouca militância no Congresso, a não ser no que consideram que podem afetar a moral da família tradicional e os interesses de suas igrejas. Possuem relações de poder no mínimo obscuras e não tem maiores fidelidades partidárias, optam por partidos do chamado *Centrão*, e mudam com certa frequência de siglas, à exceção da Universal que tem o seu próprio partido e de pessoas ligadas a Assembleia de Deus Ministério de Madureira<sup>402</sup>.

Claro que numa democracia qualquer setor da sociedade pode se sentir representado no Congresso e nas Assembleias Legislativas, porém os ideais políticos de grande parte da Bancada Evangélica não são compatíveis com a membresia a qual os mesmos representam, em sua maioria, pessoas trabalhadoras,

---

<sup>402</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 183

pobres, sem acesso a saúde e educação de qualidade, a grande maioria dessas pessoas simples, são honestas.

Os representantes das Igrejas no Congresso demonstram dificuldade com os princípios democráticos e entendem como inimigos de Deus os que defendem pautas contrárias às suas, o que deveria ser absolutamente natural numa Democracia. Também não se relacionam bem com os princípios de um Estado Laico, muitas vezes as pautas defendidas no Congresso se confundem com as pautas das reuniões de ministério ou de presbitério de suas igrejas locais, enquanto que as pautas que realmente beneficiariam suas membrasias e, conseqüentemente a população mais vulnerável do país são deixadas de lado.

O Dualismo Político faz com que o engajamento profético de Jesus relatado nitidamente nos textos dos Evangelhos seja lido como algo restrito aquela época e ao seu contexto, por vezes os textos são interpretados num sentido espiritualizado, o que acaba esvaziando seu conteúdo profético/político. Alguns textos são interpretados apenas em seu caráter escatológico e outros, por causa da Teologia da Prosperidade tendem a amenizar a denúncia de Jesus quanto à exploração dos menos favorecidos e seu cuidado para com os pobres<sup>403</sup>. Sendo assim, a Igreja Pentecostal que teria um importante papel político para com seus membros, e conseqüentemente, com a sociedade em geral, se aliena. As igrejas que pensam a relação política de modo dualista fazem uma ruptura entre a fé cristã e as opções políticas num claro dualismo, uma vez que Jesus por causa de sua fé e mensagem abraçou causas políticas com seriedade numa síntese integradora e não alienadora.

### **3.2.5 O Dualismo social (Igreja x Mundo)**

Sociedade é o conjunto de seres humanos que convivem num mesmo contexto de espaço e de tempo formando uma coletividade. Essa coletividade independe, dentre outras coisas, da religião que cada indivíduo vem a professar. A Sociedade é maior que a Igreja seja ela qual for. Igreja local está inserida na sociedade e não o contrário. Sendo assim, as Igrejas de um modo em geral, são influenciadas pela sociedade da qual fazem parte.

---

<sup>403</sup> PINHEIRO, Jorge. **Teologia e política**. São Paulo: Fonte, 2006. Pg. 182

O livro de Atos dos Apóstolos apresenta um texto muito interessante sobre o convívio da Igreja Primitiva com a sociedade que a cercava. Certamente não era uma sociedade que vivia exatamente dentro dos padrões pregados por aquela igreja, mas mesmo assim o texto diz que a comunidade de crentes caía na graça do povo (sociedade) e contava com a simpatia dos que eram de fora do convívio cristão<sup>404</sup>. Pelo que o texto apresenta, a relação entre aquela comunidade e sua sociedade era amistosa e mesmo os que não compartilhavam da mesma fé tinha consideração e carinho para com os cristãos.

No Brasil atual uma grande parcela dos que compõe o Movimento Pentecostal pertencem às classes menos favorecidas e, conseqüentemente às classes menos escolarizadas. Esse é um retrato da relação do pentecostalismo dentro da sociedade brasileira. Na verdade, o pentecostalismo retrata bem a sociedade brasileira atual com suas vulnerabilidades e necessidades evidentes.

O Pentecostalismo desde o seu nascedouro teve muita proximidade com a pobreza e os excluídos socialmente. William Seymour era um negro, pobre, filho de escravos da Louisiana, foi ele quem deu início ao Movimento Pentecostal que passou a se reunir na Rua Azusa em Los Angeles. Aquele lugar serviu como peregrinação para milhares de pessoas que queriam ter uma experiência religiosa mais viva. A grande maioria das pessoas que frequentaram o lugar eram negros, pobres e pessoas que não tinham voz e nem vez naquela sociedade, inclusive o próprio movimento foi discriminado pelas elites e pela imprensa local<sup>405</sup>. O Movimento Pentecostal liderado por Seymour reunia negros e brancos, homens e mulheres formando uma bela integração social, o que para os padrões norte-americanos, sobretudo daquela época, era um grande desafio devido às separações raciais que lá haviam.

No Brasil o Pentecostalismo, embora trazido por europeus, era formado por pessoas pobres que dedicaram suas vidas à uma causa que acreditavam e quiseram propagá-la. Ainda hoje, apesar das grandes igrejas que se constituíram pelo país, de terem alcançado parte da elite brasileira e da riqueza exagerada de alguns poucos pastores pentecostais e neopentecostais, o movimento continua sendo majoritariamente feito por pequenas igrejas, que estão inseridas no subúrbio, nos

---

<sup>404</sup> Cf. Atos 2.47

<sup>405</sup> MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. **A força do pentecostalismo para transformar a sociedade.** In OLIVEIRA, David Mesquiatti. **Pentecostalismos e transformação social.** Pg. 83

bairros de classe média/baixa, bairros pobres e nas favelas, lugares onde as grandes igrejas, a religiosidade clássica e mesmo o Estado não chegaram. O Pentecostalismo ainda é feito em sua grande maioria, de pastores simples e trabalhadores, que entregam suas vidas para o cuidado de suas ovelhas e para a causa em que acreditam. O Pentecostalismo tem servido para socializar os menos favorecidos em função dos valores religiosos<sup>406</sup>.

As Igrejas Pentecostais, em sua maioria, fazem um papel muito relevante em lugares simplesmente abandonados pelo poder público e pelas demais denominações cristãs levando conforto, esperança e o sentimento de pertença, que acolhe e dignifica o cidadão excluído. E essa tarefa realizada pelas Igrejas Pentecostais nem sempre é feita de modo consciente, mas como consequência natural da fé que abraçam, e esta fé ensina que todos são irmãos e que devem cuidar uns dos outros, sem se importarem com a cor da pele ou a classe social a que pertencem.

O cuidado é uma preocupação na maioria das comunidades pentecostais, pois pelo fato de serem majoritariamente compostas por pessoas menos favorecidas, estas entenderam socialmente e religiosamente a importância da solidariedade. É muito comum o trabalho de Ação Social nas Igrejas Pentecostais, apesar das dificuldades econômicas que muitas têm, os membros dessas igrejas doam alimentos e compartilham com os que têm menos que eles, na tentativa de aliviar as necessidades dos demais irmãos<sup>407</sup>.

Outro fator social que está presente na maioria das igrejas pentecostais, embora as igrejas neopentecostais já abriam mão, é a Escola Bíblica Dominical (EBD). Esta organização surgiram na Inglaterra com o jornalista Robert Raikes como uma organização paraeclesialística, que sentiu a necessidade de dar alguma contribuição para o contexto social da cidade onde vivia.

A EBD em seu começo tinha o objetivo de preparar jovens e adolescentes para uma vida melhor, ensinando-os não apenas a Bíblia, mas também o inglês, matemática, história, civismo. Conta-se que o impacto daquela EBD foi tão grande que em três anos a criminalidade na cidade caiu drasticamente<sup>408</sup>. No Brasil a

<sup>406</sup> CAMPOS JUNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira**. São Paulo: Annablume, 2009. Pg. 20

<sup>407</sup> MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. **A força do pentecostalismo para transformar a sociedade**. In OLIVEIRA, David Mesquiatti. **Pentecostalismo e transformação social**. Pg. 85

<sup>408</sup> GILBERTO, Antônio. **Manual da Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. Pg. 134

primeira EBD foi realizada pela missionária Sarah Kalley no dia 19 de agosto de 1855 na cidade de Petrópolis-RJ. Sara reuniu em sua própria sala cinco meninos que estavam na rua, lhes ofereceu um lanche e contou para eles a história do profeta Jonas. Depois o trabalho cresceu e assumiu as características de cuidado e assistência social com os adolescentes e crianças.

A EBD foi adotada por John Wesley no movimento metodista e logo deixou de ser uma organização paraeclesial para fazer parte das atividades fixas das igrejas. Ainda hoje a maioria das igrejas pentecostais tem nos domingos de manhã (preferencialmente) a EBD, e as Assembleias de Deus despontam como a principal denominação a apoiar o trabalho.

Hoje a EBD perdeu o seu aspecto social e passou a ser feita para os próprios membros das igrejas, de outro lado, representa a única escola que muitos homens e mulheres terão frequentado ao longo de suas vidas. A EBD oferece a essas pessoas a oportunidade de se sentirem aprendizes, de poderem estudar, dignificando o indivíduo que independente de qualquer pré-requisito serão alunos de alguma das classes da EBD. Algumas pessoas sem maiores estudos ou qualificações ainda se tornam professores da Escola Dominical e podem compartilhar com seus alunos as lições das revistas e textos bíblicos. Estas pessoas são respeitadas e valorizadas como professores e ganham motivação para leitura e estudos ainda que informais.

É evidente que a EBD muitas vezes tem déficits educacionais nítidos, pois, mesmo sendo um trabalho feito com simplicidade ainda há pessoas com dificuldades de acompanhar o processo de aprendizagem.

Muitos educadores e pastores criticam as dificuldades que enfrentam em relação a frequência e ao aprendizado, mas não percebem que isso acaba sendo um reflexo da sociedade brasileira com um notável déficit educacional. Nas Igrejas Pentecostais pelo menos, ainda se tem uma valorização dos estudos das Escrituras e da leitura da mesma.

O sentimento de pertença que as Igrejas Pentecostais dão aos moradores de comunidades carentes faz com que eles se sintam corresponsáveis pela Igreja. Muitos ajudantes de pedreiros, mestres de obras, donas de casa, alguns analfabetos, são ordenados diáconos, diaconisas e presbíteros nas Igrejas das quais fazem parte, são respeitados como autoridades e auxiliadores da obra de Deus<sup>409</sup>. As Igrejas

---

<sup>409</sup> MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. **A força do pentecostalismo para transformar a sociedade.** In OLIVEIRA, David Mesquiatti. **Pentecostalismo e transformação social.** Pg. 86

Pentecostais, por mais simples que muitas podem ser, são lugares onde os excluídos da sociedade brasileira são respeitados e ouvidos, onde são levados a sério. Mesmo nas Igrejas maiores não há qualquer tipo de barreira para que pessoas pobres ou analfabetas cheguem a cargos de lideranças.

Certamente num país desigual e socialmente deficiente como o Brasil, o papel exercido pelas Igrejas Pentecostais para com a sociedade onde estão inseridas é bastante relevante e, seria ainda mais se não fosse o Dualismo. Este Dualismo Social tem levado muitos a viverem uma fé intimista que despreza problemas suscitados pela realidade social. Muitos acreditam que o cristianismo deve cuidar do que realmente importa (nesta visão dualista) tais como da alma, da vida eterna, do espiritual e assim as questões sociais são relegadas a um segundo plano, quando muito<sup>410</sup>.

Por causa do desprezo pelo mundo o Pentecostalismo fez uma divisão entre a Igreja e a Sociedade, entre a Igreja e o Mundo, entre os que são de dentro e os que são de fora. O olhar das igrejas pentecostais para a sociedade na qual está inserida por vezes é de superioridade, como se a igreja fosse uma realidade maior que a sociedade. Esse Dualismo é também um olhar de repulsa, pois a igreja acaba por se aquartelar dentro de suas paredes como se fosse um gueto, ou mesmo uma trincheira, de quem se prepara para a guerra. A sociedade é vista como depravada, cujos valores são sempre contrários à fé cristã, por isso a única relação possível é de combate, as Igrejas Pentecostais se sentem no dever de combater a sociedade pervertida e de influenciá-la a ponto de transformá-la. O Movimento Pentecostal enxerga a sociedade no sentido conflitivo e quase nunca dialógico.

A simpatia que a Igreja de Atos causava nas pessoas de sua sociedade já não existe mais no Dualismo Social, realidade esta que chega a ser celebrada pelas igrejas pentecostais, pois o fato dos *ímpios*, forma como são chamados os de fora pelos mais radicais, odiarem os cristãos é entendido como um sinal de que estão fazendo a diferença e agradando a Deus, motivo pelo qual eles entendem ser os *perseguidos* pelo mundo. Aliás os de fora da igreja são frequentemente chamados de *mundanos* ficando bem claro o dualismo e determinando a distância que existe entre a igreja e o mundo (Sociedade).

---

<sup>410</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 508-509

Na compreensão de entender as hostilidades como sinal de fazer a diferença, muitos pentecostais perdem a capacidade de autoanálise. Muitas igrejas entendem como perseguição a reclamação dos vizinhos quando acontece uma vigília com som alto até a manhã do outro dia. Algumas igrejas usaram como estratégia de evangelização o som estupidamente alto, propositadamente, para que toda a vizinhança pudesse ouvir as músicas, as pregações e as orações.

A satisfação que muitos pentecostais têm de serem diferentes do mundo na maioria das vezes não está relacionado com o caráter, ou com a honestidade diante de situações que expõe a crise ética e moral pela qual nossa sociedade passa, mas diz respeito a forma de se vestir, a forma de falar, pelo fato de não entrarem em bares ou outros ambientes denominados *mundanos*, ou pelo fato de não frequentarem festividades públicas e muitas vezes por se afastar da própria família, por causa dos parentes que bebem ou fumam.

Por vezes as igrejas estabelecem verdadeiros muros de separação entre elas e o restante da sociedade de um modo geral. Em várias comunidades os prédios eclesiásticos muitas vezes são os mais imponentes e estruturados e muitas vezes sem qualquer funcionalidade para a comunidade que não seja para fins de culto ou reunião da própria igreja. Cada vez mais as Igrejas Pentecostais perdem a capacidade de transformar a sociedade, haja vista o exemplo do Estado do Rio de Janeiro, um dos Estados brasileiros com a maior presença de pentecostais do país e com os maiores índices de criminalidade e tráfico de drogas<sup>411</sup>.

Para termos uma noção da presença pentecostal no Estado, dos últimos seis governadores, quatro eram evangélicos: Nilo Batista, Anthony Garotinho, Benedita da Silva e Rosinha Garotinho<sup>412</sup>. Evidentemente que a responsabilidade da violência e da criminalidade do Estado do Rio não é das Igrejas, porém pode ser uma evidência do isolamento infértil das denominações pentecostais.

O Dualismo tem impedido a Igreja de ter um relacionamento mais dialogal com a sociedade. A compreensão de que os de fora são ímpios e que a sociedade é o mundo pervertido, faz com que as Igrejas entendam a santidade apenas como algo que deva ser praticado dentro dela mesma. A santidade fica restrita aos crentes, às orações, vigílias, cultos e retiros. Algumas pessoas que frequentam igrejas praticam

<sup>411</sup> ALENCAR, Gedeon. **O protestantismo tupiniquim**. Pg. 14

<sup>412</sup> Nenhum dos quatro eram pentecostais, todos pertenciam à Igreja Presbiteriana, mas foram muito populares entre os evangélicos do Estado, independente das denominações.

numa espiritualidade dualista através do comportamento e das crenças exigidos dentro da igreja entretanto o que se vive e se pratica fora das igrejas nem sempre igual ao praticado internamente.

Uma ausência de preocupação maior com as causas sociais, como por exemplo com a cidadania, as questões ambientais, as preocupações educacionais pode ser entendida pelo ideal defendido por essas igrejas que compreendem que o seu único papel é o de ganhar almas, deixando de lado as causas consideradas materiais.

Quanto mais fechada for uma igreja maior atraso a mesma apresenta em causas sociais, como por exemplo: na escolaridade, na compreensão do outro como indivíduo, pois muitos classificam os que não são da Igreja como ímpios e perdidos e, os que saíram das Igrejas como os *desviados*. De uma certa forma, os pentecostais mais fechados e dualistas entendem que fora do ambiente de Igreja não há salvação, pois, a mesma é compreendida numa relação de filiação eclesiástica e não apenas como fruto da graça de Jesus.

Outra dificuldade social apresentada pelas Igrejas Pentecostais diz respeito ao planejamento familiar. As pregações têm o objetivo de valorizar as famílias tradicionais em princípio, porém a ênfase dada tem consequências e uma delas é a submissão da mulher.

Outra consequência é que, por haver uma pregação romantizada sobre família, enfatizando que os filhos são *bênçãos do Senhor*, os pentecostais mais radicais não têm nenhum tipo de planejamento familiar e, mesmo sendo famílias que vivem em situações financeiras muito difíceis, acabam tendo vários filhos. Não se há um discurso sobre planejamento familiar, sobre esperar para se ter filhos, ou limitar o número de filhos que os casais terão, ou mesmo de esperar o momento mais propício para o casamento. Até porque o casamento é entendido como uma maneira dos jovens evitarem o pecado sexual, já que na maioria dos casos a sexualidade é entendida de modo pejorativo, por isso, muitos casam com menos de vinte anos e idade<sup>413</sup>.

Um discurso recorrente no Pentecostalismo é que a igreja deve ganhar *almas* ao ponto de que não sobre nenhuma sequer, que se a igreja for de fato unida, ela sairá pelas ruas pregando a mensagem de Jesus até o ponto em que vai ganhar o

---

<sup>413</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. *Evangelização e maturidade afetiva*. Pg. 103

bairro inteiro ou mesmo a cidade inteira *para Jesus*. Essa seria a solução para o conflito com a sociedade que toda ela se tornasse pentecostal, assim não haveria mais os de fora, pois todos seriam os de dentro.

Existe um grande saudosismo em muitos pentecostais, o que ajuda a revelar o dualismo social presente no movimento. As denominações em pleno século XXI, continuam a lembrar com nostalgia de um tempo áureo vivido no início do movimento, ou na conversão de um grande fundador ou em algum período conhecido como avivamento.

Muitas igrejas sonham em reviver um período pleno e se lembram como os jovens eram mais obedientes, como as pessoas trabalhavam mais nas igrejas, como as pessoas oravam com mais fervor, como milagres aconteciam com mais frequência. No geral, todas as denominações pentecostais sonham em reeditar o que chamam de Igreja Primitiva, ou seja, a Igreja relatada em Atos dos Apóstolos. Isso se deve ao episódio da festa de Pentecostes, os da cura do paraplégico na porta do templo, ou pela sombra dos apóstolos que curavam, ou pela ousadia dos que pregavam a mensagem cristã<sup>414</sup>. Além do dualismo social, os que defendem tal saudosismo são também anacrônicos.

O saudosismo não deixa de ser um dualismo social revelando que essas Igrejas sentem saudades de um avivamento em especial e não conseguem se relacionar com as mudanças pelas quais a sociedade e, conseqüentemente as igrejas, passaram. É natural que muita coisa mude em quarenta anos, em cinquenta anos, em cem anos, mas os pentecostais continuam sonhando em que as coisas nunca mudem, ou se reedite o passado glorioso, porque mudanças sociais sempre são vistas como negativas, pois na época do avivamento era uma época considerada áurea.

Um exemplo claro da aversão às mudanças que o Pentecostalismo tem, foi na virada do século quando começou a circular nos meios de comunicação o assunto *Pós Modernidade*. Não é proposta desta pesquisa definir conceitos acerca das discussões relacionadas à Pós Modernidade, a intenção é de afirmar que o Pentecostalismo a rejeitou terminantemente mesmo sem saber do que se tratava. Durante alguns anos foi comum o tema ser tratado em muitas denominações

---

<sup>414</sup> GESTA, Marcelo. **Pentecoste e Pentecostalismo – uma abordagem sociológica teológica**. São Paulo: Fonte, 2015. Pg. 126

pentecostais e sempre a proposta era mostrar como o conceito era ruim e queria deturpar a mensagem do Evangelho de Jesus.

Pelo fato das igrejas terem dificuldades de se relacionar com a sociedade do tempo presente, elas se tornam obsoletas e perdem sua capacidade de influenciar positivamente as pessoas e de ser relevante. Muitos jovens e adolescentes não conseguem mais se sentir incluídos nas igrejas mais fechadas e conservadoras, muitos têm se inserido em projetos cristãos de releitura da prática eclesial e muitos outros desistem de vez.

A maioria das Igrejas Pentecostais não conseguem se contextualizar, justamente por entender que são elas quem devem falar e os de fora quem devem ouvir. Por entender que possuem a mensagem verdadeira e que os de fora estão perdidos no erro e, por quererem voltar num período em que *tudo dava certo*. Porém, os tempos mudam e cada vez mudam mais rápido, de tal forma que os dias atuais e, conseqüentemente os jovens e adolescentes, não são mais como em 1906 quando começou o movimento da Rua Azusa, nem como em 1911 quando nasceram as Assembleias de Deus no Brasil, nem como em 1967 quando foi fundada a Igreja Metodista Wesleyana.

O pesquisador assembleiano Gedeon Alencar mostra em sua obra *O protestantismo tupiniquim*, que os pentecostais não conseguem imprimir uma marca própria, que seja relevante, na cultura brasileira, como fizeram os católicos e os cultos afros. As manifestações pentecostais na sociedade são unilaterais, não buscam integração, por exemplo as *Marchas para Jesus* que não tem nenhuma proposta para a sociedade, mas apenas são voltadas para a divulgação das próprias igrejas<sup>415</sup>.

A aversão que muitos setores do Pentecostalismo têm da sociedade os impede de ver que, na verdade, o movimento reflete a própria sociedade brasileira, por exemplo, a maioria dos brasileiros pertencem às classes menos favorecidas, exatamente as classes mais alcançadas pelo pentecostalismo.

No Brasil existe um claro déficit educacional, muitos não terminaram os estudos médios ou fundamentais, muitos são analfabetos funcionais e ainda existem muitos analfabetos completos, qualquer análise superficial numa comunidade

---

<sup>415</sup> ALENCAR, Gedeon. **O protestantismo tupiniquim**. Pg. 136

pentecostal notará esta realidade em suas fileiras<sup>416</sup>. Como também o fato da sociedade brasileira ter mais mulheres que homens, mais pessoas de origem negra que branca, ambas são realidades do Movimento Pentecostal<sup>417</sup>. Tudo isso nos faz perceber que o Movimento Pentecostal e a sociedade brasileira deveriam ter uma relação muito mais próxima que ácida, pois o Movimento é a cara do Brasil, por isso foi tão abraçado pelos setores mais vulneráveis da sociedade brasileira.

O Pentecostalismo é um espelho de grande parte do país e, isso daria oportunidades ainda maiores de fazer uma diferença essencial e não apenas estética. Certamente se o Movimento Pentecostal não enxergasse a sociedade de modo combativo por causa do dualismo que rege essa relação, a influência poderia ser mais sentida e de modo muito mais benéfico e talvez poderiam cair na graça da sociedade como a Igreja de Atos dos apóstolos, tão reverenciada pelos pentecostais.

Os Pentecostais são capazes de mobilizar milhares de pessoas para protestar contra aquilo que os ofende, contra o que consideram um ataque da sociedade perdida aos valores cristãos, porém não se articulam, com a mesma força, para lutarem por direitos básicos como o acesso a segurança pública, saúde e educação de qualidade.

Como força social e política notável, os pentecostais certamente poderiam exercer um papel decisivo na luta por direitos que beneficiariam não apenas a um grupo, mas a toda a sociedade brasileira. Para isso acontecer é necessário a superação do Dualismo social que tem marcado o Movimento.

### **3.2.6 O Dualismo profético (Vidência x Denúncia)**

O Movimento Pentecostal adotou este nome em referência ao livro de Atos 2, quando, por ocasião a Festa de Pentecostes, houve a descida do Espírito Santo sobre os discípulos reunidos e o texto relata a experiência daquelas pessoas em falar língua que lhes eram desconhecidas. O texto de Atos 2 foi muito pregado pelos precursores do Pentecostalismo, como o próprio Seymour em um de seus primeiros sermões na igreja de uma pastora negra, chamada Nelly Terry, que o convidou a

---

<sup>416</sup> BARRERA, Paulo. **Matrizes protestantes no pentecostalismo** in PASSOS, João Décio. **Movimentos do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005. Pg. 101

<sup>417</sup> Ibid, pgs. 102-103

pregar e ficou tão escandalizada com a afirmação de Seymour que o batismo no Espírito era uma segunda benção, que o expulsou de lá<sup>418</sup>.

No movimento brasileiro o texto de Atos 2 também foi muito difundido entre os primeiros pentecostais, de tal modo que as Assembleias de Deus classificaram o dom de línguas estranhas como a evidência do batismo no Espírito Santo. Hoje, ainda que algumas denominações pentecostais discordem desta evidência, não há como negar que a principal característica do movimento é o dom de falar em línguas estranhas, chamado de *glossolalia*.

Outro dom que se tornou muito popular dentre as igrejas pentecostais foi a cura divina, marca fortemente presente nas primeiras denominações pentecostais e que se tornou, possivelmente, a principal característica das igrejas do Deuteropentecostalismo e mesmo presente no Neopentecostalismo. Porém, na vida prática das Igrejas Pentecostais um terceiro dom se tornou muito popular e ao longo do tempo foi assumindo um papel de destaque, o dom de profecia<sup>419</sup>.

As Igrejas Pentecostais se alegram em dizer que são igrejas proféticas e por profecia entendem ser um dom dado por Deus que confere ao possuidor a capacidade de enxergar situações até então ocultas. Por vezes a profecia é feita durante uma pregação ou uma oração pública em que o responsável fala sobre algo que vai acontecer num futuro próximo, geralmente são falas com o intuito de levar o impenitente ao arrependimento e a conversão afim de que o mal profetizado seja interrompido.

Uma profecia pode ser para que uma igreja tome um novo rumo em seus dias ou retorne ao ideal de que acabou por se desviar. Mas, as profecias também podem vir como uma palavra de consolo para um pastor sofrido da igreja, que está preocupado com os rumos de seu rebanho, como uma palavra para confirmar que aquele povo está na direção correta ou mesmo para acalmar corações que estejam atribulados trazendo uma palavra de vitória para a igreja sofrida com alguma situação.

O exercício do dom de profecia é absolutamente democrático. Não precisa ser pastor, bispo ou ter qualquer tipo de cargo para se sentir usado por Deus para

---

<sup>418</sup> REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. 3ed. São Paulo: ASTE, 2003. Pg. 365

<sup>419</sup> Não é uma pretensão fazer uma análise teológica sobre os dons aqui citados: Línguas, Cura e Profecia. A citação é simplesmente do modo como essas terminologias são consideradas pelos próprios pentecostais.

profetizar. Homens, mulheres, jovens e até mesmo crianças podem ter essa experiência. Geralmente quando alguém profetiza a igreja faz silêncio para ouvir o que Deus teria a falar para o Seu povo através de seu instrumento humano, é dessa forma que o exercício do dom é compreendido pelo povo. A pessoa, seja quem for, que profetiza é ouvida com atenção e reverência.

Por vezes o *profeta* ou *profetiza* ao falar de forma profética (com entonação de voz e momento em que pede solenidade) está apenas chamando a atenção para si e fala coisas óbvias e genéricas e, muitas vezes (mas nem todas) são pessoas com problemas de autoestima que acabam usando da ocasião como maneira de se sentirem mais úteis e importantes. E mesmo quando a profecia acontece por este motivo psicológico, podemos compreender o acolhimento e o sentido de pertença que o Movimento Pentecostal concede aos seus membros, pessoas marcadas e sofridas tem voz nas celebrações. Se ficar claro que o profeta fala com outras motivações e transmite mensagens que deturpam o conteúdo bíblico ou extrapolam no *emocionalismo*, o pastor da igreja está atento para coibir que isso prossiga e no caso, se aproxima e pede para que a pessoa se cale para não provocar contendas com a membresia presente.

Os pentecostais acreditam que a palavra profética pode vir por uma inspiração momentânea, através de um sonho profético ou através de uma visão espiritual<sup>420</sup>. Em todos os casos, Deus mostra a alguém algo em oculto para que o recado seja comunicado com quem de direito. Essas manifestações podem ser mais individuais, mensagens específicas para uma pessoa, que geralmente consiste em dizer algo que seja oculto, que a própria não tenha contado para ninguém. Isso pode ser alguma prática errada que precise de concerto, algum sentimento escondido que a fez sofrer, alguma oração íntima que revela um sonho secreto.

Em muitos casos as profecias pentecostais são apresentadas *em nome do Senhor*, e o profeta começa dizendo: *Assim diz o Senhor...*, por outro lado em muitos outros casos a profecia é entregue na primeira pessoa do singular, como se fosse o próprio Deus a falar à sua igreja, essa era uma prática comum no movimento de Montano e dá a impressão de que o Deus *possuiu* a pessoa que está falando em Seu nome<sup>421</sup>.

<sup>420</sup> Declaração de fé das Assembleias de Deus. Pg. 174

<sup>421</sup> GONZALEZ. Justo. **Uma história do pensamento cristão, vol. 1.** Pg. 139

No Pentecostalismo existem os pregadores/profetis itinerantes. Pessoas que andam de igreja em igreja para levar a mensagem de Deus, alguns são respeitados e têm inclusive o aval de sua liderança imediata. No geral são pessoas que não tem trabalhos fixos e querem, como dizem, *viver da obra de Deus*. Muitos esperam receber ofertas da igreja onde levou um recado ou entregou uma revelação e sempre, quando estes profetas itinerantes vão em algum lugar entregam algum tipo de profecia. Suas falas são sempre imponentes, com o objetivo de impactar a audiência causando assim ainda maior reverência em todos. Geralmente essas pessoas visitam igrejas quase que diariamente e ficam à espera de convites para serem os pregadores oficiais de algum culto ou evento.

Nesta prática que algumas igrejas pentecostais ainda conservam de pregadores itinerantes, muitos se apresentam sem qualquer vínculo com alguma igreja ou denominação e usam de uma retórica específica para tentar angariar admiradores e ofertantes para o seu *ministério*. Também acontece com frequência de pessoas que ganham a fama de serem *profetas* ou *profetizas*, ficarem por algum tempo depois do culto orando por cada pessoa interessada em uma oração específica e, na verdade, o que motiva muitos a pedirem a oração de alguém que mal conhecem é saber se Deus vai usar aquela pessoa para lhe dar alguma revelação, visão ou profecia, de preferência prometendo vitórias.

Como o Pentecostalismo é predominantemente formado por pessoas simples e com muitas limitações socioeconômicas, é comum que muitas pessoas nutram uma esperança de ouvirem Deus falando com elas sobre seus problemas específicos, sobretudo se Sua Palavra vem para dizer que elas estão passando por dificuldades e terão a vitória daquilo que buscam. Por esse motivo, podemos compreender porque as profecias e revelações acabam sendo tão populares nos meios pentecostais, por vezes, as pessoas precisam não apenas ouvir a Palavra de Deus revelada nas Escrituras, mas saber que Ele cuida especificamente de suas vidas e de seus problemas.

O fato é que no Pentecostalismo, devido a influência do Dualismo, a vocação profética revelada no Antigo Testamento e no ministério de Jesus perdeu força. A profecia se tornou sinônimo de uma inspiração momentânea para a entrega de um recado da parte de Deus, o que esvaziou por completo o sentido bíblico de

profetismo<sup>422</sup>. Todas as vezes em que se fala numa igreja pentecostal sobre o papel profético da mesma, sempre se entende como a inspiração momentânea para alguma mensagem específica.

Na doutrina pentecostal sobre os dons do Espírito, os mesmos foram entendidos como manifestações sobrenaturais, algo grandioso que não está relacionado ao humano, mas uma capacitação sobrenatural para fins igualmente sobrenaturais. Essa compreensão esvazia o sentido prático e de engajamento do profetismo invocado no texto sagrado e que se faz tão necessário em dias atuais<sup>423</sup>. Desenvolveu-se um Dualismo entre a vidência e a denúncia, pois a profecia é entendida em seu sentido futurístico/espiritual, sempre dentro de seu caráter revelador, e quando se fala em denúncia profética se entende a revelação de um pecado moral que estava escondido e vem a ser desmascarado.

O profetismo presente nos livros dos profetas no Antigo Testamento, sobretudo em Isaías, era uma denúncia contra as maldades e explorações produzidas pelos mais favorecidos do povo em detrimento dos mais pobres, das viúvas, dos órfãos e dos estrangeiros. Deus através de seus profetas denunciava toda a sorte de exploração que pudesse existir em meio ao seu povo e exortava os israelitas a se arrependerem e fazerem justiça em relação aos que viviam em situação de maior vulnerabilidade<sup>424</sup>.

No ministério de Jesus o profetismo esteve sempre presente. Jesus foi um ferrenho denunciante das explorações produzidas pelo Império Romano e pelos sacerdotes judaicos de seu tempo. Jesus teve atitudes proféticas ao assumir o lugar do desprezado, do pobre, do explorado e não o lugar do opressor, da política corrupta ou das relações de poder existentes no seu tempo. Lamentavelmente, o Pentecostalismo não tem tido uma postura profética diante de seu tempo e de uma sociedade tão marcada pela desigualdade e opressão, por vezes, algumas lideranças pentecostais têm ficado do lado dos opressores, dos poderosos e oferecido seus púlpitos como palanques eleitorais para quem faz parte das elites políticas do Brasil.

Uma vez que o pentecostalismo é um movimento popular sua atuação profética seria bastante pertinente na construção de uma sociedade mais justa e menos pobre, porém essa distância se deve ao Dualismo presente no movimento

---

<sup>422</sup> PEARLMAN, Myer. **Op cit.** Pg. 319

<sup>423</sup> Ibidem.

<sup>424</sup> SCHWANTES, Milton. **O direito dos pobres.** São Paulo: Editeo, 2013. 162-163

entre a vida celestial e a vida terrena, entende-se que o que mais importa é a vida celestial, já que esta existência é efêmera e passageira. Com o conceito escatológico de que essa terra caminha inevitavelmente para o pior e, que isso é o cumprimento profético, os pentecostais desprezam este mundo para pensarem no mundo vindouro. E, por isso, todas as manifestações *proféticas* são no sentido de preparar a vida do crente para o Reino Celestial e esta passa a ser a única compreensão que se tem de profecia.

É fato que existe entre os pentecostais uma preocupação com as mazelas da sociedade brasileira, mas essa preocupação não é sistematizada, ou seja, os pentecostais percebem necessidades dentre sua membresia e procuram amenizar essa demanda, porém, não há uma reflexão sobre as causas dessas mazelas e como atuar de modo profético. As Igrejas Pentecostais, em sua maioria, até por serem compostas de pessoas simples são zelosas na ação social, se não fosse a ideia dualista que há entre o profetismo enquanto ação e o que se entende por profetismo, no sentido espiritualizado, as ações de transformação da realidade de parte da sociedade poderiam ser bem mais amplas.

No sentido em que os pentecostais entendem a profecia reaparece o Dualismo entre intelectualidade e união espiritual, pois segundo Pearlman, a profecia se difere da pregação, porque a pregação é fruto do preparo e estudos do pregador, enquanto que a profecia conta com a capacitação sobrenatural do Espírito em quem ministra a mensagem profética<sup>425</sup>.

A postura profética, no sentido de denúncia da exploração e das maldades dos poderosos é entendida como uma atividade política que se assemelha ao *mundanismo* e, portanto, não é bem aceito. A vida terrena é compreendida como uma passagem inevitável por um mundo mau e corrompido no qual, será inevitável o sofrimento e as mazelas humanas, cabe ao ser humano resignar-se com esta realidade e confiar que Deus está preparando um Reino de paz e deleites para os que forem fiéis até o fim, assim sendo o Dualismo entre Terra e Céu se torna quase que insuperável e uma postura de conformismo é adotada em relação a vida terrena, em esperança pela vida celestial.

Uma consequência do Dualismo profético no pentecostalismo é o Dualismo que coloca frente a frente o presente e o futuro. A profecia é quase sempre

---

<sup>425</sup> PEARLMAN, Myer. **Op cit.** Pg. 323

relacionada ao futuro, a vidência, ao que vai acontecer e raramente com a capacidade de repensar o presente o que pode fazer com que o futuro seja transformado.

O presente é entendido de modo pejorativo e para um pentecostal é um momento de sofrimento, algumas igrejas chegam a dizer que se tem alguém que no momento não está passando por alguma dificuldade ou problema é sinal que algo está errado com este crente. O sofrimento do tempo presente é celebrado e muitos parecem ter prazer em dizer do quanto estão sofrendo e do quanto o tempo presente é sinônimo de tribulações. Por outro lado, o futuro sim, é visto com expectativa, não porque exista no presente algo que o preparará, mas porque se entende que Deus, espiritualmente, fará um futuro de bênçãos para os seus, este futuro é sempre escatológico. Na pregação pentecostal dispensacionalista e pré-tribulacionista, o presente é ruim e ficará ainda pior e nele não há nada de bom e nem haverá, mas os pentecostais se alegram por creem que esta realidade estará com os dias contados e que em breve, Jesus voltará e porá um fim a este sofrimento inaugurando o futuro escatológico<sup>426</sup>.

Se por um lado existe um Dualismo entre Presente e Futuro, por outro lado também existe o Dualismo entre o Presente e o Passado. O presente é sempre mau e, o passado este sim foi bom, como falado no ponto anterior, o passado que remete a um avivamento específico é celebrado como algo que deveria voltar ou que nunca deveria ter acabado. E o passado relacionado a Igreja Primitiva é sempre tido como uma referência de quando a igreja vivia o ideal de Deus para ela e que por causa do pecado humano e de seu esfriamento, esta se desviou do momento áureo.

Muitas Igrejas Pentecostais foram fundadas em experiência místicas num momento em que os primeiros membros se sentiram guiados pelo Espírito Santo para iniciarem um novo trabalho, por isso, as denominações se recordam do período fundante com nostalgia.

Pela dificuldade de contextualização, por causa da rejeição do mundo material e pela ausência de ação profética no Movimento Pentecostal, a mentalidade do segmento está sempre em conflitos dualistas com o tempo, sendo que o presente nunca é sinal de algo bom ou favorável, as virtudes estão sempre relacionadas ao passado ou ao futuro<sup>427</sup>.

---

<sup>426</sup> Ibid; Pg. 386

<sup>427</sup> ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim**. Pg. 125

Em relação ao dualismo profético um outro dicotomismo vem à tona, a relação complexa que grupos carismáticos fazem entre a Razão e a Emoção. A ênfase sobre as experiências emocionais já remonta o Pietismo no século XVIII, esta influência é amplamente recebida pelo Movimento Pentecostal ao enfatizar a necessidade de que o crente não apenas deva ter uma experiência pessoal com Jesus como depois disso, deve ter uma experiência de avivamento pelo batismo no Espírito Santo.

A experiência é algo muito valorizado pelo Pentecostalismo, por isso, a proximidade com a subjetividade e com o místico. A relação entre a razão e a emoção não é simples no movimento, por vezes parece que ambas são excludentes e contraditórias.

Para a reflexão diante de uma postura profética como sugere o Antigo Testamento e o ministério de Jesus seria necessária uma dedicação também racional, por outro lado, as profecias como recados de Deus não requer muita reflexão, pois as mesmas são valorizadas na medida em que tocam o coração daquele que recebeu o recado de Deus. Por vezes quando alguém reflete e questiona alguma *profecia* ou mesmo experiência mística é visto como alguém muito racional, que facilmente se confunde com alguém *frio* do ponto de vista espiritual.

A dificuldade pentecostal de relacionar a emoção com a reflexão gera abismos que conduzem as pessoas a uma infantilidade teológica e mesmo emocional, uma vez que, a ênfase nas experiências emocionais pode acabar por tornar desnecessárias ações racionais, como a leitura e estudo bíblico ou mesmo o aprofundamento doutrinário e as relações político-sociais que nos cercam.

Entre uma experiência emocional estapafúrdia e uma palavra bíblica que diz o contrário, muitos pentecostais preferirão aquilo que lhes toca o coração àquilo que lhes toca o cérebro e, essa distância é perigosa e frequentemente impede o crescimento do fiel em muitas áreas de sua vida. Por exemplo, como já fora dito, muitos crentes têm maior facilidade de entender suas mazelas econômicas como fruto de provação divina ou luta celestial, ou mesmo artimanha maligna, que perceber a realidade estrutural que o cerca. E não é só isso, no meio pentecostal é frequente que pessoas percebam um quadro depressivo que estejam vivendo como sendo um desânimo de ordem espiritual, alguns querem até sair de suas igrejas porque dizem não estar se sentindo bem. Este sentimento por vezes pode gerado por um quadro depressivo, por exemplo.

Muitas pessoas querem fazer campanhas de libertação espiritual quando se sentem desanimadas, pois segundo elas, o desânimo só pode ter uma causa que seria espiritual, ou é sinônimo de pecado ou de oposição diabólica. Algumas se sentem frustradas com o próprio Deus e acham que Ele não cuida mais de suas vidas porque não sentem algum *calafrio* enquanto ouvem louvores ou pregação, não sentem mais emoções, ou algo parecido<sup>428</sup>. Ainda hoje, em muitas igrejas, depressão é entendida como algo de origem diabólica ou mesmo como uma possessão, que crente não pode sofrer com um mal desse tipo. Quando não se fala sobre um problema, este fica internalizado e as pessoas acabam tendo muita dificuldade de lidar com ele. Ou sofrem caladas ou lutam durante anos tentando repreender o demônio causador do sofrimento.

Doenças ainda são vistas como causadas por demônios e não pela naturalidade da estrutura humana, isso se deve a distância entre a razão e a emoção também. Emoção que faz com que o fiel se agarre em alguma palavra que ouviu num momento isolado de um culto, seja o trecho de um hino, uma frase aleatória de uma pregação, ou algo do gênero. Muitas pessoas desistem de algum tratamento, deixam de tomar remédios, deixam de frequentar o médico porque num dia qualquer ouviram algo genérico, mas que sentiram tocar no seu coração e acreditaram que a palavra foi para elas. Essa ainda é uma experiência não rara dentre os pentecostais.

No Neopentecostalismo a experiência de curas milagrosas se acentua. Muitos pastores chegam a afirmar que doenças tem nomes de demônios, porque são causadas por eles, sem exceção<sup>429</sup>. Para serem curadas as pessoas precisam crer em Jesus e que em seu nome todas as doenças saem, a não ser que a pessoa não tenha fé. Esta é uma relação complexa e irresponsável, pois a pessoa doente já se sente fragilizada em suas emoções e suscetível a crer em algo que lhe ofereça a cura, nos cultos por vezes são levadas a crer que estão sendo curadas naquele momento, algumas acabam desistindo de tratamentos e quando algo não sai como o prometido é dito que elas têm algum pecado oculto que impediu o agir de Deus ou que duvidaram do milagre. Essa problemática além das consequências para a saúde da pessoa ainda acaba gerando uma frustração do fiel em relação ao próprio Deus.

---

<sup>428</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **O Humano integrado**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Pg. 277-278

<sup>429</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 132

Razão e emoção não precisam ser sentimentos antagônicos, mas podem ser guias um do outro, podem se autolimitar. Ambas são necessárias para a saúde do ser humano e fazem parte da composição orgânica de um indivíduo, sempre que uma tende a excluir a outra a relação adocece. Esta relação não deixa de ser um ponto intimista do dualismo profético, pois muitos pentecostais preferem sentir do que refletir e assim, não conseguem fazer com que a fé se reflita em opções concretas.

### 3.2.7

#### O Dualismo sexista (Homem x Mulher)

As relações entre homem e mulher ainda são um tabu na sociedade brasileira, pois não foram resolvidas as questões definitivamente. Dentre as igrejas pentecostais esse tabu é maior e as pendências também são mais notáveis. Nossa sociedade foi construída debaixo de uma ordenação machista dos colonizadores ibéricos e que viu o homem como o conquistador e as mulheres como objetos que estavam à disposição dos desejos masculinos<sup>430</sup>.

A sociedade ocidental, especialmente a cultura latino-americana, foi construída sobre os ideais da superioridade do homem que era visto como o conquistador e provedor da casa, enquanto que a mulher foi educada para ser submissa, dependente do sustento masculino, parceira sexualmente passiva, sensível e delicada, além de ter sido construído o imaginário que para a mulher cabe os serviços privados de boa filha, mãe e esposa<sup>431</sup>.

No cristianismo a relação entre homem e mulher ainda é conservadora, na maioria das tradições cristãs a mulher não tem o mesmo papel e nem a mesma voz que o homem tem. No meio pentecostal, em específico, temos a dificuldade da leitura e interpretação literalizada da Bíblia que não consegue ver a relação de submissão da mulher como um produto da cultura patriarcal da época e, não como se fosse um plano de Deus para a humanidade.

A cultura da antiguidade, na qual se construiu o Antigo e o Novo Testamentos, era patriarcal, centrada na figura do masculino, do chefe de família. À mulher cabia exclusivamente o papel doméstico, de cuidar do marido e dos filhos. A função social da mulher era simplesmente gerar filhos, especialmente varões.

<sup>430</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 469

<sup>431</sup> MARTINS, Marcos José. **Estratégias e táticas das mulheres pentecostais**. In MESQUIATTI, David. **Pentecostalismo e transformação social**. Pg. 159

Muitos ainda hoje, por ignorância ou de propósito, continuam fazendo a interpretação de que a mulher deve apenas cuidar da casa, de não ter o direito a fala nas igrejas e de ser submissa ao marido, conforme o texto sagrado escrito na Antiguidade androcêntrica.

Ainda hoje é, extremamente comum que nas Igrejas Pentecostais se defenda a submissão da mulher ao seu marido como se este fosse um mandamento do próprio Deus, sem levar em conta as questões contextuais e culturais do período onde isso foi escrito na Bíblia. Mesmo em eventos feitos especialmente para mulheres, a submissão é um tema comum nas pregações e conferências. E o mais espantoso é que mesmo quando as mulheres têm a oportunidade de serem as pregadoras, em muitos casos elas próprias reproduzem um discurso machista e defendem abertamente a submissão como propósito de Deus para as suas vidas.

A ideia da submissão feminina de tanto repetida, já foi internalizada pelas mulheres que acabam se conformando com essa afirmativa. A questão da submissão remete a uma missão subalterna, a uma missão específica. No meio pentecostal a missão da mulher muitas vezes, é *satélite* da missão do homem e não uma missão própria, dela mesma. Em outros casos para a missão feminina ter validade precisa ser chancelada pela liderança masculina<sup>432</sup>.

No meio pentecostal várias mulheres já não conseguem mais conviver pacificamente com a questão da submissão. Com o passar dos anos e com o processo de urbanização da população brasileira, o modelo tradicional de formação familiar em que o marido era o provedor, a mulher a auxiliar do lar e os filhos os estudantes, tem sido alterado. Os homens não têm mais conseguido suprir todas as necessidades materiais de sua família apenas com o seu salário e, desta forma, as mulheres estão cada vez mais precisando sair de casa para trabalharem e assim, ajudar com as despesas familiares. É visível que hoje, se não fosse a ajuda das mulheres, boa parte dos homens não teriam condições de manter suas casas.

No mundo pentecostal existem muitas mulheres que, assim como nas camadas mais pobres da sociedade brasileira, tiveram que cuidar sozinhas de seus lares pela ausência do marido. Mulheres que tiveram de ir à luta para garantir o sustento de seus filhos e de si mesmas e nunca dependeram da figura masculina.

---

<sup>432</sup> Ibid, pg. 163

Também tem as mulheres, a maioria jovens, que desejam continuar seus estudos e ter uma profissão e uma carreira pelo prazer da realização pessoal, pois na fala sobre a submissão da mulher dá a entender que os seus sonhos são sempre em função dos sonhos do homem ou apenas sonhos relacionados ao lar, função esta que foi determinada para as mulheres pela própria sociedade patriarcal e, não um plano de Deus.

Muitos estudiosos e líderes pentecostais que, em princípio, interpretam a Bíblia independente de seu contexto histórico e social, não enxergam o capítulo 2 de Genesis onde aparece a relação homem-mulher sem ser permeada por alguma demanda social, mas como um propósito divino para ambos. Na relação ideal, não marcada pelo pecado, homem e mulher se tratavam em posição de igualdade e de companheirismo, não existia entre eles relação de sujeição de um para com o outro<sup>433</sup>.

O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, foi feito ser relacional e uma das relações fundamentais era a social, a relação com o outro e, no estado de bênção esta relação era caracterizada pela igualdade e não pela sujeição. O símbolo usado para descrever a criação da mulher revela o propósito divino, a mulher é tirada do lado do homem, isso representa que ela é feita da mesma estrutura que o homem, da mesma natureza e que é tão humana quanto ele, sem distinção de valores<sup>434</sup>.

A mulher é uma companheira idônea do homem e sua companhia não fica resumida à função de procriadora, mas é uma ajudadora vital, ou seja, para todas as relações da vida<sup>435</sup>. A expressão usada pelo autor de Gênesis resume bem a relação conforme o ideal divino, a mulher é “osso do meu osso e carne da minha carne”, ela não é inferior ao homem<sup>436</sup>.

A relação homem-mulher só passa a ser caracterizada pela dominação de um pelo outro numa situação de pecado. Apenas no relato posterior à entrada do pecado no paraíso é que o autor do Gênesis apresenta, como castigo para a mulher em decorrência do pecado, a submissão ao homem. O autor evidencia que a situação de submissão é uma consequência do pecado e não um propósito divino<sup>437</sup>. O

---

<sup>433</sup> Ibid, pg. 160

<sup>434</sup> Ibid, pg. 162

<sup>435</sup> Ibid, pg. 163

<sup>436</sup> Cf. Gênesis 2.23

<sup>437</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 159

capítulo 3 de Gênesis termina com a promessa atribuída a Deus de um redentor, que venceria as obras do mal e as decorrências do pecado<sup>438</sup>.

A fé cristã interpretou o redentor prometido como sendo o próprio Jesus, salvador da humanidade providenciado pelo próprio Deus para nos libertar do poder do pecado. Ao entender Jesus como salvador deve-se crer que Ele liberta do poder que o pecado exerceu sobre a criação divina, restaurando as relações providenciadas por Deus antes do pecado. Jesus salva de todo o poder do pecado, inclusive na relação social, Ele liberta das relações marcadas pela sujeição e pela dominação, sua salvação capacita para viver novamente uma relação homem-mulher caracterizada pela solidariedade, companheirismo e igualdade.

Discípulos de Jesus deveriam abraçar a sua salvação de modo integral e se sentirem libertos de toda relação de dominação e caminhar na igualdade proposta pelo mestre. Essa dificuldade de entender a salvação de Jesus em todos os níveis se dá por causa do Dualismo que entende a salvação apenas como ato espiritual com consequências exclusivamente no porvir e não nas relações para as quais fomos criados por Deus.

Na maioria das igrejas pentecostais a relação homem-mulher é entendida só até a parte do pecado como se estivesse tudo bem em relação de submissão, não se percebe que Jesus libertou para a igualdade. Certamente a submissão da mulher no ambiente protestante, que evidentemente não foi criada pelo pentecostalismo, mas nele também está presente, vigorou por tanto tempo porque a reflexão cristã foi, historicamente, feita por homens que tiveram voz e poder ao longo dos séculos em detrimento das mulheres, tradicionalmente desprezadas do processo reflexivo e eclesiástico.

Se não fosse o trabalho abnegado e discreto das mulheres o Pentecostalismo não teria se desenvolvido e nem teria crescido como aconteceu no Brasil. No embrião do Pentecostalismo foi uma mulher, chamada Agnes Ozman, a primeira a ser batizada pelo Espírito Santo em 1900 na escola de Charles Pahrman.

Agnes era uma jovem de trinta anos de idade que teve uma experiência de batismo no Espírito Santo que foi acompanhada do dom de línguas e de um impulso missionário, características muito próprias do início do Movimento Pentecostal<sup>439</sup>.

---

<sup>438</sup> Cf. Gênesis 3.24

<sup>439</sup> HYATT, Susan. **Mulheres cheias do Espírito Santo** in SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**. São Paulo: Vida, 2009. Pg 318

No movimento de William Seymour as mulheres exerciam lideranças e pregavam nos cultos pentecostais normalmente. No Brasil, o primeiro relato de um cristão que foi batizado no Espírito Santo e em seguida falou em línguas estranhas foi de uma mulher, Celina Martins Albuquerque, que teve a experiência depois de receber a oração de Gunnar Vingren<sup>440</sup>.

Celina Martins Albuquerque era uma cristã da Igreja Batista de Belém do Pará batizada em 1909. Segundo relatos históricos, Celina tinha uma doença incurável nos lábios e, por isso, não participava dos cultos na igreja, apenas acompanhava as reuniões de oração feitas nas casas próximas a dela. Numa daquelas reuniões, ela creu na doutrina do batismo com o Espírito Santo pregada pelos pioneiros das Assembleias de Deus no Brasil, foi batizada com o Espírito Santo e curada da enfermidade, sendo a primeira cristã em solo brasileiro a viver tal experiência<sup>441</sup>.

No Movimento Pentecostal brasileiro a esposa de Gunnar Vingren, a incansável e valente Frida Vingren, foi uma liderança decisiva para a consolidação e crescimento do movimento no país. O próprio Gunnar disse que durante o período de sua enfermidade (que não foi pouco) sua esposa liderou o movimento e assumiu a responsabilidade pela obra<sup>442</sup>.

Frida foi uma mulher aguerrida, autora de hinos que até hoje são cantados em igrejas pentecostais, professora e pregadora. Em plena década de 1920 no Norte e Nordeste brasileiro, Frida era uma das raras mulheres que viajava sozinha e tinha profissão, além de ser uma líder nata<sup>443</sup>. A posição progressista de Frida acabou despertando a oposição de muitos homens de seu tempo e contexto, até que ela não aguentou mais e retornou para a Suécia, onde morreu com apenas 49 anos de idade, esquecida e, provavelmente, enterrada como indigente<sup>444</sup>. Uma realidade absolutamente triste e injusta a uma mulher que deu a sua vida pela Obra de Deus.

O curioso é que até os anos 20, as Assembleias de Deus no Brasil, adotavam uma postura vanguardista em relação a mulher. Se no Brasil da época a mulher deveria ficar em casa cuidando apenas da família e sequer tinha direito de votar e

<sup>440</sup> ARAUJO, Isael de. **História do movimento pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. Pg. 37

<sup>441</sup> ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Pg. 7

<sup>442</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz pentecostal brasileira**. Pg. 119

<sup>443</sup> ARAUJO, Isael de. **Frida Vingren**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. Pg. 46

<sup>444</sup> *Ibid*, pgs. 121-122

eram proibidas de assumir empregos públicos, nas Assembleias de Deus elas lideravam, pregavam, compunha hinos e tudo sob o exemplo de Frida Vingren. Na Convenção Geral de 1930 a liderança masculina do Nordeste como espírito reacionário dos suecos, especialmente de Samuel Nystron fez com que o ministério feminino fosse proibido e o retrocesso estabelecido<sup>445</sup>.

O Pentecostalismo brasileiro é feito por uma maioria perceptível de mulheres<sup>446</sup>. Pessoas que trabalham dedicadamente à obra em que acreditam, limpam as igrejas, fazem parte dos grupos de oração e intercessão, trabalham nas cantinas e cozinhas, trabalham com afinco enquanto que os lugares de destaque do altar são sempre ocupados por homens, assim como os cargos mais importantes de liderança e, os órgãos de maior poder de decisões e a maioria das pregações em cultos são feitos pelos homens<sup>447</sup>.

O fato de mulheres não exercerem o ministério ordenado não é um problema exclusivo do Pentecostalismo, embora algumas denominações pentecostais já se abrem para isso. No catolicismo e em muitas denominações históricas do protestantismo o acesso ministerial das mulheres ainda é restrito. No caso das igrejas fundadoras do pentecostalismo no Brasil, a Congregação Cristã as mulheres nunca puderam ser pastoras porque tinham que ser submissas a seus maridos e não poderiam *mandar* nos homens na igreja e obedece-los em casa.

Em algumas igrejas brasileiras a mulher pode exercer o ministério sem restrições, por exemplo a Igreja Metodista composta por oito regiões eclesiásticas no país tendo duas delas lideradas por *bispas*, devidamente eleitas no Concílio Geral da denominação, além de permitir livremente o pastorado feminino. Sua filha pentecostal, a Igreja Metodista Wesleyana no Concílio Geral de 2015 deu um passo importante para a aceitação do ministério feminino em sua plenitude ao admitir a ordenação de mulheres para a função de missionárias e a possibilidade das mesmas ocuparem cargos que até então eram exclusivos dos homens, além de poderem officiar cerimônias sagradas e participarem das reuniões de presbitério, o que antes do Concílio era privilégio exclusivo dos homens<sup>448</sup>. Em muitas comunidades

---

<sup>445</sup> Ibid, pg. 120

<sup>446</sup> PASSOS, João Décio. **Movimentos do Espírito**. Pg. 100

<sup>447</sup> BONINO, Miguez. **Op cit.** Pg. 63

<sup>448</sup> Estatuto e regimento interno da Igreja Metodista Wesleyana. Pg. 129-131

neopentecostais existem pastoras, *bispas* e até *apóstolas*, mas em geral seus ministérios estão em função e conjugado com o ministério de seus maridos.

Dentre as denominações neopentecostais mais populares o assunto ministério feminino é tratado de modo diversificado, na Igreja Universal e Igreja da Graça as mulheres dos grandes líderes Edir Macedo e R.R. Soares, são quase que imperceptíveis, praticamente não aparecem em público e tem a função de cuidadoras de seus lares. Na Universal existem muitas obreiras, mas nenhuma mulher em cargo de liderança, pois, o pensamento denominacional entende a mulher como submissa com o papel de cuidar de casa e apoiar o marido em tudo.

Na Igreja da Graça existem poucas pastoras, em Igrejas como a Mundial a esposa do fundador e autodenominado apóstolo, Waldemiro Santiago tem papel de destaque ao lado do marido, recebendo um título de *bispa*. Na Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo, as mulheres dos líderes são também chamadas de *bispas* (Lucia Rodvalho e Sonia Hernandes) e exercem importante papel na liderança das Igrejas.

Na maioria dos casos as mulheres podem exercer algumas funções como: líderes de departamentos (adultos, mulheres, jovens, etc), líderes de ministérios (louvor, ação social, missões, etc), diaconisas. As mulheres podem participar dos grupos de louvor e podem pregar eventualmente em alguma festividade ou a convite da liderança da igreja. Porém, os cargos que cuidam das questões doutrinárias das igrejas, o exercício de liderança eclesiástica como presbitério ou pastoral ainda são, na maioria dos casos, tarefa exclusiva dos homens<sup>449</sup>.

As mulheres nas igrejas pentecostais, estabeleceram lideranças mesmo que fora da esfera de poder institucional como as uniões femininas, os grupos de visitação, os círculos de oração, assistência social e as cantinas, tarefas que na maioria dos casos tem cara de mulher, muito por causa da referência social que se tem da mulher próxima aos afazeres domésticos, ao lar e o cuidado do cotidiano<sup>450</sup>. Constata-se que as mulheres têm grande valor nas esferas de liderança leiga, mas na maior parte dos casos, elas estão excluídas das estruturas clericais de poder.

<sup>449</sup> ALENCAR, Gedeon. **Pentecostalismo clássico: Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus – construção e identidade**. Pg. 178

<sup>450</sup> MARTINS, Marcos José. **Estratégias e táticas das mulheres pentecostais**. In MESQUIATTI, David. **Pentecostalismos e transformação social**. Pg. 146

Em estruturas pentecostais mais hierarquizadas deve-se ter uma reflexão específica sobre a mulher de pastor. São mulheres que, num ambiente conservador, acabam sendo as mais cobradas. Por vezes se pensa que elas não devem trabalhar fora para terem mais tempo para se dedicarem à obra de Deus, devem estar sempre presentes no trabalho do marido sem reconhecimento de título ou de salário. As mulheres de pastores acabam se tornando o exemplo para as demais mulheres do rebanho e com isso, muitas vezes, suas vozes são ainda mais diminuídas, pois devem ser o exemplo de submissão, de esposa, de mãe e de trabalhadora na Igreja<sup>451</sup>.

Muitas vezes nem existe a reflexão de que a mulher é um indivíduo e conseqüentemente, tem dons e vocações próprios e não apenas em continuidade do marido. Esposas não se casam com pastores, se casam com homens, simplesmente. E não necessariamente uma esposa de pastor tem que ser pastora também, assim como uma esposa de advogado nem sempre é advogada, ou uma esposa de engenheiro nem sempre é engenheira. Muitas esposas de pastor se sentem mais cobradas que qualquer outra mulher e muitas chegam a adoecer por acharem que não dão conta de um estereótipo que lhes são exigidos, pelo menos em tese.

Em outros meios quando se tem o papel da pastora ou *bispa* quase sempre está relacionado ao título do marido que acaba sendo sempre maior que o dela. É quase impensável uma situação em que a mulher como a vocacionada para o exercício pastoral sem que o marido tenha a mesma vocação. Chega a escandalizar muitos a possibilidade de uma igreja ser liderada por uma mulher cujo marido é apenas diácono ou membro da igreja, sem ser autoridade sobre ela.

Nos meios religiosos conservadores existe uma nítida tendência para o discurso unívoco, ou discurso institucional. O discurso é unilateral e parte sempre da instituição que tem o controle da palavra, no meio pentecostal a voz unívoca institucional é absolutamente masculina, pois as mulheres não participaram deste processo institucional, porém mesmo assim elas lutam para que as suas vozes se façam ouvir. Um fator que dá voz as mulheres é a democracia do uso dos dons espirituais, onde mulheres simples têm a oportunidade de profetizar, de falar em línguas e de serem usadas por Deus em dons diversos e, como o ambiente valoriza a experiência espiritual as chamadas *irmãs de oração* assumem um papel de muito

---

<sup>451</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. **Op cit.** Pg.228

significado nas igrejas, senão de modo institucional, certamente de modo prático e ativo, que por vezes é ainda mais importante.

O discurso unívoco é capaz de gerar a sujeição de um grupo feminino, que no pentecostalismo é majoritário a um grupo minoritário de homens que assumem, em muitos casos, exclusivamente a liderança do movimento<sup>452</sup>.

Como já falado nesta pesquisa, no meio pentecostal, em repulsa ao mundo e a sua cultura existe um forte ascetismo que se manifesta inclusive nos usos e costumes, porém mesmo nesta questão o dualismo sexista aparece novamente, a rigidez do vestuário é maior para as mulheres que para os homens. Nas igrejas pentecostais que zelam pelos usos e costumes os homens se vestem de terno e gravata, mesmo embora tenha seus desconfortos em lugares mais quentes do Brasil, o homem ainda fica trajado de modo elegante. Já as mulheres têm um peso bem maior sobre seus ombros, precisam usar saias ou vestidos compridos, que no mínimo passem dos joelhos. O restante do vestuário deve ser o mais discreto e fechado possível, ainda há alguma resistência quanto ao uso de maquiagem e de ornamentos. Em espaços mais conservadores, que a este ponto hoje não são mais a maioria, as mulheres ainda são proibidas de se depilarem ou mesmo de cortarem seus cabelos, outras além disso ainda precisam usar uniformes para irem à igreja e véu cobrindo suas cabeças.

Em muitos casos, as mulheres ainda são deixadas em segundo plano, consideradas apenas donas de casa e com papel de bastidores nas igrejas. Muitos ainda defendem que as mulheres não devem sair para trabalhar e que seu único papel é cuidar de suas casas, maridos e filhos. Ainda que a principal força das igrejas pentecostais seja as mulheres, seu destaque e reconhecimento não é proporcional.

O mais lamentável é que o discurso de submissão de mulheres abre caminho para a violência psicológica, moral e mesmo física. Evidentemente não faz parte dos ideais pentecostais a violência contra a mulher e nem isso é incentivado diretamente, pelo contrário, a maioria dos pastores quando tratam de algum caso desse tipo punem os maridos agressores, porém a defesa da submissão feminina pode dar a entender que a mulher não é tão importante quanto o homem e possibilita

---

<sup>452</sup> MARTINS, Marcos José. **Estratégias e táticas das mulheres pentecostais**. In. MESQUIATTI, David (org). **Pentecostalismos e transformação social**. Pg. 160

peças que tem tendências à violência de achar normal ou pelo menos aceitável que se agrida a mulher.

Em pesquisa recente, o número de denúncias de violência à mulher no ano de 2016 apurou que 40% das mulheres que denunciaram seus companheiros por violência são de lares evangélicos<sup>453</sup>. É assombroso pensar que 4 entre 10 mulheres são agredidas pelo marido pastor, presbítero, diácono, dirigente de louvor, professor de EBD, etc. Do ponto de vista do sexo, embora exista claros esforços para que essa realidade mude, muitos homens entendem que as mulheres não têm o direito de não querer fazer sexo quando são procuradas, alguns até compreendem que as mulheres são objetos para satisfazer sua voluptuosidade, o que certamente é iníquo e injusto<sup>454</sup>.

A relação para as mulheres com as igrejas pentecostais é no mínimo curiosa. O não reconhecimento do ministério ordenado das mulheres não causa nelas distanciamento do movimento, elas se resignam ao papel que lhes são atribuídos, porém continuam numa luta silenciosa e muitas vezes, inconsciente pelo lugar delas. A maioria das mulheres não têm pretensões pastorais e, nestes casos o desconforto é menor.

O dualismo sexista evidencia que as igrejas pentecostais dependem das mulheres para sobreviver e que sem elas, estaria fadado ao fracasso, porém, são os homens quem assumem as principais tarefas de liderança. Por outro lado, as mulheres continuam amantes do movimento pentecostal, haja vista que a maioria do movimento é feminina. As mulheres pobres, negras, sem estudos formais e donas de casa da sociedade brasileira sentiram-se acolhidas pelas igrejas pentecostais, e mesmo que não tenha reconhecido o ministério formal das mulheres, deu a elas valorização e espaço para se sentirem úteis e abraçadas. A identificação das mulheres com o Pentecostalismo é visceral, muitas igrejas se desenvolveram a partir da casa de irmãs<sup>455</sup>. As mulheres que na religiosidade tradicional eram apenas expectadoras das celebrações, no Pentecostalismo se tornaram parte ativa da vida da igreja mesmo que não o tenha sido plenamente.

---

<sup>453</sup> Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280156603\\_ARQUIVO\\_ValeriaCristinaVilhena.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf). Acessado em 15/11/2017, às 11:33.

<sup>454</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 472

<sup>455</sup> ALENCAR, Gedeon. **Matriz pentecostal brasileira**. Pg. 119

Felizmente começa a surgir nos meios eclesiais e pentecostais uma reflexão sobre o papel e valor da mulher por si só, não como um ministério satélite do marido. É necessário romper com o dualismo sexista e enxergar a mulher com valores próprios e como um indivíduo. Pensar que o papel da mulher é onde ela quiser e não onde indicam que deve ser. A história do cristianismo em geral, e do pentecostalismo em particular, está repleta de casos de heroínas da fé, que muitas vezes não foram tão conhecidas por causa do discurso unívoco, institucional e masculino que se formou ao longo do tempo.

### 3.2.8

#### O Dualismo institucional (Clero x Laicato)

Em princípio parece contraditório relacionar o clericalismo e a hierarquização ao Movimento Pentecostal, uma vez que este é um movimento basicamente feito por leigos. O Pentecostalismo foi um movimento marginal ao protestantismo clássico dos Estados Unidos e também no Brasil. Suas influências vieram de outros movimentos marginais da religiosidade clássica de seus respectivos ambientes históricos como o Metodismo na Inglaterra Anglicana, como o Pietismo e sua alternativa ao dogmatismo Luterano e assim por diante.

Como já falado, o Pentecostalismo propriamente dito surgiu na virada do século XIX para o século XX nos Estados Unidos. Os primeiros nomes ligados ao movimento eram batistas como Charles Pahrman e William Durham, posteriormente no Brasil foram igrejas batistas que receberam Francescon, Vingren e Berg. Certamente foi no movimento de leigos e leigas que o Pentecostalismo se tornou a potência que se conhece.

William Seymour foi o primeiro grande nome e inspirador de muitos outros. No movimento liderado por Seymour havia o cuidado de que o movimento não se tornasse uma denominação hierarquizada como as convencionais<sup>456</sup>. No Brasil foram os já referidos leigos (Francescon, Vingren e Berg) quem deram início ao movimento e, na maioria das denominações pentecostais brasileiras seus líderes eram leigos.

---

<sup>456</sup> OLIVEIRA, Marco David de. **A Religião mais negra do Brasil**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. Pg. 29

Pentecostalismo e laicato são duas realidades inseparáveis. Os primeiros grupos pentecostais eram formados de leigos e leigas, que se tratavam com igualdade e juntos lideravam o movimento que acreditavam sinceramente ser obra do Espírito Santo. Espírito esse que o próprio João diz que é como um vento que sopra onde quer e como quer<sup>457</sup>. O Espírito que é absolutamente livre e imprevisível, que atua onde quer usando os instrumentos que Ele próprio escolhe para a Sua obra. O Espírito soprou na Rua Bonnie Brie, na Rua Azusa, em Belém do Pará e continua soprando nas comunidades pentecostais onde homens e mulheres se reúnem para buscar a Jesus e estarem juntos como uma família na fé. O Espírito que ao longo de pouco mais de cem anos, tem soprado e usado muitos leigos e leigas que têm aberto os corações para o Seu agir.

O Movimento Pentecostal é um movimento solidário e, o principal motivo desse sentimento talvez seja justamente o fato de ser formado por leigos e leigas, que sentiram a alienação da qual foram vítimas da religiosidade formal e tradicional. Leigos e leigas que se aproximaram das camadas mais populares do Brasil até então, alheia da vida real da religião cristã tradicional. O Pentecostalismo mais do que abrir igrejas, abriu espaços muito parecidos com as casas simples das pessoas que moravam ao redor, o que trouxe ainda mais identificação tanto da população pobre com o movimento numa relação recíproca.

O Pentecostalismo deu voz e vez aos leigos e leigas, assim eles puderam cantar, tocar, cuidar do espaço comum, visitar seus irmãos e irmãs com alguma dificuldade. Puderam liderar grupos de jovens, mulheres, adolescentes, crianças, puderem dirigir Escolas Dominicais e serem chamados de professores e professoras. Puderam ter algum título, algum reconhecimento, puderam pregar, dirigir cultos e pastorear, cuidando das outras pessoas sob sua responsabilidade. Especialmente puderam ser usados pelo Espírito, sentirem a honra e alegria de se sentirem especiais para Deus e para a comunidade, puderam amar e serem amados e se sentirem corresponsáveis das Igrejas das quais faziam parte. Os leigos e leigas mais carentes, maioria no Pentecostalismo, puderam ver nascer igrejas ao lado de suas casas, parecidas com elas, bem diferentes das catedrais situadas nos grandes centros urbanos numa realidade distante de suas vidas.

---

<sup>457</sup> Cf. João 3.8

O Movimento Pentecostal é um movimento cuja força se concentra no laicato, não apenas no início histórico, mas ainda hoje, por mais que várias características tenham mudado, o que realmente dá vida aos grupos pentecostais espalhado pelo Brasil inteiro são os leigos. Porém, devemos perceber que conforme o Pentecostalismo foi crescendo ao mesmo tempo foi se institucionalizando e conseqüentemente, se hierarquizando.

As Assembleias de Deus que começaram como um movimento diversificado e plural, como o nome sugeria, anos mais tarde foi organizada numa Convenção Geral (a CGADB). A Congregação Cristã logo se centralizou e as igrejas do Deuteropentecostalismo já nasceram numa estrutura denominacional eclesiástica.

O movimento foi se organizando em Igrejas. Estas se centralizando em Convenções Estaduais e Nacionais, em Ordens de Pastores e Ministros, cada vez mais se aproximando de uma classe clerical que aos poucos foi se estabelecendo nas Igrejas. No decorrer da história pentecostal brasileira, os pastores, até certo momento, leigos que eram reconhecidos pelas comunidades, passaram a ser separados pela denominação e consagrados ao ministério pastoral<sup>458</sup>. Os pastores passaram a ser vistos como *escolhidos por Deus*, na maioria das vezes esta reinvidicação veio da própria liderança organizada das igrejas. Uma vez consagrados ao ministério pastoral, esses homens foram identificados como os *ungidos do Senhor*, termo ligado ao Antigo Testamento.

Em princípio, o ofício dos clérigos não é maléfico, são pessoas vocacionadas para exercerem um ministério específico junto à igreja e com isso, tem responsabilidades específicas e atribuições que lhes dão uma carga de trabalhos maior que os demais. É uma vocação específica e muito útil para o cuidado e a manutenção do rebanho. O problema é quando se começa a abrir uma distância dualista entre os vocacionados para o ministério pastoral e os demais membros da Igreja.

Foi sendo construída uma ideia de classe sacerdotal entre os pastores, como chamados por Deus e unguídos para uma obra em específico que foi considerada a mais importante. Muitas vezes este processo de escolha pastoral foi assemelhado a eleição e unção do sacerdote no Israel antigo e como tal, o pastor foi chamado de *ungido do Senhor* ao qual não se admitia quem se levantasse contrário, com a

---

<sup>458</sup> Nas Igrejas Pentecostais o termo consagrado é mais usado que ordenado, mas refere-se a mesma situação.

possibilidade de punições da parte de Deus. Levantar-se contrário, em muitos casos significava uma simples discordância. Frequentemente textos do Antigo Testamento como a revolta de Datã, Corá e Abirão que foram punidos com a morte, a postura de Davi que mesmo tendo a oportunidade de matar Saul não o fez por considera-lo ungido do Senhor<sup>459</sup>, tais textos foram explicados de maneira doutrinária, preservando os pastores *ungidos* até mesmo em casos de desvio de conduta e de corrupção, pois, em tese, só Deus poderia cuidar do infrator nestes casos. A expressão *não toqueis no Ungido do Senhor*, foi sendo usada deliberadamente para coibir qualquer tipo de manifestação contrária à liderança estabelecida de pastores em suas igrejas.

Do ponto de vista clerical, os pastores ganharam privilégios dentro de um sistema sacramental que os pentecostais dizem não existir. Só aos pastores foram permitidos ministrar os sacramentos e as cerimônias sagradas, como Batismo, Ceia, casamento, ofício fúnebre, apresentação de crianças. Algo que, inclusive é contrário ao próprio ensinamento da Reforma, quando Martinho Lutero afirmou que os sacramentos deveriam ser ministrados pela comunidade<sup>460</sup>. Os pastores passaram a ter direitos de se assentarem em lugares especiais dos altares e em algumas igrejas de tomarem a ceia em cálices diferenciados. Em alguns casos o cuidado especial com os pastores passa dos limites do amor e da consideração por quem exerce cuidado sobre o rebanho e passa a se assemelhar com um modelo tirânico, onde o líder não pode ser contrariado ou questionado.

As Igrejas Neopentecostais já nasceram com um forte modelo clerical estabelecido. Não se questionava que os líderes eram homens de Deus acima de qualquer suspeita, que os mesmos foram separados e ungidos pelo Senhor e, que *ai daquele que tocar no meu ungido*. Além disso, esses homens reivindicaram uma autoridade tão grande que se chamaram de profetas e porta-vozes de Deus, de modo que descrer ou rejeitar a sua palavra significa rejeitar o próprio Deus. Essa autoridade exercida nas igrejas neopentecostais está diretamente relacionada a *confissão positiva*, tão característica do movimento<sup>461</sup>. Crê-se que o que o pastor diz é lei, e alguns chegaram a dizer que se não acontecesse conforme suas palavras que os fiéis poderiam rasgar as páginas da Bíblia e descrer dela.

<sup>459</sup> Cf. Números 16; 17. 1 Sm 26.9

<sup>460</sup> GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993. Pg. 93

<sup>461</sup> MARIANO, Ricardo. **Op cit.** Pg. 138

Em algumas comunidades neopentecostais se ensina sobre a *cobertura espiritual* do ungido do Senhor sobre os membros das igrejas. Esses *ungidos* recebem uma unção especial que Deus dá a poucos e se os fiéis souberem honrá-los e permanecerem debaixo de suas lideranças serão prósperos e abençoados em tudo o que fizerem. De outro modo, se acontecer alguma rebelião neste processo as bênçãos de Deus se afastarão do crente que dará *legalidade* para que o diabo atue contra a sua vida e sua família. Quando alguém quer sair de uma igreja e essa atitude contraria o pastor, este diz que não abençoará sua decisão e que se sair assim mesmo estará em rebelião e, portanto, se não voltar e se consertar, Deus não vai mais abençoá-lo.

Por vezes, o dualismo clerical é ensinado como se os crentes tivessem que aceitar tudo o que os pastores fazem de modo passivo e dá direito aos pastores tratarem os membros das igrejas como empregados que devem fazer as suas vontades. Claro que postura como essa não é generalizada, mas infelizmente existe. No Neopentecostalismo a figura do pastor como alguém dentre a comunidade que recebeu um dom divino que era reconhecido por todos para cuidar das pessoas e prestar assistência diante de suas dificuldades, foi sendo substituída pela figura de alguém revestido de autoridade e poder, que se comunicava a milhares de pessoas e estava relacionado à administração de uma igreja rica e poderosa.

Não é apenas na relação entre clérigos e leigos que por vezes há uma construção dualista. Outras relações dualistas são criadas e estimulam os membros das igrejas a se afastarem de algumas relações interpessoais, alienando-os. Por exemplo, o Dualismo que ainda existe entre os crentes e os não-crentes. Ainda é relativamente comum uma postura sectária entre muitos grupos pentecostais, o que tem a ver com o Dualismo entre Igreja e mundo, entre o Reino Celestial e o Reino das Trevas. Existe o desprezo pelo mundo e tudo o que está relacionado a ele, inclusive em relação as pessoas que são consideradas *mundanas*. Esse sentimento fez, boa parte das igrejas pentecostais fecharem-se em si mesmas<sup>462</sup>.

Como *mundanas* se entende todas as pessoas que não são filiadas a nenhuma igreja evangélica, independentemente de serem de outras confissões religiosas, de terem fé ou não, se a pessoa não faz parte de uma igreja ela é considerada mundana e, como tal a única relação que se estabelece com elas é de proselitismo, se tornam

---

<sup>462</sup> GOUVEA, Ricardo Quadros. **Op cit.** Pg. 107

alvos de ações evangelísticas. Mesmo para com os membros da própria família que não são evangélicos passa a se estabelecer, muitas vezes, uma relação de combate.

Com frequência pessoas que se tornam pentecostais deixam de participar de festas de fim de semana com a família, aniversários ou festas de fim de ano, o argumento por vezes é que na família existem os que bebem, os que fumam, os que fazem gozações e que, nestes casos, os crentes (como luz do mundo – que evidentemente é considerado mergulhado em trevas) deve se afastar para não se contaminar com os deleites *deste mundo*<sup>463</sup>.

Esta postura sectária está relacionada com a forma dualista de se entender a santidade, como separação do mundo, isolamento, distanciamento. Existe por parte de muitos, uma postura de superioridade com aqueles que não são adeptos de alguma igreja evangélica, com posturas fundamentalistas de se sentirem detentores da verdade religiosa plena, enquanto que todos os demais estão perdidos nas trevas.

Não é sem razão que os esforços ecumênicos ainda sejam tão embrionários no Movimento Pentecostal, o assunto ainda é repleto de preconceitos e informações distorcidas e cercado por uma enorme barreira sectária. Uma vez que os outros são classificados como hereges, idólatras, mundanos e perdidos não se percebe a necessidade, a não ser proselitista, de se aproximar de tais pessoas, pois estão no erro e por isso, que “comunhão tem a luz com as trevas?”<sup>464</sup> Boa parte da liderança pentecostal é incapaz de pensar que outras pessoas não-evangélicas são capazes de agregar conhecimento e valores importantes para a sua própria caminhada.

Existe ainda uma grande ignorância sobre o Ecumenismo entre os Pentecostais, muitos acham que o movimento é uma tentativa da Igreja Católica de trazer a si todos os evangélicos novamente e, não se dão conta que os primeiros esforços ecumênicos como a Conferência de Edimburgo em 1910 e o Conselho Mundial de Igrejas de 1948 foram iniciativas protestantes que não contaram com a participação imediata dos católicos que a época, viam o movimento com desconfiança.

---

<sup>463</sup> Ibid, pg. 226

<sup>464</sup> Cf. 1Coríntios 6.14-15

A Conferência de Edimburgo foi elaborada pelo metodista ganhador do Prêmio Nobel da Paz, John Mott e no discurso de abertura do Conselho Mundial de Igrejas, Karl Barth lamentou a ausência de Roma e Constantinopla no encontro<sup>465</sup>.

Outros pentecostais acreditam que o Ecumenismo é uma tentativa de criar uma mega e única igreja, dissolvendo todas as denominações numa só, o que além de não ser o caso, seria absolutamente descabido, pois o movimento respeita as tradições e as lideranças de cada denominação participante do diálogo. O sectarismo é ainda tão forte que muitos não admitem sequer a possibilidade de conversar sem partir do pressuposto que está com a verdade absoluta e o outro se encontra perdido nas trevas.

A dificuldade é tão grande que há pouco tempo existia uma distância entre os próprios evangélicos, os pentecostais acreditavam que os tradicionais não eram tão *crentes* assim porque não concebiam o avivamento do Espírito como os pentecostais, e os tradicionais por sua vez, desprezavam os pentecostais como sendo pessoas ignorantes. Hoje essa distância foi perceptivelmente diminuída, mas durante algum tempo esteve presente.

Os Pentecostais rechaçam a afirmação de setores mais tradicionais da Igreja Católica de que fora da igreja não há salvação, porém na prática acabam crendo da mesma maneira. A postura de pensar que quem não é evangélico é *mundano* e, conseqüentemente perdido, revela que, na prática, essas pessoas também acreditam que fora da igreja não existe salvação, acabam relacionando a salvação com a filiação eclesiástica, como se a mesma dependesse da instituição e não fosse fruto exclusivamente da Graça de Jesus Cristo, como tanto defendeu a Reforma Protestante<sup>466</sup>.

O dualismo institucional além de criar distância entre clérigos e leigos, entre crentes e não-crentes, também cria a distância entre os *de dentro* e os *de fora*. A igreja passa a ser entendida como refúgio no meio do caos e das trevas para aqueles que encontraram com a verdade eterna. E nesta relação percebemos que a *verdade*, deixa de ser entendida como uma Pessoa com a qual devemos nos relacionar, conceito apresentado pelo apóstolo João<sup>467</sup>, para ser entendida como uma série de

<sup>465</sup> GONZALEZ, Justo. **Uma história ilustrada do cristianismo, vol. 10**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1995. Pg. 110

<sup>466</sup> LEONARD, Emile. **O protestantismo brasileiro**. São Paulo: ASTE, 1987. Pg. 246

<sup>467</sup> Cf João 8.32-38

doutrinas corretas, ou como um manual de dogmática, mais ainda como a interpretação de um determinado grupo sobre as Escrituras.

O Dualismo entre os que são de dentro e os que são de fora é acintoso, isso por vezes se reflete na família, como já dito, nas relações de trabalho seja com o patrão, que quando não deixa o crente sair mais cedo por causa de uma programação na igreja, é visto como um instrumento maligno para impedir a obra de Deus, ou mesmo com os amigos de trabalho, com frequência os cristãos pentecostais não participam de festas de fim de ano da empresa, ou do futebol de final de semana, ou algo do gênero.

Este Dualismo se reflete nas escolas, onde pais se sentem muito preocupados quando os filhos recebem algum conteúdo científico que não seja o defendido doutrinariamente por sua denominação e, com isso, muitos defendem a ideia de que cada igreja deveria ter a sua própria escola e muitos pais desejam que seus filhos estudem em escolas evangélicas. Claro que seria muito interessante que cada denominação pudesse ter uma escola, um hospital, uma creche, uma clínica de dependentes químicos, mas, como serviço à sociedade e não como centro de doutrinação e acirramento das distâncias sociais entre crentes e não-crentes.

O Dualismo institucional acontece, em alguns casos, mesmo entre os considerados *de dentro*, no caso dos pentecostais entre os que eram batizados com o Espírito Santo e os que ainda não tinham esta experiência. Como o movimento enfatiza a experiência desde seus primórdios, especialmente as de avivamento com o Espírito Santo, tal experiência se tornou pré-requisito para se chegar a alguns cargos como, por exemplo o de pastor.

Em algumas igrejas pentecostais se incentiva que o candidato ao ministério pastoral tenha tal experiência, mas em outras denominações isso é uma exigência, se não for batizado pelo Espírito Santo não pode ser pastor, ou exercer cargos de liderança, em alguns casos não pode pregar no púlpito ou ser oficial da igreja. Nestes casos existe uma distância entre os batizados e os não batizados no Espírito, por vezes se acredita que aquele que foi batizado é mais espiritual que os demais.

Num ambiente dualista a experiência com o Espírito Santo ao invés de humanizar, como é sua proposta e finalidade, acaba distanciando ainda mais as relações. Pessoas batizadas ou que se dizem assim, por vezes se sentem mais especiais que as demais e, as que ainda não são batizadas no Espírito se sentem preteridas, às vezes até desprezadas por Deus.

Existe ainda um certo desespero em pessoas mais tímidas e equilibradas emocionalmente que quando veem alguém tendo alguma manifestação emocional e dizendo ser obra do Espírito pensam que jamais poderão ser cheias deste Espírito, porque não se veem tendo as mesmas reações. A forma como algumas pessoas reagem à espiritualidade acabam incentivando outras pessoas a forjarem experiências parecidas, pois pelo fato de sentirem excluídas do ambiente espiritual acabam reproduzindo tais manifestações para se sentir parte do grupo e sobretudo do grupo considerado mais espiritual, pois no ambiente pentecostal ninguém quer ser identificado como frio.

Em termos de experiências sempre é perigosa a generalização, pois a maioria das pessoas são sinceras e desejosas de serem cheias do Espírito. Certamente o Espírito sopra onde Ele quer, mas existem experiências produzidas pelas manifestações emocionais e outras que são simplesmente reproduzidas aleatoriamente. Em alguns ambientes foi criado o Dualismo entre os frios e os quentes, numa distorção do texto de Apocalipse, onde se entende que os frios são os que ainda não foram avivados pelo Espírito e os quentes seriam os verdadeiramente espirituais<sup>468</sup>.

Na primeira metade do século XX havia no Brasil uma considerável presença de missionários protestantes europeus de diferentes denominações, até a década de 30 o protestantismo brasileiro tinha outra tonalidade. O Reverendo Erasmo Braga, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana, foi um dos brasileiros que participaram do Congresso de Ação Cristã no Panamá em 1916 onde se tratou de ações missionárias e ecumênicas para a América Latina<sup>469</sup>.

No período em questão, denominações trabalharam juntas e criaram inclusive um Seminário Teológico formado por pastores de diferentes igrejas protestantes brasileiras. Com a morte do Reverendo Eduardo Braga em 1932 a situação da igreja brasileira começou a mudar, além disso na década em questão, a Europa vivia as movimentações do nazismo e a iminência de uma nova Guerra Mundial, o que fez com que as missões em solo brasileiro sofressem uma interrupção. Com a saída dos missionários europeus do Brasil e a chegada dos missionários norte-americanos, os rumos do protestantismo foram alterados.

---

<sup>468</sup> Cf. Apocalipse 3.14-22

<sup>469</sup> Disponível em: <http://ftl.org.br/new/index.php/publicacoes/artigos-online/143-o-congresso-de-acao-crista-panama-1916>. Acessado em 20/11/2017, às 11:52

As frentes missionárias norte-americanas no Brasil alteraram as características que o protestantismo brasileiro apresentava até então. Um teor moralista e conservador passaram a ser marcas do movimento no Brasil, houve o distanciamento das causas ecumênicas e a distância entre as denominações se tornou maior. No lugar de Seminários Teológicos foram criados Institutos Bíblicos com o único intuito de formar pastores a partir de estudos fundamentalistas e literais das Escrituras. O movimento pentecostal é parte dessa mudança, pois foi a partir da década de 30 que o pentecostalismo começou a ganhar mais força no país.

Perceber as mudanças produzidas pela presença missionária norte-americana em lugar das missões europeias, faz ver que outro Dualismo no sentido institucional passou a fazer parte da cultura protestante brasileira de um modo geral e, do pentecostalismo em particular, os conflitos entre o pastor e o teólogo. A formação ministerial europeia seguia os ideais de uma ampla formação e sem distinção entre as funções pastorais e teológicas, assim como o texto bíblico de Efésios quando se apresenta uma lista de dons e funções ministeriais, a lista cita que Ele (Cristo) deu uns para pastores e mestres, sem distinção de função entendendo que todos os pastores são ao mesmo tempo, mestres<sup>470</sup>.

No meio pentecostal durante décadas, a formação pastoral se divorciou da formação teológica. A maior parte das denominações pentecostais ainda hoje, não exigem formação acadêmica na área teológica para a consagração/ordenação pastoral, no passado a exigência neste sentido era menor ainda. Para se formar um pastor este precisava simplesmente ser batizado com o Espírito Santo, demonstrar dons para o pastoreio e se mostrar como um bom obreiro na igreja onde era membro.

Boa parte do exercício pastoral consistia em eloquência para pregar no púlpito e disposição para fazer cultos e visitas, a reflexão e os estudos não eram considerados importantes, pelo contrário, estudar era um risco à espiritualidade, um perigo para o obreiro inflamado pelo Espírito, pois, se pensava (e, em parte, ainda se pensa) que os estudos poderiam esfriar o obreiro e tirar dele o ímpeto evangelístico. Como grande parte do meio pentecostal brasileiro é formado por pessoas com pouca ou nenhuma instrução, e mesmo assim eram pessoas dedicadas à obra de Deus que com determinação fizeram o movimento crescer, passou a se pensar que essa deveria ser a regra em geral. Como no pentecostalismo, assim como

---

<sup>470</sup> Cf. Efésios 4.11-14

na sociedade brasileira, ter estudos e sólida formação é um privilégio para poucos, se consolidou o pensamento de que este não seria um ponto tão decisivo assim.

Evidentemente que os estudos teológicos não necessariamente darão ímpeto evangelístico a um obreiro, mas por outro lado, também não há nenhuma evidência concreta de que tirará este ímpeto. O divórcio entre as duas realidades se deu por uma questão de déficits educacionais da sociedade que se reflete nas igrejas pentecostais e por uma questão ideológica, pois a presença do Dualismo no meio pentecostal fez com que houvesse uma distância entre a experiência e a reflexão, entre a espiritualidade e a prática e entre o entusiasmo e a academia<sup>471</sup>.

O Movimento Pentecostal distinguiu pastor e mestre como se fossem duas funções independentes uma da outra, com ênfase ao ministério pastoral, já o ministério de mestre foi visto apenas como alguém que tem a capacidade de ensinar na Escola Bíblica Dominical. Ainda hoje, muitos pentecostais têm verdadeiro receio daqueles que querem estudar teologia, pensam que os mesmos além de deixarem de ser bons obreiros, se esfriarão e se darão a discussões infrutíferas e se envolverão com polêmicas que poderão fazer com que eles percam a fé e se desviem dos caminhos de Deus.

Quando numa igreja alguém desperta o interesse de estudar teologia são logo alertados para os perigos que ela pode trazer e geralmente são conduzidos para seminários da denominação que é considerado confiável e distante das reflexões *liberais*. No Brasil pouco se leu ou se traduziu sobre a Teologia Liberal do século XIX, mas tudo o que não é conservador e até fundamentalista é considerado liberal e, portanto, subversivo à fé cristã.

O pastor foi visto como o homem que é veemente na pregação, pregação esta que não é fruto de esforço, estudo ou reflexão, mas fruto unicamente de uma suposta revelação de Deus, que muitas vezes é dada na hora de iniciar a pregação, feita por frases de enfeito com o intuito de emocionar e impactar a audiência, apelando para a aplicação moral e emocional e que não leva em consideração seu contexto cultural ou mesmo sua formação textual. O pastor é visto como quem é cheio do poder do Espírito Santo, como um ungido do Senhor cuja a palavra é revestida de autoridade espiritual, como alguém que passa muito tempo orando, subindo aos montes para se consagrar e disposto a fazer cultos, vigílias e muitas visitas.

---

<sup>471</sup> NANEZ, Rick. **Pentecostal de coração e mente**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. Pg. 263

Por outro lado, o subconsciente popular pentecostal pensa no teólogo como alguém que é equilibrado demais a ponto de não se abrir para experiências espirituais, beirando a frieza espiritual. É alguém que pensa muito e faz pouco, que reflete muito, mas não tem *unção* para pregar com poder, não tem ímpeto de subir montes para se consagrar e nem determinação o suficiente para vigílias e cultos intermináveis.

Parece que os teólogos seriam pessoas que apenas pensam a teologia (teologia numa visão dualista como sendo limitada apenas ao conhecimento teórico sem a possibilidade de aplicação prática) e, que não podem ter o trabalho pastoral com a mesma eficácia dos pastores na visão tradicional, nem tampouco um teólogo tem a capacidade de fazer sua igreja crescer, o que aliás, ainda hoje, é considerado uma evidência da aprovação divina, o crescimento numérico de igrejas, uma forte influência do modelo norte-americano de pensar o cristianismo<sup>472</sup>.

Os Seminários da maioria das igrejas pentecostais são confessionais e tem como objetivo aprofundar o conhecimento de acordo com a interpretação daquela denominação. A maioria dos professores não tem sequer um curso de teologia reconhecido em nível superior, o que aliás é uma marca desses seminários, quase todos são cursos livres e não tem vínculos profissionais com seus professores. Ainda hoje, no Brasil, são raríssimas as instituições teológicas pentecostais de ensino superior reconhecidas pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC). Boa parte das denominações não querem ter, conscientemente, um curso reconhecido pelo MEC, dentre os motivos, a necessidade de adequar suas grades às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) exigidas pelo Ministério, a obrigatoriedade de contar com professores mestres e doutores e a possibilidade de ter em seu corpo discente alunos que não sejam evangélicos.

A separação indevida entre o pastor e o teólogo, historicamente tem gerado problemas para os pentecostais. Desde o movimento da Rua Azusa que se esfacelou pela ausência de uma reflexão teológica até os dias de hoje, em que as mensagens pregadas nos púlpitos são superficiais, com o intuito de emocionar e muitas vezes desconexas. Certamente o resgate da função pastor-mestre como pensada no Novo Testamento seria um grande benefício para o movimento pentecostal atual e futuro.

---

<sup>472</sup> Ibid, pg. 264

O Movimento Pentecostal foi uma voz dissonante diante da religiosidade clássica prevalecente até então, subiu os morros, entrou nas favelas e resgatou uma parcela significativa da população brasileira até então desprezada, por esses e outros motivos podemos afirmar que é um movimento no qual o Espírito está soprando e está presente.

A inclusão dos pobres, o acolhimento dos simples, a força das mulheres, a pregação aos excluídos são sinais do Reino de Deus se manifestando em favor dos que mais necessitam. O Pentecostalismo democratizou as experiências espirituais, até então consideradas como algo que apenas os grandes homens e mulheres da mística cristã poderiam viver, ou algo restrito aos notáveis santos da história do cristianismo, no pentecostalismo todos e todas perceberam e creram que poderiam ter uma experiência mística com Deus, qualquer um poderia falar em línguas estranhas, profetizar, pregar com unção, ter revelações, pois, os dons do Espírito são distribuídos a todos indistintamente<sup>473</sup>.

As qualidades do Pentecostalismo foram afetadas e distorcidas por causa do Dualismo. Dualismo este que renegou a mulher ao segundo plano, clericalizou os dons, rejeitou a intelectualidade, desprezou o mundo e o perdido, se distanciou do natural, enfatizou a guerra entre o bem e o mal. O Dualismo tem consequências práticas sérias no meio Pentecostal, porém o Pentecostalismo não precisa ser dualista e nem por isso, precisa deixar de ser o que o movimento é.

Para uma superação do Dualismo presente no cristianismo historicamente e no pentecostalismo em particular, é necessário um diálogo que harmonize as áreas do ser humano e os aspectos da espiritualidade de modo integrador, que consiga reler as áreas apontadas neste capítulo de modo que integre e não que contrasta como tem acontecido com o Pentecostalismo<sup>474</sup>. A partir teólogo suíço, considerado por muitos o maior pensador cristão do século XX (século do Pentecostalismo) Karl Barth pode ser um referencial teórico de diálogo com a realidade pentecostal.

A partir da análise da vida e da obra de Barth perceberá como este autor trata de modo integral as mesmas questões que o Pentecostalismo lida de modo dualista. Karl Barth reuniu em sua caminhada o ardor cristão com a intelectualidade refinada, o pastor com o teólogo e com o político engajado socialmente e politicamente.

---

<sup>473</sup> Cf. 1Coríntios 12.7

<sup>474</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Elementos de antropologia teológica**. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Pg. 35

Sendo teólogo não deixou de ser profético em suas denúncias e ações e trabalhou de modo interessado às questões da espiritualidade e da experiência tão latentes no Pentecostalismo.

Karl Barth pode ser uma voz de ponderação e direção para o Movimento Pentecostal manter o seu ardor e superar os seus Dualismos. O próximo capítulo abordará a integralidade na vida e obra de Barth aproximando os temas tratados no Pentecostalismo com o caminho de superação do Dualismo. Um diálogo entre as duas realidades, a partir de Barth, que se proponha a superar as dificuldades apresentadas no Movimento Pentecostal sem que para isso, o mesmo precise deixar de ser o movimento ativo, acolhedor e pneumatológico que tem sido.

## 4

### Uma proposta integradora a partir de Karl Barth

O diálogo entre o Pentecostalismo e Karl Barth é uma tarefa desafiadora. A princípio é nítido que os contextos de cada um são bem distintos, o Pentecostalismo surgiu nos subúrbios norte-americanos e se desenvolveu dentre as camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira. Já Karl Barth passou praticamente toda a sua vida no eixo Alemanha-Suíça, uma região com altos índices de desenvolvimento humano, o que não impediu Barth de ter convivido com os menos favorecidos e de ter conhecido contextos sociais bem próximos ao da América Latina.

Além dos contextos sociais diversos, Barth viveu momentos políticos extremos como as duas guerras mundiais, sendo atuante nas décadas de ascensão e domínio nazista, algo que não aconteceu do outro lado do Atlântico. Karl Barth também esteve muito atento aos desdobramentos do mundo bipolarizado da Guerra Fria, contexto que sucedeu ao da Segunda Guerra Mundial.

No contexto religioso as diferenças também são claras entre o Pentecostalismo e Barth, o primeiro é um movimento marginal do cristianismo americano, caracterizado pela atividade do laicato, pela espontaneidade religiosa e pelo fervor das experiências emocionais e espirituais. Já o segundo lidou com outra realidade eclesial, num contexto de alto refinamento teológico e com uma tradição Reformada clássica.

Apesar das óbvias diferenças contextuais entre ambos, é possível, numa segunda análise, perceber que muitos pontos convergem para um diálogo entre o Movimento Pentecostal e Karl Barth, sobretudo em relação ao tema desta pesquisa: o Dualismo.

O Dualismo, como já fora dito, não é um problema exclusivo do Pentecostalismo e, nem tampouco o Movimento se resume a isso. O Dualismo apenas se manifesta no movimento por ser um forte elemento do cristianismo e do pensamento ocidental, de modo geral.

Um assunto tão importante quanto foi o Dualismo, certamente não passaria despercebido de um teólogo tão atento quanto o foi Barth. Em sua vida e em seus escritos percebe-se sua luta contra o Dualismo em favor de uma compreensão integradora do Evangelho e, assim, muitos pontos compreendidos de modo dualista

pelo Movimento Pentecostal podem ser vistos de modo integral no teólogo da Basileia.

Karl Barth procurou viver sua fé de modo integral e, isso não fez dele alguém menos fervoroso que um representante do Pentecostalismo, ainda que as manifestações culturais deste fervor sejam claramente específicas. Barth abraçou com seriedade o engajamento com a Igreja, era um pastor zeloso com seu rebanho e alguém que valorizava a oração, a leitura devocional da Bíblia e a atuação do Espírito Santo<sup>475</sup>.

Se no Movimento Pentecostal foi possível enumerar vários pontos essenciais da vida cristã que o mesmo lidou (ou ainda lida) de modo dualista causando o distanciamento e a alienação de seus adeptos em relação ao chamado do discipulado cristão, os mesmos pontos são observados e trabalhados por Karl Barth em sua caminhada de modo a integrar questões tão fundamentais para a vida humana.

Neste novo capítulo pode-se perceber Karl Barth tratando e respondendo a questões muito parecidas com as que foram levantadas no Pentecostalismo, mas com o diferencial de encará-las de modo integrador, o que fez com que o cristianismo tivesse ainda mais sentido e relevância diante dos desafios que tinha de enfrentar.

Barth mostra que para se ter uma compreensão integral do Evangelho e das práticas cristãs não é necessário perder o fervor e a sinceridade com que muitos praticam a fé no contexto pentecostal, pelo contrário, compreender a vida de modo integral contribuirá para uma melhor vivência da fé cristã.

Embora Barth tenha sido um erudito, sua teologia teve um aspecto bastante prático, assim como a atividade eclesiológica do Movimento Pentecostal. Barth não teve uma tranquila existência dentro de um gabinete ou mesmo de uma sala de aula, alheio às questões essenciais da vida humana concreta, pelo contrário, Barth enfrentou inúmeros desafios ao longo de seus 82 anos de vida: foi pastor de uma comunidade de operários, foi contemporâneo da Primeira Guerra, esteve engajado no momento em que Hitler ascendia ao poder na Alemanha, conviveu com os dias da Segunda Guerra e com o pavor de um confronto nuclear, e assim por diante. Em todos esses episódios e em outros procurou uma resposta teológica para a humanidade, sendo isso possível graças ao modo como procurou superar o

---

<sup>475</sup> SCHULER, Roberto. **Prefácio** in: BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, pg. 9.

Dualismo e, conseqüentemente, a alienação religiosa. Este capítulo trabalha as respostas integradoras de Barth para as questões já levantadas.

#### 4.1 Uma breve biografia de Karl Barth

O ano de 1886 foi marcado por acontecimentos muito interessantes: foi realizado o primeiro campeonato mundial de xadrez, o primeiro carro da marca Mercedes foi construído, um farmacêutico norte-americano criou a fórmula da Coca Cola e a estátua da Liberdade foi inaugurada em Nova Iorque<sup>476</sup>.

O final do século XIX foi marcado por uma grande euforia que se baseava no progresso e capacidade humana de produzir grandes feitos, praticamente não houve guerras e as nações europeias e os Estados Unidos se desenvolviam ainda mais e prosperavam, sobretudo na tecnologia bélica e na busca por mercados consumidores.

Foi no final do século XIX que nasceu Karl Barth, mais precisamente no dia 10 de maio de 1886, às 5 horas da manhã, na Rua Grellinger 42, na cidade suíça de Basiléia. Filho de Johann Friedrich Barth, um pastor e professor de Novo Testamento, de tendências claramente conservadoras e, de Anna Katharina Sartorius, de uma família também cristã, com ligações ministeriais.

Karl Barth nasceu numa família grande e com muitas referências cristãs, seu pai era um fervoroso pregador e reconhecido por seus paroquianos pela humildade, sua mãe era uma mulher de ação e sincera em sua espiritualidade, além disso, Karl teve vários outros parentes que foram estímulo para o desenvolvimento de sua formação e de sua vida cristã<sup>477</sup>. Karl foi batizado no dia 20 de junho de 1886<sup>478</sup>.

O ambiente familiar no qual Karl Barth passou sua infância foi muito estimulante, as conversas sobre política e a presença de músicas era constante e, evidentemente esse cenário o influenciou positivamente ao longo de toda a sua vida. Quando Karl tinha apenas três anos de idade, sua família, natural da Basiléia, teve de se mudar por causa do trabalho do pai, que foi convocado para assumir as cátedras de Novo Testamento e de História da Igreja na Universidade de Berna.

<sup>476</sup> SCHULER, Roberto. **Prefácio** in: BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 9.

<sup>477</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Grand Rapids: WB Eerdmans, 1993. Pg. 6

<sup>478</sup> Ibid, pg. 7

Por conta da transferência do pai, Karl Barth passou sua infância e adolescência na cidade de Berna. Karl estudou numa escola de teor cristão em que havia práticas devocionais e estímulo ao livre pensamento. A escola onde Karl Barth estudou enquanto criança, era a mesma onde o pai trabalhava na época, uma escola de influências pietistas<sup>479</sup>.

O Pietismo que tanto influenciou o Movimento Pentecostal, também influenciou pensadores europeus como Karl Barth. Seu pai era um homem zeloso e piedoso e essa herança também foi deixada para seu filho Karl, que não tinha dificuldades de harmonizar o critério racional e erudito com uma vida piedosa e devocional.

Na escola, Karl Barth teve certas dificuldades especialmente com o estudo de matemática e de ciências naturais, por outro lado, era um aficionado por histórias de guerra e por música<sup>480</sup>. Karl nunca chegou a desenvolver em sua vida um dualismo cultural e o gosto musical o acompanhou e o estimulou sempre, chegando inclusive a escrever uma obra sobre o músico Amadeus Mozart. Para Karl Barth a música era uma expressão artística que deveria ser apreciada. Barth era da opinião que na genialidade de artistas como Mozart e Wagner se manifestava uma centelha divina<sup>481</sup>.

Foi na cidade de Berna, onde teve seu despertamento para o ministério e o estudo da teologia propriamente dita e, além da contribuição de seu pai, conheceu o professor Robert Aeschbacher que lecionava para a classe de candidatos à confirmação na Igreja Reformada de Berna, suas aulas eram tão estimulantes que Karl decidiu ingressar posteriormente na Faculdade de Teologia<sup>482</sup>. Esta decisão de Karl Barth se deu quando ele tinha apenas quinze anos de idade e vários outros amigos da idade se sentiram despertados para a Teologia graças ao entusiasmado professor Aeschbacher.

Aos dezoito anos de idade, Barth começou seus estudos na Universidade de Berna e durante seus anos de estudante teve de lidar com a influência do pai que era muito receoso que o filho seguisse o caminho do Liberalismo Teológico.

---

<sup>479</sup> Ibid, pg. 14

<sup>480</sup> Ibid, pg. 15-16

<sup>481</sup> Ibid, pg. 30

<sup>482</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Palavra-evento e práxis libertadora. A eclesiologia de Karl Barth e sua contribuição para a teologia latino-americana**. 2ed. São Paulo: ASTE, 2015. Pg. 42

Fritz Barth era um pastor e teólogo de tendências conservadoras. Foi bastante influenciado pelo pietismo que o fez valorizar mais a experiência religiosa que a doutrina em si mesma. Um dos pensadores que mais influenciou o pensamento de Fritz foi o teólogo pietista Johan Tobias Beck da Universidade de Tübingen, que denunciava a tendência de *ossificação* da vida da Igreja.

Fritz Barth percebeu as tendências sectárias e anti-intelectuais do Pietismo, mas, por outro lado, percebeu os valores da prioridade da vida sobre a doutrina, da necessidade do novo nascimento, da importância da santificação e da vinda do Reino de Deus<sup>483</sup>.

Muitas das principais características do Pietismo ainda estão presentes no Movimento Pentecostal, inclusive o anti-intelectualismo causado pelo dualismo. Barth foi influenciado pelas características vitais do Pietismo, mas, assim como o pai, percebeu suas limitações e se afastou delas.

Na Universidade de Berna, Barth estudou o pensamento de Immanuel Kant e, teve a experiência de reconhecer a simplicidade do Evangelho, o que muito o marcou e acompanhou seu pensamento daí por diante. Já nos tempos de aluno, Barth se sentia motivado a escrever e se engajar com as causas políticas e sociais.

Karl Barth passou por quatro instituições de ensino até obter a conclusão de seu curso em Teologia. Além da Universidade de Berna, passou por Berlim, onde foi aluno de Adolf von Harnack, um professor que muito contribuiu para a sua formação. Além disso, conheceu os textos do pai do Liberalismo alemão, Friedrich Schleiermacher. Neste período seu pensamento começou a mudar consideravelmente, mesmo contra a vontade de seu pai.<sup>484</sup>

Depois de Berlim, Barth estudou algum tempo em Tübingen por causa da insistência conservadora de seu pai, porém, não se adaptou ao método de ensino daquela instituição e pouco tempo depois se matriculou na Universidade de Marburg onde concluiu seus estudos e conheceu o professor Wilhelm Herrmann, um dos pensadores que mais exerceram influência em sua vida<sup>485</sup>.

Em Marburg, Barth também conheceu o teólogo Rudolf Bultmann. No final de sua formação teológica Barth já trabalhava como assistente da importante revista

---

<sup>483</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth and the pietists**. Downers Grove: Intervarsity Press, 2004. Pg. 11-12

<sup>484</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 40

<sup>485</sup> Ibid, pg. 44

*Christliche Welt*<sup>486</sup>. Chegou a trabalhar diretamente com o professor Martin Rade, por quem nutriu grande estima.

No final de 1908, Karl Barth foi ordenado pastor pelo pai na Catedral de Berna e começou seu ministério pastoral. Ao longo de sua atividade eclesial, Barth nunca separou o homem de fé, do teólogo e do pastor, para ele estas três esferas se relacionavam harmonicamente sem quaisquer dualismos.

Entre 1909 e 1911, Karl Barth atuou como pastor auxiliar da Igreja Reformada em Genebra e logo após assumiu a paróquia da pequena cidade operária de Safenwill, onde permaneceu entre 1911 e 1921. Sua vivência pastoral em Safenwill não foi apenas uma grande experiência ministerial como também uma oportunidade que modificou seu modo de pensar.

Safenwill era uma pequena cidade suíça. Sua população totalizava menos de duas mil pessoas, das quais cerca de 1500 eram protestantes<sup>487</sup>. A cidade era basicamente agrária e industrial, boa parte dos trabalhadores dependiam das fábricas da família Hussy, cujo dono era um oficial da Igreja de Barth. Naquele lugar, o teólogo percebeu o quadro de injustiça com os trabalhadores, especialmente as mulheres, que tinham longas jornadas de trabalho sem o devido reconhecimento salarial, Barth se engajou na luta por direitos desses trabalhadores, usou o seu púlpito para protestar, foi as ruas com os paroquianos explorados e orientou as mulheres a se organizarem em sindicatos e lutarem por seus direitos. A luta foi tão convicta que alguns integrantes da família proprietária das fábricas pediram desligamento dos cargos que ocupavam na igreja onde Barth era o pastor.

No período pastoral, Barth se filiou ao Partido Social Democrata (1915) e esteve sempre envolvido na luta contra a pobreza e a favor dos direitos dos menos favorecidos. Embora nunca tenha sido candidato a cargos políticos, sempre esteve atento a essas questões.

Deixava claro que seu engajamento político e social era consequência de sua fé cristã e de sua compreensão sobre o discipulado de Jesus que convoca seus seguidores a uma atuação prática, pela defesa de Suas causas e por amor aqueles a

---

<sup>486</sup> Significa *Mundo Cristão*

<sup>487</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 60

quem Ele amou. Para Barth a santidade era integral e sinônima de sanidade, ser engajado, em sua compreensão, era consequência da fé cristã<sup>488</sup>.

Durante o período em que foi pastor em Safenwill, Barth teve momentos marcantes em sua vida pessoal. Em 1912 teve a perda prematura de seu pai Friedrich, no ano seguinte casou com Nelly Hoffman, que foi sua esposa até o fim de seus dias. Em 1914 nasceu sua filha mais velha, Franziska e outros três de seus filhos nasceram neste período (Markus, Christoph e Mathias, este último, estudante de teologia que morreu prematuramente num acidente nas montanhas suíças, com pouco mais de vinte anos de idade). Seu quinto e último filho, Hans Jacob nasceu em 1925.

O período de pastorado fez Barth repensar sua formação liberal. Primeiro porque se decepcionou com as consequências da Primeira Guerra Mundial, que foi apoiada pela política armamentista do Kaiser Guilherme II e alguns teólogos liberais como Harnack, Schlatter e Herrmann assinaram o chamado *Manifesto dos 93 intelectuais* em apoio à política beligerante do então líder alemão.

Karl Barth ficou decepcionado com o apoio desses pensadores àquela política e, considerou que suas opiniões perderam muito da credibilidade e, que se cometeram um erro desse nível poderiam estar errados em outros assuntos também<sup>489</sup>.

Não foi apenas o manifesto que fez Barth se desiludir com o método liberal, o pregador percebeu que este havia se tornado muito cientificista e pouco prático e que deixava a desejar na pregação cristã para as pessoas simples. Diante do silêncio do método liberal face à realidade da vida concreta de seus paroquianos, Barth decidiu se voltar para as páginas da Bíblia onde descobriu um novo e surpreendente mundo e percebeu, que ali estava o caminho para as pessoas que apenas queriam ouvir a *Palavra de Deus*.

Em sua busca com líderes mais experientes, Barth visitou o pregador pietista Christoph Blumhardt na comunidade de Bad Boll. Barth tinha uma tia materna que era frequentadora desta comunidade<sup>490</sup>. Sua análise sobre o pregador foi de respeito para com sua fé e seu trabalho, percebeu que Blumhardt relacionava a pregação do

<sup>488</sup> BARTH, Karl. **O cristão na sociedade** in: ALTMANN, Walter. **Dádiva e louvor – artigos selecionados**. 2ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996, pg. 20

<sup>489</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 31

<sup>490</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth and the pietists**. Pg. 19

Reino de Deus com a esperança cristã, o que causou influência no pensamento barthiano<sup>491</sup>.

A realidade intelectual da comunidade a qual Barth pastoreou se assemelhava muito com a realidade de boa parte das comunidades pentecostais, era composta por pessoas com pouca instrução. Seus paroquianos eram pessoas trabalhadoras que lutavam para garantir seu próprio sustento, quadro semelhante a maioria dos pentecostais brasileiros.

Barth se debruçou sobre a Bíblia e fez dela sua principal fonte de inspiração, dizia que o mais importante não era a erudição ou o criticismo, mas amar ao Senhor Jesus. Dizia ser necessário o relacionamento com Deus e que os cristãos deviam pedir isso ao Senhor<sup>492</sup>.

Para Barth não havia um dualismo entre o cérebro e o coração, entre a racionalidade e a subjetividade. O teólogo suíço entendia que o ser humano era composto por essas esferas e que ambas se correlacionavam harmonicamente, na certeza de que o relacionamento com o Senhor Jesus nos inspira a cada momento.

A teologia de Barth não era apenas o exercício do sossego de um gabinete, nem tampouco algo desencarnado da realidade da vida. Seu pensamento teológico era prático e intimamente ligado à vivência da fé, para ele a própria comunidade era a responsável pela teologia, pessoas concretas que tiveram uma experiência real com Jesus.

Em Safenwill, Barth publicou seu comentário a Carta aos Romanos que acabou sendo uma reação ao método liberal. Três anos depois, em 1922 com sua reedição, rendeu a Barth seu primeiro título de doutor *honoris causa*, pela Universidade de Munique. No mesmo ano, Barth se despedia de Safenwill para assumir uma cátedra na Universidade de Gottingen, dando início a sua fecunda e intensa carreira docente.

Barth foi o responsável direto por duas revistas teológicas: *Zwischen den Zeiten*<sup>493</sup> de 1923 e sua substituta, *Theologische Existenz Heute*<sup>494</sup>, de 1933 quando o nazismo já se manifestava na Alemanha e Barth percebeu que como homem de

---

<sup>491</sup> Ibid, pg. 85

<sup>492</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts.** Pg. 68

<sup>493</sup> Significa *Entre os tempos.*

<sup>494</sup> Significa *Existência teológica hoje.*

fé era necessário um posicionamento diante dos acontecimentos políticos no país e na Europa.

A partir do início da década de 1930 muitos planos de Barth tiveram de ser alterados por causa da movimentação política causada pelo nazismo. O Partido liderado por Adolf Hitler chegou ao poder no início de 1933 e logo tentou o domínio sobre a Igreja do país. Barth foi um dos participantes e o redator da Confissão de fé de Barmen de 1934 que foi um posicionamento dos pastores que não assinaram o termo de obediência irrestrita ao governo nazista.

A partir de Barmen, Barth sofreu algumas perseguições, como a cassação de seu título de doutor pela Universidade de Munique, sua suspensão da função docente, a demissão do serviço público e sua aposentadoria compulsória. Diante de tantos revezes, Barth deixou a Alemanha e retornou para o seu país natal, em junho de 1935.

Depois que voltou para a Suíça, Barth trabalhou na Universidade da Basileia, onde permaneceu até a sua aposentadoria em 1962, porém, não se desligou da luta pelos direitos humanos, pela democracia e pela liberdade da Igreja diante do Estado nazista. Continuou escrevendo, se inteirando e protestando contra a situação dos crentes alemães. Ao longo de sua trajetória, Barth foi premiado com onze títulos de doutor *honoris causa*, e devotou grande parte de sua vida na escrita de sua Dogmática Eclesiástica.

Barth acompanhou o fim do regime nazista na Alemanha e sugeriu que fosse dado ao país uma proposta para a paz que lhe fosse razoável. Nos anos seguintes, no período da Guerra Fria, esteve atento aos acontecimentos de um mundo bipolarizado entre capitalistas e comunistas e não se precipitou em tomar partido de um lado ou de outro. Para Barth aquele cenário não era mais como no período do nazismo, mas representado por duas correntes políticas antagônicas que simplesmente disputavam o poder mundial.

Um dado biográfico interessante de Karl Barth foi quando se encontrou com o evangelista norte americano Billy Graham na Suíça. Graham é muito reverenciado pelas igrejas pentecostais brasileiras. Barth num encontro pessoal gostou de Graham e o considerou uma pessoa amável e agradável, porém no dia seguinte Barth o viu pregando, e ficou decepcionado.

Barth disse que Billy Graham pregava de modo desconectado com a realidade política e social e oferecia o Evangelho como se fosse um produto a ser

consumido<sup>495</sup>. Sua crítica seria um forte alerta diante dos perigos que o Pentecostalismo brasileiro tem vivido em tempos atuais de comercialização da fé e tratar a pregação como sendo a prestação de um serviço.

Em 1962 recebeu um convite para trabalhar como observador no Concílio Vaticano II (1962 – 1965), porém não pôde aceitar por causa do período de enfermidades e internações pelo qual passava na ocasião.

Karl Barth teve muito interesse pela teologia produzida pelo Concílio e suas consequências. Em 1966, quando já estava com 80 anos de idade e recuperado das enfermidades, fez uma visita acompanhado de sua esposa e seu médico pessoal ao Vaticano. Na visita, se encontrou com o então jovem teólogo Joseph Ratzinger, com Hans Kung que nutriu grande admiração por Barth e com o próprio Papa Paulo VI com quem trocou presentes.

Ao final de sua vida, Barth participava da celebração num domingo numa Igreja Católica, no outro domingo numa Igreja Reformada. A causa ecumênica ganhou atenção especial na vida e pensamento de Barth. O teólogo suíço foi um dos principais palestrantes no Conselho Mundial de Igrejas em 1948 na cidade de Amsterdã e até o fim de sua vida se dedicou a esta causa.

Karl Barth morreu com 82 anos de idade no dia 10 de dezembro de 1968, deixando um enorme legado teológico, estima-se que já tenha sido publicado cerca de 50 mil páginas de seus escritos e que ainda hoje, exista cerca de outras 50 mil páginas que nunca foram publicadas, o que faz dele, até onde se sabe, o teólogo que mais escreveu na história do cristianismo. Sua *Dogmática* mesmo incompleta, é maior que a *Summa Teológica* de Tomás de Aquino<sup>496</sup>.

Barth teve uma longa trajetória que contou com cinco anos como aluno de teologia, doze anos como pastor e mais de quarenta anos dedicados à carreira docente<sup>497</sup>. Barth disse numa entrevista que se não fosse teólogo gostaria de ter sido agente de trânsito, pois lhe fascinava pensar na importância de alguém que ficava numa encruzilhada de ruas apontando aos carros o caminho que os mesmos deveriam seguir<sup>498</sup>.

<sup>495</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 446.

<sup>496</sup> SCHULER, Roberto. **Prefácio in: BARTH, Karl. Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 9.

<sup>497</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 5ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996. Pg. 7.

<sup>498</sup> SOBRINHO, Antônio de Godoy. **Karl Barth (1886 – 1968)**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986. Pg. 20

## 4.2 As influências teológicas em Karl Barth

Karl Barth foi um teólogo de grande rigor intelectual e que procurou se aprofundar no que havia de mais refinado da teologia de seu tempo, por isso, conheceu os grandes pensadores da Teologia Clássica, da Teologia Reformada, da Teologia Liberal e vários outros intelectuais importantes.

As primeiras influências sobre o pensamento barthiano foram ainda em seus primeiros passos teológicos, seu professor de confirmação Robert Aeschbacher foi quem despertou seu interesse pela formação teológica. Seu pai, Friedrich Barth, também o influenciou, era professor de teologia com tendências conservadoras e pietistas e procurou afastar o filho Karl da Teologia Liberal que considerou maléfica naquele cenário.

No diálogo entre Barth e o Pentecostalismo é muito relevante percebermos a influência pietista na formação do teólogo suíço. O Pietismo que esteve presente nas primeiras influências do Pentecostalismo também esteve presente no pensamento de Barth, porém, sem o viés dualista que opunha espiritualidade com a intelectualidade.

Karl Barth deixou a porta aberta para o Pietismo ao longo de toda a sua vida, este foi um assunto que sempre encontrou diálogo em sua teologia. Barth via com respeito as várias manifestações pietistas que conheceu, porém percebia que o dualismo entre a espiritualidade e intelectualidade, que mais tarde se revelou no Pentecostalismo, precisava passar por uma revisão crítica.

Barth também afirmava que uma característica da fé cristã é sua abertura para o diálogo e, que essa faceta nem sempre se encontrava em pregadores pietistas<sup>499</sup>. O dualismo que o Pentecostalismo brasileiro abraçou entre a Igreja e a sociedade, muito por causa da influência do pietismo, tem distanciado o cristianismo desta linha dos grandes assuntos teológicos contemporâneos.

Ao longo de sua formação o pensamento teológico de Barth foi sendo moldado. Como pensador reformado que era, a teologia dos reformadores foi muito relevante em sua formação intelectual.

---

<sup>499</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth and the pietists**. Pg. 286

### 4.2.1 A influência dos Reformadores

Karl Barth era um teólogo de tradição reformada. Seu pai foi professor de teologia e pastor da Igreja Reformada. Karl Barth foi pastor auxiliar entre 1909 e 1911 na catedral Reformada de Genebra na Suíça, igreja onde séculos antes o próprio João Calvino havia sido pregador.

Barth na virada do século XX produziu uma reforma na área teológica e revisitou as fontes deixadas pelos reformadores do século XVI. Sua teologia da Palavra de Deus é influência do conceito de *Sola Scriptura* de Martinho Lutero. Barth estudou toda a obra de Lutero que deu início à ruptura eclesiástica do cristianismo ocidental no século XVI.

Lutero foi um monge que entrou para o convento após uma promessa que fez para Santa Ana, padroeira dos mineiros, quando se viu preso num terrível temporal. Mesmo contra a vontade de seu pai, Lutero decidiu cumprir seus votos e se tornou religioso. Tinha uma vida angustiada até que se deparou com as palavras de Paulo na carta aos Romanos de que o “justo vive pela fé”<sup>500</sup>.

Embora já fosse um professor de textos bíblicos, antes da experiência com o texto de Romanos, aquela experiência transformadora vivida por Lutero o incentivou ainda mais a se tornar um biblista e a considerar a Escritura como única fonte de autoridade na formulação da doutrina e na vida do cristão.

Lutero visitou toda a tradição da teologia clássica e pretendia restaurar o estudo da Bíblia e dos Pais da Igreja em sua integralidade<sup>501</sup>. Lutero enfatizou a doutrina do sacerdócio comum dos crentes e da salvação individual por meio da fé na graça de Jesus, postulados essenciais da fé reformada e que mais tarde foram revisitadas por Barth.

Mesmo que Karl Barth tenha conhecido com detalhes a obra de Lutero e que o pensamento do monge alemão tenha marcado a sua teologia, foi João Calvino quem mais o impressionou. No seu primeiro ano de magistério (1922) quando escreveu ao amigo Eduard Thurneysen usou as seguintes palavras:

Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; careço completamente dos meios, as ventosas, mesmo para assimilar este fenômeno, sem

<sup>500</sup> Cf. Romanos 1.17

<sup>501</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 35

falar para apresentá-lo satisfatoriamente. O que recebo é apenas um pequeno e tênue jorro e o que posso dar em retorno então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno jorro. Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino<sup>502</sup>.

Barth nutriu grande admiração pelo pensamento de Calvino, lia-o durante horas e mesmo assim se dizia pouco preparado para falar de sua teologia. Calvino foi o grande sistematizador da teologia protestante, sua capacidade retórica e jurídica foi fundamental para fazer dele um teólogo notável. Calvino não foi um pregador inflamado como o fora Lutero, mas um capaz sistematizador da teologia reformada.

João Calvino foi um grande mestre de língua latina e o primeiro grande teólogo a escrever em francês<sup>503</sup>. Calvino afirmava que não se podia falar de Deus de modo direto por causa de sua transcendência radical, daí a necessidade de se fazer uso de linguagem simbólica para expressar verdades divinas. A doutrina da transcendência radical de Calvino influenciou a formulação barthiana do conceito de Deus como o *Totalmente Outro (Totaliter Aliter)*<sup>504</sup>.

Outra grande influência da teologia calvinista no pensamento de Barth foi a concepção de que o púlpito, de onde se anuncia o Evangelho, passa a ser o centro da celebração e, não mais o altar um lugar de sacrifícios. Na teologia barthiana a proclamação do Evangelho é uma das formas de revelação de Deus<sup>505</sup>.

#### 4.2.2 A influência dos Liberais

Como a maioria dos estudantes de teologia na Alemanha no final do século XIX e início do século XX, Karl Barth se sentiu seduzido a estudar com os maiores mestres liberais de seu tempo. Seu desejo desde cedo era de estudar na Universidade de Marburg considerado o principal reduto de teologia liberal da época, porém, com a influência de seu pai, que queria mantê-lo distante do Liberalismo, esse plano foi adiado<sup>506</sup>.

<sup>502</sup> Barth, Karl; THURNEYSSEN, Eduard. **Revolutionary theology in the making: correspondence 1914 – 1925**. Richmond: John Knox Press, 1964. Pg. 101

<sup>503</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 37

<sup>504</sup> Ibid, pg. 41

<sup>505</sup> BARTH, Karl. **A proclamação do Evangelho**. São Paulo: Novo século, 2000, pg. 15

<sup>506</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 34

Friedrich Barth desejava que seu filho fosse estudar teologia na Faculdade de Halle, instituição conservadora que havia sido liderada pelo ícone pietista Auguste Francke. Com o impasse, após estudos iniciais em Berna, Karl Barth foi estudar em Berlim, que era considerado território neutro em termos teológicos<sup>507</sup>.

Em Berlim, Barth foi aluno de Adolf von Harnack, considerado um dos principais mestres de seu tempo. Harnack era um historiador do dogma, um teólogo de tendência liberal e pessoa extremamente culta.

Barth se sentiu muito influenciado por Harnack, frequentou vários de seus seminários e, num deles escreveu um trabalho com 158 páginas intitulado *A obra missionária de Paulo segundo a narrativa de Atos dos Apóstolos*. Na correção, Harnack fez apenas uma ressalva de que o livro de Atos era fonte primária para a doutrina paulina e não secundária como Barth havia afirmado, mas o mestre de Berlim ficou convencido de que estava diante de um promissor teólogo<sup>508</sup>.

Karl Barth estimava Adolf Harnack não apenas por sua capacidade teológica, mas o tinha como um exemplo de caráter, e como uma pessoa profundamente humana. Para Harnack, o dogma da Igreja era o produto de um processo de helenização da mensagem cristã<sup>509</sup>. Com Harnack, Barth aprendeu que o cristianismo, como conhecemos, foi uma criação posterior do apóstolo Paulo e da igreja tardia e, que a principal pregação de Jesus era sempre o Reino de Deus e nunca a si próprio.

Depois do período em que estudou em Berlim e, conheceu professores como Harnack e Hermann Gunkel, Barth passou um tempo na Universidade de Tübingen, a pedido do pai por ser de tendência conservadora, porém, por incompatibilidade com o método de ensino, Karl saiu e finalmente foi estudar em Marburg.

Karl Barth se sentiu realizado ao poder finalmente estudar em Marburg. Neste lugar, conheceu professores como Adolf Schlatter, que foi um dos poucos a minimizar o triunfalismo da crítica histórica e demonstrar a autonomia dos conceitos bíblicos em relação aos conceitos gregos<sup>510</sup>.

---

<sup>507</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 56

<sup>508</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 39

<sup>509</sup> GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002. Pg. 13

<sup>510</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 58

Barth também foi aluno de Martin Rade, um importante teólogo editor da revista *Christliche Welt*, que convidou Barth para trabalhar como assistente na mesma revista. O convite possibilitou a Barth permanecer por mais um ano em Marburg depois da conclusão de seus estudos.

Além de ter conhecido Schlatter e Rade, foi Wilhelm Herrmann o professor que mais influenciou Karl Barth, superando o próprio Adolf von Harnack. Conforme era orientado por Herrmann, Barth se afastava de Harnack. Barth considerou Herrmann um teólogo piedoso com quem aprendeu questões fundamentais de vida cristã.

O Liberalismo exerceu bastante influência no pensamento de Barth. O teólogo suíço não foi contemporâneo de Friedrich Schleiermacher e de Albrecht Ritschl, porém, em seus estudos se familiarizou com a obra de ambos. Tanto Schleiermacher quanto Ritschl rejeitavam a Bíblia como Palavra de Deus escrita e tinham o desejo em comum de buscar uma base para a experiência religiosa que pudesse ser evidente tanto para os crentes quanto para os descrentes<sup>511</sup>.

Schleiermacher seguiu pelo caminho subjetivo, do sentimento de dependência absoluta de Deus, que herdou da influência pietista em sua formação. Já Ritschl foi mais objetivo e acreditava que o núcleo da mensagem central do cristianismo era a justiça moral na pregação do Reino de Deus<sup>512</sup>.

Toda a geração de Barth conheceu o pensamento de Schleiermacher. Certamente as maiores influências no pensamento barthiano foram Calvino e Schleiermacher. O pai do liberalismo alemão é também considerado o criador da teologia moderna, numa época em que muitos consideraram a teologia como algo ultrapassado e irrelevante num mundo intelectualizado, os esforços de Schleiermacher foram fundamentais para a releitura da teologia.

Schleiermacher via a teologia como experiência de fé no Deus da Revelação, algo que estaria sempre presente na obra de Barth. O teólogo liberal dizia que a experiência não era algo a ser aprendido academicamente, mas um sentimento que conduz o indivíduo a Deus, propôs a opção de fazer teologia a partir da experiência religiosa<sup>513</sup>. Esta definição certamente foi fruto da presença pietista em sua

---

<sup>511</sup> Ibid, pg. 59

<sup>512</sup> Ibidem

<sup>513</sup> Ibid, pg. 63

formação, influência esta que também esteve em Barth e também está presente no Movimento Pentecostal brasileiro.

Para Karl Barth não houve o clássico dualismo feito por muitos liberais de contrastar a teologia acadêmica da teologia cotidiana. A Teologia de Barth não foi produzida no isolamento de um gabinete, mas na vivência diária, uma teologia que incluía o rigor intelectual com a realidade existencial.

Durante os primeiros anos de seu pastorado em Safenwill, Barth teve duas grandes decepções com o modelo liberal e se afastou definitivamente dele. A primeira decepção foi com alguns teólogos, especialmente Harnack, Schlatter e Herrmann por terem assinado o *Manifesto dos 93 intelectuais alemães* em defesa a política bélica do Kaiser Guilherme II, que culminou com a Primeira Guerra Mundial.

Já a segunda decepção de Barth com o método liberal foi ter percebido que o mesmo nada tinha a comunicar a uma simples comunidade operária que apenas queria ouvir a Palavra de Deus. O método liberal não foi aplicável à realidade da comunidade de Barth em Safenwill e o teólogo percebeu que os liberais nada tinham a dizer para pastores como ele.

Para Barth a teologia não podia se isolar da vida concreta das pessoas e nem tampouco se resumir a discursos meramente especulativos. O papel da teologia é de relacionar a mensagem de fé com a situação vigente, numa síntese harmoniosa e integral da ação teológica, além de auxiliar as pessoas de fé a compreenderem melhor a Revelação de Deus em suas vidas.

Barth também foi um leitor assíduo de Fiodor Dostoievsky e Soren Kierkegaard. Inclusive foi influenciado pela concepção existencialista presente na filosofia de Kierkegaard e, revisou sua Dogmática quando foi acusado de depender dessa tendência filosófica<sup>514</sup>.

### 4.3

#### **Karl Barth: teólogo, pastor e profeta**

Um assunto que muito marcou a trajetória de vida de Karl Barth foi seu engajamento político e social, ainda mais por se tratar de um dos períodos mais cruciais da história do mundo ocidental.

<sup>514</sup> MONDIN, Batista. *Os grandes teólogos do século XX*. São Paulo: Teológica, 2000, pg. 44

Karl Barth precisou se posicionar durante a Primeira Guerra, a ascensão do nazismo na Alemanha e, conseqüentemente, Segunda Guerra Mundial e, mesmo após isso, no período conhecido como Guerra Fria.

Uma análise precoce poderia deduzir que a causa do engajamento de Barth era o fato de ser alguém politizado, porém, sua maior preocupação antes de ser política era teológica. Isso dependeu muito da compreensão que Barth teve de Santidade.

No Movimento Pentecostal, santidade tem sido um dos principais assuntos a serem abordados, porém com uma definição marcada pelo dualismo *a separação do mundo*. Os pentecostais entenderam que ser santo era estar distante do mundo e de suas mazelas, que este nada tinha que pudesse despertar o interesse do cristão e que a realidade Igreja era antagônica à realidade mundana.

Esta convicção dependeu da visão dualista de mundo, de entender a Igreja como relacionada as coisas espirituais, sagradas e, portanto, divinas e, o mundo como relacionado as coisas carnis, profanas e, portanto, malignas. Certamente, não foi desta forma dualista que Barth entendeu o conceito de santidade, muito pelo contrário, para o teólogo suíço santidade poderia ser definida como a “*separação para o mundo*”, para o serviço, para se aprofundar nas necessidades do mundo e não se afastar delas.

A definição de Barth sobre santidade tinha uma conotação de integralidade e não de exclusividade. Barth cria que justamente pelo fato de ser discípulo de Jesus é que somos convocados a nos importar com as causas que o Mestre se importou. Ser santo para Barth era se envolver com as necessidades do ser humano, criado e amado por Deus. A santidade no conceito barthiano era um convite ao envolvimento com o sofrimento humano, era uma compreensão para o serviço do mundo e não para a sua condenação.

Pode-se dizer que para Barth a santidade era sinônimo de sanidade e não, de alienação. Quanto mais santo, mais humano o indivíduo. A santidade bíblica, no entender de Barth, torna cada um cômicos do seu dever diante da sociedade na qual se está inseridos, e que se está não como obra do acaso, mas como propósito de Deus para aquele cenário, pois os cristãos “serão o próprio Cristo na luta pela justiça e igualdade”.

Barth deixou claro que a motivação que o levou a lutar pelos pobres, contra a desigualdade e a favor da justiça é prioritariamente teológica. Ele acreditou não

fazer sentido se dizer cristão e fechar os olhos diante do sofrimento alheio. Dedicou seu pastorado e sua docência na luta pelo bem comum, mesmo que em muitos momentos essa luta lhe causasse transtorno com os poderosos e prejuízos pessoais.

A reflexão política e social era bastante amadurecida na Suíça desde o século XIX. Relações econômicas e de direitos humanos já começaram a ser discutidos no país antes mesmo do nascimento de Barth. O próprio Karl Barth cresceu num ambiente familiar em que as conversas políticas faziam parte das reuniões de feriados e fins de semana, portanto, cresceu familiarizado ao tema<sup>515</sup>.

Já adulto, Karl Barth publicou um de seus primeiros textos sobre o assunto no final de 1919 intitulado: *O cristão na sociedade*, no qual ele refletiu sobre a relevância da Igreja num mundo abalado pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Naquele cenário, Barth ainda era um jovem teólogo de 33 anos e que pastoreava a pequena comunidade suíça de Safenwill, porém, esse texto teve grande relevância para a compreensão do pensamento de Barth sobre o engajamento político e social.

Mesmo diante dos abalos causados pela Primeira Guerra, Barth deixou claro em seu texto que retirar-se da vida ou da sociedade não eram alternativas possíveis para os cristãos<sup>516</sup>. Mesmo que a guerra tenha causado tamanho espanto e revelado ao mundo as problemáticas da sociedade europeia do início do século XX, muito diferente da euforia com o progresso humano de anos antes, Barth disse “que a vontade que temos de sair do mundo, não passa de vontade, apenas”. A vida envolve o ser humano totalmente e exige dos discípulos de Jesus decisões claras<sup>517</sup>. Para Barth quanto mais carente de decisões radicais a sociedade se achar, mais necessária será a atuação profética da Igreja, pois a sociedade só poderá encontrar Jesus ao procurar pela Igreja.

Em seu texto, Barth denunciou o dualismo que havia entre o cristão e a sociedade, que acabava por distanciar uma realidade da outra, enquanto que, no seu entender, esses conceitos deveriam estar integrados.

Qualquer desejo da Igreja de viver um isolamento se tornaria absolutamente infrutífero, que a separação entre os *de dentro* e os *de fora* será sempre maléfica,

<sup>515</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 19

<sup>516</sup> BARTH, Karl. **O cristão na sociedade**. In ALTMANN, Walter. **Dádiva e louvor, Karl Barth artigos selecionados**. Pg. 19

<sup>517</sup> Ibidem

além do que a santidade só faz sentido em seu relacionamento com a vida real e com a vida na sociedade<sup>518</sup>.

Barth acreditou que a presença e atuação de Deus está muito além do dualismo entre o sagrado e o profano, que se Deus se resumisse a esse impasse, Ele não poderia ser Deus de fato<sup>519</sup>. O Eterno não vê as barreiras que por vezes as instituições religiosas estabelecem entre o sagrado e o profano, entre o que está *dentro* e o que está *fora*, Ele é o Deus de toda a Terra e Senhor de todas as coisas.

Jesus como caminho, verdade e a vida de Deus entre os seres humanos, conduz seus discípulos a proclamarem Suas palavras de vida eterna e de esperança mesmo numa sociedade abalada e desfigurada. Para Barth ser uma pessoa de fé era ser alguém que fazia opções políticas e, opções em harmonia com a proposta de Jesus, de estar do lado dos mais vulneráveis. O chamado de Deus é o que deve impulsionar à atuação junto ao mundo, pois, “quando nos submetemos a Deus no mundo temos a força de não nos submetemos ao mundo sem Deus”<sup>520</sup>.

Em sua vida, Barth não fez distinção entre o pastor e o teólogo como muitos fazem no Movimento Pentecostal, como se as duas realidades fossem incompatíveis. Para Barth ser pastor era pensar teologicamente e teologia só se fazia em conexão com a realidade e de modo integral. Ser pastor/teólogo consequentemente nos leva ao posicionamento profético, pois para Barth a Igreja era a comunidade chamada por Jesus a se posicionar profeticamente denunciando a maldade e a exploração, protegendo a vida e os mais necessitados.

Karl Barth foi ordenado pastor em 1908 e no biênio 1909-1910 exerceu um pastorado auxiliar em Genebra. Nos dez anos seguintes, Barth foi o pároco da comunidade de Safenwill, e naquele lugar viveu integralmente o chamado de pastor/teólogo/profeta.

#### 4.3.1

##### **O engajamento de Barth durante o pastorado em Safenwill**

A década em que Barth foi o pastor de Safenwill (1911 – 1921) foi muito enriquecedora em sua vida. Não apenas do ponto de vista pastoral, mas do ponto de

---

<sup>518</sup> Ibid, pg. 21

<sup>519</sup> Ibid, pg. 26

<sup>520</sup> Cf. Ibid, pg. 33

vista profético e também em seu pensamento teológico. Para Karl Barth estas três esferas não se separavam, como acabou acontecendo no Pentecostalismo brasileiro.

A relação de Barth com os seus paroquianos foi uma experiência marcante e, o contexto que encontrou naquela pequena cidade, um campo fértil para o engajamento e a luta por direitos humanos.

Safenwill era uma cidade agrária e industrial, composta por 1625 habitantes, dos quais cerca de 1500 eram protestantes<sup>521</sup>. A maioria dos trabalhadores assalariados da cidade dependiam da indústria da família Hüssy, onde um dos donos era membro ativo da Igreja de Karl Barth.

O século XIX foi marcado por uma série de reflexões sobre as relações entre os trabalhadores e os patrões, já que naquele contexto a situação do proletariado era alarmante. Neste período surgiram as reflexões e críticas de Karl Marx, bem como a publicação da Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII.

No início do século XX as condições ainda não são favoráveis e Barth percebeu isso de perto em sua comunidade. Os trabalhadores tinham longas jornadas de trabalho sem justa remuneração, porém, foi a situação das mulheres o que mais mexeu com Barth.

A família Hüssy tinha uma tecelagem onde trabalhavam muitas mulheres, estas tinham de enfrentar longas jornadas de trabalho, salários irrisórios e não tinham capacidade de reivindicação<sup>522</sup>. Todas as vezes que as mulheres tentavam se organizar em sindicatos, o dono da tecelagem as demitia, foi então que Barth percebeu que era necessário se envolver naquela situação injusta. Já em outubro de 1911, Karl Barth começou a fazer palestras para a associação das mulheres trabalhadoras que ainda estava em formação e, auxiliou as mesmas para a formação de sindicatos<sup>523</sup>.

Barth partia do pressuposto que Jesus sempre tomou o lado dos injustiçados e excluídos e que convocava seus discípulos a fazerem o mesmo. Fez uso de suas palestras e de seu próprio púlpito para defender o direito às condições justas de trabalho naquela cidade.

---

<sup>521</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 60

<sup>522</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 80

<sup>523</sup> Ibidem

Em 1912, Barth lançou o slogan: *Salário, trabalho, vida*, e se dedicou no aprofundamento dessas questões tão relevantes. Consequentemente, Barth teve de enfrentar a oposição de Walter Hüsey, que o acusou de ser um *idealista ridículo* e, pouco depois foi seu primo Gustav Hüsey, presidente do conselho de sua igreja, quem pediu exoneração do cargo que exercia<sup>524</sup>.

A luta por igualdade e justiça por parte de Barth começou antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, na verdade isso sempre esteve presente em seu ideal pastoral e teológico. Certamente com a força de mobilização que o Pentecostalismo possui no Brasil, se houvesse o mesmo engajamento em favor dos pobres (maioria do movimento) a situação social e humana de milhares de pessoas poderia já ter sido transformada, porém, o dualismo que tem pautado esse assunto tem causado distanciamento entre a igreja e a sociedade e, quando o movimento apoia causas políticas tem sido apenas para eleger seus próprios candidatos para defender interesses isolados.

Assim como na maioria das comunidades pentecostais brasileiras, a igreja local de Barth em Safenwill era caracterizada por pessoas simples e com pouca instrução intelectual. Sua atividade pastoral os guiou na luta por um futuro mais justo e melhor. Barth respeitava sua comunidade como pessoas que queriam ouvir a Palavra de Deus e como sujeitos da produção teológica e não, como meros espectadores do mesmo processo.

Barth usou o seu púlpito como local de defesa das pessoas simples de seu rebanho e de lá fez algumas pregações marcantes, como: *Direitos humanos e deveres cívicos, Religião e sociedade, Jesus e o movimento operário*<sup>525</sup>. Barth não só fez do púlpito um lugar de luta como desceu do mesmo quando necessário e foi as ruas na luta pelos direitos dos trabalhadores daquela explorada cidade.

Karl Barth ficou decepcionado com o manifesto dos *93 intelectuais* de tal maneira que se desencantou com o modelo liberal e constatou que a teologia produzida no século XIX, de caráter liberal e progressista, não tinha mais futuro<sup>526</sup>. Se foi verdade que os conceitos de progresso e a ênfase dada na capacidade humana influenciou diretamente a Teologia do século XIX, o colapso que esta estrutura experimentou com o fim da Primeira Guerra também causou grande desconfiança

<sup>524</sup> Ibidem

<sup>525</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 70

<sup>526</sup> BARTH, Karl. **The humanity of God**. Richmond: John Knox Press, 1964. Pg. 14

na exegese, na crítica histórica e na dogmática de então. Barth, com o seu modo integral de viver a fé, entendeu que da mesma forma que os liberais se equivocaram ao assinar o manifesto beligerante, poderiam ter se equivocado em outros elementos da fé e, portanto, eram dignos de desconfiança.

Barth acreditava que o verdadeiro Socialismo se harmonizava com o verdadeiro Cristianismo<sup>527</sup>. O Socialismo Religioso crescente na Suíça de sua época, exerceu influência sobre o seu pensamento. Em 1915 se filiou ao Partido Social Democrata, embora nunca tenha sido candidato a algum cargo eletivo, o que não o impediu de lutar pelas causas verdadeiramente políticas até o fim de sua vida, numa atitude profética.

No período em que esteve em Safenwill conheceu Eduard Thurnyessen, que seria seu amigo por toda a vida. Também conheceu a obra de Herrmann Kutter e Leonard Ragaz e o Socialismo Religioso desenvolvido por eles.

Herrmann Kutter foi o primeiro no desenvolvimento do Socialismo Religioso na Suíça, que associava a esperança escatológica do Reino de Deus com a crença no progresso socialista. Kutter acreditava que o Socialismo era uma parábola que ilustrava o Reino de Deus<sup>528</sup>.

Kutter denunciava a igreja de sua época de se dizer cheia de fé e que nada fazia para mudar a estrutura político-social daquele cenário, dizia ainda que os cristãos nada faziam para mudar o quadro de miséria e sofrimento existente entre os seres humanos, diferentemente do Socialismo. Kutter convocou a Igreja a se arrepender e renovar sua fé no Deus apresentado pela Bíblia<sup>529</sup>.

Kutter, que teve influências pietistas em sua formação, rejeitou o conceito de salvação individual e de alegria apenas no porvir como defendia o movimento, mas enfatizou que o Reino de Deus era integral e, portanto, não fazia distinção entre os assuntos externos e os internos. O Reino de Deus desejava estabelecer uma plena realização de justiça e paz entre homens e mulheres já nesta terra<sup>530</sup>.

Leonard Ragaz foi influenciado pelas ideias de Kutter. Ragaz era um pastor na cidade de Basler Munster que muito se interessava por questões sociais. Ambos

<sup>527</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 70

<sup>528</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 81

<sup>529</sup> Ibidem

<sup>530</sup> Ibid, pg. 82

são considerados os fundadores do Socialismo Religioso na Suíça, exercendo influência sobre o pensamento de Barth.

Com a inspiração de Kutter e Ragaz e a companhia de Thurneysen, Karl Barth foi um dedicado lutador pelos direitos dos trabalhadores de sua comunidade e defendeu a tese de que os cristãos deveriam ter uma postura relevante diante da sociedade. Dizia que “se a Igreja fosse de fato Igreja, o mundo notaria que a Igreja existe”.

O envolvimento de Barth com os movimentos sociais aumentou a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, quando a ênfase exagerada no progresso e no cientificismo entraram em colapso dando sua versão mais destrutiva. Até aquele momento, nunca tinha ficado tão claro a necessidade da Igreja se engajar na defesa da dignidade humana, especialmente dos menos favorecidos. Nos anos que se seguiram ao fim da Primeira Guerra, um tumultuado período de instabilidade política e social tomou conta da Alemanha: o Império chegou ao fim e foi feita uma tentativa republicana que se mostrou frustrada. A República de Weimar se mostrava incapaz de dar conta diante das demandas do mundo pós-guerra.

Barth esteve atento aos acontecimentos políticos na Europa. Em 1919 na pequena cidade suíça de Zimmerwald, se deu a reunião da *Terceira Internacional*, com a presença de grandes ícones do socialismo como Vladimir Lenin, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg. Karl Barth e Eduard Thurneysen participaram desta reunião durante um dia e meio, depois disso, se retiraram e se distanciaram de alguns caminhos que o movimento estava tomando.

Apesar dos posicionamentos mais alinhados à esquerda política, Barth nunca foi um militante propriamente comunista e no período da Guerra Fria também criticou o bloco socialista. Para ele o engajamento a favor dos mais vulneráveis não era uma questão de comunismo, mas de discipulado cristão, que fez as mesmas opções bem antes da corrente política do século XIX.

Por causa de sua luta em defesa das operárias de Safenwill, Barth foi conhecido como *o pastor vermelho*<sup>531</sup>. Ao longo de toda a sua vida, Barth esteve inteirado nas questões políticas e adotou posturas equilibradas e sóbrias.

---

<sup>531</sup> SANTA ANA, Julio. **Karl Barth e o socialismo**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986. Pg. 32

### 4.3.2

#### O engajamento de Barth durante a vigência do Nazismo

Karl Barth seguiu de perto o conselho que ele próprio dava para os seus alunos de manterem numa das mãos Bíblia e, na outra os jornais. Barth sempre relacionou a mensagem da fé com a concretude da vida ordinária, sempre esteve atualizado nos principais temas políticos e sociais, entendendo que como teólogo precisava dar a sua contribuição para um mundo mais justo e melhor. Seu engajamento era consequência de sua fé, pois, considerava incoerência orar por um Estado justo sem de fato, fazer nada para que o Estado fosse mais justo<sup>532</sup>.

O posicionamento de Barth se explica pela forma integral como ele viveu sua fé em Jesus, diferentemente da concepção dualista do pentecostalismo brasileiro que entendeu a política como um assunto *carnal* e, como tal não devia ser preocupação dos cristãos. Com isso, a Igreja pentecostal brasileira tem perdido grandes possibilidades de ser relevante na sociedade, especialmente junto dos pobres, público com o qual lida majoritariamente em sua prática pastoral.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, Barth acompanhou o delicado momento pelo qual a Alemanha passou com o esfacelamento do Império e a formação da frágil República de Weimar.

O Tratado de Versalhes de 1919 foi impiedoso com os alemães: eles foram culpados de todos os crimes de guerra, tiveram de se desmilitarizar, devolver territórios e pagar vultuosas indenizações de guerra<sup>533</sup>. O orgulho alemão ficou ferido, o país mergulhado num caos político e social que se agravou ainda mais com as consequências da quebra da Bolsa de Nova Iorque de 1929 e, todo esse cenário abriu caminho para o ultranacionalismo no país<sup>534</sup>.

A República de Weimar estabeleceu um regime parlamentarista democrático com uma Constituição Liberal. Este período foi marcado por grande instabilidade política, com quinze governos em quatorze anos e, por uma enorme incapacidade de resolver os principais problemas da nação. Em 1930 nas eleições legislativas, o Partido Nacional-Socialista (nazista) alcançou uma maioria relativa de cerca de

<sup>532</sup> CORNU, Daniel. **Karl Barth teólogo da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. Pg. 79

<sup>533</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 101

<sup>534</sup> HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos 1914 – 1989**. 2ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012, pg. 95

44% das cadeiras do *Reichstag*<sup>535</sup>, tendo como segundo partido mais representado, os Comunistas.

Em janeiro de 1933 o então presidente Paul von Hindenburg, já idoso e com saúde debilitada, concordou em convidar Adolf Hitler para formar o novo governo<sup>536</sup>. No mês de fevereiro um atentado ao prédio do *Reichstag*, foi usado para culpar os comunistas e legitimar uma série de políticas autoritárias e que restringiram os direitos dos cidadãos alemães. Em pouco tempo, o golpe nazista estava consolidado, Hitler assumiu as prerrogativas de chefe de governo e chefe de Estado e o poder legislativo praticamente foi dissolvido.

É interessante e ao mesmo tempo perturbador perceber o papel do cristianismo nesse contexto. A população da Alemanha na década de 30 era composta por uma grande maioria de cristãos, entre protestantes e católicos. Numa democracia ninguém consegue formar um governo se não tiver o apoio da maioria da população. Inúmeros cristãos viram a ascensão do nazismo no país como um *milagre divino* que salvaria a Alemanha do caos. Muitos ainda defenderam o nazismo como um mal menor entre o liberalismo da Constituição de Weimar e o perigo ateu do Comunismo que crescia em toda a Europa<sup>537</sup>.

Desde o primeiro ano, Hitler deixou clara a sua intenção de controlar bem de perto a Igreja da Alemanha. Sua intenção incluía a criação do cargo de Bispo do Reich, que foi ocupado por Ludwig Muller, depois da coerção imposta a Friedrich Bodelschwingh a renunciar<sup>538</sup>.

Houve a tentativa de se criar uma única Igreja Evangélica Alemã que prestaria obediência irrestrita ao *fuhrer*, a revisão de todo o conteúdo de fé cristã que fizesse qualquer menção ao judaísmo, além da proibição de permanecer no ministério qualquer pastor que tivesse ascendência judaica.

Nesse período, Barth foi contratado pela Universidade de Bonn em 1930, para substituir Otto Ritschl, filho de Albrecht Ritschl. Barth aos 44 anos de idade já era um teólogo respeitado e reconhecido em toda a Alemanha e sua chegada a Bonn trouxe prestígio a instituição<sup>539</sup>. Barth enfrentaria a partir daquele momento, seu

<sup>535</sup> *Reichstag* era o Poder Legislativo alemão.

<sup>536</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 12

<sup>537</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana.** Pg. 102

<sup>538</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 22

<sup>539</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana.** Pg. 109

engajamento mais duro e perigoso de toda a sua vida, mas ele não recuou. Na mesma noite em que Bodelschwingh foi forçado a renunciar ao cargo de Bispo, ele escreveu um célebre artigo chamado *Existência Teológica Hoje* (*Theologische Existenz Heute*), no qual expôs sua preocupação com os últimos acontecimentos políticos e eclesiais no país e seu receio sobre o futuro da Igreja Alemã. No artigo Barth conclamou os cristãos a proclamarem a Palavra de Deus em sua integridade<sup>540</sup>. O impacto do escrito foi tão grande que em um mês foram vendidos 17 mil exemplares do artigo.

Em julho de 1933, o *Reichstag* reconheceu oficialmente a criação da *Igreja Evangélica Alemã* e, 75% dos cargos eclesiais públicos disponíveis foram preenchidos por lideranças alinhadas ao modelo nazista. No mesmo ano, Barth se desligou da revista *Zwischen de Zeiten*, por considerar que suas publicações, especialmente as de Friedrich Gogarten, eram essencialmente relacionadas as teses nazistas<sup>541</sup>.

Também foi exigido que todos os professores de teologia e pastores, enquanto funcionários públicos, assinassem uma declaração de fidelidade incondicional a Hitler. Barth, entre outros, se recusou a assinar. Além disso, fez parte e foi um dos principais articuladores da Igreja Confessante, um grupo de cristãos que resistiu à tentativa de domínio nazista na Igreja. Além de Barth estava naquele grupo Dietrich Bonhoeffer, Martin Niemoeller, Eduard Thurneysen, Paul Tillich, dentre outros.

Karl Barth se negou a começar suas aulas com a saudação nazista, continuou abrindo seus trabalhos com uma oração. Além disso, teve seu título de doutor pela Universidade de Munique cassado, sua aposentadoria declarada compulsoriamente, sendo depois revista, mas com multa de boa parte de seu salário, até que foi demitido pela Universidade de Bonn em 1935<sup>542</sup>. Neste momento Barth percebeu que era hora de sair do país e, como era suíço, retornou para a sua terra natal, sendo contratado dois dias depois pela Universidade da Basileia, onde trabalhou praticamente até o fim de sua carreira em 1962.

A Igreja Confessante teve papel importante na luta contra o autoritarismo do movimento nazista. Ela logo percebeu a ameaça e reagiu. Nos dias 3 e 4 de janeiro

<sup>540</sup> BARTH, Karl. *Existência teológica hoje* in ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 144

<sup>541</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**, pg. 111

<sup>542</sup> Ibid, pg. 115

de 1934 aconteceu o Sínodo de Barmen. Lá estavam presentes 320 conselheiros sinodais e pastores, representando 167 igrejas<sup>543</sup>. O objetivo do Sínodo era estudar uma confissão de fé que fosse mais relevante para aquele momento. Assim como Barth, os pastores que fizeram parte da Igreja Confessante não aceitaram prestar fidelidade incondicional ao Estado, pois, diziam que apenas Jesus Cristo era digno de receber a obediência incondicional da Igreja.

O impacto inicial da Igreja Confessante foi tal que o próprio Hitler se reuniu com um grupo de representantes do movimento ainda em janeiro de 1934. O chanceler, aparentemente, queria buscar um consenso, o que, na verdade, nunca aconteceu. Durante as conversas, um telefonema de Martin Niemoller falando sobre as relações de Hitler e Hindenburg foi interceptado, o líder nazista se enfureceu e as conversas cessaram, alguns pastores se decepcionaram com o conteúdo da conversa e consideraram traição de Niemoller<sup>544</sup>.

A Igreja Confessante se reuniu novamente em fevereiro de 1933 com maior adesão que na primeira reunião. Na segunda ocasião as discussões teológicas foram retomadas e a liderança da Igreja Alemã não foi reconhecida. Em princípio, a oposição da Igreja Confessante não era política, mas contra a dominação da Igreja por parte do Estado.

Os *confessantes* não aceitaram o dualismo proposto por Hitler de que os assuntos terrenos seriam de sua responsabilidade enquanto que os pastores deveriam cuidar apenas dos assuntos espirituais. Lamentavelmente esse dualismo tem sido praticado por muitos pentecostais brasileiros que ainda consideram que os assuntos políticos não devem ser de interesse da Igreja, isso se deve também a sua visão milenarista, de considerar o mundo irremediavelmente mal e só o retorno de Jesus pode trazer a paz para os cristãos fiéis.

Na Alemanha da década de 30, os pastores protestaram reafirmando que qualquer assunto que dizia respeito à dignidade humana, a liberdade da Igreja e a proclamação do Evangelho são de interesse essencial por parte da Igreja. Karl Barth reafirmou, categoricamente, que não existia nenhuma esfera da vida humana que fugia do senhorio de Jesus Cristo, toda a vida de um cristão deve se submeter

---

<sup>543</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 39

<sup>544</sup> Ibid, pgs 59-60

incondicionalmente ao pastoreio de Jesus<sup>545</sup>. Era contrário à doutrina luterana dos dois Reinos, para ele a Igreja e o Estado são duas realidades interdependentes entre si, e ambas dependentes do senhorio de Cristo, a Igreja como círculo interno e o Estado como círculo externo<sup>546</sup>. Barth assim negava a doutrina dualista do Estado, amplamente explorada pelo nazismo e tão pregada no Brasil no meio pentecostal como se as duas realidades fossem antagônicas uma da outra.

Karl Barth teve o discernimento de perceber o perigo do nazismo por causa de sua fé integral, dizia que aqueles que se decidiram pela fé cristã não tinham mais tempo para se desviarem dela, pois, decidir-se pela fé é submeter-se a Deus como Senhor da pessoa humana em todas as áreas de sua vida<sup>547</sup>. Para Barth, confessar a fé em Jesus era levar o Evangelho ao encontro com a realidade, fosse ela eclesial, teológica ou espiritual, mas também incluía o social, cultural, econômico e político. Barth foi claro em dizer que os *confessantes* seriam mudos como *carpas* se elaborassem uma declaração de fé que não falasse nada a respeito do Estado totalitário<sup>548</sup>.

Lutar pelos oprimidos do sistema político, lutar por justiça e democracia era para Barth uma consequência natural e inevitável da fé cristã, pois a mesma começa com a Revelação, que é inseparável do testemunho e da confissão. Para o teólogo, a fé em Jesus é vivida no campo de batalha cotidiano e não num palco ou na tranquilidade de um gabinete pastoral<sup>549</sup>.

A Igreja Confessante continuou se reunindo e no Sínodo Geral de maio de 1934 foi elaborada a Confissão de Fé de Barmen e, coube a Karl Barth a redação do texto final. As teses poderiam ser resumidas da seguinte maneira:

I. Sustenta a ideia de que Jesus Cristo é a única Palavra de Deus na qual a Igreja deve confiar e obedecer na vida e na morte<sup>550</sup>. É a declaração por parte dos *confessantes*, de que somente a Jesus Cristo a Igreja deveria obedecer incondicionalmente;

<sup>545</sup> NASCIMENTO, André dos Santos Falcão. **Nazismo e cristianismo**. São Paulo: Fonte, 2012, pg. 69

<sup>546</sup> BARTH, Karl. **The christian community and the civil community in Against the stream**. London: SCM, 1954, pg. 33

<sup>547</sup> BARTH, Karl. **Reforma é decisão** in: ALTMANN, Walter (Org). **Op. Cit.** Pg. 172

<sup>548</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 47

<sup>549</sup> BARTH, Karl. **Revelação, igreja, teologia** in: ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 181

<sup>550</sup> Cf. João 14.6

II. Trata da reivindicação de Deus como Senhor de toda a nossa existência<sup>551</sup>. É a afirmação de que não existia nenhuma área da vida humana que não pertencesse ao senhorio de Cristo. É uma afirmação integral, que descartava a tentativa dualista por parte do nazismo;

III. Reafirma que a Igreja cristã é a comunidade de irmãos na qual Jesus Cristo age como Senhor na Palavra e nos sacramentos através do Espírito Santo<sup>552</sup>. Esta tese recusava a ideia de que a Igreja poderia adaptar sua mensagem de acordo com a ideologia política;

IV. É uma declaração de humildade por parte da Igreja de acordo com o ensinamento de Jesus<sup>553</sup>. A Igreja está reafirmando sua posição de se opor ao totalitarismo do regime nazista bem como a figura de autoridade centralizadora que o bispo do *Reich* significava;

V. Nesta tese, os *confessantes* afirmam que não eram contrários ao Estado e nem se opunham politicamente a ele<sup>554</sup>. A oposição passa a existir quando este Estado se torna totalitário e exige obediência incondicional. A tese afirma que o Estado não pode assumir a missão da Igreja e que a mesma não pode ser resumida apenas um órgão do Estado. Cabe a Igreja obedecer apenas a Deus de modo incondicional;

VI. A Confissão de Barmen entende que a missão da Igreja repousa na liberdade e que é a missão de transmitir ao ser humano a mensagem da graça de Deus<sup>555</sup>. A tese rejeitava qualquer possibilidade de a Igreja colocar a mensagem da graça a serviço de alguma ideologia ou interesse partidário<sup>556</sup>.

A Igreja Confessante ainda fez outros dois Sínodos, um na cidade de Dahlen e outro na histórica cidade de Augsburg<sup>557</sup>, porém, a essa altura diante das perseguições abertas do nazismo, os participantes decidiram dar um tom mais

<sup>551</sup> Cf. 1 Coríntios 1.30

<sup>552</sup> Cf. Efésios 4.15-16

<sup>553</sup> Cf. Mateus 20.25-26

<sup>554</sup> Cf. 1 Pedro 2.17

<sup>555</sup> Cf. Mateus 28.20

<sup>556</sup> As teses da Declaração de Fé de Barmen estão disponíveis no site: <http://www.luteranos.com.br/textos/a-declaracao-teologica-de-barmen>. Acessado em 30/03/2018, às 11:49.

<sup>557</sup> A cidade de Augsburg teve importância para os protestantes alemães porque nela, Lutero enfrentou uma Dieta no período da Reforma e, anos mais tarde Filipe Melanchton apresentou a Confissão de Fé de Augsburg, a primeira confissão de fé reformada.

ameno aos protestos e mesmo com o incentivo de Bonhoeffer e Niemoller de que os *confessantes* não desanimassem, o movimento acabou perdendo o fôlego<sup>558</sup>.

Durante a tentativa nazista de dominação da Igreja o texto do apóstolo Paulo, que supostamente convocava os cristãos romanos a se submeterem ao Estado de modo incondicional foi indiscriminadamente usado para reivindicar subordinação ao Estado nazista. Este mesmo texto foi igualmente usado no Brasil durante a implantação do Regime Militar da década de 60, que causou o silêncio de muitos setores da Igreja.

No pensamento político de Barth, o texto de Romanos 13 era propositadamente mal interpretado. O teólogo dizia que existia o Estado legítimo, quando o mesmo cumpria o seu papel de zelar pelo bem-estar do povo, garantindo seus direitos básicos, promovendo justiça e igualdade, porém, todas as vezes que o Estado não cumpria o seu papel e gerava injustiça e auto favorecimento, este Estado se tornava ilegítimo e, portanto, não deveria ser obedecido<sup>559</sup>.

No período do nazismo uma ampla revisão de hinários, catecismos e da própria Bíblia foi feita pelo Estado. O intuito além de eliminar a influência judaica era de rever a apresentação de Jesus como um Deus-sofredor e apresenta-lo como um ariano, glorioso e triunfante, que só foi morto por causa da traição dos judeus<sup>560</sup>.

A tentativa de rejeitar a humanidade de Jesus levava a rejeição da essência da mensagem cristã. Para Karl Barth, a onipotência de Deus consistia na liberdade de tornar-se fraco por amor e de caminhar pela via que conduziu à crucificação. Deus demonstrou ser verdadeiramente poderoso porque ousou se tornar fraco e se solidarizar com as mazelas humanas para lhe oferecer perdão e salvação. Barth estava convicto de que Deus sempre se coloca ao lado do pobre de modo incondicional e apaixonado, sendo contrário aos arrogantes e exploradores, Deus estava sempre ao lado do excluído<sup>561</sup>.

Mesmo depois que saiu da Alemanha, Barth continuou atento e engajado politicamente. Cria que a Igreja precisava sempre ter uma postura profética diante da exploração e do domínio. Para ele, o papel da Igreja era se posicionar com

<sup>558</sup> LUTZER, Erwin. **A Cruz de Hitler**. São Paulo: Vida, 2003, pg. 172

<sup>559</sup> BARTH, Karl. **Existência teológica hoje** in ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 153

<sup>560</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 34

<sup>561</sup> SANTA ANA, Julio. **Karl Barth e o socialismo**. Pg. 28

humildade e disposição para o serviço, sendo que qualquer forma de dominação humana, constitui em prática pervertida e pecaminosa.

Da Basileia, Barth continuou pregando e se envolvendo na luta contra o nazismo, por exemplo em 1938 aconteceria o *Anchluss*, a anexação da Áustria pela Alemanha e logo após das regiões germânicas da Tchecoslováquia. Na ocasião, Barth escreveu uma carta para o pastor e teólogo tcheco, Josef Hromádka incentivando os cristãos do país a lutarem contra o nazismo em nome da consciência de Evangelho<sup>562</sup>. Barth continuava o engajamento de modo visceral, se recusando a fazer qualquer separação entre a sua fé e a sua prática. A carta a Hromadka teve grande repercussão, nela o teólogo suíço falou sobre a terrível situação de países que estavam vivendo sob o domínio nazista. Barth disse que a única prática política que a Igreja deveria aceitar era a que estabelecia a liberdade e o direito<sup>563</sup>.

Karl Barth unia a devoção com a prática de modo harmônico. Ele não deixava de orar, conclamou a Igreja a orar pela queda do Regime Nazista e orava pela paz das populações europeias que estavam dominadas por ditaduras<sup>564</sup>. Porém, suas orações não se tratavam de alienação política. Ao mesmo tempo em que orava, continuava a se engajar, pois, cria que a fé em Jesus tem consequências de discipulado práticas. Lamentavelmente em muitas Igrejas Pentecostais brasileiras a oração é um reflexo de alienação, a espiritualidade muitas vezes tem sido praticada de modo dualista, o que acaba por separar a devoção da ação concreta que tanta diferença poderia fazer.

O nazismo caiu ao fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, quando isso aconteceu, Barth alertou as nações de não cometerem o mesmo erro que foi cometido pelo Tratado de Versalhes em 1919 e, que fosse proposto um acordo de paz razoável para com a Alemanha, a fim de que nenhum sentimento fosse mais ferido<sup>565</sup>. Karl Barth acreditava, assim como outros pensadores da época, de que se em Versalhes fosse feito um acordo de paz que respeitasse o povo alemão, o nazismo não teria sido mais que uma seita política restrita e isolada da Alemanha.

Para a fé integral de Barth não havia separação entre o pastor, o teólogo e o profeta. Todas essas atividades eram consequências inevitáveis e inseparáveis da fé

<sup>562</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 82

<sup>563</sup> Ibid, pg. 85

<sup>564</sup> BARTH, Karl. **Senhor, ouve nossa oração.** São Leopoldo: Sinodal, 2013, pg. 30

<sup>565</sup> ANTUNES, Sandoval. **Resenha de Daniel Cornu.** Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986. Pg. 59

em Jesus Cristo e de tomar como suas, as causas abraçadas pelo Mestre. Para Barth o discipulado baseava no constante diálogo entre o pensamento e a vida e, a experiência dos que tem sido testemunhas da revelação de Jesus Cristo<sup>566</sup>.

Barth não comungava da crença pietista, tão presente no pentecostalismo brasileiro, de que Jesus veio a terra para salvar as almas dos seres humanos. Para o teólogo o mesmo Jesus que nos salva é o que mantém todas as coisas e nos convoca a que tenhamos uma postura pela paz e pela dignidade humana<sup>567</sup>. Jesus não veio a terra apenas para salvar almas, Ele veio a terra para salvar a humanidade em sua vida completa.

Se no meio pentecostal brasileiro as divisões entre o pastor, teólogo e profeta são bem definidas e em muitos casos excludentes, para Karl Barth não havia quaisquer distinções entre tais atividades. Para o teólogo suíço, as três tarefas se relacionam numa síntese harmoniosa do chamado de Jesus ao discipulado cristão.

### 4.3.3

#### O engajamento de Barth após a Segunda Guerra Mundial

Após o término da Segunda Guerra em 1945, o mundo ficou novamente atordoado pelas consequências de sua própria ganância. A humanidade cada vez se tornava mais destrutiva. O mundo caminhava para uma bipolarização entre duas filosofias políticas antagônicas que disputariam a hegemonia mundial: de um lado, a influência dos capitalistas norte-americanos, de outro lado, a influência dos comunistas soviéticos, era a chamada Guerra Fria que duraria até o fim da década de 80.

A consequência mais destrutiva e preocupante da Segunda Guerra foi a bomba atômica, lançada pelos Estados Unidos no Japão, num momento em que a guerra já estava praticamente terminada.

Karl Barth foi um dos teólogos que protestou contra o terror nuclear. Barth chamou a arma atômica de *horror da nova invenção*<sup>568</sup>. Para Karl Barth a guerra era um problema de toda a humanidade, ninguém poderia ficar neutro diante de tais acontecimentos, mesmo alguém que vivesse num país, aparentemente não afetado

<sup>566</sup> SHAULL, Richard. **A influência de Karl Barth**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986. Pg. 17

<sup>567</sup> Ibid, pg. 18

<sup>568</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 179

pelos conflitos<sup>569</sup>. A guerra era uma evidência do fracasso humano em sua busca pelo progresso.

Em 1957, um jornal de Berlim Ocidental solicitou a opinião de Barth quanto a bomba nuclear. Barth respondeu dizendo que toda a humanidade precisava estar atenta a essa questão e que as vozes precisavam se levantar em protesto contundente, pois, tal ameaça não dizia apenas respeito a poder ou a ideologia, mas era uma ameaça contra a própria humanidade<sup>570</sup>. Para Barth as bombas atômicas e as bombas táticas eram injustificadas fossem usadas pelos capitalistas ou pelos comunistas.

Karl Barth considerou a tecnologia nuclear como um perigo medonho e, convocou as Igrejas para se unirem ao protesto contra tal ato de malignidade. No dia 7 de janeiro de 1959, Karl Barth escreveu uma carta endereçada ao Congresso Europeu contra Armas Atômicas.<sup>571</sup> O teólogo suíço não acreditava que a solução para os perigos da humanidade fosse simplesmente uma vitória dos Estados Unidos sobre a União Soviética. Barth não se iludiu como muitos, pois, tinha consciência de que tais conflitos eram motivados simplesmente por disputa por poder e por áreas de influência. Para Barth, o remédio para a humanidade seria um trabalho sério em prol da paz e da compreensão entre os povos.

A Teologia precisava se repensar novamente e dar respostas significativas diante dos horrores que a humanidade presenciava. Daí surgiria a Teologia da Esperança de Jurgen Moltmann, fruto de uma experiência religiosa de quem viveu de perto o pavor da guerra. Karl Barth ainda viveu mais de duas décadas após o término da Segunda Guerra e deu sua contribuição para os desdobramentos mundiais que se seguiriam.

Como Barth tinha adotado um claro posicionamento na época da Primeira Guerra e foi um dos teólogos mais ativos durante o período do nazismo na Alemanha, muitos cobraram dele uma tomada de postura neste novo cenário. Para muitos, essa tomada de postura era simplesmente estar do lado dos Estados Unidos. Barth sempre se posicionou, porém, foi mais moderado na Guerra Fria. Entendeu que o cenário não era idêntico ao anterior em que se sabia com clareza de que lado estava o mal. Depois da guerra, Barth disse que capitalistas e comunistas queriam

---

<sup>569</sup> Ibid, pg. 180

<sup>570</sup> BARTH, Karl. **A Igreja no confronto Leste-Oeste** in ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 339

<sup>571</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 186

a mesma coisa: o poder! Por essa causa, Barth preferiu não tomar partido para ter a autonomia necessária e poder criticar ambos os sistemas quando achasse por bem<sup>572</sup>.

Emil Brunner o criticou querendo que Barth logo se posicionasse ao lado dos Estados Unidos. Barth criticou a falta de liberdade existente no sistema soviético, mas, também classificou como diabólico o fato dos Estados Unidos lançarem toneladas de alimentos ao mar num mundo marcado pela fome, somente por não terem para quem vender tais produtos.

Barth disse que o modelo soviético, embora fosse ateu, não se escondia atrás de uma máscara cristã e nem tampouco, queria divinizar o Estado ou alinhar a Revelação com a doutrina comunista<sup>573</sup>. Em diálogo com o Pastor tcheco Josef Hromadka, Barth percebeu que, de certa forma, o cenário para o cristianismo protestante em alguns países socialistas acabou sendo favorável, pois, pelo fato de querer manter distância da religião acabou dando ao protestantismo condições semelhantes ao catolicismo.

Para Karl Barth o papel da Igreja era o de proclamar a Palavra de Deus com autonomia e, para tal não poderia se identificar com nenhum *ismo*, seja do lado que fosse, ao mesmo tempo em que não podia negar nenhum deles<sup>574</sup>.

O engajamento político de Barth não se resumiu a engajamento eleitoral ou ideológico. A postura política de Barth seria um excelente conselho a ser dado para os pentecostais brasileiros de nosso tempo, pois, possuem a capacidade de se comunicarem com grandes massas e, ao invés de se ocuparem dos temas políticos de fato, se restringem a interesses particularizados que se manifestam tão somente nos pleitos eleitorais.

Em 1947 Barth fez uma viagem para a Hungria a convite de cristãos que viviam naquele país. No país comunista, Barth pôde entender melhor o cenário político e viu que apesar das nítidas dificuldades que as pessoas tinham de viver num país da *cortina de ferro*, também encontrou por lá pessoas mais tranquilas e serenas que na Basileia. Barth recebeu críticas de pessoas ligadas ao governo suíço que o acusaram de fortalecer o Partido Comunista Suíço com suas posições, mas,

<sup>572</sup> BARTH, Karl. **A Igreja no confronto Leste-Oeste** in ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 339

<sup>573</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 164

<sup>574</sup> *Ibid*, pg. 147

não há nenhum indício do alinhamento de Barth com este ou outro partido político naquele contexto.

Quando criticado por setores cristãos, Barth dizia que a Igreja não deveria lidar com a situação de maneira política, como ele sempre deixou claro que seu engajamento era motivado pela fé, pois, se fizessem de modo político certamente a Igreja ocidental ficaria do lado dos Estados Unidos e demonizaria a União Soviética. Barth fez o alerta de que os Estados Unidos também adotavam posturas anticristãs e faziam as suas vítimas<sup>575</sup>.

A maior preocupação de Barth era com uma nova guerra e, para isso ele conclamou os cristãos para estarem atentos e isentos para poderem se posicionar com energia diante desse perigo. Para Barth a Igreja não deveria se alinhar com nenhum dos dois caminhos, mas deveria ser um terceiro caminho, que lutaria pela paz.

O teólogo entendia que para a Igreja ser a terceira alternativa ela deveria ouvir os dois lados para poder se posicionar de modo relevante e equilibrado em prol de um bem maior que qualquer ideologia. Ao mesmo tempo que Barth defendia a tese de que a Igreja deveria testemunhar de modo sério e aberto a sua própria fé<sup>576</sup>.

Karl Barth partia da premissa que era característica essencial da Igreja ouvir. Ouvir os iguais e ouvir os diferentes. Certamente este seria um bom conselho de Barth ao Pentecostalismo brasileiro no qual, frequentemente, se manifesta a tendência univocizante, que busca calar e punir as vozes dissonantes. Tal tendência é lamentável sobretudo no Brasil atual com suas tendências sociais e políticas tão desequilibradas.

Barth reconhecia o valor do Estado, desde que esse fosse legítimo, já o Estado ilegítimo era causador de muitos males à sociedade e deveria ser combatido. Esse combate deveria acontecer pelo engajamento de uma fé integral, pois, a verdadeira revolução vem de Deus e não da rebelião dos homens<sup>577</sup>.

No Brasil do período da Guerra Fria, o Movimento Pentecostal que começava a se popularizar foi um *porta-voz* da política norte-americana. A influência que o capitalismo exerceu no cristianismo ocidental fez com que os evangélicos brasileiros fizessem a leitura de que a União Soviética era o palco de onde se

<sup>575</sup> BARTH, Karl. **A Igreja no confronto Leste-Oeste** in ALTMANN, Walter. **Op cit.** Pg. 345

<sup>576</sup> BARTH, Karl. **Decisão política na unidade da fé** in ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 384

<sup>577</sup> BARTH, Karl. **Carta aos romanos.** São Leopoldo: Sinodal, 2016. Pg. 382

manifestaria o anticristo e que todos os cristãos verdadeiros deveriam abominar todo indício de comunismo. Essa postura do Pentecostalismo, que se repete no tempo presente, mais tem a ver com a influência norte-americana na cultura cristã brasileira que com alguma reflexão aprofundada do ponto de vista político.

Quando a Hungria foi invadida por tropas soviéticas em 1956, Barth assinou um telegrama endereçado a Aliança Reformada Mundial e sua contribuição serviu para a libertação de dois pastores que haviam sido presos<sup>578</sup>.

Além de sua atenção à questão húngara, Barth também se preocupou com a situação da Igreja na Alemanha Oriental. Naquele país só era permitido o funcionamento da Igreja oficial e com isso, muitos estavam sendo presos pelo sistema político. Barth denunciou a situação escrevendo uma carta para o ministro de Estado da Alemanha Oriental dizendo que a partir do momento que não é dada liberdade à Igreja, ela deixa de ser Igreja cristã. Barth solicitou que o governo arrefecesse e soltasse os presos religiosos que o sistema havia feito.

Na última etapa de sua vida, Karl Barth se dedicou à causa ecumênica, até porque depois da Segunda Guerra Mundial, creu que se o cristianismo não se dedicasse ao diálogo e a unidade ele poderia se tornar irrelevante diante do contexto que o mundo estava vivendo. O cristianismo europeu teve poucas dificuldades com o diálogo ecumênico, diferentemente o cristianismo pentecostal brasileiro que ainda nos dias atuais demoniza o fenômeno, justamente por ignorar suas definições e seus objetivos.

Ainda ouvimos em muitas Igrejas Pentecostais no Brasil que o Ecumenismo é uma estratégia do Papa (seja quem for ele) de unir todas as igrejas ao catolicismo novamente. Ou ainda teorias, de que o Ecumenismo é o desejo de formar uma única mega-igreja evangélica, e como as diferenças entre denominações evangélicas são praticamente inconciliáveis, tal possibilidade gera pavor nas estruturas constituídas. Porém, é necessária a afirmação de que tanto uma teoria quanto a outra não correspondem com a verdade. Não são objetivos reais do movimento ecumênico.

O Ecumenismo, que quer dizer *casa comum*, surgiu no meio protestante. Foi o metodista John Mott quem deu os primeiros passos em prol dos diálogos ecumênicos contemporâneos. Em 1910 foi realizada a Conferência Missionária Mundial na cidade de Edimburgo. O objetivo desta Conferência foi a junção de

---

<sup>578</sup> CORNU, Daniel. **Op. Cit.** Pg. 174

forças entre Igrejas Protestantes em prol da causa missionária. Depois de Edimburgo, a Conferência se reuniu em Estocolmo em 1925 e em Oxford em 1939. Os esforços de evangelização de Mott foram tão notáveis que ele foi premiado com o Nobel da Paz em 1946. Nesta época, o catolicismo ainda não via com bons olhos as aproximações ecumênicas, o que só mudou de fato com o Concílio Vaticano II na década de 60.

O movimento ecumênico ganhou a força que faltava na década de 40, por um lado pela habilidade de então Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, o holandês Willem Visser't Hooft. Por outro lado, a força do movimento foi impulsionada pelas consequências da Segunda Guerra, que naquele cenário clamava por uma mobilização conjunta do cristianismo europeu. Em 1948 era realizado o Conselho Mundial de Igrejas na cidade de Amsterdã, considerado a maior expressão do ecumenismo atual<sup>579</sup>.

Na primeira sessão do Concílio Mundial de Igrejas em 22 de agosto de 1948, estavam reunidas 107 Igrejas de 47 nações. O discurso de abertura foi feito pelo metodista D.T. Nilles, do então Ceilão (atual Sri Lanka). Além de Nilles, participaram do evento nomes como o norte-americano Reinhold Niebuhr, o tcheco Josef Hromádka, o alemão Martin Niemöller, entre outros. E coube a Karl Barth uma importante participação nos trabalhos do Concílio.

Karl Barth foi um dos oradores do Concílio e também dos principais elaboradores da Confissão de Fé redigida em Amsterdã. No discurso, Karl Barth, lamentou a ausência de Roma e Constantinopla, uma clara alusão a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa. Barth foi muito respeitado e admirado por Hooft, que representou o Conselho Mundial de Igrejas em seu funeral em 1968. No discurso proferido em Amsterdã, Barth disse a Igreja deveria ser Igreja sem que isso representasse uma fuga alienante do mundo, a Igreja caminha em direção à vocação proposta por Jesus Cristo<sup>580</sup>.

Barth insistiu ao longo de sua vida que a postura da Igreja deveria ser de aproximação das necessidades do mundo e não um afastamento delas. A compreensão de integralidade em Barth o fez ver que a santidade que é exigida por parte da Igreja consiste numa separação que aproxima, numa relação que serve e

<sup>579</sup> SHELLEY, Bruce. **Op. Cit.** Pg. 493

<sup>580</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Por uma antropologia teológica ecumênica** in ROCHA, Alessandro (org.). **Ecumenismo para o século XXI**. São Paulo: Fonte, 2011. Pg. 77

não, que julga. O Movimento Pentecostal Brasileiro que lida com milhões de pessoas no país e, que teria uma grande chance de dar contribuições em todos os aspectos para a sociedade brasileira, tem deixado escapar essa oportunidade justamente por entender a santidade de modo dualista.

O Pentecostalismo acredita que o mundo é marcado pela corrupção e que se aproximar dele seria sinônimo de contaminação. Por entender as relações de modo dualista entre a Igreja e a Sociedade, o Pentecostalismo brasileiro tem optado, conscientemente, por se isolar das questões que envolvem o país em que se vive. A Igreja tem sido como *fortaleza* que servem de isolamento em relação ao mundo e, os cristãos tomam uma postura de *entricheiramento* como ideal de santidade e com isso, o Movimento tem perdido sua capacidade de lutar por direitos humanos e por melhores condições de vida das populações mais desassistidas do Brasil.

Para Karl Barth uma postura dualista diante do mundo só isola a Igreja e a torna irrelevante. A Igreja quando segue o discipulado proposto por Jesus aponta para a direção da paz, da justiça e da esperança ao mundo sofrido, principalmente as pessoas mais excluídas pela ganância humana. Barth entendia a santidade como a separação para o mundo, para o seu serviço, para revelar a Jesus como o Caminho, Verdade e Vida. Barth acreditava que o caminho mais natural era levar a Igreja à sociedade e não o contrário<sup>581</sup>.

#### 4.4

#### A compreensão integral de Barth sobre a Igreja

Um dos pontos de maior destaque da vida e da obra de Karl Barth foi a Igreja, um assunto de fundamental importância para o teólogo suíço. E não foi apenas um assunto, foi uma prática vital.

Barth compreendeu a Igreja e suas relações de modo integral e ressaltou o valor da mesma ao longo de sua vida. A Igreja não era apenas um assunto de reflexão teórica, mas uma vivência prática de um discípulo de Jesus.

A relação com a Igreja veio desde a sua infância, sua família sempre valorizou a prática eclesial. Como já citado, o pastoreio em Safenwill mudou Barth completamente, não apenas como pastor ou como ser humano, mas, também como teólogo. Barth percebeu que a teologia era fruto, não de especialistas, mas, sim da

<sup>581</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004. Pg. 213

própria comunidade de fé. Fruto de pessoas reais que tiveram uma experiência viva com a fé em Cristo. Este é um ponto em comum com o Movimento Pentecostal. Movimento de grande teor eclesial que sempre valorizou a vida mais que a doutrina, assim como o fez Barth, ambos por causa da influência pietista que têm em comum.

Para o Movimento Pentecostal, ser cristão não se resume à adesão a doutrinas de modo teórico ou intelectual, mas a vivência de uma experiência de fé que tenha sido transformadora em sua existência e, Barth concordava e pregava essa realidade. Ainda que tenha sido um teólogo marcante, profundo e atualizado, Barth não resumiu a fé em intelectualismo, nem tampouco considerou a experiência inferior, mas compreendeu a reflexão e a experiência como igualmente importantes, algo que o Pentecostalismo teve muita dificuldade em harmonizar. Barth denunciou como sendo a principal miséria do protestantismo separar a doutrina da origem vital que acaba por enrijecer-se. Na verdade, a experiência deveria ser a mais alta expressão do instinto religioso do ser humano<sup>582</sup>.

Tanto em Barth como no Pentecostalismo, a vida vale mais que a doutrina, no segundo caso pelo menos do ponto de vista formal, pois o fundamentalismo acabou por valorizar mais a ética eclesial que a demanda humana de fato. Barth tratou questões eclesiais e humanas de modo integral, as mesmas questões que o Pentecostalismo tem tratado de modo dual. O teólogo suíço apontou para a possibilidade de ser integral sem se *esfriar* de sua espiritualidade e de sua vivência eclesial, a qual ele sempre valorizou.

Karl Barth aprendeu de Wilhelm Herrmann que enxergar a fé apenas do ponto de vista intelectual ou por meio de um conjunto de dogmas era como se viver através da fé de outras pessoas. A fé cristã deve se basear no cristianismo pessoal, é a comunhão do ser humano com o Deus vivo pela mediação de Cristo<sup>583</sup>.

#### 4.4.1 A Igreja em seu aspecto prático

Karl Barth sempre foi um homem eclesial. Era um dedicado pastor e um teólogo que visava a Igreja enquanto povo de Deus. Barth não foi um pensador

<sup>582</sup> Ibid, pg. 187

<sup>583</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 148

isolado da vida real, nem tampouco aquartelado num gabinete, mas alguém que valorizou a Igreja bem como suas relações pastorais.

Um desses assuntos comuns a Igreja e a prática pastoral e, que também é um assunto muito familiar ao Pentecostalismo é a questão da pobreza. No Movimento Pentecostal a grande maioria de sua membresia é de pessoas pobres, o Neopentecostalismo enxerga tal situação não como fruto das relações político-sociais marcadas pela desigualdade e exploração, mas, como falta de fé ou como pecado praticado de modo escondido pelo crente em questão, não importando as oportunidades que o mesmo teve na vida e o contexto social em que viveu. Karl Barth tratou da questão da pobreza de modo muito mais lúcido e engajado.

Para Barth só existia a pobreza por causa da ganância e da exploração por parte dos poderosos. Entendia que como discípulos de Jesus devemos tomar o lado que Ele tomou aqui na terra: dos pobres, dos despojados e dos destituídos<sup>584</sup>. Barth foi claro em afirmar que Deus nunca se posicionou de modo neutro neste caso, Ele sempre se posicionou a favor dos pobres e que ser neutro nesta situação já é se posicionar a favor dos poderosos. Há várias passagens bíblicas que enaltecem os pobres como bem-aventurados, várias declarações dos direitos dos mesmos, sentenças que colocam o pobre como justo, o que não acontece em relação aos ricos<sup>585</sup>.

Para Barth a pobreza não era uma condição natural da vida, fazia parte da maldade aqui presente, julgou como sendo o resultado mais marcante do pecado humano, não por parte de quem é pobre, mas dos ricos, que além de explorarem os pobres e serem gananciosos por lucro, são insensíveis em relação ao sofrimento dos mais vulneráveis.

Karl Barth viu a Jesus como alguém que sendo plenamente rico se fez pobre, para que através de sua pobreza, nós enriquecêssemos. O Reino de Deus veio a nós em pobreza, primeiro como o menino que nasceu de modo improvisado numa manjedoura e por fim como alguém absolutamente despojado que morreu nu pregado numa cruz entre dois malfeitores<sup>586</sup>. Barth conclui com isso que se somos de fato discípulos de Jesus devemos tomar as prioridades que Ele tomou, ficar do

---

<sup>584</sup> BARTH, Karl. *Pobreza* in ALTMANN, Walter. **Op. Cit.** Pg. 352

<sup>585</sup> Ibidem

<sup>586</sup> Ibid, pg. 353

lado daqueles a quem Ele ficou e seguir os seus passos de despojamento e humildade.

O Movimento Pentecostal é um movimento basicamente composto por pessoas pobres. Que se expandiu graças ao ímpeto e a sinceridade de pessoas simples que realmente acreditaram na mensagem do Evangelho, o Reino que se chegou em favor dos necessitados. Infelizmente o Pentecostalismo não conseguiu reverter as lacunas sociais de seus membros e, suas comunidades permanecem pobres, ainda que muitos templos tenham se empoderado, num real distanciamento entre a instituição e as pessoas que dão vida a esta instituição. Talvez a causa tenha sido o modo dualista como o Pentecostalismo entendeu as questões sociais, a ausência de militância diante das opções sócio-políticas.

Outro assunto de questão eclesial de grande relevância é o Ecumenismo. Como já falado, Barth foi muito dedicado às causas ecumênicas, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Barth naturalmente não compreendeu o Ecumenismo com os equívocos que muitos pentecostais fazem ainda hoje no Brasil e, viu no movimento uma condição importante para a relevância da mensagem cristã no mundo do pós-guerra.

Barth não apenas participou do Conselho Mundial de Igrejas em 1948 em Amsterdã, como buscou aproximação com os cristãos das mais diferentes tradições. Por exemplo, Barth se encontrou com o pastor batista Martin Luther King Jr e apoiou as causas pelas quais ele lutou e deu a sua vida. Barth acreditava que o cristianismo tinha que aprender a superar as diferenças doutrinárias e tradicionais pelas causas que são muito maiores que essas, como por exemplo: a luta pela dignidade humana e pela paz. Cria que desta forma, a Igreja teria muito o que dizer e muito com que colaborar para a formação de um mundo mais humano e melhor.

Karl Barth afirmou que enquanto o cristianismo fosse representado por inúmeras igrejas diferentes se opondo mutuamente, ele estaria negando na prática aquilo que confessa teologicamente: a unidade e a singularidade de Deus. Para o teólogo, por mais que pudessem existir motivos que separasse as tradições cristãs, isso sempre seria um escândalo<sup>587</sup>.

---

<sup>587</sup> BARTH, Karl. *Church dogmatics*, IV/1. Edimburg: T & T Clark, 1956. Pg. 675

O Ecumenismo pode ser definido como a abertura para o diálogo entre pessoas de diferentes confissões e tradições, mas que professam sua fé na pessoa de Jesus Cristo<sup>588</sup>.

Barth certamente não acreditava na possibilidade de que institucionalmente, todas as igrejas cristãs fossem uma só, mas cria que as igrejas que confessam o nome do Senhor deveriam viver em comunhão numa vida de serviço e humildade diante do mundo onde estamos inseridos. Barth respeitava a identidade administrativa de cada denominação, como o movimento ecumênico o faz, mas via como urgente a necessidade de que as igrejas cristãs vivessem uma unidade dentro da pluralidade<sup>589</sup>.

Barth entendia Igreja em seu aspecto institucional, mas também em seu aspecto místico, como Corpo de Cristo. A Igreja é a comunidade dos santos que estão em Cristo, ela deve sua realidade à pessoa de Cristo e deve se posicionar como *arauto* que transmite ao mundo a mensagem do Rei ressuscitado<sup>590</sup>.

A Igreja tem sua tarefa pastoral e missionária e só poderá dar conta dessa realidade de modo adequado quando conseguir superar as barreiras existentes entre denominações. Para Barth a Igreja não era apenas uma instituição humana, ela era uma realidade espiritual, era propósito de Deus para proclamar suas boas-novas aqui na Terra.

Barth não fez o dualismo pentecostal entre batizados com o Espírito Santo ou não, até porque para ele, todos os crentes em Jesus que confessam Seu nome e vivam a esperança cristã só o podem fazê-lo por obra do Espírito Santo. Não admitiu um dualismo entre os *de fora* e os *de dentro*, criticou os cristãos que se sentiam seres à parte da realidade<sup>591</sup>. Este dualismo lamentavelmente tem sido presente no Movimento Pentecostal que enxerga os cristãos como seres superiores aos não-cristãos.

Para Barth a santidade nunca foi entendida de modo dualista ou separatista. Dizia que a santidade em si mesma não é santidade. A santidade não é que aliena e nem a que se resume no domínio da própria religião, não pode ser a santidade de

<sup>588</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Por uma antropologia teológica ecumênica** in ROCHA, Alessandro (org.). **Ecumenismo para o século XXI**. Pg. 68

<sup>589</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 178

<sup>590</sup> BARTH, Karl. **Church dogmatics, II/2**. Edimburg: T & T Clark, 1957. Pg. 256

<sup>591</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. Pg. 209

dentro, mas a santidade de fora, a que humaniza, a que aproxima o cristão do mundo numa abertura ao serviço cristão<sup>592</sup>. Barth propõe uma santidade mundana, pois dizia que o mundo em que estamos é também o mundo no qual Jesus foi crucificado e ressuscitou, a Igreja por sua vez, surgiu dele mesmo e está na mesma posição que o mundo, portanto, a Igreja deve se envolver e servir ao mundo no qual está inserida<sup>593</sup>.

Também não fez separação institucional entre clérigos e leigos, até propôs que o termo leigo fosse abolido, pois, em sua opinião, todos os crentes eram agentes da mensagem cristã e de sua teologia. Barth entendia a realidade de que nem todos na Igreja, tem as mesmas responsabilidades e funções, mas estas distinções não os faz mais ou menos importantes essencialmente que os demais<sup>594</sup>.

A igualdade proposta pela teologia barthiana se manifestou na prática em seu pastorado em Safenwill, onde Barth sempre demonstrou respeito e consideração pelos seus paroquianos, tanto homens como mulheres que conviviam com ele. A busca inquieta de Barth pela relevância da mensagem se deu por conta da necessidade de sua comunidade ouvir a Palavra de Deus. Barth chegou a dizer que os ministros devem levar as pessoas mais a sério que elas mesmas levam<sup>595</sup>.

Os ministros deveriam servir aos seus paroquianos com amor e humildade. A tarefa principal do ministro era de falar da Palavra de Deus, já que de Deus nenhum ser humano o pode fazer, apenas Deus pode se auto-comunicar<sup>596</sup>. Os ministros devem servir ao seu povo com qualidade, levando a sério o seu trabalho e que estejam interessados em servir a Igreja e não em se beneficiar dela. Os ministros devem ser pessoas eficientes, mas não eficientes em negócios<sup>597</sup>. Esta reflexão de Barth é extremamente relevante para o cenário Pentecostal e Neopentecostal brasileiro atual, um cenário em que cresce a cada dia o interesse pelos benefícios que a Igreja pode dar e diminui o desejo pelo serviço ao próximo. Num contexto em que alguns pastores ficam ricos pela tarefa ministerial e que não raro se apresentam como animadores de plateia e vendedores de benefícios religiosos, a

---

<sup>592</sup> Ibid, pg. 210

<sup>593</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Buenos Aires: La Aurora, 1954. Pg. 190

<sup>594</sup> Ibid, pg. 180

<sup>595</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. Pg. 85

<sup>596</sup> Ibid, pg. 164

<sup>597</sup> Ibid, pg. 100

reflexão barthiana sobre a necessidade do sério serviço do ministro em prol de seu povo seria muito pertinente.

O trabalho acadêmico de Barth também era uma consequência de seu trabalho pastoral, que o levou a refletir sobre o papel do teólogo diante das demandas da pregação cristã<sup>598</sup>. Para Barth a teologia tem um importante papel a desempenhar que é o de orientar a Igreja, ajustando seu discurso e estimulando as pessoas que trabalham na comunidade. Os principais ministérios na comunidade local são aqueles que lidam com a instrução, pregação e aconselhamento<sup>599</sup>.

Ainda sobre a reflexão ministerial, Barth afirmou que o homem foi feito para servir a Deus e nunca o contrário disso<sup>600</sup>. O ser humano é criatura das mãos de Deus e, portanto, está sempre ao seu serviço, seria uma inversão séria entender Deus como alguém que se presta a satisfazer as vontades dos seres humanos independente de qualquer coisa. Certamente Barth tem muito o que dizer a lideranças pentecostais e neopentecostais que apresentam um *deus tapa-buracos*, um serviçal à disposição do ser humano, numa nítida inversão de valores e perversão dos princípios do Evangelho.

Barth em sua teologia e prática pastoral não fez dualismo sexista, entre homem e mulher. Levou a sério a afirmativa bíblica que não há acepção de pessoas. Na pastoral, esteve ao lado das mulheres trabalhadoras de Safenwill que eram vergonhosamente exploradas e não entendeu as mesmas como inaptas de alguma forma para certas tarefas ministeriais. Barth classificou como estúpida a postura política da Suíça quando esta ainda rejeitava o direito ao sufrágio feminino<sup>601</sup>. Barth condenou os erros cometidos pela Igreja no período contemporâneo os quais ele listou: a questão da escravidão, a questão racial, na guerra, nos direitos negados às mulheres, além dos erros cometidos na questão social<sup>602</sup>.

Também em relação à sexualidade não encontramos no pensamento de Barth um posicionamento dualista como vimos frequentemente no pentecostalismo. No Movimento Pentecostal o sexo é, não raro, visto como uma fraqueza da carne, como uma fonte de tentação e de pecado, ou mesmo como apenas forma de reprodução

<sup>598</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 146

<sup>599</sup> Ibidem

<sup>600</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. Pg. 151

<sup>601</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Pg. 52

<sup>602</sup> Ibid, pg. 82

humana. Ainda existe no Pentecostalismo atual uma resistência em entender o sexo como prazer e satisfação a dois. Barth falou sobre o sexo como uma fonte de mútuo conhecimento entre o homem e a mulher, onde ambos buscam iluminar um ao outro e a si mesmos, numa relação de intimidade e responsabilidade recíprocas<sup>603</sup>.

Outro dualismo superado por Barth foi o dualismo entre os dois reinos. Este dualismo esteve presente no pensamento cristão desde muito tempo. Na verdade, era uma doutrina amplamente usada na Idade Média, como a ideia de que Deus tinha dois braços, um representado pelo poder espiritual que cuidava das almas dos seres humanos e outro, representado pelo poder temporal que cuidava dos corpos dos seres humanos. Na época da Reforma esta doutrina esteve presente novamente em Lutero, que afirmava que os cristãos estavam do lado espiritual e, que os pecadores e distantes de Deus deveriam estar à disposição do Estado, para serem punidos pelos atos maus. Para Lutero, a Igreja por ser uma instituição espiritual era superior ao Estado, que servia para punir os maus e proteger os bons. O Estado reprimia as consequências do pecado humano<sup>604</sup>.

No entender de Barth, a Igreja e o Estado não se articulavam numa relação de dominação nem de exclusão. A Igreja e o Estado tinham a mesma origem, ambas são instrumentos de Deus para a vinda de Seu Reino. Apenas as responsabilidades eram diferentes: a Igreja era responsável por ministrar os sacramentos e trazer alimento e conforto para as pessoas, já o Estado deveria proporcionar bem-estar e justiça, além da preservação da ordem<sup>605</sup>. Para Barth tanto a Igreja quanto o Estado cumpriam o seu papel quando apontavam para a centralidade de Cristo.

Também não vemos o dualismo cultural em Barth. Se no Movimento Pentecostal as *coisas do mundo* foram vistas como relacionadas a carne e, portanto, coisas que deveriam ser evitadas pelos cristãos, Barth não fez esta distinção e era um admirador de expressões artísticas. Era ouvinte assíduo do músico Wolfgang Amadeus Mozart, sobre quem escreveu um texto inclusive, era também um amante da pintura, como a do famoso pintor Mathias Grunewald, que esteve durante anos atrás de sua mesa no escritório<sup>606</sup>.

<sup>603</sup> BARTH, Karl. **Church dogmatics, III/4**. Edimburg: T & T Clark, 1961. Pg. 168

<sup>604</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 174

<sup>605</sup> Ibid, pg. 169

<sup>606</sup> Ibid, pg. 168

Para Karl Barth as belezas naturais expressavam a bondade do Deus criador e, os dons naturais dados ao ser humano eram dádivas das boas mãos divinas que deixavam a vida mais bela e criativa. Ainda hoje reside no Pentecostalismo uma distância em tudo aquilo que é visto como algo *carnal*, para muitos pentecostais ir à praia é acompanhado de uma série de regras legalistas com o propósito de não dar ocasião à carne. As expressões artísticas como pintura, escultura, cinema, teatro, esportes, etc, são vistos como inutilidades que podem fazer com que o cristão sério se desvie do serviço a Deus, entendido como ascético e restritamente eclesiástico.

Karl Barth entendeu a Igreja como sendo a comunidade de fé em Jesus Cristo e, que enquanto cristãos somos chamados a ser Igreja. A comunidade em seu entender, é um constante vir a ser, um exercício em que cada um tem o que contribuir para o crescimento cristão do outro. A Igreja é a reunião de pessoas diferentes que se reúnem para adorar a Deus e para celebrar a vida sob a condução do Espírito Santo<sup>607</sup>.

A Igreja na teologia barthiana não era uma mega-estrutura, *ensimesmada* ou isolada. A Igreja é uma comunidade complexa, cujos membros estão unidos entre si, em serviço mútuo<sup>608</sup>. É uma comunidade viva, dinâmica, que serve a um Senhor igualmente vivo.

O Movimento Pentecostal entende a Igreja como comunidade complexa e dinâmica, mas, por vezes, acaba fazendo o que Barth condenou: transformando a Igreja num gueto, onde as pessoas que ali estão se refugiam do mundo ao seu redor isolando-se. Por vezes, algumas estruturas eclesiásticas se enrijecem tanto que chegam ao ponto de observarem os mandamentos daquela denominação em específico como sendo maior que a própria essência ensinada pelo Evangelho. Algumas estruturas eclesiásticas estão se tornando detentoras da mediação religiosa, transformando seus próprios mandamentos em realidade que vão além da própria vida. Esta seria uma realidade que certamente Barth condenaria, pois, para o teólogo suíço, a beleza e importância da Igreja está no fato dela se identificar com o Senhor, uma Igreja esvaziada de si mesma e humilde. A Igreja é complexa e deve dar maior valor à vida que a doutrina, uma comunidade que seja, de fato, conduzida pela ação do Espírito da vida.

---

<sup>607</sup> Ibid, pg. 156

<sup>608</sup> Ibid, pg. 157

#### 4.4.2 A Igreja em seu aspecto essencial

Como já dito, Karl Barth foi um teólogo eclesiástico, ou seja, alguém que foi engajado durante toda a vida nas questões da Igreja. Foi um pastor e um teólogo prático, e na sua profunda reflexão sobre os grandes temas da teologia cristã, esteve presente o pensamento sobre a realidade eclesiástica.

A Igreja é um tema comum a Barth e ao Pentecostalismo, que pode ser classificado como um movimento profundamente eclesiástico, portanto, este é um ponto de aproximação entre o teólogo suíço e o movimento que mais representa o protestantismo no Brasil contemporâneo.

Barth trabalhou a eclesiologia de modo dialético. Teve profundas críticas em relação a institucionalização da Igreja. Para ele, uma realidade era a Igreja instituição, que quando se empodera se desvia dos propósitos de Cristo, esta se compromete com ela mesma e acaba por se desviar do Evangelho. Por outro lado, afirmou a realidade da Igreja enquanto comunidade, que vive o evento cristológico centrado na própria pessoa do Cristo revelado nos Evangelhos<sup>609</sup>. A Igreja sem a comunidade que se reúne para adorar a Deus seria vazia e destituída de vida.

Karl Barth chegou a afirmar que a Igreja instituição tem caminhos contrários aos propostos por Jesus e não apresentou maiores otimismo em relação a este processo<sup>610</sup>. Muito da reflexão ácida de Barth em relação a Igreja institucional se deveu ao que ele presenciou de apatia da mesma diante da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, isso levou o teólogo a se decepcionar grandemente com os religiosos cristãos de seu tempo.

A Igreja foi fundada pelo próprio Senhor no dia de Pentecostes com o derramar da presença do Espírito Santo na vida dos discípulos reunidos. A Igreja é obra das mãos do próprio Deus e, como não foi fundada pelo ser humano, este não tem o direito de tentar dominá-la<sup>611</sup>. Este argumento foi usado por Barth, na tentativa de Hitler em dominar a Igreja, embora não se aplique só neste contexto.

Uma das principais características da Igreja é o serviço e não a dominação. Barth enfatiza que a Igreja foi criada por Deus para servir ao mundo e a sociedade na qual ela se encontra. A Igreja deve fugir da tentação do clericalismo e a

<sup>609</sup> Ibid, pg. 147

<sup>610</sup> BARTH, Karl. **Carta aos romanos**. Pg. 363

<sup>611</sup> BARTH, Karl. **O Credo**. São Paulo: Fonte, 2005. Pg. 187

institucionalização do carisma, por outro lado, deve ter claramente a concepção de que sua vida depende do senhorio de Cristo.

Barth fez um contraste entre a Igreja de Jacó e a Igreja de Esaú. Onde a primeira ele identificou com a comunidade de fé, invisível, que se alimenta da Palavra de Deus e cuja adesão é de modo espiritual por meio da fé sincera no Evangelho. Já a Igreja de Esaú é o oposto, é aquela que perdeu sua dimensão profética e voltou para si mesma. A Igreja de Esaú vive de suas próprias práticas, não ouve a Palavra de Deus e nem se converte a ela, é a Igreja ocupada demais consigo mesma<sup>612</sup>.

A Igreja deve ser caracterizada pela comunhão plena fornecida pela pessoa de Jesus, a chamada *koinonia*. Jesus se preocupou com a comunhão entre seus discípulos e entendeu que quando isto acontece o mundo reconhece Sua missão divina<sup>613</sup>. Somos chamados para ser Igreja, esta realidade é inteiramente dependente da Graça e da vida de Jesus Cristo. A Igreja é uma realidade dinâmica, que vive a realidade de ser Igreja, povo eleito pela Graça de Cristo que nos chama a vivermos e revelarmos o amor do Senhor.

A Igreja proposta por Jesus não se caracteriza pelo poder ou pela grandeza, mas pelo amor mútuo entre seus membros e destes para com o Senhor, pela humildade e o serviço para os crentes, mas também para os que ainda não abriram o coração para a Graça de Jesus. A Igreja é a comunidade que deve viver em santidade, mas como Barth entendia, santidade não é isolamento, pelo contrário, é aproximação às mazelas do mundo para que possa servi-lo como instrumento da ação salvífica do Cristo. A Igreja é necessariamente missionária e, assim sendo, não existe apenas para os cristãos, mas principalmente, para os *pagãos*. Ela existe pelo amor ao mundo reconciliado em Cristo para Deus<sup>614</sup>.

A Igreja é mais que uma instituição, ela é um projeto espiritual, uma construção do Espírito Santo, o seu verdadeiro sustentador, que dá a vida, santifica e a prepara para cumprir a sua missão<sup>615</sup>. Barth dizia que a pessoa ao fazer parte da Igreja deve, antes de mais nada procurar libertar-se de si mesma<sup>616</sup>. A comunidade

---

<sup>612</sup> Ibid, pg. 530

<sup>613</sup> Cf. João 17.23

<sup>614</sup> BARTH, Karl. **O Credo**. Pg. 192

<sup>615</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 158

<sup>616</sup> Ibidem

é uma excelente oportunidade de que cristãos pratiquem o amor, a tolerância e a paciência com a comunhão diária, ajudando uns aos outros a se aperfeiçoarem em caridade.

A realidade eclesial é uma parceria entre o ser humano e o Espírito Santo. O Espírito concedeu dons aos seres humanos tendo em vista a mútua edificação e o crescimento da Igreja como um corpo. Ao serem colocados em prática esses dons, se transformam em ministérios. A ministração desses dons edifica os santos e dá testemunho diante do mundo<sup>617</sup>.

Barth considerava muito importante o serviço na Igreja, pois a prática do amor supera o egoísmo e faz a coletividade se fortalecer<sup>618</sup>. Não deve existir na Igreja qualquer distinção entre funções ou divisão entre tarefas superiores ou inferiores, nem deve haver hierarquia rígida entre os que dela participam, mas a Igreja deve se dedicar em ser uma executora da vontade de Jesus<sup>619</sup>.

A missão da Igreja consiste em ser um arauto da Palavra de Deus, como quem recebeu do Senhor esta Palavra e a faz conhecida entre os seres humanos. A Igreja existe por causa da proclamação da Palavra, que gera fé e é uma resposta ao próprio Evangelho<sup>620</sup>.

Para Barth assim como afirmou em relação a Palavra de Deus, a Igreja era um evento, um acontecimento, algo produzido pelo Espírito Santo onde Jesus é o cumprimento de sua existência e a sua força motriz<sup>621</sup>. É na comunhão entre os santos que se encontra a edificação da Igreja, esta que é composta por homens e mulheres reais que vivem neste mundo e são de carne e osso e, não simplesmente seres angelicais distantes da realidade da vida<sup>622</sup>. Barth afirmava que a fé cristã deve ser vivida no cotidiano, na concretude da vida, fé vivida apenas de modo privado não pode ser considerada fé cristã.

Barth acreditava que a Igreja deve se preocupar mais com a qualidade cristã de seus membros, com a sua própria comunhão e com a santidade praticada pelos cristãos que em crescer numericamente. Lamentavelmente o mesmo conceito não

<sup>617</sup> BARTH, Karl. **Church dogmatics, IV/2**. Edimburg: T & T Clark, 1958. Pg. 616

<sup>618</sup> SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 161

<sup>619</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **A provisoriade da Igreja: uma contribuição da eclesiologia de Karl Barth ao protestantismo brasileiro**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1994. Pg. 449

<sup>620</sup> Ibid, pg. 167

<sup>621</sup> Ibid, pg. 159

<sup>622</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Op cit**. Pg. 453

se vê hoje em muitas Igrejas Neopentecostais cuja a maior preocupação é com o crescimento numérico, seja em termos de membresia, seja em termos financeiros, sem maiores preocupações com o crescimento das pessoas enquanto seres humanos.

Barth concordou com as quatro características essenciais da Igreja que são afirmadas por muitos teólogos contemporâneos. Para ele a Igreja é Una, Santa, Católica e Apostólica. Para ser Una, precisa ir além do aspecto institucional. É a Igreja de Jesus que reúne pessoas das mais diferentes tradições e que creem em Seu nome. A Santidade da Igreja é como testemunha de Jesus Cristo na terra, cumprindo seu propósito e levando à frente sua missão. A Igreja é santa porque ela é o corpo de Jesus Cristo.

A Catolicidade diz respeito a sua presença em toda a terra se manifestando de acordo com a cultura de cada nação em que ela está presente embora vivendo a essência do amor de Cristo. E, por fim, a Apostolicidade da Igreja aponta para a fé dos apóstolos que repousava na pessoa do Cristo crucificado.

Barth não aceitou a proposta dualista de Hitler na vigência do nazismo em que o mesmo quis considerar que o papel da Igreja era apenas interno, apenas o de cuidar das almas de seus membros. Também não aceitaria a ideia de muitos pentecostais de que existem áreas da vida que não são da alçada da Igreja. Para Barth nenhuma esfera da vida fogia do senhorio de Cristo e, como tal, nenhum assunto deixa de ser do interesse da Igreja.

A comunidade cristã deve se relacionar com o mundo à luz de sua responsabilidade na sociedade, de tal modo que direitos humanos, democracia, corrupção, educação, ou seja, todos os assuntos que dignificam o ser humano, são de interesse da Igreja enquanto comunidade de Cristo na Terra.

Barth também diz em sua teologia sobre a Igreja Militante e a Igreja Triunfante. Não são duas Igrejas, mas uma única, a primeira pertence à história e a segunda é escatológica. Barth também dizia que a Igreja não deve ser alvo da nossa fé, mas devemos crer que nela se faz o ambiente onde o Espírito Santo atua e faz a Sua obra<sup>623</sup>.

Karl Barth embora tenha dado muito valor à Igreja e pensado nela com seriedade, manteve uma análise equilibrada sobre o assunto. Disse que a Igreja não

---

<sup>623</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 227

era a Revelação de Deus tornada instituição. A Revelação divina é sempre muito maior que a comunidade de fé, ainda que esta tenha a sua importância.

Para Barth a Igreja não tem acesso a poderes que representam a vontade de Deus ou a sua verdade, em outras palavras, Barth queria dizer com isso, que a Igreja não era dona de alguma revelação especial e nem detentora da salvação de Jesus Cristo. Por outro lado, insistiu no fato de que a Igreja não era mera sociedade religiosa. A Igreja é o corpo de Cristo que não tem aspirações, mas inspirações<sup>624</sup>.

No Movimento Pentecostal não é raro que alguns exageros acerca da Igreja sejam cometidos, muitos consideram que apenas os pertencentes a uma igreja evangélica serão salvos, uma manifestação perigosa do dualismo que se estabelece entre os considerados *crentes* e os *não-crentes*.

As pessoas que, por algum motivo, deixam de frequentar uma igreja evangélica são classificadas como *desviadas* e, assim muitos possuem uma visão exclusivista do processo salvífico. Para Barth, a Igreja é uma comunidade bastante importante, mas em nenhum momento se torna a detentora da Revelação de Jesus ou da salvação, esta é uma atribuição específica do próprio Salvador.

Karl Barth alertava para o perigo de se pensar que a Igreja tem a palavra final acerca da Revelação de Deus, o teólogo dizia que o discurso da Igreja é um discurso teológico e como tal, é provisório. A Igreja não pode cair na tentação de achar que o seu discurso seja unívoco ou inequívoco, a palavra final continua pertencendo a Revelação de Deus manifesta em Sua Palavra<sup>625</sup>.

Barth lembrou sobre a provisoriedade da Igreja, relativizando assim qualquer intenção de absolutizar aspectos institucionais e humanos. Por mais importante que seja, a Igreja não é o Reino de Deus e nem o próprio Cristo, ela é bem menos que isso, embora continue sendo relevante<sup>626</sup>.

Barth denuncia a possibilidade de arrogância religiosa por parte da Igreja e, diz que quando isso acontece os resultados não são bons, a forma se torna mais importante que o conteúdo e o homem se sente no direito de se apoderar do

<sup>624</sup> BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 132

<sup>625</sup> AZEVEDO, Silvio Murilo Melo de. **A mão e a pena: a liberdade no pensamento de Karl Barth**. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 1999. pg. 27

<sup>626</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Op cit.** Pg. 444

divino<sup>627</sup>. Barth ainda lembra que na Jerusalém celestial nada é mais significativo que a ausência da Igreja, lá não haverá templo<sup>628</sup>.

Pelo fato da Igreja ter acesso a Revelação de Deus, ela deve se destacar no mundo, não numa atitude de superioridade ou de separação, mas de integração. Por ter consciência de seu chamado, a Igreja deve se aprofundar no mundo que a cerca, participando das questões mundanas, como luz para este mundo<sup>629</sup>.

A Igreja existe para buscar a sua própria destruição justamente pelo fato de ser a mesma provisória. Uma vez que o tempo da Igreja está entre a ressurreição e a *parousia* do Senhor, quando o Reino de Deus vier definitivamente, a Igreja perderá a sua função. A Igreja precisa orar como João Batista: *convém que Ele cresça e que eu diminua*<sup>630</sup>. A Igreja cristã deve se esvaziar dela mesma, deve se apequenar diante da grandeza do Evangelho de Jesus.

A fé de Barth na Igreja estava em seu aspecto integral. Barth não tinha maiores esperanças na Igreja instituição e nem mesmo numa igreja voltada para si mesma. O que o teólogo entendia ser a vida da Igreja era que a mesma tivesse plena consciência de seu chamado e vivesse a fé em Cristo de modo integral, não apenas nas questões relacionadas às práticas eclesiais, mas, no seu posicionamento diante das mazelas do mundo e da sociedade.

Barth dizia que a Igreja deveria ser relevante nas questões humanas mais importantes que se apresentavam, como nos direitos humanos, na democracia, na luta contra as desigualdades, contra a pobreza, etc. Pois, fazendo estas coisas, a Igreja estaria se identificando com as propostas do próprio Cristo e não com um projeto pessoal de poder.

#### 4.4.3 O discipulado integral em Karl Barth

Um assunto tratado com muita seriedade na teologia de Barth foi a questão do discipulado. Este foi um tema no qual Barth refletiu e viveu ao longo de sua vida desde o pastoreio engajado com menos favorecidos em Safenwill até sua

<sup>627</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. Pg. 54

<sup>628</sup> Ibidem. Cf. Apocalipse 21.22

<sup>629</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino. **Palavra de Deus e ação profética na Teologia de Karl Barth: a renovação da Igreja a partir de sua vocação para o serviço a comunidade**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2007. Pg. 89

<sup>630</sup> Cf. João 3.30

prática docente que estimulava os alunos a viverem na prática o conteúdo do Evangelho.

Discipulado também é uma abordagem muito tratada nas Igrejas Pentecostais de um modo em geral, porém, nem sempre com a seriedade que o tema exige e como que Barth o encarou.

Durante muito tempo, especialmente nas primeiras gerações do Movimento Pentecostal, o discipulado era praticado de modo muito intenso ainda que com pouca reflexão. Os pentecostais que se convertiam à mensagem do Evangelho e estavam dispostos a dar suas vidas de modo pleno para a causa em que criam. Não era raro pessoas que viviam uma experiência de avivamento se dedicarem ao ministério, a obra missionária ou mesmo ao compartilhamento da mensagem com os vizinhos, parentes e amigos. Com o passar dos tempos e, sobretudo, com o apogeu do Neopentecostalismo e sua ênfase na prosperidade e numa fé *clientelista*, muitos foram deixando de lado a euforia vivida no início do Movimento para uma fé particular, que tinha como objetivos resolver os seus próprios problemas, especialmente os de cunho financeiro. No Neopentecostalismo os adeptos são incentivados a perguntarem pelo que Deus pode fazer por eles e, não o contrário como era no Pentecostalismo original.

Karl Barth tinha uma nítida preocupação na questão do discipulado, que para ele era um assunto de suma importância para a vivência integral da fé cristã. Barth entendia o homem como um ser total composto simultaneamente de corpo e alma, estas duas realidades estão essencialmente conectadas e não há separação entre ambos<sup>631</sup>. O homem é tanto alma quanto corpo em todos os momentos<sup>632</sup>. Se o ser humano é um ser harmonicamente integral, a proposta de discipulado também o envolverá em toda a sua realidade.

Se para Barth a essência da Igreja estava em ser comunidade de fé, de modo que a institucionalização da mesma faria dela uma mera sociedade religiosa, da mesma forma a essência do cristão estava em ser um discípulo de Jesus e não somente um mero frequentador de Igreja.

Entre o discípulo e o mero frequentador existe uma enorme diferença: o mero frequentador é alguém que se habituou em estar nos cultos e nas celebrações, é um simpatizante que gosta de ouvir a mensagem e os louvores, que até sente falta de

<sup>631</sup> BARTH, Karl. *Church dogmatics*, III/2. Edimburgo: T & T Clark, 1960. Pg. 380

<sup>632</sup> Ibid, pg. 393

estar nas reuniões, mas, também é alguém que entende a fé de modo dualista, ainda que inconscientemente, pois, o mero frequentador gosta de tudo o que ouve nos domingos, mas tudo aquilo é deixado de lado na segunda-feira, quando sua vida tem outras prioridades.

Como mero frequentador de Igreja, o cristão evita qualquer confronto com quem quer que seja, mas também deixa de lado a obediência que nos é exigida<sup>633</sup>. O Pentecostalismo brasileiro, que durante muitos anos, foi caracterizado pelo fervor comprometido de seus membros, hoje sofre do problema de ter membros considerados *não-praticantes*.

Evidentemente, o problema dos *não-praticantes* não é uma exclusividade dos Pentecostais, pelo contrário, neste ramo do protestantismo brasileiro o índice dos que são meros frequentadores ainda é menor em comparação com outros setores, porém, no pensamento de Karl Barth o discípulo é muito mais que o frequentador. Por discípulo se entende aquele ou aquela que entregou toda a sua existência ao Mestre, Jesus. O discípulo precisa envolver sua vida como um todo no segmento de Cristo e, portanto, não é apenas alguém que se sente bem no domingo, mas alguém que se sente chamado por Deus em todo o tempo.

Discipulado exige fé e, fé não está resumida a um setor em particular da vida que seja denominado como religioso. A fé se aplica a existência do ser humano em sua totalidade, tanto exterior como interior, tanto corpórea como espiritual<sup>634</sup>.

O discipulado só pode acontecer de fato, por obra do Espírito Santo. A vida cristã é a vida humana que recebeu a atuação do Espírito e, conseqüentemente se abriu para receber a Palavra de Deus. É o Espírito Santo o agente da Revelação de Deus que convoca o ser humano para um discipulado real e integral<sup>635</sup>.

A fé envolve o ser humano em sua concretude e em sua integralidade, caso contrário não é fé. A fé não é uma adesão passiva a um conjunto de doutrinas ou uma igreja qualquer, mas é a obediência que nos convida a escolher a fé e não a incredulidade, ao conhecimento e não a ignorância. Uma vez que a fé se dá em Deus ela não pode não se manifestar publicamente<sup>636</sup>.

<sup>633</sup> BARTH, Karl. **O chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte, 2006. Pg. 47

<sup>634</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 24

<sup>635</sup> BARTH, Karl. **The Holy Ghost and the christian life**. London: Frederick Muller Limited, 1938. Pg. 18

<sup>636</sup> Ibid, pg. 35

É impossível que a fé do cristão se resuma a palavras neutras, atos sem comprometimento. Para Barth a fé que faz da pessoa um ser duplo, ou seja, tendo uma predileção dentro da Igreja e outra fora dela, que viva como se isolado numa torre de marfim, longe da realidade da vida concreta seria uma fraude, o ser humano é um todo e não pode existir de fato se não for como um todo<sup>637</sup>.

A fé cristã é uma decisão e, é algo ativo e dinâmico, pois se ela for silenciosa e passiva não pode ser fé num Deus vivo. A fé dá vida a comunidade cuja vocação é de estar no mundo e para o mundo<sup>638</sup>.

O discurso neopentecostal acabou invertendo os valores da crença numa fé viva que corresponde a um Deus vivo, fazendo com que Deus ficasse ao serviço do homem e não o contrário como seria o caminho natural e como Barth apontou. Para o teólogo suíço a fé é viva, pois nos inquieta, nos move a testemunhar da Palavra e da vontade de Deus no mundo em que estamos, nos convoca ao serviço, a estarmos à disposição de Deus e de Sua obra aqui na terra.

O chamado de Jesus não se resume a adesão de doutrinas ou mesmo a frequência de um determinado lugar. Discipulado não é a tentativa de cumprir um programa, nem na execução de um plano de construção individual ou social dado por Jesus. Mas, o seu chamado é para o discipulado, é o chamado para que o sigamos, pois, não existe discipulado sem aquele que chama para o discipulado<sup>639</sup>.

Seguir a Jesus significa ir atrás dele, se submetendo a sua diretriz e se identificando visceralmente com sua proposta. A palavra *discípulo* está relacionada com *seguidor* que significa *ir após* ou *atrás de alguém*. Barth durante todo o seu engajamento político e social deixou claro que sua prioridade não era política por si só, mas era teológica, ou seja, sua fé em Jesus e sua submissão ao discipulado fizeram com que ele lutasse pelas causas do Evangelho e ficasse do lado dos que Jesus ficaria.

Discipulado é a forma particular da convocação, pela qual Jesus divulga e revela-se a indivíduos para os reivindicar e santificar como sua possessão e como suas testemunhas no mundo<sup>640</sup>.

---

<sup>637</sup> Ibid, pg. 42

<sup>638</sup> Ibid, pg. 33-34

<sup>639</sup> BARTH, Karl. **O chamado ao discipulado**. Pg. 11, 22

<sup>640</sup> Ibid, pg. 17

Um texto muito lido e pregado pelos pentecostais é o texto de Atos que consiste na promessa de que o poder do Espírito Santo viria sobre os discípulos para fazer deles suas testemunhas<sup>641</sup>. Testemunha foi uma tradução da palavra *martirya*, que literalmente significa *testemunha*. Na história do cristianismo, muitas testemunhas deram a vida pela causa, que julgaram maior que suas próprias vidas. O poder do Espírito é o poder para servir e para fazer dos discípulos, mártires por amor a Jesus.

O discipulado cristão não se identifica com proposta de poder ou de dominação. Num período em que muitas igrejas têm se identificado com construção de suntuosos templos, que são edificadas pelas ofertas de pessoas trabalhadoras e pobres, em sua maioria e, com a proposta de empoderamento das denominações através de políticos que representem seus interesses, Barth orientou os cristãos que deveriam ser libertos de qualquer desejo dominador e que o poder pelo poder era algo diabólico<sup>642</sup>. O discípulo deve renunciar a qualquer confiança nas possessões. O discipulado parte do pressuposto que Jesus é o Senhor de nossas vidas e que não há nenhuma esfera de nossas vidas que não esteja submissa ao seu senhorio.

Outra característica importante do discipulado é que este não se faz num mosteiro ou no isolamento de modo geral, mas se dá de modo pleno e *mundano*. Barth dizia que a verdadeira moldura da Igreja é o mundo, que a fé cristã deveria ser traduzida para todos, para o homem da rua, para o que não tem o hábito de orar ou de ler a Bíblia, pois, é para o mundo que Cristo enviou os seus discípulos, para o mundo em que vivemos, ou seja, um mundo real<sup>643</sup>.

Barth alertou para o perigo de entender a fé em sua forma meramente eclesiástica, ele diz que quando isso se estabelecia havia um sério risco de que o crente considerasse sua crença como algo pessoal e privado, perdendo assim todo o sentido de discipulado proposto por Jesus<sup>644</sup>.

O discipulado não pode ser feito se não for pelo amor, o mesmo amor que motivou Jesus a vir de encontro a nossa realidade para nos dar vida eterna e, ao discípulo é exigido que ele ame os seus inimigos, pois, quando ama o seu inimigo ele deixa de ser um inimigo<sup>645</sup>.

---

<sup>641</sup> Cf Atos 1.8

<sup>642</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmatica**. Pg. 126

<sup>643</sup> Ibid, pg. 39

<sup>644</sup> Ibidem

<sup>645</sup> BARTH, Karl. **O chamado ao discipulado**. Pg. 59

O discipulado para Barth se dava quando seguimos as qualidades ou os atos de Deus: plantando a terra como Deus plantou o jardim do Éden, vestindo a nudez como Deus vestiu a Adão, visitando o doente como Deus visitou Abraão, confortando o triste como Deus confortou Isaque, enterrando o morto como Deus enterrou Moisés<sup>646</sup>. Uma Igreja que não compreende a sua vocação em relação aos que sofrem e para a qual o ensinamento e a pregação não correspondem aos problemas levantados pela situação atual, uma igreja que não seja encarnada na realidade do mundo em que vive, celebrará o seu próprio funeral<sup>647</sup>.

Ser discípulo nunca tem a ver com egoísmo ou com a ênfase em si mesmo, tem a ver sempre com o outro, com o serviço, com o que Jesus faria. O chamado ao discipulado nos tira da zona de conforto e nos expõe, nos chama para fora do conformismo e exige o estabelecimento de sinais visíveis do Reino, pois confessar a fé é testemunhar, e isso é um ato estreitamente ligado à vida<sup>648</sup>. Barth entendia que o discipulado é um chamado para uma grande revolução contra as dominações, a exploração e a maldade que assolam o nosso mundo, uma revolução sempre pacífica, porém, eficiente na denúncia, na proposta e no amor ao próximo. Barth dizia que nada poderia ser mais revolucionário que a esperança cristã. É uma revolução disciplinada, que faz com que todas as demais revoluções humanas pareçam *meros cartuchos vazios*<sup>649</sup>.

O discipulado está intimamente ligado ao cuidado pelo outro. O discipulado exige que repudiemos um posicionamento dualista que separa os crentes dos não crentes, ou mesmo os considerados santos pelos sistemas eclesiásticos e os considerados mundanos pelo mesmo sistema. Como tem sido apresentado, o conceito de Santidade em Barth é integral, ele entende este valor como uma separação que qualifica para o serviço do outro e não que o deixa mais *espiritual* que o outro.

Pensar num discípulo de Jesus obrigatoriamente é pensar em alguém que toma as opções do próprio Jesus, de estar ao lado de publicanos e prostitutas, considerados pelo sistema religioso de sua época como os piores dos pecadores.

---

<sup>646</sup> Ibid. Pg. 14

<sup>647</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 41

<sup>648</sup> Ibid, pg. 53

<sup>649</sup> Ibid, pg. 213

Muitas vezes a escolha de Jesus era pelo pecador em detrimento dos que eram considerados *santos*.

O discipulado para o qual Jesus nos chama não teria a ver com a padronização comportamental que é exigida em muitas comunidades pentecostais, onde o transgressor de alguma dessas normas deve ser punido ou até mesmo excluído do convívio eclesial, mas tem a ver com o testemunho da fé para aqueles que não se adequam aos padrões considerados santos. O discipulado proposto por Jesus e defendido na obra de Barth é se compadecer do pecador, ir ao seu encontro com a proposta de inclusão e de reconciliação feita por Cristo ao pecador arrependido, é uma relação de integralidade entre o discípulo, Deus e o pecador, pois Barth dizia que só pode conhecer a real miséria do ser humano aquele que conhece a autêntica misericórdia de Deus<sup>650</sup>.

A Igreja recebeu de Deus um chamado ao discipulado que será *mundano*. A Igreja deve se questionar se ela tem servido à comissão para a qual é chamada por Deus ou se ela tem se *dualizado* e se fechado em si mesma criando uma barreira entre ela e o mundo.

Se a Igreja cair no dualismo entre o sagrado e o profano, ela perderá a sua vida que é gerada e mantida pela ação do Espírito, e o Espírito age no mundo, como um vento que sopra onde quer, que é totalmente livre e que convida a Igreja a ir pelo mundo pregando a toda a criatura, ou seja, um chamado integral<sup>651</sup>. O discipulado confinado nas paredes da Igreja, não seria de fato discipulado e, é comparado por Barth como um pássaro que vive preso numa gaiola se debatendo contra as grades<sup>652</sup>.

Deus não toma parte de qualquer injustiça, nem tampouco de projetos de poder apenas pelo próprio poder, mesmo que este seja de caráter religioso. Barth é enfático ao afirmar que o poder pelo poder é algo diabólico e que deve ser rejeitado pelos verdadeiros discípulos de Cristo, que optou pela humilhação e não pela glorificação.

Deus não escolheu o ser humano em seu orgulho ou em sua rebeldia, mas a opção divina foi pelo humano em sua fraqueza e humildade, de modo que fica evidenciado na resposta de Maria ao ser escolhida por Deus: *Eu sou a serva do*

---

<sup>650</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 99

<sup>651</sup> Ibid, pg. 212

<sup>652</sup> Ibidem

*Senhor, que se faça em mim conforme a Sua palavra*<sup>653</sup>. Barth enfatizou a postura de serva e discípula adotada por Maria, uma moça jovem e frágil, sem qualquer tipo de influência político-social num contexto androcêntrico, que mesmo assim confiou integralmente no chamado desafiador de Deus para a sua vida e, se pôs diante Dele sem reservas, com atitude de profunda humilhação e submissão ao Seu querer<sup>654</sup>.

O pensamento barthiano sobre o discipulado é de grande relevância para a reflexão teológica, sobretudo por se tratar de uma conceituação integral. No meio pentecostal o assunto é bastante falado e, em tese, se estimula a que as pessoas vivam o discipulado não apenas dentro da Igreja, mas também fora dela.

No Pentecostalismo clássico e no Deuteropentecostalismo havia um apelo a que os crentes fossem de fato cristãos no ambiente familiar, no trabalho e onde quer que estivessem. Os principais relatos de conversão no meio pentecostal enfatizavam a realidade de pessoas que agiam de modo desumanizante e que ao se abrirem para a graça de Jesus tiveram toda a sua existência transformada.

É sempre perigoso falar de discipulado integral em ambientes marcados pelo moralismo e, quando este se torna um fim em si mesmo, inadvertidamente muitos crentes pentecostais acabaram por associar o discipulado com as roupas trajadas, o tipo de linguajar e a frequência à Igreja e, por vezes, esse comportamento não alcançava uma vida ética e compromissada com o outro. Quando o moralismo se estabelece, o caminho para o dualismo é quase que inevitável, pois, o discipulado passa a ser visto de modo íntimo e pessoal e, não de modo comunitário e mundano.

O Movimento Pentecostal, especialmente em suas origens, valorizava uma conversão integral que buscava a restauração do ser humano em todos os aspectos de sua vida. Porém, a partir do momento em que ser cristão passa a ser identificado apenas como frequência e as práticas eclesiais ou com alguma forma estereotipada, o discipulado que envolve a vida como um todo fica comprometido.

Hoje, muitos frequentadores dos templos pentecostais não conseguem levar para as suas vidas concretas o conteúdo daquilo que ouvem nas Igrejas, ou porque fazem um dualismo entre o *eclesial* e o *mundano*, ou porque os discursos teológicos dos púlpitos têm a cada dia se tornando irrelevantes para o cotidiano das pessoas.

<sup>653</sup> Cf. Lucas 1.38

<sup>654</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 140

A compreensão dualista tem sido um grande desafio para que cristãos vivam um discipulado de fato integral. Muitos dividem a fé que é vivida na Igreja da fé que deveria ser testemunhada todos os dias. O discipulado nos chama a apresentarmos uma proposta cristã diante do mundo em que vivemos.

#### 4.5 A espiritualidade integral em Karl Barth

Espiritualidade está intimamente ligada a todas as expressões religiosas sendo uma prática de fé que dá sentido à vida do adepto. No cristianismo a espiritualidade é buscada e se constitui num relacionamento ativo entre o fiel e Deus, entre sua crença e sua vivência. Quando praticada de modo sadio, a espiritualidade cristã é integradora e reúne a crença teórica com a vivência prática.

Por espiritualidade cristã se entende que deva ser coerente com o Evangelho, que é a fonte desta espiritualidade e que não entra em conflito com o autenticamente humano, pois, se trata de sua plenitude<sup>655</sup>.

Numa espiritualidade cristã sadia, não se pode falar em *natural* ou *sobrenatural*, do *humano* e do *divino*, como dois planos separados ou como duas realidades contrárias e que se opõe reciprocamente<sup>656</sup>. A espiritualidade proposta por Jesus e pelo Evangelho integra o divino e o humano num relacionamento feliz e sadio.

Espiritualidade está relacionada a experiência com o Sagrado, com a própria fé. Conforme Juan Estrada: “poderíamos definir espiritualidade como a vida segundo o espírito, isto é, a forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito de Cristo”<sup>657</sup>. A espiritualidade envolve toda a vida do ser humano, não apenas o seu *espírito*, mas também o seu corpo, sua individualidade e suas relações públicas e sociais, sua condição de membro da igreja e de cidadão do mundo<sup>658</sup>. Abraçar a espiritualidade não requer a renúncia de uma porção essencial de nós mesmos, pelo contrário, vivendo a espiritualidade seremos mais plenamente nós mesmos<sup>659</sup>.

<sup>655</sup> CASTILLO, José Maria. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2012. Pg. 15

<sup>656</sup> Ibidem

<sup>657</sup> Cf. ESTRADA, Juan. **La espiritualidad de los laicos**. Madrid: Cristiandad, 1992. Pg. 12

<sup>658</sup> CASTILLO, José Maria. **Espiritualidade para insatisfeitos**. Pg. 17

<sup>659</sup> Ibid, pg. 18.

Gustavo Gutierrez definiu como “espiritualidade é uma forma concreta, movida pelo Espírito de viver o Evangelho”<sup>660</sup>. Espiritualidade é um modo real que o fiel encontra de viver o Evangelho.

O Movimento Pentecostal é caracterizado por um forte teor pneumatológico ainda que carente de reflexão sistemática. Karl Barth também valorizou a reflexão sobre a Pneumatologia e suas consequências práticas. Barth ansiou por uma teologia pneumática, que fizesse justiça aos entusiastas e místicos que ele considerou terem sido desprezados pelos Reformadores. Também tinha grande consideração e admiração pelos místicos e espiritualistas medievais<sup>661</sup>.

Ao longo de sua vida, Barth teve influências piedosas e entusiásticas e, as valorizou e as respeitou mesmo que em algum momento fizesse suas revisões. O Pentecostalismo, por sua vez, tem como uma de suas principais características a prática da Espiritualidade. Essa característica veio do Pietismo, que via na espiritualidade cristã e na experiência com o Sagrado um valor mais importante que o dogma. Pela proximidade com o Pietismo, a prática da espiritualidade também foi algo importante na vida de Barth.

Depois do Pietismo, o Movimento Metodista de John Wesley enfatizou a mesma realidade. Após ter tido o seu coração *estranhamente aquecido*, Wesley ganhou a experiência íntima com Deus que ele tanto buscou e precisou para dar o ímpeto ministerial em sua vida. O pai do metodismo viveu uma experiência mística que mudou a sua existência e suas práticas cristãs e aquele fervor vivido no dia 24 de maio de 1738 foi compartilhado com milhões de seguidores posteriores que buscaram e viveram experiências místicas semelhantes.

O movimento norte-americano conhecido como *Grandes Avivamentos*, que aconteceram no século XIX tiveram como marcas a conversão radical do mundo para Cristo e a ênfase nas experiências emocionais. Como já fora dito, todas essas características de movimentos com tendências ao emocionalismo e a prática mística, desaguaram na Rua Azuza no início do século XX e deram a cara do Pentecostalismo.

<sup>660</sup> GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia de la libertacion**. Salamanca: Sigueme, 1990. Pg. 244

<sup>661</sup> MACCHIA, Frank. **The Spirit of God and the Spirit of Life: an Evangelical response to Karl Barth's pneumatology**. In CHUNG, Sung Wook (Ed). **Karl Barth and evangelical theology**. Pg. 149

O Movimento Pentecostal brasileiro sempre foi caracterizado pela vivência intensa da espiritualidade. É muito comum neste ambiente, orações fervorosas de clamor a Deus, de petições por curas milagrosas, por problemas considerados insolúveis e por intercessão a algum parente ou amigo perdido no *mundo*.

As Igrejas pentecostais têm o hábito de *subirem aos montes* para buscar, de modo mais íntimo, a presença e o renovo de Deus. Nos montes, são comuns os testemunhos de visões, de batismos com o Espírito Santo e de renovos na vida espiritual dos crentes. Os Pentecostais jejuam e se consagram a Deus e, por vezes, fazem aos domingos, antes da Escola Dominical uma reunião de oração, chamada de *consagração*, além dos cultos de oração e as campanhas. Os Pentecostais buscam a experiência com o Espírito Santo de modo insistente e valorizam os dons de falar em outras línguas, de profetizarem, de curarem, etc.

Os Pentecostais também entendem como fervor a expulsão de demônios, os evangelismos em praça pública ou mesmo em coletivos lotados. Por vezes é entendido que pregação com *poder de Deus*, são aquelas feitas aos gritos, isso quando ainda não se colocam caixas de som voltadas para a rua para que os vizinhos sejam *evangelizados*.

De fato, os Pentecostais são estimulados a viverem a espiritualidade em todo o tempo e de modo intenso, porém, na grande maioria dos casos, essa espiritualidade acaba sendo dualista, pois é entendida como aquilo que se pratica dentro das Igrejas e o que é feito fora das Igrejas tem como objetivo levar os perdidos para dentro da mesma.

Não se pensa como espiritualidade as consequências do discipulado que nos leva para fora, para o mundo. Como as opções políticas, o engajamento social, a luta pelos direitos humanos e os menos favorecidos, ou mesmo que seja um dia de descanso ou de lazer com a família, ou uma oportunidade de confraternização com quem se ama.

Uma espiritualidade dualista acaba por se resumir as questões da *alma*, enquanto que as questões relacionadas ao *corpo*, ainda são vistas como *carnalidade*, ou pelo menos, não tão importantes quanto as primeiras. É, em muitos casos, uma espiritualidade que aliena e não que integra. Não foi essa espiritualidade que Jesus propôs, a que é vivida apenas dentro da Igreja ou que tem a ver com a alma, mas aquela que nos envolve como um todo.

É obvio que há a necessidade das questões relacionadas a intimidade e a contemplação do divino, porém, estas experiências nos convidam a ir além. É a espiritualidade que nos leva, em particular, para dentro de nosso quarto onde apenas o Pai pode ver<sup>662</sup>, mas, também nos convida a sujarmos os pés com a caminhada da vida<sup>663</sup>. O conceito de espiritualidade crido e praticado por Karl Barth não se resumiu às questões morais e nem tampouco desprezou a carnalidade, mas procurou entender que espiritualidade contempla o ser humano como um todo e em todas as suas relações.

#### 4.5.1 A prática devocional em Karl Barth

Muitas vezes, por fazer um dualismo entre intelectualidade e unção, entre reflexão teológica e espiritualidade, os Pentecostais podem imaginar que um teólogo como Karl Barth era alguém que só tinha tempo para ler e pensar de modo teórico. Alguém que não orava e não se consagrava, que além disso, pouco frequentava a Igreja. Porém, se esta impressão for em relação ao teólogo da Basileia, definitivamente, é uma compreensão preconceituosa, dualista e absolutamente falsa.

Karl Barth não foi um dualista em sua prática cristã, nem enfatizando a espiritualidade em detrimento do engajamento e nem invertendo o dualismo. Mas, Barth viveu essas realidades de modo harmônico e pleno, assim como era um intelectual era um *homem de Deus*. Assim como foi um profeta engajado com as causas político-sociais que o cercava, foi um homem que valorizou a oração, a pregação e a frequência aos cultos e celebrações, pois, entendia tais realidades como saudáveis para a vida.

Como já dito, Barth não fez sua teologia num gabinete ou numa torre de marfim, isolada da vida real, pelo contrário, sua teologia é fruto da comunidade de fé que teve uma experiência real com Jesus. Barth foi um teólogo fascinante, um pastor zeloso, cuidadoso das pessoas que estavam aos seus cuidados, especialmente os mais vulneráveis.

---

<sup>662</sup> Cf. Mateus 6.6

<sup>663</sup> Cf. João 13.1-17

A prática pastoral de Barth não deve ser entendida apenas nos doze anos que pastoreou (seja os dois como auxiliar e os dez como titular), mas, seu pastoreio o seguiu por todos os dias de sua vida, fosse com seus alunos, fosse em sua luta pelo bem comum, sempre presente.

Barth foi um cristão devoto e um homem piedoso. Alguém que via na Igreja uma realidade importante para atender as mazelas da sociedade na qual estava inserido. Um pastor que entendeu quão importante era para a sua comunidade simplesmente ouvir a *Palavra de Deus*. Um homem que falou bastante sobre a oração por exemplo, simplesmente porque orava, além de ter sido alguém que estava atento para a atuação imprevisível e livre do Espírito Santo.

Barth entendeu que a realidade da espiritualidade partia do pressuposto da Revelação de Deus. O ser humano não possui condições em si mesmo para falar sobre Deus, Ele é o *totalmente outro*, quantitativamente e qualitativamente superior ao homem, porém, o mesmo Deus por meio de Sua graça e amor, quer que o ser humano o conheça. Deus quis se revelar ao ser humano para ter relacionamento com o mesmo, Barth afirmava que Deus não revela informações ou doutrinas sobre Ele, mas revela a si mesmo, revela a sua própria pessoa.

Para Karl Barth a mística era algo importante da vida cristã. O crente precisa saber que o cristianismo não se limita a uma série de doutrinas e mandamentos sobre Deus. Deus não é objeto para que seja compreendido por nossa limitada mente, mas é uma pessoa que se revela e com quem devemos nos relacionar para a nossa própria salvação. Neste relacionamento com o divino somos convidados para uma experiência mística, diante disso, Barth crê que quanto mais flexível seja o aspecto doutrinário, maior a possibilidade da mística<sup>664</sup>.

Ainda que haja um protesto pentecostal contra o dogma e a favor da espontaneidade espiritual, o seu ambiente é profundamente dogmático, os valores e os ensinamentos da denominação são rigidamente valorizados de tal modo que os transgressores destes mandamentos devem ser punidos.

Em nome das doutrinas da denominação muitas vezes se cria uma padronização comportamental em nome do dogma eclesial e, muitas Igrejas Pentecostais flertam com o fundamentalismo quando assumem um discurso

---

<sup>664</sup> BARTH, Karl. *Palavra de Deus, palavra de homem*. Pg. 157

unívoco, como se a sua interpretação particular das Escrituras fosse a única interpretação correta e verdadeira do texto sagrado.

O dogmatismo pentecostal se revela na compreensão literalizada das Escrituras e quando o seu discurso é considerado a *verdade*. Segundo Barth, no enrijecimento dogmático a mística saudável perde espaço para os extremos.

Barth não desprezava o dogma, pelo contrário, entendia a sua relevância para a reflexão da fé, porém, acreditava que no cristianismo a vida sempre está acima do dogma. Dizia que o Espírito não era dogmático, mas vivo e livre e, que este mesmo Espírito não estaria disposto a respeitar velhas tradições dogmáticas engessadas estabelecidas por estruturas religiosas<sup>665</sup>.

Barth teve grande influência do Pietismo em sua vida. Muito graças ao seu próprio pai e também, graças a Schleiermacher, um dos teólogos que mais contribuíram para a formação de seu pensamento. Barth tinha o Pietismo em alta conta, mas se distanciou do mesmo no dualismo que o movimento cometia entre a experiência e a reflexão. Barth entendeu que era um prejuízo para a espiritualidade cristã a postura anti-intelectual pietista e, tratou da mesma questão de modo integral, para Barth a fé não exclui a razão, mas a ilumina, assim como a razão é uma boa auxiliadora da fé<sup>666</sup>.

A espiritualidade de Barth é profundamente integradora. Quando podemos contemplar e nos abrir para a misericórdia, a bondade e o amor de Deus que nos convida a vida eterna, devemos nos entregar sem reservas e, assim, a divisão entre a esfera religiosa e as demais esferas se desfazem. A espiritualidade baseada no amor de Deus nos liberta de todos os dualismos, faz cessar a separação entre corpo e alma, entre serviço de Deus e política, entre teoria e prática. Todas as separações cessam, pois, o homem é um e como tal, sujeito ao senhorio de Cristo, que abrange toda a vida<sup>667</sup>.

Enquanto era pastor da comunidade de Safenwill, Karl Barth se sentiu desmotivado com os sermões que pregava semanalmente. Percebeu que o método liberal era incapaz de comunicar a Palavra de Deus a pessoas simples que estavam desejosas de ouvi-la. Naquele tempo, Barth e seu amigo Thurneysen ficaram sabendo do trabalho que o pregador Christoph Friedrich Blumhardt vinha

---

<sup>665</sup> Ibid, pg. 38

<sup>666</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 25

<sup>667</sup> Ibid, pg. 129

realizando na comunidade de Bad Boll e decidiram visitá-lo. Aquele trabalho na verdade, começou com o pai de Christoph, Johann C. Blumhardt no século XIX em pleno auge do pensamento liberal.

Johann Blumhardt era um dedicado pastor na cidade de Mottlingen que teve sua vida completamente alterada no dia em que teve de lidar pastoralmente com um caso de uma jovem endemoninhada. A moça se chamava Gottliebin Dittus e foi tratada por Blumhardt durante dois anos, entre 1842 e 1844. A rotina de tratamento e orações era extenuante para Blumhardt e depois de muito desgaste finalmente viu a moça sendo curada. A aldeia de Mottlingen tornou-se conhecida pelo brado que ecoou por toda a Alemanha: *Jesus ist Sieger!* (Jesus é vencedor!)<sup>668</sup>.

Nos meses seguintes, o pastoreio de Blumhardt viveu uma situação inusitada, um grande movimento de arrependimento e conversão se espalhou pela região e muitas pessoas teriam sido curadas milagrosamente de várias enfermidades. Verdadeiras multidões foram conhecer o trabalho daquele pastor, além de curas, conversões, houve o resgate de muitos casamentos e a reconciliação de vários desafetos<sup>669</sup>.

Blumhardt passou a conviver com o descontentamento de ministros de outras paróquias e juntamente com a impossibilidade de reunir tantas pessoas em Mottlingen, logo o pastor procurou um lugar mais adequado e finalmente se estabeleceu em Bad Boll. No novo endereço, Blumhardt continuou recebendo muitas pessoas que o procuravam com diversos problemas físicos e espirituais. Bad Boll se tornou um centro de atendimento de todas as espécies e, com o apoio que recebeu de pessoas ricas da região, o pastor Blumhardt pôde adquirir a propriedade.

As similaridades com o relato de Blumhardt e da comunidade de Bad Boll com o trabalho de William Seymour e a Rua Azuza não passam despercebidos. Na rua de Los Angeles um fenômeno parecido com o que aconteceu na Alemanha se deu também e o Pentecostalismo se espalhou por toda a América Latina, especialmente para o Brasil. O mais curioso é que o movimento de Bad Boll aconteceu justamente na época e no país onde o pensamento liberal era mais forte, mostrando que muitos sentiam a necessidade de algo mais flexível e místico que um método teológico cientificista.

---

<sup>668</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 86

<sup>669</sup> Ibid, pg. 87

O filho Christoph Blumhardt se sentiu chamado para ministério pastoral e logo o seu pai o enviou para estudar e quando formado tornou-se seu auxiliar. Quando o pai Johan morreu, seu filho assumiu os trabalhos em Bad Boll. Christoph Blumhardt seguiu o mesmo espírito humilde e fervoroso de seu pai, em seguida rompeu com a Igreja oficial e se preocupou com as pessoas que apenas o procurava para ser curada de suas enfermidades<sup>670</sup>. Este é um fenômeno de muitas Igrejas Pentecostais, várias pessoas as procuram para fazer alguma campanha de fé ou buscarem algum milagre e depois se afastam sem qualquer problemática.

Christoph lutou contra a tendência de que Bad Boll fosse apenas conhecida pelas curas milagrosas, dizia que fazer de Deus nosso servo era uma distorção do Evangelho. Cria que Deus não estava apenas interessado em curas físicas, mas, no perdão dos pecados e na libertação das opressões que o ser humano viesse a sofrer.

Christoph Blumhardt assim como o Pentecostalismo e Barth, teve influências do Pietismo em sua formação e enfatizava a necessidade do novo nascimento na vida do ser humano. Acreditava que a libertação que a moça tinha vivido era fruto de uma efusão do Espírito Santo. Porém, nos Blumhardts a espiritualidade era integral, associavam a dimensão política e social como uma manifestação do Reino de Deus entre nós e isso esteve presente em Karl Barth<sup>671</sup>. Christoph foi deputado pelo Partido Social Democrata entre os anos de 1900 e 1906<sup>672</sup>.

Karl Barth e Eduard Thurneysen viajaram a Bad Boll no dia 10 de abril de 1915 e por lá permaneceram por cinco dias. A crise desses dois amigos com a deficiência de seus sermões foi a principal motivação que os levou até lá. Barth ficou muito impressionado com o teor da pregação de Blumhardt, que era uma mensagem objetiva e voltada para a pessoa humana em seu todo<sup>673</sup>. Barth manteve longas conversas com o Blumhardt e ficou impactado com tudo o que viu e ouviu dele, disse que a palavra *esperança* havia sido resgatada em Bad Boll.

Após a visita feita a Bad Boll, as mensagens de Karl Barth mudaram significativamente, aquela visita lhe deu um referencial do caminho em que poderia seguir e o deixou profundamente inquieto para alcançar tal objetivo. Afirmou que se sentia como uma abelha batendo suas asas contra a janela, fazendo muito barulho

---

<sup>670</sup> Ibid, pg. 89

<sup>671</sup> Ibid, pg. 92

<sup>672</sup> Ibidem

<sup>673</sup> Ibid, pg. 90

sem conseguir penetrá-la<sup>674</sup>. Barth teve uma tia piedosa que desde a infância o influenciou que chegou a ser membro da Igreja dos Blumhardts<sup>675</sup>.

A influência dos Blumhardts esteve sempre presente na vida de Barth. Sua escatologia partia da premissa de que *Jesus era o vencedor*<sup>676</sup>. Em seu último telefonema antes de morrer, feito no dia 9 de dezembro de 1968, se despediu de seu amigo Thurneysen com as palavras de Christoph Bumhardt: *Ele reina!*<sup>677</sup>

Karl Barth foi um teólogo pneumatológico. Cria na atuação do Espírito sobre a vida do teólogo para que o mesmo pudesse falar sobre a Palavra de Deus. O termo bíblico para Espírito é *ruah* ou *pneuma*, ambos significam *ar em movimento* ou *ar que põe em movimento*<sup>678</sup>. O Espírito é dinâmico e vivo, e como tal, está em movimento e movimentando todas as coisas conforme o Seu querer. O sopro do Espírito não é determinado pela tradição humana e nem pode ser aprisionado, o ar que Ele produz é leve e suave, inspira e refrigera a vida daqueles que são conduzidos por Ele. Onde o Espírito está não pode haver cadeias, pelo contrário, Ele produz a liberdade<sup>679</sup>.

O ar viciado e o ambiente engessado da religião com seu espírito de autossuficiência não levam o ser humano até Deus, pelo contrário o afasta Dele<sup>680</sup>. Apenas o sopro renovador do Espírito é quem conduz o humano até o divino e por isso, os cristãos devem se deixar conduzir por este *ar fresco e em movimento*. O esforço da piedade religiosa tenta nos aproximar de Deus por nossos próprios esforços, o que nos leva na verdade, a becos sem saídas.

Barth fez a distinção entre um ser humano piedoso e um cristão. O piedoso, conforme pretendido pela religião, é um ser que entende o mundo de modo dualista, faz distinção entre o espiritual e o material, entre o sagrado e o profano. O piedoso é elogiado pelos homens e chama a atenção por sua devoção particular, este é como um homem rico que sente a necessidade de ser ainda mais rico e, acaba confiando em sua própria piedade para se aproximar de Deus.

---

<sup>674</sup> Ibid, pg. 91

<sup>675</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 19

<sup>676</sup> SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. Pg. 95

<sup>677</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 498

<sup>678</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Pg. 38

<sup>679</sup> Cf. 2 Coríntios 3.17

<sup>680</sup> BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 59

Já o cristão é aquele que confia na graça de Deus e no sopro livre e arejado do Espírito para ter sua vida transformada e aproximada do divino. É o que reconhece sua pobreza e confia na misericórdia divina que o salvará de si mesmo.

Para Barth a teologia deixa de ser espiritual a partir do momento em que se afasta do ar fresco e movimentado do Espírito, e se deixa atrair para dentro de recintos em cujo ar está viciado<sup>681</sup>. A teologia evangélica só poderá ser viável se for uma teologia pneumática. O teólogo, assim como todo o cristão, é convidado a se entregar à condução do Espírito sem reservas e, se submeter à sua iluminação e consolação. Fechar-se para o Espírito significa ter a vida e, no caso do teólogo, a pesquisa concentrada ao redor de si mesmo.

Barth ainda fala sobre a experiência *pentecostal* do período apostólico e, realça a capacitação que desceu sobre os discípulos naquele dia a que pudessem falar de modo compreensível dos grandes feitos de Deus e de Sua mensagem de vida eterna. Foi o Espírito quem os capacitou e os impulsionou a testemunharem da ação e da Palavra de Deus<sup>682</sup>. Sobre o batismo com o Espírito Santo, uma experiência muito buscada pelos pentecostais, Barth entendia ser a união feita entre o ser humano e Deus tendo o Espírito Santo como agente desta união<sup>683</sup>.

As experiências pentecostais no início do movimento, se caracterizavam não apenas por emoções religiosas, mas havia o testemunho de que as mesmas pessoas que viviam tal experiência se sentiam chamadas e vocacionadas por Deus para entregarem suas vidas para a causa do Senhor e pregar o Evangelho em algum lugar carente.

Esta experiência existencial aos poucos tem se perdido, sobretudo com o avanço do Neopentecostalismo que acaba ensinado aos seus ouvintes o contrário daquilo que Barth alertava: que a espiritualidade é um modo pessoal de se sentir bem na emoção religiosa, o conforto passa a ser um fim em si mesmo. Muitos, influenciados pelo conceito de espiritualidade neopentecostal acabam pensando na espiritualidade apenas como meio de se conseguir as dádivas de Deus sem quaisquer compromissos com a vida concreta.

<sup>681</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Pg. 39

<sup>682</sup> BARTH, Karl e CULMANN, Oscar. **Batismo em diferentes visões**. São Paulo: Fonte, 2004. Pg.15

<sup>683</sup> BARTH, Karl. **Church dogmatics IV/4**. Edimburg: T & T Clark, 1960. Pg. 39

A concepção de espiritualidade em Karl Barth é integral. Como dito, Barth era um homem de oração, de práticas litúrgicas e devocionais, que confiava na direção do Espírito Santo sobre sua vida e sobre sua teologia. E entendia que a espiritualidade não nos chama apenas à contemplação, mas também ao discipulado.

A espiritualidade se dá na intimidade do quarto, mas, também na vida externa diária. Para Barth a relação de Deus com o ser humano o inclui de modo completo e ainda que o Espírito Santo não seja idêntico ao espírito humano, Ele o encontra em sua infinita bondade<sup>684</sup>.

#### 4.5.2

#### A oração em Karl Barth

Sobre a espiritualidade é sabido que algo de grande relevância para a questão é a prática da oração. Oração é incentivada no Novo Testamento tanto por Jesus quanto pelos apóstolos. Ambos ensinaram sobre tal prática de duas maneiras, na intimidade do quarto, de modo que apenas Deus veja e saiba que está orando, diferentemente das orações dos fariseus que tinham o objetivo de ganhar fama de espirituais<sup>685</sup>. E a outra maneira é a oração comunitária, quando os apóstolos ensinaram que esta deveria ser uma prática da Igreja, em suas reuniões e na oração de uns pelos outros<sup>686</sup>.

O Movimento Pentecostal enfatiza o valor das orações, tanto de modo pessoal quanto de modo comunitário. A oração espontânea é bastante praticada no movimento, por vezes algumas distorções acontecem, como alguém fazendo da oração um mecanismo para adquirir bens financeiros, ou a crença de que a oração é uma maneira de fazer Deus operar em nosso favor de acordo com o que queremos.

Em alguns ambientes, sobretudo neopentecostais, a oração tem deixado de ser entendida como modo de confiar e depender da graça de Deus, para se tornar num mecanismo pelo qual o crente exige de Deus determinadas petições que considera direito seu. Alguns, distorcidamente, tem feito da oração uma tentativa de mudar Deus em seu favor, um meio de ser beneficiado materialmente e não uma atitude contemplativa e submissa diante da vontade do *Totalmente Outro*.

<sup>684</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 201

<sup>685</sup> Cf. Mateus 6.5

<sup>686</sup> Cf. Tiago 5.16

Karl Barth era um homem de oração. Sabia da orientação de Jesus, dos apóstolos e inclusive, dos reformadores sobre a necessidade da oração. A oração era algo a ser praticada em casa, em família e em particular, mas, também era algo a ser praticada na Igreja, como uma comunidade de irmãos e irmãs, assim como os reformadores nos lembraram<sup>687</sup>.

A primeira realidade sobre a oração que Barth pontua é que podemos orar juntos, como irmãos em Cristo, pois, se as barreiras doutrinárias entre cristãos forem tão espessas que os separe inclusive da oração conjunta, logo isso seria uma distância ao próprio Espírito de Cristo. A oração em comum agrega, aproxima e diminui as barreiras, como já citado, Barth orienta que os cristãos devem orar pelos inimigos, porque ao fazerem isso, os mesmos deixam de ser inimigos.

A oração não pode, de modo algum, nos distanciar dos seres humanos, ela deve nos unir, pois, é algo para o bem de todos. Em sua vida, Barth, ao orar procurava frequentemente a companhia de outras pessoas que pudessem compartilhar com ele daquele momento devocional<sup>688</sup>. Gostava de ter ao seu lado pessoas para fazer de um momento especial algo em comunhão.

A oração é um ato de reconhecimento, primeiro de reconhecer quem é Deus e, segundo um reconhecimento de quem somos nós mesmos, uma vez que reconhecemos que Deus é o Pai de amor e de misericórdia e nos reconhecemos como pecadores, pela oração, confiamos na ação bondosa do Pai para conosco e do quão necessitados somos deste seu favor imerecido.

Barth dizia que a oração não deve ser um simples ato de repetição de palavras ou mesmo um exercício meramente intelectual como se fosse feito apenas com a cabeça e a boca, mas a oração deve ser feita pelo coração do homem e da mulher que oram a Deus<sup>689</sup>. Deve ser algo autêntico, sincero e verdadeiro. Deve expressar aquilo que o coração sente, deve ser sincera, livre, ao mesmo tempo que disciplinada, como no exemplo da oração dominical.

Barth admirava as orações feitas por Calvino ao final de cada texto seu, as orações praticadas por Martinho Lutero, mas antes disso, sabia que a oração era uma ordenança do próprio Jesus, que não só nos ensinou que orássemos, mas orou em sua vida e nos ensinou a orar. Barth também apontou para a oração explícita e

---

<sup>687</sup> BARTH, Karl. **O pai nosso**. São Paulo: Novo Século, 2003, pg. 15

<sup>688</sup> BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Pg. 121

<sup>689</sup> Ibid, pg. 16

a oração implícita. A primeira é aquela que se exterioriza, feita através de palavras, já a segunda, não se exprime em palavras, mas pelos sentimentos, sendo uma atitude constante do coração, da consciência e dos pensamentos<sup>690</sup>.

A oração é um ato de reconhecermos que apenas Deus pode nos conhecer de modo integral, nos ouvir de modo misericordioso e nos curar de nossas dores mais profundas. Nenhum ser humano pode ser para nós o que Deus é: um grande socorro em meio as maiores aflições<sup>691</sup>.

A possibilidade de orarmos não é apenas um mandamento é, na verdade, uma graça, um dom de Deus. Devemos saber convictamente, que Deus sempre ouve e responde as nossas orações<sup>692</sup>. Ela é uma certeza de que Deus está sempre presente. Numa época em que líderes no Pentecostalismo apelam para as chamadas *orações fortes* ou *orações de poder*, Barth nos diz claramente, que o mais importante não é que nossas orações sejam *fortes*, mas saber que Deus nos ouve! Isso sim, nos dá a confiança de que nossa oração será respondida.

Barth diz que ser cristão é orar, são duas realidades inseparáveis, uma espécie de respiração indispensável à nossa vida. Quem não ora, não se dá conta que estamos diante de Deus, ou seja, desconhece quem Ele é. Orar é uma ação do ser humano que se reconhece pecador e que apela para a Graça de Deus. Na oração temos nossa condição revelada, mas a confiança de que Deus vem ao nosso auxílio. Barth diz que *Deus é sempre o mesmo e, entretanto, jamais o mesmo*<sup>693</sup>. Deus é aquele mesmo Pai, que estará sempre presente, mas que é novo a cada manhã nos revelando Seu favor e Sua bondade.

A oração para Barth era compreendida também de modo integral, pois ele cria que era um grande erro dividir a vida humana em esferas, para ele não existia a esfera onde se tratava da espiritualidade, da teologia ou de questões metafísicas, e outra em que estaria a sexualidade, o dinheiro, os negócios. Barth chama essa divisão de ilusória e afirma que o homem possui uma única *esfera*, é um único ser<sup>694</sup>.

Sobre a oração dominical ou a oração do *Pai Nosso*, Barth a levou muito a sério e fez várias reflexões sobre o seu conteúdo. Fez um paralelo entre suas estrofes

---

<sup>690</sup> Ibid, pg. 17

<sup>691</sup> Ibid, pg. 22

<sup>692</sup> Ibid, pg. 23

<sup>693</sup> Ibid, pg. 35

<sup>694</sup> Ibid, pg. 38

e a estrutura dos dez mandamentos, onde as três primeiras petições correspondiam aos quatro primeiros mandamentos e, as outras três petições seriam equivalentes aos seis últimos mandamentos<sup>695</sup>.

Barth lia e entendia a oração dominical de modo pedagógico. A dividiu em duas partes com três petições em cada parte, na primeira são as petições em relação ao próprio Deus: *santificado seja teu nome, venha o teu reino e seja feita tua vontade*. Já as demais petições dizem respeito ao próprio ser humano: *o pão nosso de cada dia dai-nos hoje, perdoa nossas dívidas e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal*<sup>696</sup>.

A teologia de Karl Barth era feita tendo a oração como sua aliada e conselheira. Barth afirmava que o labor teológico era necessariamente um ato de oração, a prática do desejo que seja feita a vontade de Deus e não a nossa<sup>697</sup>. Barth deixava claro que a devoção na oração não excluía o rigor e a labuta que o teólogo deve ter na pesquisa. Este seria um bom conselho de Barth para os ambientes pentecostais que fazem um dualismo entre o pastor e o teólogo, como se teologia não fosse feita com devoção. Barth foi um dos maiores teólogos do seu tempo, fez teologia com refinamento e rigor na pesquisa, o que não o impediu de ser um homem de oração. O conselho de Barth mostra que o Pentecostalismo poderia tranquilamente produzir uma teologia séria e encarnada sem se perder o fervor da oração e da espiritualidade.

Barth dizia que o labor teológico é uma relação de interdependência entre Deus e o ser humano e, desta forma, o ser humano deve interagir harmonicamente uma relação vertical e outra horizontal. A primeira é a oração, sua busca por Deus e a segunda é o trabalho acadêmico e o rigor intelectual. Barth compreendia essa realidade de modo integral, ele não deixa de orar para estudar e não deixa de estudar para orar, afirmou que, no caso do labor teológico, oração sem estudo seria vazia e, o estudo sem a oração seria cego<sup>698</sup>.

Conciliar a oração com a ação era algo que Barth praticava naturalmente. Ao mesmo tempo que pedia em suas orações pelos governantes, por suas responsabilidades e ações<sup>699</sup>, dizia que era algo incoerente a Igreja orar por um

---

<sup>695</sup> Ibidem

<sup>696</sup> Ibid, pgs. 38 - 60

<sup>697</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Pg. 105

<sup>698</sup> Ibid, pg. 108

<sup>699</sup> BARTH, Karl. **Senhor! Ouve nossa oração!** Pg. 30

Estado justo sem fazer algo de concreto para que ele fosse de fato justo. Barth orava pelo Estado, pelos governantes e pelas vítimas das injustiças, mas nunca deixou de lutar por um Estado justo, governantes humanizados e pela diminuição das vítimas. Barth orava pelos pobres em suas orações litúrgicas ao mesmo tempo em que lutava em favor dos mesmos e denunciava o pecado da exploração que gerava pobreza por parte do egoísmo dos poderosos<sup>700</sup>.

Karl Barth orava pela Igreja, pelas faculdades e escolas pedindo que seus trabalhos fossem guiados por Deus e alcançassem seus objetivos de contribuir com a sociedade. Curiosamente, Barth orava pelas editoras e jornais, pois, entendia como muito importante o trabalho dos mesmos na conscientização da população enquanto formuladores de opinião<sup>701</sup>.

Considerava que a oração não excluía a luta, o engajamento, assim como a luta não nos impede de orar. Para Karl Barth a oração tinha um valor imprescindível na vida do cristão, mas ele nunca entendeu a mesma como um paliativo para a consciência ou um distanciamento da sociedade. Evidentemente, a oração está ligada a espiritualidade, e tem o seu valor de adoração, meditação e comunhão com Deus, mas, também era uma petição a que Deus o encorajasse e encorajasse os cristãos ao seu redor a testemunharem sempre de sua fé e não fraquejassem diante da luta cotidiana do discipulado<sup>702</sup>.

A prática da espiritualidade em Barth era integral e, nesta compreensão, a oração devia ser sempre praticada. Barth entendeu a oração como a petição do filho que reconhece sua limitação e necessidade diante de um Pai amoroso e bondoso. A oração também é intercessória e deve ser feita em favor dos governantes, das igrejas, das universidades e escolas, dos jornais e editores de livros, das vítimas das guerras, dos que sofrem, dos pobres, dos inimigos, etc. O intuito da oração intercessória é pedir que a benção e direção de Deus esteja sobre aqueles que tem responsabilidades para com outros seres humanos para que sejam justos e zelem pelo bem de todos, bem como em favor dos necessitados que mais precisam.

A intercessão diante de Deus é uma prática da espiritualidade cristã, é um valor que nos transforma a partir do momento em que nos aproximamos e nos

---

<sup>700</sup> Ibid, pg. 21

<sup>701</sup> Ibid, pg. 44

<sup>702</sup> Ibid, pg. 56

relacionamos com Deus, uma vez que Ele é pessoa e que com pessoa deve se estabelecer um relacionamento subjetivo ou pessoal.

Para Barth a oração comunitária também era importante, nas celebrações eclesiais deve sempre ter um momento de orações comunitárias e devemos buscar em nossa prática devocional a companhia de outros cristãos para a oração.

Em muitas Igrejas pentecostais se faz campanha de oração pelo Brasil e por seus principais problemas, especialmente em momentos de crise, porém, as mesmas Igrejas se furtam de ir às ruas como Barth foi em Safenwill. Igrejas que acabam fazendo da oração uma fuga da realidade transformando a mesma numa compreensão dualista e desencarnada do mundo e, por vezes, essas mesmas Igrejas na época de eleições, por exemplo, apoiam candidatos no interesse de ganharem favores deles posteriormente. Cabe bem a denúncia de Barth de que os que hoje gritam *Aleluia*, amanhã serão os mesmos que clamarão *crucifiquem-no*<sup>703</sup>! Ainda que uma Igreja ore, se ela não se envolver no que o discipulado nos convida ela não estará se harmonizando com Jesus.

As Igrejas Pentecostais ainda levam a sério a prática devocional e as orações sejam pessoais, intercessórias e comunitárias. Muitas Igrejas possuem entre seus departamentos e ministérios, o Ministério de Intercessão ou o Círculo de oração, geralmente composto por mulheres, donas de casa ou aposentadas que se dedicam a orar pela Igreja, pelo pastor e sua família, por todos os membros da Igreja de modo geral.

As componentes dos ministérios de intercessão nas igrejas pentecostais geralmente são valorizadas pela comunidade, tidas em alta estima e com uma palavra que costuma ser respeitada. São vistas como *mulheres de Deus*, como *profetizas* usadas pelo Senhor, na verdade em muitas Igrejas a intercessão foi todo o espaço dado para as mulheres atuarem e, as que se dedicam a tal tarefa são reconhecidas por toda a comunidade como pessoas *espirituais* e sérias em suas condutas. Pensar no valor da oração a partir de Barth é entender que a prática deve ser feita diariamente numa atitude de dependência de Deus e de humildade, só não deve ser vista como fator de dualismo separando as pessoas entre *espirituais* e *carneais*, ou afastando os cristãos de seu papel de discípulo no mundo real em que vivem.

---

<sup>703</sup> BARTH, Karl. *O Credo*. Pg. 111

Por conta das influências do Pietismo e dos *Grandes Avivamentos* do século XIX, o Pentecostalismo valoriza as experiências emocionais em seu conceito e prática de espiritualidade. Sem dúvida alguma o ser humano é também um ser emocional e Barth entendia e afirmava isso, quando por exemplo defendeu a ideia de que no cristianismo a vida deve sempre superar a doutrina. Porém, em muitos ambientes pentecostais as experiências emocionais chegam a flertar com a insanidade e ultrapassam todos os limites da racionalidade, por estar num ambiente em que contrasta a razão com a experiência.

Karl Barth alertava sobre o perigo da ênfase na emoção religiosa, afirmando que assim como a emoção pode nos levar para mais perto de Deus, se a mesma for dualista e desequilibrada também pode nos levar para a direção contrária ao divino<sup>704</sup>.

Karl Barth tinha a preocupação em que na busca desequilibrada da emoção religiosa o ser humano tente a se apoderar do divino ao buscar a sua própria satisfação espiritual. Na espiritualidade barthiana a experiência religiosa não era apenas uma sexualidade reprimida ou a ênfase das vivências emocionais, mas a busca pela piedade bíblica, que segundo o teólogo é cônica de seus próprios limites e, é vivida em humildade e temor ao Senhor. A experiência piedosa na Bíblia não é apenas algo interno, mas, também uma comissão que requer reflexão e confissão diante do chamado que Deus nos faz<sup>705</sup>.

#### **4.6 A Revelação de Deus em Jesus Cristo**

Karl Barth teve o seu modelo teológico conhecido como a *Teologia da Revelação*. Este foi o ápice de sua reflexão teológica e o assunto que ele considerou decisivo na mensagem cristã.

Para Barth, o fato de Deus ser santo e transcendente, o faz ser o *Totalmente Outro* em relação a pecaminosidade do ser humano. Deus é infinitamente, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, diferente do ser humano. O humano, perdido no pecado, se encontra numa profunda e insolúvel crise diante de Deus, uma vez que precisa ser perdoado e se relacionar com Ele.

<sup>704</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. Pg. 43

<sup>705</sup> Ibid, pg. 54

Barth foi enfático em dizer que nenhuma via poderia conduzir o ser humano em direção a Deus e que todas as tentativas humanas em chegar ao divino não passariam de *becos sem saídas*, os quais só seriam capazes de conduzir à idolatria.

A ênfase de Barth em afirmar que nenhum caminho humano em direção ao divino é viável, também foi um posicionamento contrário ao Liberalismo teológico que confiou na Teologia Natural como fonte de conhecimento de Deus, e acabou por fazer do divino um mero *objeto de estudo*.

Na opinião de Barth, o Liberalismo não entendia Deus como uma pessoa, alguém com quem se deve relacionar. Nenhum caminho que parte do ser humano pode chegar a Deus, à graça ou ao amor divino, o único caminho entre Deus e o homem é o que parte de cima, de Deus em direção ao homem<sup>706</sup>.

Apesar da distância existente e da impossibilidade humana em chegar a Deus por seu próprio caminho, Deus quando criou o ser humano o fez para se relacionar com ele. Deus quis se fazer conhecido e desejou que o ser humano conhecesse seu convite ao amor e à misericórdia. Como Deus quis ser conhecido e o ser humano não podia conhecê-lo por conta própria, foi necessário que Deus tomasse a iniciativa de vir ao encontro da humanidade.

A iniciativa de Deus é a Sua própria Revelação. Neste processo, Deus não revela apenas informações sobre Ele mas, revela a si mesmo, revela sua própria pessoa. Como Deus é pessoa e quer se revelar aos seres humanos, Ele vem de encontro ao convívio do humano na pessoa de Jesus, perfeita e plena revelação de Deus, conforme afirmava Barth. Jesus é a revelação do Deus escondido<sup>707</sup>.

Jesus é Deus, pois, somente Deus pode revelar Deus. E para que Deus se revelasse ao ser humano na pessoa de Jesus, foi necessário o processo de auto esvaziamento e a encarnação como um servo que vem de encontro a humanidade e por ela pode se compadecer e oferecer seu gratuito perdão e salvação.

A pessoa de Jesus tem papel central e fundamental na teologia de Karl Barth. Barth dizia que Jesus era o centro não apenas de sua teologia como de todas as coisas, Ele era o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último. Na teologia barthiana, Jesus é a única fonte de Revelação de Deus e não uma entre outras<sup>708</sup>.

---

<sup>706</sup> Ibid, pg. 138

<sup>707</sup> BARTH, Karl. **O Credo**. Pg. 177

<sup>708</sup> BERKOUWER, G.C. **The triumph of grace in the theology of Karl Barth**. Grand Rapids: Eedrmans Publishing, 1956. Pg. 12

Karl Barth tinha plena consciência de que a encarnação de Jesus é o que nos salva, porque sua perfeita revelação nos mostra quem é o Pai de amor. Portanto, Barth não podia concordar que a carne fosse má, ou que a corporeidade devesse ser combatida, pois, o próprio Deus assumiu plenamente a corporeidade humana, para que assim a humanidade fosse trazida para junto de Deus e tivesse, na pessoa de Jesus, acesso possibilitado ao coração paterno.

A salvação na mensagem cristã está diretamente relacionada com o fato de Deus se fazer carne o que revela o seu amor. Jesus foi um ser humano de carne e osso, como nós e, sua única diferença é o fato de não ter pecado, ou seja, a corporeidade não pode ser entendida como fonte da pecaminosidade.

O processo Revelação – Esvaziamento – Encarnação é o que melhor define o cristianismo e a teologia barthiana, para tal é necessário que o dualismo entre alma e corpo, entre sagrado e profano, sejam superados, pois, nesta lista tríplice acontece uma perfeita e harmoniosa síntese entre o divino e o humano, entre o sagrado e o mundano, entre o espiritual e o material.

#### **4.6.1**

#### **A Revelação e a Encarnação como expressão integral de Deus**

Mais completo que falar em Revelação de Deus seria falar em Auto-Revelação de Deus. Barth dizia que Deus revela quem Ele é de fato e, não apenas informações sobre sua pessoa. A Auto-revelação divina é um ato unilateral e um gesto de amor integral de Deus para com o ser humano, mesmo esse ainda sendo pecador.

Deus decidiu se revelar ao ser humano como um ato de quem quer ser conhecido e deseja ter relacionamento com este humano. Portanto, Barth tem em mente que a Revelação de Deus é um ato de amor e de misericórdia, que tem como objetivo o encontro com o humano em sua integralidade.

Desde os tempos mais remotos, Deus procurou o ser humano e se revelou a ele. O autor da carta aos hebreus pontuou as multiformes maneiras de Deus se revelar ao ser humano ao longo da história e, enfatizou que, por fim, essa Revelação chegou ao seu auge na pessoa de Jesus Cristo<sup>709</sup>.

---

<sup>709</sup> Cf. Hebreus 10;1-3

O *Deus Absconditus* não pode ser conhecido por nenhum caminho humano, seja pela via da experiência religiosa (Schleiermacher), seja pela via da história (Troeltsch), nem pela via da metafísica. O único caminho viável vai de Deus até o ser humano e se chama Jesus Cristo, ou seja, Sua revelação que vem ao nosso encontro<sup>710</sup>.

Só poderíamos conhecer a Deus se este se revelasse a nós. E ele o fez de modo pleno na pessoa de Jesus Cristo. Só através da Revelação podemos crer em Deus e fé em Deus demanda em conhecimento dele, que também só se faz possível por causa de sua revelação<sup>711</sup>.

Jesus Cristo é a Palavra de Deus tornada carne. O Verbo que estava com Deus e se esvaziou para habitar entre nós como gesto do infinito amor divino para com a humanidade e como ápice da Revelação de Deus.

A Palavra na concepção de Barth não é tão somente sinônimo de Bíblia, embora o teólogo nunca tenha desvalorizado a Escritura, muito pelo contrário, porém, na teologia de Barth a Palavra não é simplesmente um livro, mas sim, uma pessoa, a encarnação do Verbo de Deus. A Palavra em Barth é um evento, é algo dinâmico que obrigatoriamente produz transformações na vida de todos os que se abrem para o encontro com essa Palavra. Para Barth, a Palavra não é informação, mas, é o próprio Deus e, por isso, é um evento.

A Palavra de Deus não se esgota no texto sagrado, embora Barth afirmasse que a Bíblia era a base textual do elemento revelado da fé. Qualquer discurso teológico sobre Deus é inadequado por ser limitado, por isso, para Barth a Palavra de Deus não pode ser apenas um discurso, por melhor que seja, sobre o texto sagrado, mas, precisa ser um evento produzido pelo próprio Deus na pessoa de Jesus tendo como base a Bíblia Sagrada<sup>712</sup>.

No meio Pentecostal é muito comum a identificação da Palavra de Deus como sendo a Bíblia por si só e entendida em sua literalidade. Para Barth a Bíblia é o registro da Revelação de Deus no passado e a promessa de que Ele continua falando.

No Pentecostalismo ainda é como a compreensão da Bíblia de modo *literalizado*, como se fosse ditada palavra por palavra pelo próprio Deus, sem levar

<sup>710</sup> GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. Pg. 21

<sup>711</sup> BARTH, Karl. *Fé em busca de compreensão*. 5ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. Pg. 27

<sup>712</sup> Ibid, pg. 37

em consideração os fatores humanos no seu processo redacional, ou mesmo se contexto histórico, cultural e textual.

Barth alertou para o perigo de ver as Escrituras excluindo dela seu fator humano, sua preocupação era em evitar que o ser humano de alguma forma, se sentisse como *possuidor* da Palavra de Deus<sup>713</sup>. Para Barth o fato de Deus ser transcendental fez com que Ele ficasse restrito ao texto da Escritura, que é uma manifestação fenomênica da Revelação<sup>714</sup>. O transcendental vem de encontro ao humano através da encarnação de Deus na pessoa de Jesus.

A Revelação de Deus é integral pois, ela mantém unidos elementos que se excluem reciprocamente: Deus e o homem, eternidade e tempo, revelação e história. Em Jesus Cristo temos a Palavra em movimento e temos também a perfeita e plena Revelação do Pai. Deus que é ao mesmo oculto e manifesto, se revela à humanidade na pessoa de Jesus. O Deus que é escondido como Pai se torna revelado como Filho<sup>715</sup>.

Na teologia de Barth, Jesus é o principal fator de integralidade. Ele, por si só, exclui todos os dualismos humanos. Primeiro porque para se revelar de modo pleno, Jesus precisou se fazer carne e para tal se esvaziou de sua divindade. Jesus fez o caminho contrário ao pretendido pelo dualismo gnóstico, que defendia a salvação como sendo a libertação da alma em relação ao corpo considerado mal.

Jesus é o Verbo de Deus que se fez carne, Ele se tornou humano e veio habitar entre nós, veio se fazer um de nós e assim se compadecer e oferecer a Graça perdoadora e reconciliadora de Deus<sup>716</sup>. A carne não é fonte de corrupção ou sinônimo de maldade, foi criada por um Deus amoroso, assumida e redimida por Jesus Cristo na encarnação.

Enquanto salvador, Jesus não é apenas um coletor de almas, mas o Cristo que veio para salvar o ser humano por completo. A salvação se dá na espiritualidade, mas também na corporeidade, a salvação é o resgate do humano do poder do pecado que o afeta de modo integral, logo onde abundou o pecado superabundou a Graça, esta é sempre maior e mais plena que o pecado<sup>717</sup>.

<sup>713</sup> AZEVEDO, Silvio Murilo. **A mão e a pena: a liberdade no pensamento de Karl Barth**. Pg. 31

<sup>714</sup> CAMPOS, Heber Carlos. **O impacto da filosofia de Kant sobre a doutrina da Revelação em Karl Barth**. São Paulo: Fides reformata XI, nº 1, 2005. Pg. 38

<sup>715</sup> BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**. Pg. 127

<sup>716</sup> GUNTHOR, Anselm. **A consciência e a lei**. São Paulo: Paulinas, 1974. Pg. 38

<sup>717</sup> Cf. Romanos 5.20

O pecado afetou o homem em sua integralidade, nas quatro relações fundamentais: o relacionamento com Deus foi marcado pela vergonha e a tentativa humana de se esconder do Pai amoroso. Na relação consigo mesmo o ser humano passou a conviver com o pavor da morte e ter ciência disso, na relação social o pecado gerou a consequência da sujeição de um pelo outro e, na relação ecológica a ganância humana desequilibrou a relação ecológica<sup>718</sup>.

A salvação de Jesus consiste na redenção integral deste ser humano e, na sua purificação nas quatro relações fundamentais recuperando o valor da dignidade humana salva por Jesus. A relação com Deus volta a ser confiante, a relação pessoal é marcada pela paz, a relação social pelo respeito e a relação ecológica pelo cuidado e conscientização.

Jesus é integral ao ser verdadeiramente Deus e verdadeiramente humano. Ele não é um ser *doceta* ou abstrato, mas é tanto Deus descido para a comunhão com o ser humano, quanto o servo elevado para a comunhão com Deus<sup>719</sup>. Em Jesus vemos a plena liberdade de Deus em amar, o poder divino se volta para baixo, para os pobres e necessitados, a fim de convidá-los a vida eterna e de oferecer perdão. Jesus é Deus assumindo plenamente e integralmente a humanidade para agregar-se a ela.

Praticar a espiritualidade cristã de modo dualista é uma tentação para fugir da *mundanidade* em prol de uma sacralidade alienada e distante. A espiritualidade dualista faz com que a pessoa queira deixar de ser humana para ser uma espécie de anjo ou um ser quase que divino. Por vezes, a espiritualidade pentecostal é compreendida como uma maneira de fugir da humanidade para se aproximar do divino, mas em Jesus somos convidados a entender que a espiritualidade se revela justamente na humanidade. Barth dizia que uma divindade que não nos leva a encontrar a humanidade seria uma falsa divindade<sup>720</sup>.

Jesus é o ponto de intercessão, o ponto de integralidade entre o mundo conhecido e o mundo desconhecido. O primeiro foi criado por Deus, porém, perdeu seu contato com Ele e precisou ser redimido, o segundo é o mundo do Deus incognoscível, o mundo da criação original e da salvação final, Jesus une essas duas realidades e as integra<sup>721</sup>.

<sup>718</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 161

<sup>719</sup> BARTH, Karl. **The humanity of God**. Pg. 45

<sup>720</sup> BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 74

<sup>721</sup> BARTH, Karl. **A Carta aos romanos**. Pg. 29-30

A antropologia de Barth é profundamente cristológica. Sua reflexão sobre o ser humano parte da humanidade plena expressa em Jesus Cristo e, por isso, nos leva a compreender o ser humano em sua integralidade e não de modo dualista separando, por exemplo, alma e corpo ou fé cristã e opções sócio-políticas.

O ser humano na teologia de Barth é integral assim como em Jesus acontece a plena integralidade entre o divino e o humano<sup>722</sup>. Na teologia de Barth, Jesus Cristo é o centro absoluto da história, e não existe nenhum conhecimento autêntico de Deus independente de Jesus Cristo<sup>723</sup>.

No pensamento barthiano, que além de ser cristocêntrico era fortemente pneumatológico, a concepção sobre o Espírito Santo, dentre outros aspectos, produzia integralidade entre homem e mulher. Os termos usados para o Espírito no texto sagrado, como *ruah* no Antigo Testamento era um termo feminino, pois se somos feitos à imagem e semelhança de Deus, nele está o aspecto masculino e feminino. O termo *pneuma* no Novo Testamento era de gênero neutro, só mais tarde com o latim que o termo foi traduzido para *spiritus* com conotação masculina<sup>724</sup>.

A Revelação de Deus na teologia de Barth, é um caminho de cima para baixo. Seu pensamento é conhecido como a *teologia do alto*. A teologia de Karl Barth não procura construir uma ponte entre o Verbo de Deus e a cultura humana, ela se baseia na autoridade da Escritura e do Verbo de Deus, a partir de cima, é o Verbo que se dirige a nós, Ele encarna e vem ao nosso encontro<sup>725</sup>.

O ser humano era necessitado da Revelação de Deus, pois, sem ela estaria definitivamente afastado da graça e da vida eterna. Um Deus compreendido não é um Deus<sup>726</sup>, por não ser compreendido Deus se revela misericordiosamente.

Karl Barth entende como Revelação três aspectos: o primeiro, é a Escritura, o testemunho de como os antepassados compreenderam a Revelação e viveram de acordo com o que receberam, é a certeza de que Deus continua falando;

O segundo aspecto é a Proclamação, o que para Barth ganha a importância de um *sacramento*, pois, se trata do próprio Deus falando através do pregador e fazendo com que Sua Palavra se manifeste. Para Barth a Proclamação era algo

<sup>722</sup> BLOCHER, Henri. **Karl Barth's anthropology**. In. CHUNG, Sung Wook (Ed). **Karl Barth and evangelical theology**. Pg. 101

<sup>723</sup> HAIGHT, Roger. **Jesus símbolo de Deus**. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2005. Pg. 359

<sup>724</sup> ROCHA, Alessandro. **Espírito Santo**. São Paulo: Editora Vida, 2008. Pg. 22

<sup>725</sup> HAIGHT, Roger. **Op cit**. Pg. 359

<sup>726</sup> OTTO, Rudolf. **O sagrado**. 3ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014. Pg. 29

muito sério, que deveria ser feito de modo dedicado e acompanhado de oração. Não deveria ser apenas a opinião pessoal do pregador sobre um determinado texto bíblico, mas um momento em que por graça, Deus fala através do pregador para toda a comunidade ali reunida. O texto sagrado não nos conta como devemos falar com Deus, mas como Ele fala a nós e como Ele tem encontrado o caminho até nós e, não o contrário<sup>727</sup>.

O terceiro e principal ponto é a pessoa de Jesus Cristo, neste ponto o conceito barthiano sobre Revelação alcança o seu ápice numa pessoa viva e concreta, que harmonicamente é Deus e homem numa síntese integral e plena. A encarnação do Verbo na pessoa de Jesus é a evidência mais real e plena da integralidade no pensamento de Barth, foi em carne que o Verbo se tornou, isso significa que ele assumiu de modo visceral a humanidade, em sua plena condição humana<sup>728</sup>.

A encarnação do Verbo desfaz qualquer possibilidade de dualismo, pois, a síntese é feita de modo integral e pleno e, conseqüentemente nos leva a ter uma compreensão integral da fé e das relações interpessoais.

Se fazer humano é algo concreto e radical, não existe ser humano isolado do cultural, todas as tentativas de se afastar o humano de sua realidade cultural se faz em alienação infértil. Por humanidade podemos entender alguns elementos básicos: todo o ser vivo é constituído de *carne e osso*, ou seja, é um ser concreto. O ser humano também é um ser social, portanto depende da relação com o outro, onde acontece a humanização e por fim, somos seres individuais o que faz nos enxergar e, enxergar o próximo como outro<sup>729</sup>.

Barth compreende que a fé em Jesus nos leva a uma relação integral e humanizada com as pessoas. O ser e o existir humanos deve ser praticado *com e junto* a outros seres humanos. O homem que nega o próximo está se desumanizando e se afastando do modelo de humanidade que é Jesus Cristo<sup>730</sup>.

Nas relações interpessoais devem se estabelecer uma relação *eu-tu*. Essa semelhança renuncia a qualquer relação *coisificada*, o *tu* é entendido como um ser diferente do *eu* e, embora seja diferente é reconhecido em sua dignidade humana, estabelecendo uma relação entre duas pessoas distintas e igualmente humanas<sup>731</sup>.

<sup>727</sup> BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. Pg. 34

<sup>728</sup> HAIGHT, Roger. **Op. Cit.** Pg. 361

<sup>729</sup> CASTILLO, José Maria. **Jesus a humanização de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2015. Pg. 283

<sup>730</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade**. Pg. 450

<sup>731</sup> *Ibidem*

Encontrar-se com Deus na pessoa de Jesus significa encontrar-se com o ser humano diferente de nós. Ver o próximo como ser humano permite que ele também nos veja da mesma maneira e, assim, a relação pastoral, por exemplo, é humanizada e não burocratizada<sup>732</sup>.

Em sua obra, Barth levou a sério o processo de esvaziamento e encarnação de Deus na pessoa de Jesus e, teve resistências em apresenta-lo como o *Todo Poderoso*. Barth lembra de Hitler que chamava Deus dessa forma, identificando-O com seu projeto de poder pleno e universal. Por outro lado, Barth dizia que não era o caso de partir da onipotência para se definir Deus, chama-lo de *Todo Poderoso* era algo terrível que não expressava a ideia de um Deus que se rebaixa por amor as suas criaturas, vindo ao nosso encontro na pessoa de Jesus, com humildade e pleno amor<sup>733</sup>.

Barth desenvolveu o conceito de poder de Deus que era baseado não na força, mas no seu amor. Sua potência é justamente o fato Dele nos amar plenamente e, nos convocar a termos com o Deus de amor um relacionamento maduro e integral, não baseado na ideia de poder e de incoerência, como alguém que ora para que dois mais dois seja igual a cinco.

Karl Barth foi precavido no que se referia às orações que apelam para a incoerência intervencionista, para ele isso na verdade, se baseia numa noção abstrata de poder e que não repousa na confiança de quem se relaciona com o Deus-amor revelado em Jesus. Devemos ter em mente, que independente de qualquer coisa, Deus nos ama e o seu desejo amoroso é sempre para o nosso bem<sup>734</sup>.

O conceito de Revelação de Deus inclui a certeza de que o Deus escondido se revela na pessoa de Seu filho como a perfeita e plena revelação do Pai, vem a nós como o servo, como o Deus que se compadece, que serve e é frágil no sentido de poder, mas poderoso na oferta de amor. Deus revela de fato o que é ser poderoso ao abrir mão de sua divindade, encarnar e vir de encontro ao ser humano em suas mazelas para conviver conosco. A Revelação é obra da graça de Deus, porém, é um evento que tem a ver diretamente com o ser humano, daí ser um conceito integral<sup>735</sup>.

---

<sup>732</sup> Ibid, pg. 452

<sup>733</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 62

<sup>734</sup> Ibidem

<sup>735</sup> BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 18

Deus não quis viver só, ele se faz homem para ter comunhão plena com sua criação. Seu esvaziamento é um ato voluntário de amor, que soluciona a crise existente na humanidade e a reintegra com a poderosa Graça de Deus<sup>736</sup>.

Em Jesus, a Palavra eterna se faz carne, se faz história e temporalidade. A encarnação diferentemente do conceito grego, integra e possibilita a chegada de Deus até nós. Jesus é o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem e só assim é capaz de reconciliar a humanidade com o amor do Pai<sup>737</sup>.

A reconciliação é Deus tomando o lugar do ser humano e se relacionando com o humano em sua integralidade, não apenas em sua espiritualidade. Para Barth Jesus foi e é Deus e homem, mas, sempre ambos, não um sem o outro e, nem um nem o outro em sentido meramente figurativo ou metafórico<sup>738</sup>.

A encarnação é um ato de amor e misericórdia. A encarnação é um ato de integralidade: *o Verbo se tornou carne*<sup>739</sup>. A encarnação não significa nenhuma ascensão do homem para Deus, mas um rebaixamento divino em favor do ser humano. O objeto da ação de Deus na encarnação é o próprio ser humano, a decisão livre de Deus é um ato de benevolência<sup>740</sup>.

A Revelação do Pai através do Filho é o que nos faz reconhecer a existência divina e nos possibilita a um relacionamento pleno de amor com Deus. O Filho é como nós, um ser integral, e só por que é um ser integral pode se compadecer, oferecer perdão e amor. Barth afirma que a criação revela a glória de Deus e que o mesmo só pode ser encontrado onde realmente está: na pessoa de seu filho, Jesus<sup>741</sup>.

Em Barth a Revelação de Deus em Jesus Cristo é a Revelação definitiva, feita de uma vez por todas. E no Espírito Santo a obra da Graça de Jesus estará de fato completada. O Espírito é o Espírito de Cristo, é aquele que conduz a Sua Igreja na ausência física do Cristo, que faz o Seu povo lembrar as Palavras de Jesus sendo o promotor do evento Palavra de Deus. Só é possível falarmos corretamente de Cristo se estivermos falando também do Espírito Santo e de Sua obra e, conseqüentemente do próprio ser humano, o que significa falar da Igreja, da remissão dos pecados, da ressurreição dos mortos e da vida eterna<sup>742</sup>.

---

<sup>736</sup> Ibid, pg. 65

<sup>737</sup> Ibid, pg. 135

<sup>738</sup> BARTH, Karl. **O Credo**. Pg. 96

<sup>739</sup> Cf. João 1.14

<sup>740</sup> BARTH, Karl. **O Credo**. Pg. 98

<sup>741</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 69

<sup>742</sup> BARTH, Karl. **O Credo**. Pg. 174

A Revelação do Pai no Filho é a Revelação através do Espírito Santo. A obra do Espírito é quando Deus vem para o ser humano e é conhecido dele, neste processo o ser humano se abre a Graça de Deus e deixa-se ser reconciliado, crendo na Palavra de Deus, este processo é obra do Espírito Santo<sup>743</sup>.

A ideia de Revelação de Deus está presente no imaginário e pregação pentecostais. Muitas vezes, revelação é entendida como sonhos, visões ou mesmo alguma interpretação espiritualizada da Bíblia, etc. Geralmente se entende como revelação alguma capacitação especial de Deus na vida de um cristão, alguma experiência mística que o possibilite ver o que naturalmente não seria possível. Uma certa manifestação de um dualismo entre o natural e o sobrenatural, embora o cristianismo esteja repleto de testemunhos de experiências místicas, e as mesmas continuam acontecendo. A problemática se faz quando tais experiências são entendidas de modo dualista, a excluir a realidade.

De modo geral, nenhum pentecostal teria dificuldades de entender o conceito barthiano de que a perfeita e plena Revelação de Deus se dá na pessoa de Jesus Cristo por obra do Espírito Santo. Essa crença também é compartilhada pelas igrejas pentecostais. O que acontece de modo problemático é que as vezes, na prática, se estabelece um dualismo no conceito de encarnação do Verbo de Deus. Para alguns o esvaziamento da divindade de Jesus não é entendido de modo concreto, assim como por vezes a compreensão sobre sua humanidade não é entendida com seriedade.

Há um certo entendimento de Jesus como alguém que não era de fato humano, como se Ele não tivesse de fato uma realidade corpórea em todas as suas implicações, algo que se assemelha ao Docetismo. Se enfatiza muito mais um aspecto ascético de Jesus com o jejum, orações prolongadas, vida distante da possibilidade de pecado, realidade imune as limitações corporais como a fome, a sede, as necessidades fisiológicas, etc.

Geralmente se entende Jesus muito mais em sua divindade que em sua humanidade e, muitos ainda pensam que os milagres de Jesus eram atitudes intervencionistas, de fora para dentro, ou que seus ensinamentos já nasceram junto com Ele sem ter tido a necessidade de aprendizado.

---

<sup>743</sup> Ibid, pg. 175

Em muitos ambientes, não apenas pentecostais, se tem ainda a dificuldade de entender Jesus como alguém que crescia integralmente a cada dia, seja de modo espiritual, intelectual ou físico<sup>744</sup>.

#### 4.6.2 A Humanidade de Deus em Jesus Cristo

Segundo a compreensão teológica de Karl Barth o ápice da Revelação de Deus e, conseqüentemente, de toda a mensagem do Evangelho é que Deus se fez homem através de Seu filho, Jesus Cristo. Nele, o Pai escondido se revela como Filho, Barth acredita que não teríamos como reconhecer a existência do Pai se ele não tivesse se revelado no Filho. Em Jesus está reunido, de modo integral, a divindade e a humanidade.

Jesus é o Verbo encarnado de Deus que desce do céu para se relacionar com a humanidade e reconciliá-la com o amor divino. Para que compreendamos a humanidade de Deus em Jesus não é possível a presença de quaisquer dualismos, uma vez que Nele temos a harmonização entre a divindade e a humanidade, a superação da crise entre a santidade de Deus e a pecaminosidade humana, a integralidade entre o sagrado e o profano, entre a imaterialidade e a corporeidade. “Na pessoa de Jesus se concretiza o mistério da verdadeira divindade e da verdadeira humanidade que são unificadas em Sua pessoa”<sup>745</sup>.

A humanidade de Deus em Jesus é o ato mais radical de seu amor incondicional pelo ser humano. É o processo final da Revelação do Deus que quer ser conhecido por sua criação e que por si só não encontra condições de se chegar até Ele.

A Revelação de Deus e a humanidade de Jesus são *mundanas*, no sentido de integrar o mundo de Deus e o mundo do ser humano, no sentido de vir ao nosso encontro oferecendo o seu amor. O mundo não conseguiria existir sem Deus, mas se Deus não fosse amor, Ele poderia muito bem existir sem o mundo<sup>746</sup>. Portanto, a Revelação de Deus e a sua humanização representam uma atitude unilateral e um ato voluntário de amor em favor do ser humano. Nosso encontro com o divino se

---

<sup>744</sup> Cf. Lucas 2.52

<sup>745</sup> Cf. BARTH, Karl. **O Credo**. Pg. 100

<sup>746</sup> Idib, pg. 55

dá no Deus encarnado em Jesus, ou seja, acontece no processo de humanização e não na divinização<sup>747</sup>.

A humanidade de Jesus não apenas supera quaisquer dualismos como também esvazia qualquer noção de poder por poder que possa ser concebida. No discipulado, Jesus nos convida a nos harmonizarmos com a sua proposta e com a sua vida. Portanto, o discipulado nos incentiva a superarmos os dualismos e a nos identificarmos com o Cristo que nasceu na manjedoura de Belém e morreu nu pregado numa cruz no Gólgota, ou seja, a humanidade em sua expressão máxima<sup>748</sup>.

Em Jesus, Deus se revela como o *Emanuel*, o Deus que é conosco em todos os momentos e em todas as faces da vida. Essa compreensão do autor do Evangelho de Mateus que começou o seu texto o apresentando como recém-nascido da manjedoura que é o *Deus conosco* e, termina atribuindo a Jesus uma última fala: *Eis que estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos*<sup>749</sup>.

Na teologia de Barth a humanidade e proximidade de Deus do ser humano é um fator elementar. Ao mesmo tempo em que Deus é transcendente, também é o Pai nosso, Ele está nos céus, mas também nos corações de todos aqueles que se abrem ao seu amor<sup>750</sup>. O fato de Deus estar nos céus não significa que Ele não tem nada a ver conosco ou que Ele permaneça estranho, mas Deus veio, desceu até nós e se tornou o nosso Deus<sup>751</sup>.

Deus deseja ser reconhecido como o Criador mesmo nos simples fatos da vida humana, não apenas em cultos ou celebrações religiosas, mas no cotidiano dentro de casa, no trabalho, na escola, com a família, etc. Deus quer ser reconhecido mesmo em momentos adversos da vida humana, mesmo nos caminhos degenerados e confusos, pois, Ele é Deus compassivo em toda a existência<sup>752</sup>.

Conforme diz Barth: “O Deus altíssimo revelado em Jesus é o que se humilha por amor, é o que se rebaixa para salvar o ser humano pecador, é o que compartilha da decadência mais profunda do ser humano e o resgate por sua misericórdia”<sup>753</sup>. Qualquer projeto de empoderamento não corresponde ao projeto de Evangelho em

<sup>747</sup> CASTILLO, José Maria. **Op. Cit.** Pg. 288

<sup>748</sup> Ibid, pg. 99

<sup>749</sup> Cf. Mateus 28.20

<sup>750</sup> TAKATSU, Sumiu. **Relevância de Karl Barth para a liturgia**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986.Pg. 33

<sup>751</sup> BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 46

<sup>752</sup> Cf. BARTH, Karl. **Palavra de Deus palavra de homem**. Pg. 227

<sup>753</sup> Cf. BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Pg. 51

Jesus, ainda que tais projetos sejam eclesiais. Jesus nos ensina que é justamente no *outro* o local onde podemos nos encontrar com Deus, Ele se revela a nós, não nos preceitos religiosos, mas, no pobre e no necessitado<sup>754</sup>. Em Jesus, Deus se faz um conosco.

A Revelação de Deus mostra que Ele quer ser o Senhor de toda a vida dos seres humanos, esse senhorio é exercido por meio do amor e da misericórdia e, se submetendo a esse processo, o ser humano é feito homem e mulher de Deus. O ser humano luta contra a graça de Deus, ele não cessa em querer escalar o céu, essa luta só chega ao fim no momento em que a verdade se nos impõe na Revelação<sup>755</sup>.

A humanidade de Deus foi um assunto muito importante na teologia de Barth. Em 1956, o teólogo suíço fez uma palestra com este título no Congresso da Associação Suíça de Ministros Reformados e, o seu conteúdo foi publicado e se tornou um texto muito importante para o assunto.

Barth trabalhou o conceito de humanidade de Deus em sua íntima relação com o ser humano, o que para ele era algo inseparável<sup>756</sup>. Compreender a humanidade de Deus deve significar o seu relacionamento, agir e cuidado com o ser humano. Se Deus se fez humano, seu intuito maior era a integralidade entre as duas naturezas e o seu desejo de estar próximo ao humano.

Barth tinha uma preocupação com as tendências teológicas liberais do século anterior que havia se tornado antropocêntrica e humanista. Neste sentido, o liberalismo havia praticamente relativizado Deus colocando toda a sua ênfase no ser humano. O encantamento com o progresso e o cientificismo fizeram os liberais acreditarem demais no humano e deixar Deus num segundo plano.

Em sua fala sobre a humanidade de Deus, Barth deixou claro a crise na qual o humano se encontrava distante do divino e que a aproximação entre as duas realidades foi sempre de iniciativa do alto, como gesto de amor e compaixão. O fato de Deus estar ao lado do ser humano está soberanamente fundamentado nele mesmo e, unicamente por ele mesmo determinado, delimitado e ordenado<sup>757</sup>.

Em Jesus Cristo a humanidade tem um parceiro fiel, pois, ele é verdadeiro Deus ao mesmo tempo que é o parceiro fiel de Deus como verdadeiro humano. Ele

---

<sup>754</sup> Cf. Mateus 25.35-37

<sup>755</sup> BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. Pg. 53

<sup>756</sup> BARTH, Karl. **The humanity of God**. Pg. 37

<sup>757</sup> Ibid, pg. 46

é tanto o Senhor descido para a comunhão com o ser humano, quanto o servo elevado para a comunhão com Deus. Ele é tanto a Palavra dita no mais luminoso além quanto a Palavra ouvida no mais profundo e escuro aquém. Ele é ambas as realidades inseparavelmente<sup>758</sup>.

Jesus Cristo é o mediador do ser humano, Ele testemunha e garante ao ser humano a livre graça de Deus, como também testemunha e garante a livre gratidão humana. Ele é o pacto em sua plenitude, a convicção de que o Reino de Deus está próximo no qual Deus fala e o ser humano escuta, Ele traz a verdadeira paz aos corações dos seres humanos que se abrem ao seu convite de amor. Em Jesus o ser humano tem verdadeiramente a sua liberdade<sup>759</sup>.

Outra afirmação importante de Barth é que a divindade de Deus não exclui a sua humanidade, que o divino e o humano não estão numa relação dualista de auto exclusão, pelo contrário, a divindade de Deus inclui a sua humanidade. Deus é a liberdade para o amor, Ele decide não estar só nas maiores alturas e nem tampouco deixar o ser humano só nas mais baixas profundezas. Ele quer ter comunhão com o ser humano e para isso supera o dualismo entre o divino e o humano, entre o imaterial e o material, entre o sagrado e o profano, entre o santo e o mundano.

O reconhecimento da humanidade de Deus revelada em Jesus tem consequências práticas na vida dos seus discípulos<sup>760</sup>. Reconhecermos sua humanidade deve nos fazer reconhecer a dignidade humana, se negássemos isso estaríamos renunciando a Jesus Cristo como nosso irmão e a Deus como nosso Pai. A humanidade não significa uma queda como na compreensão dualista gnóstica, que por muitas vezes está presente no pentecostalismo atual, mas a humanidade é uma dádiva de Deus. Só podemos nos encontrar com Deus nos limites por Ele determinado aos humanos, Deus não rejeita o que é humano, pelo contrário<sup>761</sup>.

A humanidade de Deus é um evento e, portanto, não pode ser esgotada em reflexões humanas e nem no discurso teológico provisório. O pensar cristão-teológico, gira em torno da Palavra de Deus e em torno do ser humano diante da mesma<sup>762</sup>.

---

<sup>758</sup> Cf. Ibid, pg. 47

<sup>759</sup> Ibid, pg. 48

<sup>760</sup> FERREIRA, Franklin. **Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia**. São Paulo: Fides reformata, VIII, 2003. Pg. 40

<sup>761</sup> Ibid, pg. 55

<sup>762</sup> Ibid, pg. 57

A compreensão da humanidade de Deus em Jesus nos leva também a superarmos o dualismo entre *os de dentro* e *os de fora*. Pois, todos nós somos habitantes do mundo, os cristãos não têm nenhum mérito diante da graça de Deus e nem são superiores aos não-cristãos.

A mensagem do eterno amor de Deus estende-se a toda a humanidade. Quem tem o coração aberto a graça de Deus e ao seu amor, também terá o coração próximo do ser humano<sup>763</sup>. No Emanuel temos a integralidade entre a graça de Deus e a gratidão do ser humano, Barth nos alerta a não abirmos os abismos que Jesus Cristo fechou<sup>764</sup>. Se tentarmos criar dualismos nesta relação estaremos reabrindo abismos que a graça divina fechou e superou. Não cabe ao ser humano colocar qualquer limite na amabilidade divina para conosco, Deus é todo poderoso em amor.

A humanidade de Deus também nos faz valorizar o papel da Igreja. Nela, ainda que de modo imperfeito, temos a possibilidade da comunhão com a humanidade amada e alcançada por Deus. Os serviços da Igreja serão para o aperfeiçoamento da coletividade e, nesta comunhão poderemos orar ao *Pai Nosso*, que no momento em que é *Nosso* se faz também *Meu Pai*.

Barth afirma que não existe cristão no sentido privado, o cristão está sempre no sentido comunitário. Conseqüentemente, a teologia não pode ser apenas a opinião de indivíduos, ela precisa ser eclesial, só pode ser realizada, em todos os seus elementos, no contexto da comunhão e no serviço de suas tarefas em prol de todos os seres humanos<sup>765</sup>.

Em Karl Barth temos uma compreensão sobre o que é a teologia harmoniosamente integral. Para o teólogo, a teologia deve ser cristã, tem de ser cristocêntrica e dinâmica<sup>766</sup>. Pensar teologia nestes termos integra alguns dos elementos mais essenciais, primeiro porque ela tem a Cristo como ponto central de suas preocupações e, a pessoa de Cristo é a síntese plena entre a divindade e a humanidade.

Segundo porque se entendermos a teologia como um processo dinâmico, entendemos que ela depende de um Deus que também é dinâmico por ser vivo e,

---

<sup>763</sup> Ibid, pg. 61

<sup>764</sup> Ibid, pg. 62

<sup>765</sup> Ibid, pg. 64

<sup>766</sup> SHAULL, Richard. **Influência de Karl Barth**. Pg. 14

esse dinamismo reúne o pensamento com a prática cristã, pois, está em íntima conexão com o ser humano a quem Deus se revela em Jesus.

Afirmar a humanidade de Deus parte do pressuposto de que Deus se fez homem, de que Ele é o Emanuel, que está conosco. Deus disse um *sim* radical ao ser humano, sua humanidade é uma plena aceitação da nossa humanidade, uma plena integração de nossa realidade diante de Deus<sup>767</sup>.

O Evangelho de Jesus nos dá a certeza de que o ser humano é pecador, de que o ser humano não é bom, mas ao mesmo tempo nos traz a esperança no amor incondicional de Deus para conosco. No Evangelho, Deus nos aceita e nos diz *sim*. É o Deus que nos vem falar como um de nós. Deus nos chama a aperfeiçoarmos nossa humanidade ao nos identificar com Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus<sup>768</sup>. Ao compartilharmos, ao cuidarmos uns dos outros, ao vivermos em comunhão e na recepção do diferente temos nossa humanidade se adequando à humanidade de Deus revelada no Cristo dos Evangelhos.

Por ser uma abertura de amor, a humanidade de Deus em Cristo nos leva a nos aproximar do humano, sua humanidade é um ato e uma convocação a vivermos a fé de modo integral. Uma verdadeira fé cristã tem fundamentos integrais e conseqüentemente, um envolvimento integral.

O Movimento Pentecostal brasileiro sempre esteve muito próximo das necessidades e mazelas dos seres humanos. Tem sido um Movimento, que apesar das exceções, está próximo às camadas mais simples e vulneráveis na população brasileira, trabalhadores, donas de casa, moradores de regiões distantes e abandonadas pelo poder público, pessoas com pouco acesso à instrução formal, etc.

Ainda que falte uma melhor reflexão teórica sobre a integralidade do Evangelho de Cristo no Pentecostalismo, está presente a sua prática de engajamento real com o ser humano. A maioria das igrejas pentecostais ainda integram as realidades de templo e casa de seus membros, pois, a maioria desses templos se parecem com as simples casas nas quais seus membros moram, o que traz uma grande aproximação e identificação.

Como em outros setores do cristianismo ocidental, no Pentecostalismo ainda existe um vácuo entre a compreensão da divindade e da humanidade de Deus, na

<sup>767</sup> Cf. SANT'ANA, Julio de. **Karl Barth e o socialismo**. Pg. 30

<sup>768</sup> Ibid, pg. 31

maioria dos casos sua divindade é tão enfatizada que chega a se opor e até a excluir a sua humanidade.

Por vezes se pensa em Deus como alguém que está distante dos seres humanos, um Deus repleto de poder e glória que trata dos seres pecadores com ira e punição. Num Deus que tem dificuldades de se compadecer e perdoar e que não aceita o ser humano como tal, como se tivesse falhado em sua criação fazendo um ser do qual não poderia dizer que *era muito bom*<sup>769</sup>.

O Dualismo com o qual muitos pensam na divindade de Deus e na sua humanidade, por vezes faz de Jesus apenas um ídolo, alguém que só viveu tudo o que viveu por ter sido simplesmente Deus, alguém cujo exemplo não fosse possível de ser seguido fazendo o discipulado algo irreal. A santidade integral a qual Jesus nos chama e a qual Barth afirma em sua obra, tem o objetivo de nos fazer mais humanos, mais engajados com a realidade humana e, não como se fossemos anjos ou seres dualistas sem corporeidade.

A humanidade de Jesus deve ser entendida em sua radicalidade, em sua integralidade. Jesus é verdadeiramente Deus ao mesmo tempo em que é verdadeiramente humano e, só assim Ele pode se compadecer, oferecer sua graça e nos restaurar no relacionamento com o Pai. A humanidade de Jesus nos convida ao discipulado radical em toda a nossa existência e, para com todos os seres humanos em sua totalidade. Fé cristã é fé integral.

---

<sup>769</sup> Cf. Genesis 1.31

## 5 Conclusão

Reunir numa pesquisa o Movimento Pentecostal e o teólogo Karl Barth é uma tarefa desafiadora. Em princípio as duas realidades não se tocam, cada uma tem a sua própria história e o seu próprio contexto. Mas, a partir do momento em que avançamos nas pesquisas vamos percebendo que muitos assuntos são comuns ao Pentecostalismo e Karl Barth apesar de todas as diferenças contextuais entre ambos.

Esta pesquisa se propôs a estudar as consequências do dualismo no Movimento Pentecostal brasileiro e uma contribuição integradora a partir da teologia de Karl Barth. Ao longo deste texto foi apresentado o surgimento e desenvolvimento do dualismo na história do pensamento cristão desde a Antiguidade.

O Dualismo acompanhou a tradição cristã até chegar no Movimento Pentecostal. A história do Pentecostalismo é envolvente: surgiu na periferia norte-americana entre os pobres e negros marginalizados pelas elites, inclusive religiosa e, cresceu ao ponto de se expandir para outros países, em especial no Brasil onde o Movimento se harmonizou com a cultura local. Seja pela espontaneidade da experiência religiosa, seja pela presença nas localidades mais simples ou pela baixa instrução de seu clero, o Pentecostalismo desde que por aqui chegou tem falado a língua que o povo fala e, por isso, a harmonização.

O Pentecostalismo cumpriu um papel social muito importante no cenário brasileiro, primeiro chegando onde o Estado não estava e onde a própria religiosidade clássica não tinha chegado. No Pentecostalismo durante muitas décadas não havia grandes e luxuosos templos edificadas nas grandes cidades, mas, pequenos templos improvisados, parecidos com casas da população ao redor, estes templos se fizeram presentes nas favelas, nos morros, na periferia de modo em geral.

O Pentecostalismo foi de encontro a população brasileira mais vulnerável, mais abandonada e mais necessitada de cuidados. Fez o povo simples e iletrado saber que o Espírito Santo também era derramado em suas vidas e os capacitava para fazerem a Obra de Deus, com dons, manifestações espirituais, ousadia e com ministérios. Fez com que os leigos assumissem o movimento e fosse sua principal voz. Trouxe as mulheres para o centro das atividades eclesiais, ainda que com

limitações, e fez das *irmãs de oração* verdadeiras profetizas respeitadas e ouvidas nas comunidades que faziam parte.

O Movimento Pentecostal respeitou o pobre, respeitou o humilde e cumpriu um papel social que ninguém havia cumprido até então: o de dignificar a pessoa humana independente de suas posses ou estudos. Nas igrejas do Movimento Pentecostal da primeira e segunda ondas, muitos analfabetos ou semi-analfabetos foram feitos pastores, foram ordenados como presbíteros, diáconos e diaconisas, foram eleitos líderes de departamentos eclesiais, com a função de ajudar e a fazer crescer a *Casa de Deus*.

Muitos pedreiros, porteiros, vigilantes, donas de casa, ganharam no pentecostalismo uma posição de importância e de destaque. Muitos que não tinham voz na sociedade e sequer eram lembrados pelo Estado, nas Igrejas são pessoas de respeito, são ouvidos e valorizados como indivíduos, como homens e mulheres de Deus e muitas vezes são obedecidos pelos mais jovens nas comunidades pentecostais.

Em alguns casos, homens e mulheres que pouco tiveram a oportunidade de frequentarem escolas, tiveram a honra de se tornarem pregadores e professores de Escola Dominical. Estes preparam lições, tiram dúvidas e têm alunos na Igreja.

O Movimento Pentecostal cuidou da fome de seus membros, arrecadou alimentos e esteve presente nos momentos da vida individual mais problemáticos. Ajudou a restaurar vidas comprometidas com o álcool, com as drogas, com a criminalidade, recuperou casamentos abalados, fez maridos darem o devido respeito às suas esposas e filhos e incentivou homens e mulheres a serem exemplos de *pessoas de Deus* para os seus filhos e para os mais jovens em geral.

O Pentecostalismo popularizou experiências com Deus e mostrou que não apenas os considerados *grandes santos* da religião eram capazes de viverem a mística, mas que pessoas comuns, de todas as idades, sexos, graus de instrução, poderiam viver experiências profundas com a divindade.

Com os anos e com o surgimento do Neopentecostalismo, o Movimento foi mudando de aspecto. Foi se preocupando com a arrecadação e o aumento explosivo do número de membros, foi construindo catedrais em grandes igrejas, foi abrindo fendas em questões ministeriais e, de certa forma, foi se elitizando.

O Movimento Pentecostal teve a grande dificuldade da reflexão que poderia ter servido como orientação para a sua vida e realidade. E acabou sofrendo com

uma problemática que todo o cristianismo ocidental também sofreu: com o dualismo. Em cada tradição esse dualismo tem seus aspectos próprios, no Pentecostalismo ele tem gerado distanciamentos com a cultura, com o engajamento político e social o que poderia contribuir em muito para transformações ao seu redor. O Pentecostalismo ainda sofre com dualismos sexistas, institucionais e profético.

No Pentecostalismo ainda se manifesta o dualismo entre o espiritual e o material, entre o sobrenatural e o natural, entre o espírito e a carne o que tem gerado problemas e más interpretações da fé, fazendo com que haja distanciamentos entre a realidade e a fé que é praticada pelos seus adeptos.

Esta pesquisa chega a algumas conclusões, das quais a primeira é o reconhecimento de que o Dualismo tem sido uma influência na teologia cristã desde os seus primórdios e, mesmo com as tentativas para a superação desta problemática ainda não foi totalmente vencido. O Dualismo não é uma problemática apenas presente no Pentecostalismo, embora tenha neste movimento suas manifestações de modo específico.

Outra conclusão é que o Pentecostalismo já teve suas próprias raízes marcadas pelo Dualismo, como no Pietismo, Puritanismo e nos Grandes Avivamentos norte-americanos que desaguaram no Movimento que se tornou o mais popular do protestantismo brasileiro.

Neste diálogo procuramos um contraponto que pudesse trazer luz às questões dualistas do Movimento Pentecostal e a proposta de integralidade partindo dos mesmos pontos tratados de modo dualista pelo pentecostalismo, parte do teólogo Karl Barth.

Barth demonstrou em sua vida e obra, que é possível superar os dualismos existentes, por exemplo, no Pentecostalismo, sem que isso custe o ardor, o serviço e a mística, pelo contrário, de modo integral somos levados a viver a fé cristã de modo pleno, de modo realmente transformador.

Karl Barth foi um dos maiores teólogos de seu tempo e um dos mais produtivos da história do cristianismo. Era um pensador profundo e muito atento não só as questões consideradas próprias da teologia, mas ao cenário humano e a cultura em geral, pois como cria de modo integral, entendia que tudo o que há de relevante para a humanidade é assunto propriamente teológico.

Barth não teve dificuldades em ser pastor ao mesmo tempo em que era teólogo e ao mesmo tempo em que era profeta. Lutou contra as injustiças sociais e econômicas de sua época, não descansou na denúncia contra um Estado totalitário ao qual considerou como Estado Ilegítimo. Esteve atento ao novo contexto político mundial depois que a Segunda Guerra chegou ao seu fim. Era alguém que lia e se deleitava no texto sagrado, que valorizava e sabia da importância da oração comunitária e devocional, além de ter sido alguém que compreendeu o valor da Igreja como comunidade.

Karl Barth pode “aconselhar” o Movimento Pentecostal para que o mesmo conserve sua força, seu fervor espiritual e sua proximidade com os menos favorecidos, ao mesmo tempo em que supere os dualismos que o tem impedido de ser mais relevante e transformador no cenário em que está inserido.

A principal conclusão desta pesquisa é que é possível ser pentecostal sem ser dualista e, Barth nos mostra um caminho para uma relação mais integradora e sadia com aspectos diversos da vida humana.

Propor um caminho de superação do dualismo pentecostal a partir de Karl Barth não significa querer mudar a realidade eclesial e mística do Movimento Pentecostal nem tampouco transformá-lo num movimento europeu, mas, manter a identidade do Pentecostalismo, que tanto se comunica a realidade brasileira, e fazer com que o mesmo encare as dificuldades geradas pelo dualismo e como superá-lo afim de que seja um Movimento ainda mais engajado e encarnado com a realidade brasileira para que ao mesmo tempo possa transformá-la em suas deficiências.

O Pentecostalismo representa a voz de uma parcela grande e importante da sociedade brasileira e por isso, tem muito a nos dizer e a contribuir para que o discipulado de Jesus seja praticado de modo mais pleno.

O Pentecostalismo, em geral tem dialogado com a população que mais representa o povo brasileiro, tem dado valor aos necessitados dando sentido às suas vidas e ajudando na recuperação de sua dignidade, lamentavelmente a presença do Dualismo em suas várias manifestações tem impedido o Pentecostalismo de ser o que pode. O Dualismo tem estabelecido limites para uma vivência transformadora do Movimento Pentecostal o impedindo de transformar o ambiente onde está inserido, de contribuir com o crescimento humano e intelectual de seus jovens e a dar uma maior contribuição para o futuro de seus membros em particular e da sociedade em geral.

Se for possível tirarmos o Dualismo do Movimento Pentecostal permanecerá o vigor, o fervor, o acolhimento, a proximidade com o Sagrado e a celebração e, serão tirados os limites, as imposições colocadas para uma vivência da fé mais engajada, sadia e transformadora.

## 6. Referências bibliográficas

### Referências sobre o Pentecostalismo.

**Estatuto e regimento interno da Igreja Metodista Wesleyana.** Duque de Caxias: Centro de Publicações, 2015.

**Declaração de fé das Assembleias de Deus.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ALENCAR, Gedeon. **Matriz pentecostal brasileira – Assembleias de Deus 1911-2011.** Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

\_\_\_\_\_. **Protestantismo tupiniquim.** 3ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

\_\_\_\_\_. **Frida Vingren.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

\_\_\_\_\_. **História do movimento pentecostal brasileiro.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

BONINO, José Miguéz. **Rostos do protestantismo latino-americano.** 2ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013

BOYER, Orlando. **Heróis da fé.** Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BUNYAN, John. **O Peregrino.** São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

CAMPOS JR. Luís de Castro. **Pentecostalismo e transformação na sociedade brasileira.** São Paulo: Annablue, 2009.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel.** Rio de Janeiro: Mauad X: instituto misterium, 2007.

DIAS, Zwinglio Mota, RODRIGUES, Elisa e PORTELLA, Rodrigo (Orgs.). **Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais.** 2ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014

FERREIRA, João Cesário (Org). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro.** São Paulo: Paulinas, 2009.

GEERING, Lloyd. **Fundamentalismo – desafio ao mundo secular.** São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

GESTA, Marcelo. **Pentecoste e pentecostalismo – uma abordagem sociológica teológica.** São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

GILBERTO, Antônio. **Manual da Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

GONDIM, Ricardo. **É proibido – o que a Bíblia permite que a igreja proíbe**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Piedade pervertida – um manifesto anti-fundamentalista em nome de uma teologia de transformação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

HORTON, Stanley. **Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

LEONARD, Émile. **O protestantismo brasileiro**. São Paulo: Editora ASTE, 1987.

MACEDO, Edir. **A Libertação da teologia**. Rio de Janeiro, Editora Universal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Orixás, caboclos e guias – deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Editora Universal, 1998.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 4ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MCALISTER, Walter. **Neopentecostalismo – a história não contada**. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa, e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antônio. **O Celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil**. 3ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

NANEZ, Rick. **Pentecostal de coração e mente**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

NOVAES, Regina Reyes. **Os escolhidos de Deus – pentecostais, trabalhadores e cidadania**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismos e transformação social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

PASSOS, João Décio (Org.). **Movimentos do Espírito – matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pentecostais – origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. 3ed. São Paulo: Editora ASTE, 2003.

SOARES, Romildo Ribeiro. **Espiritismo – a magia do engano**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988.

SYNAN, Vinson (Org.). **O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009

SUESS, Paulo (Org.). **Queimada e sementeira**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

TAME, David. **O poder oculto da música**. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

VVAA. **Nem anjos, nem demônios**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

### Referências de Karl Barth

BARTH, Karl e CULMANN, Oscar. **Batismo em diferentes visões**. São Paulo: Fonte, 2004.

BARTH, Karl. **A proclamação do Evangelho**. São Paulo: Novo Século, 2000.

BARTH, Karl. **Against the stream**. London: SCM, 1954.

BARTH, Karl. **Bosquejo de dogmática**. Buenos Aires: La Aurora, 1954.

BARTH, Karl. **Carta aos romanos**. São Leopoldo: Sindodal, 2016.

BARTH, Karl. **Church dogmatics, II/2**. Edimburg: T & T Clark, 1957.

BARTH, Karl. **Church dogmatics, III/2**. Edimburg: T & T Clark, 1960.

BARTH, Karl. **Church dogmatics, III/4**. Edimburg: T & T Clark, 1961.

BARTH, Karl. **Church dogmatics, IV/1**. Edimburg: T & T Clark, 1956.

BARTH, Karl. **Church dogmatics, IV/2**. Edimburg: T & T Clark, 1958.

BARTH, Karl. **Church dogmatics IV/4**. Edimburg: T & T Clark, 1960.

BARTH, Karl. **Dádiva e louvor. Karl Barth artigos selecionados**. 2ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

Artigos e conferências:

O cristão na sociedade (1919);

Dificuldade e promessa da proclamação cristã (1922);  
 A Palavra de Deus como encargo da teologia (1922);  
 O problema da ética na atualidade (1922);  
 Cumprir os mandamentos (1927);  
 O primeiro mandamento como axioma teológico (1933);  
 Existência teológica hoje (1933);  
 Reforma é decisão (1933);  
 Revelação, Igreja, Teologia (1934);  
 A Igreja e as igrejas (1935);  
 Evangelho e Lei (1935);  
 A Eleição de Deus em graça (1936);  
 Justificação e Direito (1936);  
 Comunidade cristã e comunidade civil (1946);  
 Jesus e o povo (1944);  
 A questão dos judeus e sua resposta cristã (1949);  
 A Igreja no confronto Leste-Oeste (1949);  
 A pobreza (1949);  
 A realidade do novo ser humano (1948);  
 Decisão política na unidade da fé (1952);  
 A humanidade de Deus (1956);  
 How my mind has changed (1960).

BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**. 3ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 5ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

BARTH, Karl. **O Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BARTH, Karl. **O Credo – comentário do credo apostólico**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

BARTH, Karl. **O pai nosso**. São Paulo: Novo Século, 2003.

BARTH, Karl. **Palavra de Deus, palavra de homem**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

BARTH, Karl. **Revelação de Deus como sublimação da religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

BARTH, Karl. **Senhor! Ouve nossa oração**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

BARTH, Karl. **The Holy Ghost and the christian life**. London: Frederick Muller Limited, 1938.

BARTH, Karl. **The humanity of God**. Richmond: John Knox Press, 1964.

BARTH, Karl; THURNEYSSEN, Eduard. **Revolutionary theology in the making: correspondence 1914 – 1925**. Richmond: John Knox Press, 1964.

### Referências sobre Karl Barth:

ANTUNES, Sandoval. **Resenha de Daniel Cornu**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986

AZEVEDO, Silvio Murilo Melo de. **A mão e a pena: a liberdade no pensamento de Karl Barth**. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 1999.

BERKOUWER, G.C. **The triumph of grace in the theology of Karl Barth**. Grand Rapids: Eedrmans Publishing, 1956.

BUSCH, Eberhard. **Karl Barth and the pietists**. Downers Grove: Intervarsity Press, 2004.

BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from the letters and autobiographical texts**. Grand Rapids: WB Eerdmans, 1993.

CAMPOS, Heber Carlos. **O impacto da filosofia de Kant sobre a doutrina da Revelação em Karl Barth**. São Paulo: Fides reformata XI, nº 1, 2005.

CHUNG, Sung Wook (Ed.). **Karl Barth and evangelical theology**. Grand Rapids: Baker Academic, 2006.

CORNU, Daniel. **Karl Barth teólogo da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FERREIRA, Franklin. **Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia**. São Paulo: Fides reformata VIII, nº 1. 2003.

GIBELINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GÓES, Paulo de. **Karl Barth – retalhos de seu pensamento político**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986

GUNTHOR, Anselm. **A consciência e a Lei: a posição da Igreja de Karl Barth e de Helmut Thielicke em relação à ética da situação**. São Paulo: Paulinas, 1974.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século XX**. São Paulo: Editora Teológica, 2000.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **A provisoriedade da Igreja: uma contribuição da eclesiologia de Karl Barth ao protestantismo brasileiro**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1994.

SANT'ANNA Julio. **Karl Barth e o socialismo**. Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986.

SANTANA FILHO. Manoel Bernardino de. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. 2ed. São Paulo: ASTE, 2015.

SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **Palavra de Deus e ação profética na Teologia de Karl Barth: a renovação da Igreja a partir de sua vocação para o serviço a comunidade.** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2007.

SHAULL, Richard. **Influência de Karl Barth.** Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986.

SOBRINHO, Antonio de Godoy. **Karl Barth (1886 – 1968).** Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986

TAKATSU, Sumio. **Relevância de Karl Barth para a liturgia.** Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo. 81 (n. esp.). 1986.

### **Referências sobre o Dualismo:**

**Didaqué – o catecismo dos primeiros cristãos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BLANK, Renold. **Escatologia da pessoa – vida, morte e ressurreição.** São Paulo: Paulus, 2000.

BOAVENTURA. **Obras escolhidas.** Porto Alegre: EST, 1983.

COMBLIN, José. **Antropologia cristã.** Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

CULMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento.** São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

\_\_\_\_\_. **Das origens do Evangelho.** São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo – a culpabilização no ocidente, vol. 1.** São Paulo: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. **O pecado e o medo – a culpabilização no ocidente, vol. 2.** São Paulo: EDUSC, 2003.

DESCARTES, Rene. **As paixões da alma.** São Paulo: Lafonte, 2012.

DUSSELL, Enrique. **El dualismo el la antropologia cristiana.** Buenos Aires, Guadalupe, 1974.

\_\_\_\_\_. **El humanismo semita.** Buenos Aires, EUBA, 1969.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Introdução à patrística.** 2ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FILON DE ALEXANDRIA. **Da criação do mundo.** São Paulo: filocalia, 2015.

FRANGIOTI, Roque. **História das heresias.** São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, Werner. **Cristianismo e paideia grega**. Santo André: Academia cristã, 2014.

KLAUCK, Hans. **O entorno religioso do cristianismo primitivo, vol. 1**. São Paulo: Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **O entorno religioso do cristianismo primitivo, vol. 2**. São Paulo: Loyola, 2010.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005.

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Edipro, 2012.

ROSA, Wanderley. **Dualismo na teologia cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade – o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 4ed. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Elementos de antropologia teológica**. 5ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Evangelização e maturidade afetiva**. 3ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. **O humano integrado**. 2ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

#### **Demais referências bibliográficas.**

BARBOSA, Carlos Antônio Carneiro (Org.). **Reforma 500 anos**. São Paulo: Reflexão, 2017.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. São Paulo: Teológica, 2005.

BURNS, Edwards. **História da civilização ocidental**. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.

CAIRNS, Earle. **O Cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CASTILLO, José Maria. **Jesus a humanização de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2012.

CRESPIN, Jean. **A tragédia da Guanabara**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

DREHER, Martin. **História do povo de Jesus**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2013.

ESTRADA, Juan. **La espiritualidad de los laicos**. Madrid: Cristiandad, 1992.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GONZALEZ, Justo L. **Cristianismo na América Latina**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

\_\_\_\_\_. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

\_\_\_\_\_. **Uma história do pensamento cristão – vol 1. Do início até o Concílio de Calcedônia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

\_\_\_\_\_. **Uma história do pensamento cristão – vol 3. Da Reforma protestante ao século 20**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

\_\_\_\_\_. **Uma história ilustrada do cristianismo – vol 1. A Era dos mártires**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma história ilustrada do cristianismo – vol 4. A Era dos altos ideais**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma história ilustrada do cristianismo – vol 6. A Era dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma história ilustrada do cristianismo – vol 8. A Era dos dogmas e das dúvidas**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma história ilustrada do cristianismo – vol 9. A Era dos novos horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma história do cristianismo, vol. 2**. São Paulo: Editora Hagnos, 2006.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia de la libertacion**. Salamanca: Sigueme, 1990.

HAIGHT, Roger. **Jesus símbolo de Deus**. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2005

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos extremos 1914 – 1989**. 2ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **História geral da civilização brasileira – o Brasil monárquico**. 9ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2016.

- HRYNIEWICZ, Severo. **Para filosofar**. Rio de Janeiro: Edições do autor, 2010.
- LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo, vol. 1**. São Paulo: Editora Hagnos, 2006.
- LINDBERG, Carter. **As reformas na Europa**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.
- LUTZER, Erwin. **A Cruz de Hitler**. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- MCBRIEN, Richard. **Os papas**. São Paulo: Loyola, 2013.
- NASCIMENTO, André dos Santos Falcão. **Nazismo e cristianismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- NASCIMENTO, André dos Santos Falcão. **Nazismo e cristianismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- NICHOLS, Larry e MATHER, George. **Dicionário de religiões, crenças e ocultismo**. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado**. 3ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- PINHEIRO, Jorge. **Teologia e política – Paul Tillich, Enrique Dussel e a experiência brasileira**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- ROCHA, Alessandro (org.). **Ecumenismo para o século XXI**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Espírito Santo**. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- RUSSELL, Betrand. **História da filosofia ocidental**. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.
- SCHWANTES, Milton. **O direito dos pobres**. São Paulo: Editeo, 2013.
- SESBOUE, Bernard (Org.). **História dos dogmas tomo 1 – O Deus da salvação**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. **História dos dogmas tomo 2 – O Homem e sua salvação**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SHELEY, Bruce. **História do cristianismo ao alcance de todos**. São Paulo: Shedd publicações, 2004.
- THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**. São Paulo: Loyola, 2009.
- WALKER, Williston. **História da igreja cristã**. 2ed. São Paulo: Editora ASTE, 1980.